UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ELISA CAMARGO CANJANI

**Resistências femininas:
redes de comunicação de mulheres migrantes latino-americanas na Região Metropolitana
de São Paulo**

São Paulo

2021

ELISA CAMARGO CANJANI

Versão Corrigida

(versão original disponível na Biblioteca da ECA/USP)

**Resistências femininas:
redes de comunicação de mulheres migrantes latino-americanas na Região Metropolitana
de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações
e Artes da Universidade de São Paulo
(PPGCOM/ECA/USP) como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação

Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Lago

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Canjani, Elisa Camargo
Resistências femininas: redes de comunicação de
mulheres migrantes latino-americanas na Região
Metropolitana de São Paulo / Elisa Camargo Canjani;
orientadora, Claudia Lago. - São Paulo, 2021.
198 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes
/ Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. ativismo digital. 2. migrantes bolivianas. 3.
migração feminina transnacional. 4. TICs. 5. WhatsApp. I.
Lago, Claudia. II. Título.

CDD 21.ed. -
302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

NOME: CANJANI, Elisa Camargo

TÍTULO: Resistências femininas: redes de comunicação de mulheres migrantes latino-americanas na Região Metropolitana de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação

Aprovado em: 01 de outubro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: Profa. Dra. Claudia Lago
ECA-USP

Titular: Profa. Dra. Kátia Canton Monteiro
MAC-USP

Titular: Profa. Dra. Denise Maria Cogo
ESPM - externo

*La humanidad no nace con una mitad oprimiendo a
la otra.*

Julieta Paredes

*Para Graciela, Julieta, Miriam, Salomé e Yolanda e todas
las mujeres valientes que conheci ao longo da pesquisa.*

Agradecimentos

Ninguém é uma ilha. Esse trabalho só foi possível porque recebi o apoio e o incentivo de muitas pessoas à minha volta e suporte financeiro concedido pelo sistema CAPES, ao qual sou muito grata.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Profa. Dra. Cláudia Lago, por sua amizade, dedicação e olhar atento. Agradeço por sua tranquilidade, precisão e objetividade mesmo nos momentos em que duvidei da possibilidade de seguir. Um enorme aprendizado.

Agradeço às Profas. Dras. Denise Maria Cogo e Daniela Osvald Ramos por sua imensa e generosa contribuição para a pesquisa.

À Maria, pela atenção, gentileza e presteza que dedicou às minhas dúvidas e incertezas, respondendo pelo PPGCOM.

À Manu, Evelyn, Natália e Isabella, parceiras de pesquisa, pela convivência leve, por compartilharem tanto conhecimento, pelos encontros, pelos artigos, pelos congressos.

Às senhoras Ana Sílvia, Cristina, Fausta, Gabriela, Gladys, Graciela, Julieta, Justina, Miriam, Oshin, Rimberta Roxana, Yaneth, Yolanda e todas as novas amigas que fiz pelo caminho por me receberem tão amorosamente em sua comunidade. À Salomé, que está construindo um futuro brilhante. Ao Don Hugo, que está se recuperando da COVID-19.

Ao senhor que em um sábado de janeiro de 2020 me reparou perdida no meio da rua Coimbra e se aproximou para oferecer ajuda. Às assistentes do Centro de Integração do Imigrante que me levaram até as mulheres da *Asociación*.

Aos colegas da Educomunicação que tornaram minha busca uma certeza e renovaram minha vontade de contribuir para transformar, em especial Ana Carolina, Larissa, Mariana e Nathalia: com vocês aprendi um jeito novo de olhar e estar no mundo.

Ao Claudio Caus Rosa, pelo cuidado, carinho e o olhar de educ comunicativo que empenhou na revisão do trabalho.

Às minhas amigas-irmãs Alice, Kátia, Lígia, Regina e Silvana, o porto seguro de onde parto e para onde volto, em cuja vontade incansável de aprender e se tornar melhor me espelho.

Às minhas queridas tia Toninha e vovó Lourdes que lá de cima me iluminam e aquecem.

À Serena e Yasmin, sua potência, leveza e alegria.

Ao Luiz e à Ana, meus amores e grandes incentivadores dessa jornada.

RESUMO

Resistências femininas:

redes de comunicação de mulheres migrantes latino-americanas na Região Metropolitana de São Paulo

O objetivo desta dissertação é compreender como as tecnologias da comunicação e informação são estruturadas e acionadas, bem como, em que medida, a constituição de redes comunicativas potencializa a capacidade de agência de mulheres migrantes bolivianas que vivem na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Tem como objeto a rede comunicativa da associação feminina formada por elas, que se utiliza do *instant messenger* WhatsApp. O trabalho, que adotou inicialmente a observação participante como metodologia, acompanhou as mulheres em dinâmicas reflexivas, confraternizações e ativismo político. O evento da pandemia obrigou uma correção de rota e a posição de participante foi assumida, integrando o esforço de auxílio humanitário à comunidade. Os encontros registrados em diário de campo e a comunicação pelo WhatsApp compõem o material de análise. Foram adotados dois eixos referenciais teóricos: as teorias das migrações, que fundamentam a análise olhando para a migração feminina transnacional; e as teorias da comunicação, que olham para o universo das TICs. Este trabalho justifica-se, portanto, como parte de um conjunto de pesquisas que se dedicam a refletir sobre as migrações femininas contemporâneas enquanto fenômeno gestado por questões globais em consonância com particularidades locais. Busca contribuir na compreensão das possibilidades de resistência e ressignificação das mulheres migrantes, ampliadas pelo uso das redes sociais digitais na construção de espaços de encontro, reflexão, organização e constituição de cidadãs de direitos. Os achados da pesquisa indicam que a conectividade gratuita organiza o viver migrante e é um forte instrumento de sobrevivência e construção da cidadania transnacional.

Palavras-chave: ativismo digital; migração feminina transnacional; migrantes bolivianas; TICs; WhatsApp.

ABSTRACT

Female resistances:

communication networks of Latin American migrant women in the Metropolitan Region of São Paulo

The aim of this dissertation is to understand how communication and information technologies are structured and activated and, to what extent, the constitution of communicative networks enhances the agency ability of Bolivian migrant women living in the Metropolitan Region of São Paulo (RMSP). Its object is the communicative network of the women's association formed by them, which uses the WhatsApp instant messenger. The work, which initially adopted participant observation as a methodology, followed the women in reflexive dynamics, fraternizations and political activism. The pandemic event forced a course correction, and the participant position was assumed, integrating the humanitarian relief effort to the community. The meetings recorded in a field diary and the communication via WhatsApp make up the analysis material. Two theoretical referential axes were adopted, migration theories, which support the analysis looking at transnational female migration, and communication theories that look at the universe of ICTs. This work is justified, therefore, as part of a set of researches dedicated to reflecting on contemporary female migrations as a phenomenon generated by global issues in line with local particularities. It looks to contribute to the understanding of the possibilities of resistance and resignification of migrant women, amplified by the use of digital social networks in the construction of spaces for meeting, reflection, organization and constitution of citizens with rights. The research findings show that free connectivity organizes migrant life and is a strong instrument for survival and construction of transnational citizenship.

Key words: digital activism; transnational female migration; Bolivian migrants; ICTs; WhatsApp.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Estação de metrô na “hora do <i>rush</i> ”	19
Figura 02: Mapa da Região metropolitana de São Paulo	20
Figura 05: Áreas urbanizadas entre 1930 e 1949	24
Figura 06: Áreas urbanizadas entre 1993 e 2002	25
Figura 07: Trajeto Guaianases – Casa Verde Alta	28
Figura 08: Trajeto Guaianases – Cidade Tiradentes.....	29
Figura 09: Trajeto Guaianases – Carapicuíba.....	29
Figura 10: Trajeto Guaianases – Brás.....	30
Figura 11: Locais de atuação da AMILV	30
Figura 12: Feirinha da Madrugada em novembro de 2017	59
Figura 18: Segunda dinâmica	105
Figura 19: Segunda dinâmica	106
Figura 20: Cartaz 01	117
Figura 21: Cartaz 02	118
Figura 22: Cartazes 03.....	119
Figura 23: Lanche comunitário.....	120
Figura 24: Pão comunitário	121
Figura 25: Cestas básicas.....	123
Figura 27: Almoço comunitário - <i>thapi</i>	127
Figura 28: Almoço do Dia das Mães Bolivianas 01	129
Figura 29: Almoço do Dia das Mães Bolivianas 02	130

Figura 30: Vaquinha para as mães bolivianas	132
Figura 31: Cantinho das Crianças 01.....	133
Figura 32: Cantinho das Crianças 02.....	133
Figura 33: Protesto em frente ao Consulado 01	135
Figura 34: Protesto em frente ao Consulado 02	135
Figura 35: Reunião	136
Figura 36: Plenária da Moradia	144
Figura 37: Roda 01	146
Figura 38: Roda 02	147
Figura 39: Roda 03	148
Figura 40: Roda 04	149
Figura 41: Roda 05	149
Figura 42: Marcha na Av. Paulista 01	151
Figura 43: Marcha na Av. Paulista 02	153
Figura 45: Campanha Carmen Silva.....	154
Figura 45: Produção de geleias.....	155
Figura 47: <i>Emojis</i> 01	166
Figura 48: <i>Emojis</i> 02	167
Figura 49: <i>Emojis</i> 03	169
Figura 50: <i>Emojis</i> 04	169
Figura 51: <i>Emojis</i> 05	170
Figura 53: Convites para eventos 02	172
Figura 54: Convites para eventos 03	174

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Contextualizando a cidade de São Paulo e adjacências.....	18
2. Migrações históricas, migrações contemporâneas e mulheres migrantes	35
2.1 Concepções teóricas sobre o universo migratório.....	36
2.2 Concepções teóricas sobre migrações femininas	46
2.3 Migrantes bolivianas em São Paulo	56
3. Dos rizomas e das territorialidades	65
3.1 Tecnologias da comunicação e informação e territorialidades	71
3.2 Ativismo digital nos estudos contemporâneos	75
4. A busca pelo objeto da pesquisa	81
4.1 O encontro com a <i>Asociación de Mujeres Imigrantes Luz y Vida – Sembrando semillas</i>	96
4.2 O WhatsApp na construção de redes comunicativas	161
4.2.1 Mensagens multimodais	163
4.2.2 Convites para eventos.....	171
4.2.3 Registros fotográficos de caráter pessoal	174
4.2.4 Organização de auxílio humanitário.....	175
4.2.5 Registros fotográficos de caráter documental	176
4.2.6 Atuação política.....	179
Considerações Finais	184
Referências.....	187

Introdução¹

O momento histórico que atravessamos assumiu grande importância nos rumos e reflexões desse trabalho, ainda que carentes do distanciamento temporal que nos permita um olhar mais abrangente e menos urgente ao abraçar suas complexidades e nuances. Os acontecimentos que se encadearam de maneira imprevisível afetaram diretamente a proposta da pesquisa inicial, obrigando correções de rota, não necessariamente de forma negativa. Reflexões que, em geral, habitam o plano acadêmico, de certa forma impalpáveis, foram aterradas no plano da realidade. A violência de um vírus invisível a olho nu, por exemplo, é menos concreta do que a violência doméstica e o desamparo, menos perigosa do que a realidade da fome dos filhos, ou a perspectiva do despejo por falta de pagamento do aluguel, ou de abusos, sejam físicos, psicológicos ou ambos. A figura divina estabelece uma ligação que me arrisco a chamar promíscua, com a realidade tomando o lugar da reflexão sobre os direitos e deveres da(o) cidadã(ão) e do Estado: a ideia de Deus permeia o cotidiano e a Ele são atribuídas responsabilidades que existem no plano concreto.

A pesquisa nasceu da premissa de que as redes intersticiais de comunicação são vitais para que as mulheres membros das comunidades migrantes superem as condições adversas às quais são submetidas: na possibilidade de apoio mútuo, do encontro entre pares se encontra a capacidade de superação. Não se trata apenas das condições laborais que enfrentam, a barreira da língua ou o estigma decalcado no fenótipo andino, mas a própria dimensão da metrópole: sua extensão geográfica e o tamanho da população são barreiras significativas a serem transpostas. O encontro em si é um desafio. Regularizar a documentação, ir ao médico ou ao dentista – que para quem está habituado parece tão óbvio – exigem um grande esforço, coragem e determinação de quem desconhece a língua.

A rede de comunicação estruturada pela *Asociación de Mujeres Imigrantes Luz y Vida – Sembrando Semillas* (AMILV) é uma rede intersticial, com grande capacidade de penetração entre os extratos mais desassistidos da população de migrantes latino-americanas. Com estrutura rizomática, chega às pontas mais vulneráveis do nicho laboral da costura através de uma rede essencialmente feminina. Espalhava-se por catorze bairros da cidade e municípios adjacentes em fevereiro de 2020 e cresceu durante a pandemia, alcançando dezessete localidades na última contagem: Bairro dos Pimentas, Bom Retiro, Brás, Cangaíba, Carapicuíba, Casa Verde, Casa

¹ Este trabalho contou com auxílio da agência CAPES, pelo Programa Cota Institucional. Está inscrito na Plataforma Brasil, CAAE 3 9099420.9.0000.5390.

Verde Alta, Guaianases, Guarulhos, Itaquera, Itaquaquecetuba, Jaraguá, Vila Iolanda, Osasco, Penha, São Mateus, São Miguel Paulista, entre outros. Neles, a rede atua construindo núcleos de apoio mútuo e uma comunidade de pertencimento.

Originalmente formada por mulheres bolivianas, o coletivo cresce continuamente a partir de laços de amizade e do “boca a boca”: as participantes têm liberdade e são estimuladas a convidar outras mulheres para as reuniões, que acontecem em lugares distintos da cidade durante os finais de semana. No momento em que escrevo, a *Asociación* agrega também mulheres paraguaias, equatorianas, peruanas e venezuelanas, porém, mais uma vez, com a crise instalada pela pandemia de coronavírus, a composição do grupo está se alterando muito rapidamente.

As mulheres membros da *Asociación* têm como objetivo o auxílio mútuo nos diferentes âmbitos de sua existência: adaptação à cidade, organização dos documentos, alívio emocional, acompanhamento médico, combate à violência doméstica e à exploração laboral, reflexão sobre sua condição enquanto mulheres. Uma vez procuradas, as associadas fazem o papel de acompanhantes, intérpretes ou orientadoras de forma solidária. Durante a pandemia, foram responsáveis pelo recolhimento, transporte e entrega de mais de 2.000 cestas básicas e outros itens de necessidade, angariados entre várias instituições, distribuídos de acordo com um sistema de listas organizado por bairros. Este trabalho está documentado através de fotografias na sua página no *Facebook* e prossegue nesse momento em que encerro as escritas. Foi durante a crise pandêmica que iniciaram, às pressas, um projeto que estava em gestação: a Casa das Mulheres.

Parto da perspectiva de que não se trata de comunicação no sentido restrito, mas de um ambiente regido pela comunicação, um ecossistema. O *WhatsApp* foi escolhido por sua relevância na comunicação cotidiana e na conformação do ambiente, mas não é um instrumento isolado. Um ambiente que possui temporalidade própria: se por um lado a comunicação pode ser absolutamente imediata, por outro, muitas vezes, a resposta ou o complemento da conversa pode levar algumas horas ou até dias para acontecer e, ainda assim, não perder a fluidez. Essa temporalidade fica sujeita à interpretação das partes e apenas com o prolongamento da relação toma-se posse de uma intimidade que vai se revelando nos hábitos de cada qual: quem deixa o celular “mudo”, quem responde de madrugada, quem está sempre disponível, quem tem hábitos restritivos, quem dorme tarde, quem acorda cedo. Efemeridade e registro documental também são questões a serem pensadas. O fato de ser gratuito confere ao aplicativo – falando de Brasil – uma potência cujo alcance e abrangência chega a ser difícil quantificar, tantos são os seus desdobramentos. Os *emojis*

adquirem importância capital nesse tipo de comunicação: produzem a falsa sensação de redução de ruídos nas mensagens, carregam uma afetividade quase leviana e imprimem uma sensação de intimidade, de amizade ou afetividade que, me parece, não seriam codificáveis poucas décadas atrás. O texto escrito também assume características próprias, um novo letramento, dotado de uma flexibilidade sujeita à interpretação daquele que lê: em geral, não se aplica pontuação, muitas palavras são cifradas, o corretor ortográfico faz das suas, perde-se a ironia.

As reflexões de Lélia Gonzalez no texto *Por um feminismo afro-latino-americano* (GONZALEZ, 2020, p. 41) ecoam nesse trabalho, ao resgatar o conceito lacaniano do infante – aquele que não é sujeito do próprio discurso – para expressar a forma como mulheres não brancas são narradas dentro da lógica da colonialidade (a autora não usa esse termo) e como essa questão se expande com o advento das TICs: se antes a comunicação, pensando em termos físico-geográficos, estava restrita e condicionada às pautas eleitas e aos vieses dos grandes veículos de comunicação, a acessibilidade rompeu as fronteiras comunicativas e, ainda que o *mainstream* permaneça alheio a esse universo, se consolida um espaço de troca de experiências, memórias, saberes e de autonarração que se desenvolve em rede e constrói um tecido de reflexão e resistência. Ainda nesse mesmo texto, Lélia Gonzalez traz um segundo conceito lacaniano, o sujeito-suposto-saber, que consiste em atribuir saberes a personagens que na realidade não o possuem (GONZALEZ, 2020, p. 42), dialogando diretamente com o processo de desconstrução da hierarquização de saberes que se desenrola no tecer do FeminismoComunitário.

Essa discussão parte do viver na metrópole, milhões de pessoas, milhões de passageiras(os)/dia no metrô, uma massa humana compacta sem rosto e sem nome. A invisibilidade protege – chegam a residir por anos indocumentadas(os) devido ao alto valor dos trâmites burocráticos – e, ao mesmo tempo, exclui. A pandemia escancarou o custo da invisibilidade: programas de auxílio emergencial, cestas básicas são idealizados para quem existe. Os socorros vieram posteriormente de uma maneira ou outra, mas fome e desespero não esperam. Durante os primeiros meses, na paralisia do susto e da incredulidade, foram as redes solidárias organizadas rapidamente através das tecnologias da comunicação que impediram um desastre maior. As notícias se sucediam: estudantes que se lembraram do pipoqueiro da porta da escola, alguém que pensou na tia da cantina; grupos que se organizaram para doação de máscaras para a linha de frente; psicólogas(os) que se organizaram em equipes de atendimento *on-line*; artistas que ofereceram sua arte como instrumento de cura ou, pelo menos, de alívio; inúmeros grupos que se

mobilizaram em torno da assistência alimentar, das mais variadas formas.

Os caminhos dessa pesquisa, que acabou por se transformar em um “quase relato” da pandemia, mostraram que a universalização das tecnologias da comunicação guardam um papel significativo na construção dos sistemas de resistência e resiliência. Como aponta Martín-Barbero, é uma nova experiência comunicacional que modifica os estatutos epistemológicos e institucionais das *condições de saber* e das *figuras da razão* (MARTÍN-BARBERO, 2020b, p. 257). Independentemente do tamanho da comunidade que envolve, trata-se do espraio de rizomas que se conectam e se sobrepõem formando um imenso tapete sem começo, meio ou fim, emprestando a imagem de Deleuze e Guattari; ou de Julieta Paredes, um imenso tecido em cujo entrelaçamento de fios distinto reside a força: “mas a comunidade não é um gueto nem uma reserva, é uma comunidade viva, que se move e se projeta construindo também complementaridades não hierárquicas, reciprocidades e autonomias com outras comunidades” (PAREDES CARVAJAL, 200, p. 201).

O fato de acontecer na Região Metropolitana de São Paulo dá forma à rede comunicativa que pesquisamos: as territorialidades são construídas a partir desse conjunto de camadas e grupos que se agregam, se esbarram, se sobrepõem ou simplesmente se ignoram: a invisibilidade proporcionada pelo volume de habitantes contém o bom e o ruim. Existe o macro que engole e existe o micro, a unidade de vizinhança. A maneira como a metrópole se constituiu – e constitui – agrega características particulares às comunidades que aqui habitam, por isso a pesquisa começa com um breve histórico que mais do que um relato preciso, traz a impressão pessoal de quem cresceu aqui e assistiu sua expansão vertiginosa ao longo dos anos. Uma impressão parcial, obviamente.

Em meio a tantas abordagens às quais está sujeito o universo migratório, o segundo capítulo procura organizar a linha de raciocínio sobre a qual se constrói a pesquisa. Os caminhos percorridos em busca da compreensão do “motivo de migrar” e, agora, nas últimas décadas, a “mulher nas migrações contemporâneas”, foram visitados trazendo alguns dos conceitos-chave dos estudos migratórios. O capítulo 3 explora o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari e as territorialidades de Martín-Barbero, que dialogam com as espacialidades híbridas por onde transitam as existências contemporâneas misturando as ordens do real e do virtual.

O capítulo 4 discorre sobre o processo de busca do objeto de pesquisa e apresenta a história das mulheres da *Asociación* entre fevereiro de 2020 e maio de 2021, apontando o quanto a

arquitetura de seu cotidiano está imbricada no uso que fazem das tecnologias da comunicação, para, então, tratar do objeto: como as redes comunicativas se constituem instrumentos de resistência, sobrevivência e fazer político, na figura do aplicativo WhatsApp. A análise conta com o apoio de estudos do ativismo digital² em movimentos recentes, mostrando como o aplicativo, por ser um instrumento de bastidor, de organização, que se situa entre o privado e o semipúblico tem sido negligenciado pela academia em favor das grandes plataformas públicas, visíveis e quantificáveis.

Embora esta pesquisa se ancore no FeminismoComunitário proposto por Julieta Paredes, não posso deixar de citar os estudos decoloniais (objeto de crítica de Paredes, discussão que trago na seção 4.1) e nas epistemologias feministas negras e latino-americanas. Mesmo que não citadas nas referências bibliográficas, estão implícitas as autoras que pavimentaram e pavimentam tais epistemologias e a quem presto meu respeito e admiração. Se esta pesquisa foge à objetividade acadêmica e encontra seu caminho na existência cotidiana é porque bell hooks, como Paredes, aponta para a falsa dicotomia teoria/prática e propõe uma teoria que nasce do concreto, da experiência cotidiana, da prática social (HOOKS, 2017). Grada Kilomba ilumina que o racismo cotidiano encarcera a pessoa negra “em fantasias *brancas* do que ela deveria ser” (KILOMBA, 2019, p. 224) e percebo que isso vale também para as/os bolivianas/os com as quais convivi, a atemporalidade do olhar colonial que prossegue derramado sobre os corpos não brancos. Chimamanda Adichie alerta para o perigo da história única, uma questão que perpassa essa pesquisa, no olhar redutor para a imigração e para as mulheres migrantes (ADICHIE, 2009). Não posso deixar de citar entre as autoras que guiam meu percurso, mesmo correndo o risco de cometer a injustiça de esquecer nomes que me são caros, ao menos: Angela Davis, Audre Lorde, Carolina Maria de Jesus, Catherine Walsh, Gayatri Spivak, Gloria Anzaldúa, Lorena Cabnal, Ochy Curiel, Patrícia Hill Collins, Rita Segato, Silvia Rivera Cusicanqui, Sueli Carneiro.

² Gerbaudo entende “ativismo digital” como termo que designa categorias distintas de ativismo que se utilizam de tecnologias digitais. Um campo de análise que olha para a relação entre política e tecnologia, ou, tecno-política, termo cunhado por Rotodà. (GERBAUDO, 2019).

1. Contextualizando a cidade de São Paulo e adjacências

Este capítulo pretende fornecer ao leitor que não está familiarizado com a região metropolitana de São Paulo um panorama com o qual migrantes – no âmbito dessa pesquisa – se deparam quando desembarcam em São Paulo e as dificuldades que enfrentam em sua adaptação. Não há pretensão de aprofundamento histórico ou de análises críticas em relação às políticas públicas e/ou urbanísticas, sejam atuais, sejam aquelas desenvolvidas temporalmente, mas apresentar o contexto de formação da cidade e sua ambiência, o processo migratório histórico especialmente relacionado à formação do nicho laboral da costura. Dito de outra forma, o ambiente com o qual se deparam migrantes que chegam em condição de vulnerabilidade socioeconômica, vindo de localidades muito menores e hispano-falantes ou falantes de línguas indígenas, como quéchua e aimará.

São Paulo é uma megalópole, uma gigantesca mancha urbana que compreende a cidade de São Paulo, propriamente dita, mais 39 municípios adjacentes. Ocupa uma área aproximada de 8.000 km². Abrigava, segundo dados de 2015, 21 milhões de habitantes, com um crescimento médio de 30 pessoas por hora. Em 2014, segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), ocupava a sexta posição entre as maiores do mundo³. Em 2019, antes da pandemia, o transporte mensal de passageiras(os) girou entre pouco mais de 202 e quase 240 milhões/mês. Em 2020, os números ficaram entre pouco mais de 69 milhões em maio e 194 milhões no mês de janeiro⁴. Em 2013, os dados do IBGE indicam quase 12 milhões de habitantes só na capital⁵. A título de comparação a Bolívia contava, em 2012, com pouco mais de 10 milhões de habitantes⁶.

3 Disponível em: https://www.pdui.sp.gov.br/rmsp/?page_id=56. Acesso em: 9 abr. 2021.

4 Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/transportes/institucional/sptrans/acesso_a_informacao/index.php?p=245234. Acesso em 9 de abr. 2021.

5 Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=355000#:~:text=Desde%20a%20sua%20funda%C3%A7%C3%A3o%20at%C3%A9,80%20homens%20e%20https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_sp.png2020%20mulheres. Acesso em: 10 abr. 2021.

6 Disponível em: <https://ibce.org.bo/publicaciones-descarga.php?id=2119&opcion=5>. Acesso em: 10 abr. 2021.

Figura 01: Estação de metrô na “hora do *rush*”⁷

Fonte: Viatrolebus⁸

Historicamente, a urbanização portuguesa ocorreu sem um traçado básico ou planejamento. A mancha urbana foi se espalhando ao longo dos caminhos indígenas, das trilhas das mulas, das estradas das boiadas, das paradas de tropeiros, dos aldeamentos e margens dos rios, das linhas de trem, nos loteamentos de chácaras e fazendas. Surgiram as vilas e bairros operários muitas vezes construídos pelos próprios industriais, enquanto a população mais vulnerável e desprovida das qualificações demandadas pelo mercado era empurrada para as bordas e áreas insalubres. Os rios Tietê e Pinheiros foram retificados e canalizados no final dos anos 1930. O mesmo aconteceu com os córregos e rios da cidade: a quase totalidade foi canalizada e coberta pelo sistema viário, impossibilitando reconhecê-los na paisagem urbana.

⁷ Os períodos iniciais da manhã e os finais de tarde, entre segundas e sextas-feiras, quando grande proporção de usuárias(os) se dirige ao, ou volta do trabalho, as estações e os vagões se transformam em verdadeiros formigueiros humanos. Em boa parte das linhas, os passageiros se comprimem uns contra os outros tanto na espera, quanto durante a viagem. Não se trata apenas de prover as linhas com mais carros, em muitas delas, a capacidade de trens já foi alcançada.

⁸ Disponível em:

<https://viatrolebus.com.br/2012/08/linha-4-amarela-e-5-lilas-serao-tao-lotadas-quanto-a-3-vermelha-do-metro-revelam-estudos/>. Acesso em 16 mai. 2021.

Figura 02: Mapa da Região metropolitana de São Paulo

Fonte: <https://www.emtu.sp.gov.br/emtu/institucional/quem-somos/sao-paulo.fss>

A fundação de São Paulo – até 1560 chamada Aldeia de Piratininga – tem como data oficial o dia 25 de janeiro de 1554, quando padres jesuítas celebram a missa inaugural do colégio fundado no alto do Inhapuambuçu, colina entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú onde se localizava a aldeia chefiada pelo cacique Tibiriçá, uma das aldeias tupiniquins do Planalto de Piratininga⁹. Essa ocupação nunca foi tranquila: os embates entre povos originários da região e colonizadoras(es) eram frequentes e ferozes, embora houvesse o núcleo colaborativo, que se estabeleceu através de Martim Afonso de Souza, João Ramalho e Antônio Rodrigues (ALMEIDA, 2020). O primeiro, enviado da coroa e fundador da cidade de São Vicente. Sobre a história dos dois últimos, existe mais de uma versão, mas já eram casados com as filhas dos caciques e irmãos Tibiriçá e Piquerobi, quando da chegada de Martim Afonso.

As missões jesuíticas – com objetivos protetivos e catequistas, além de servirem como ponto de paragem para tropeiros e viajantes – estabeleceram vários aldeamentos ao redor da

⁹ O nome Piratininga significa “peixe seco” e retrata uma particularidade do local: o rio Tietê é um rio de várzea, assim, no recuo da maré, milhares de peixes ficavam encalhados, secando ao sol.

cidade, que hoje fazem parte da megalópole e cujos nomes reconhecemos nos bairros onde encontramos núcleos da *Asociación de Mujeres Imigrantes Luz y Vida – Sembrando Semillas* (AMILV): em 1560, a Aldeia de Barueri, habitada por índios guaianazes e guaicurús; 1580, a Aldeia Jesuítica de Carapicuíba, habitada por índios guaianazes, tupis¹⁰ e guarulhos; o aldeamento Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos; a aldeia de Nossa Senhora da Ajuda de Itaquaquecetuba e o aldeamento de São Miguel de Urari¹¹, esta última, originalmente a aldeia do cacique Piquerobi.

Figura 03: Áreas urbanizadas em 1872

Fonte: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1872.php

A Vila de São Paulo de Piratininga¹² foi o ponto de partida das bandeiras, expedições de caráter particular que partiam em direção ao interior do país em busca de ouro, captura de indígenas

¹⁰ Tronco linguístico, identificado pelos colonizadores, que reúne etnias como tamoios, tupis, tupiniquins, tupinambás. (SPOSITO, 2012, p. 32)

¹¹ Atualmente, São Miguel Paulista.

¹² A partir de 1560.

para trabalho escravo nas lavouras ou recaptura das pessoas escravizadas que fugiam, além da destruição de quilombos. Desenvolveu-se irregular e lentamente, em condições econômicas precárias, chegando a quase desaparecer em determinados momentos da história para, a partir de meados da década de 1880, tornar-se foco dos movimentos migratórios que convergiram para o Estado de São Paulo. Em 1872 a cidade contava com pouco mais de 30 mil habitantes. Em meados de 1880, o estado passa a ser o principal destino migratório no Brasil, e em 1890 o censo indicava uma população de 65 mil habitantes na capital. Em 1900, a população havia saltado para 240.000 habitantes .

Figura 04: Áreas urbanizadas entre 1882 e 1900

Fonte: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1890.php. Acesso em: 20 abr. 2021

A imensa desigualdade social que testemunhamos reflete essa entrada maciça da população migrante europeia desejada pelas elites políticas, econômicas e intelectuais do país, assim como o abandono da população negra e não branca, posta à margem. As políticas migratórias nacionais desde o princípio respondem a uma concepção do migrante desejável. Segundo Rodrigues e Lois (2013), o Decreto de 25 novembro de 1808 foi o primeiro ato regular de colonização, em que se concediam sesmarias a estrangeiros residentes. A “política de colonização estrangeira” dirigiu-se a europeus livres, preferencialmente agricultores, com o intuito de promover a policultura de base

familiar, as atividades artesanais e a constituição de uma classe social intermediária entre a oligarquia latifundiária e a massa escravizada. Fomentou a ocupação de terras inexploradas e a proteção de fronteiras, hierarquizando o “imigrante desejável”, com o topo da pirâmide ocupado por alemães seguidos dos italianos.

Seyferth (2000) observa que o decreto de 16 de maio de 1818 assinado por D. João VI autorizando a imigração suíça expressa a concepção de imigração como “fator civilizatório” e a relevância das distinções fenotípicas muito antes do conceito de raça surgir no Brasil. Nesse âmbito, como aponta a autora, a racialização do mercado de trabalho é um processo histórico que envolve o discurso do “trabalho livre” associado à desqualificação da população negra, narrada como incapaz de atender aos requisitos necessários devido à sua suposta inferioridade racial e cultural (SEYFERTH, 2000, s/n.)¹³. Segundo Gonçalves (2010), no Brasil as ideias eugenistas se difundiram a partir de meados da década de 1910. A perspectiva sanitarista identificava as doenças como elemento distintivo da condição de ser brasileiro e principal obstáculo para a civilização, lembrando que as condições habitacionais e sanitárias das populações urbanas empobrecidas, longe de serem adequadas, facilitavam a propagação de doenças endêmicas e epidemias. Os imigrantes desejados passaram a ser aqueles que se aproximavam mais da “matriz étnica cultural e religiosa do povo brasileiro, idealizada como a portuguesa, onde estava implícito o ideal de branqueamento”.

A crise de 1929 inaugura uma postura protecionista em relação à política migratória. A Constituição de 1934, em seus artigos 121, 131, 132, 133 e 149, regulamenta a entrada de imigrantes e as condições trabalhistas; impõe cotas por etnia; protege o trabalhador nacional, a propriedade e os meios de comunicação, entre outras medidas. Entre 1937 e 1945, durante o Estado Novo, a Campanha de Nacionalização buscou reduzir a influência de comunidades estrangeiras no país, forçando sua integração. Durante a primeira fase, nacionalizou o ensino, proibiu o uso de língua estrangeira em público e em atividades culturais e recreativas, interveio nos meios de comunicação com uma série de medidas contra o uso de língua estrangeira. O Decreto Lei n.º 406 de 1938 mantém as cotas de entrada por nacionalidade e incumbe o Conselho de Imigração e Colonização, no item g do artigo 226 a “estudar os problemas relativos à eleição imigratória, à

¹³ Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/migracoes/migr03.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021.

antropologia étnica e social, à biologia racial e à eugenia” (CANJANI, 2018). Segundo Rodrigues e Lois (2013) o Decreto-Lei n.º 7.967 de 1945 regulamentou questões de imigração e colonização mantendo o sistema de cotas e só foi revogado tardiamente com o Estatuto do Estrangeiro, em 1980. Após a 2ª Grande Guerra, o fluxo migratório se inverte, e a partir dos anos 70 deixa de convergir ao país. (COGO; BADET, 2013, p. 20), voltando a se intensificar a partir de meados dos anos 80.

Figura 05: Áreas urbanizadas entre 1930 e 1949

Fonte: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1940.php

Em relação à migração boliviana, quando as(os) primeiras(os) estudantes chegam em 1950, em decorrência do acordo de intercâmbio cultural Brasil-Bolívia, a capital contava com 2 milhões cento e cinquenta mil moradores. Entre as décadas de 1960 e 1990, com o processo de industrialização, a cidade recebeu também imigrantes internos que se deslocam das áreas rurais do país. Em 1980 o número de habitantes "saltou" para quase 8 milhões e meio. Em 1991, pouco mais de 9 milhões e seiscentos mil. Em 2010, pouco mais de 11 milhões duzentos e cinquenta mil. Comparativamente, o crescimento da região metropolitana foi ainda mais vertiginoso: passamos

de uma população de pouco mais de 2 milhões e seiscentas mil pessoas em 1950 para quase 19 milhões e setecentas mil em 2010, números que incluem a capital.¹⁴

Figura 06: Áreas urbanizadas entre 1993 e 2002

Fonte: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/2000.php.

Aqui vou me permitir divagar sobre minha experiência pessoal quando participei, como estagiária de arquitetura, de uma equipe de planejamento urbano durante o desenvolvimento do Plano Diretor 1985-2000, gestão Mário Covas, que ao final não foi aprovado pela câmara. Entre minhas atribuições, estava realizar o levantamento *in loco* das edificações e seus usos nos bairros de Itaquera, Guaianases e São Miguel Paulista. Eu e meu par andávamos quilômetros em seu “Fusquinha”, anotando comércios e equipamentos em áreas onde não era possível encontrar uma única escola, serviço de saúde, posto policial ou farmácia, onde não havia coleta de esgoto ou telefonia, às vezes nem iluminação pública. Abundavam crianças muito pequenas brincando nas ruas e bares improvisados, onde os homens jogavam sinuca – muitas vezes a mesa estava ao ar

¹⁴ Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/info_cidade/demografia/index.php?p=260265. Acesso em 21 abr. 2021.

livre, na rua. Sempre me intrigou a quase ausência de mulheres: hoje me ocorre como parte da explicação que provavelmente integravam o exército de trabalhadoras domésticas que sustentam o nicho laboral dos cuidados. Quanto aos homens, volto à reflexão anterior sobre o mercado de trabalho reservado para o homem negro, trazendo observação de Maria Lugones:

Nesse sentido, a estrutura das disputas pelo controle da força de trabalho é descontínua: nem todas as relações de trabalho no capitalismo eurocêntrico e global se encaixam no modelo capital/salário, ainda que esse seja o modelo hegemônico. Para começar a entender o alcance da colonialidade do poder é importante frisar que o trabalho assalariado sempre foi reservado, quase exclusivamente, para os europeus brancos. A divisão do trabalho é racializada e geograficamente diferenciada. Aqui vemos a colonialidade do trabalho como um cuidadoso entrecruzamento de trabalho e raça. (LUGONES, 2020, p. 58)

Entre as memórias pessoais que insistem em brotar nesse trabalho, o Terminal Rodoviário do Tietê é recorrente. Inaugurado em maio de 1982 era, para a época, uma imensidão que frequentei com alguma assiduidade seja para visitar colegas que estudavam em outras cidades, seja para iniciar viagens que fazíamos em direção às praias – pouco habitadas – do nordeste do país. Saindo das capitais ou cidades maiores, as paradas de ônibus muitas vezes se resumiam a um único guichê, onde se fazia a venda dos bilhetes de maneira muito pessoal e muito cordial. Não havia pressa, não havia fila, não havia multidão. Não havia dezenas de placas que as(os) viajantes precisassem ler e escolher enquanto levavam esbarrões de alguém com pressa. Não havia setas mudas indicando a direção vertical, e a partir da qual precisamos descobrir uma escada ou elevador escondido atrás de uma parede. Ou placas com um ícone de escada, que alguém que veio de uma cidadezinha de casas térreas não tem a menor ideia do que significa, e precisa de tempo para entender a nova informação. Mais de uma vez observamos recém-chegadas/os apavoradas/os com as escadas rolantes e sem tempo para processar seu primeiro contato, porque atrás havia alguém que precisava pegar o próximo metrô. Essa é a dimensão da estranheza que tende a passar despercebida para quem está acostumado ao burburinho, ao volume da cidade, aos signos que economizam o contato visual e o acolhimento. Para aqueles que chegam das grandes cidades da Bolívia – La Paz, a maior delas, tem menos de 1,5 milhões de habitantes – ainda existe a dificuldade na compreensão da língua.

Não há referências paisagísticas ou marcos urbanos que auxiliem a pessoa recém-chegada

a localizar-se com facilidade, nem em nível local nem em nível macro: as dimensões da metrópole engolem. As distâncias a serem percorridas se somam às dificuldades impostas pelo sistema viário e transporte público, que não acompanham a velocidade vertiginosa do surgimento de novos bairros e das variações demográficas, assim como os equipamentos urbanos. Refém da própria história, é uma cidade que ainda converge ao centro, embora nas últimas décadas o poder público tenha realizado um imenso esforço pela descentralização. O transporte público da cidade é constituído por uma frota de 15 mil ônibus urbanos¹⁵; 6 linhas de Metrô que atendem 89 estações e mais 8 estações integradas à Companhia Paulista de Trens Urbanos (CPTM)¹⁶, além de ônibus intermunicipais de competência do governo estadual que conta com 500 linhas. A essa frota, juntam-se as “lotações”: transportes particulares, muitos deles clandestinos, em geral “vans” que preenchem a lacuna deixada pelo poder público, seja por incapacidade de atender o volume de passageiros/os, seja atendendo áreas ainda não alcançadas por linhas regulares.

Deslocar-se pela cidade é um evento caro e demorado. A título de ilustração, seguem algumas simulações entre a sede da AMILV e pontos centrais em alguns bairros onde atuam, lembrando que há, ainda, uma distância a ser percorrida até os pontos de encontro, que não necessariamente ficam nos centros dos bairros. Durante os finais de semana, a oferta de transporte é reduzida e os intervalos de circulação dos transportes públicos, seja ônibus, metrô ou trem aumentam. Algumas estações fecham durante a noite, exigindo do usuário rotas alternativas. Foram simulados alguns trajetos – escolhemos os mais rápidos – entre um ponto próximo à sede da AMILV e o centro de alguns bairros onde acontecem os encontros das mulheres, em uma quinta-feira às 9h da manhã.

Uma viagem entre Guaianases, onde reside a presidente da AMILV, e o bairro de Casa Verde Alta, em transporte público depende de três baldeações: duas linhas de ônibus e 2 linhas distintas de trem metropolitano, gastando 1h44min. O trajeto de automóvel, em 43,2 km leva 1h8min. O caminho até o centro da Cidade Tiradentes demanda 2 baldeações e três linhas de ônibus distintas, percorridas em 56 minutos. A viagem de automóvel tem 9,9 km e gasta 25

¹⁵ Disponível em:

<http://www.capital.sp.gov.br/cidadao/transportes/transporte-publico/estrutura#:~:text=S%C3%A3o%201.314%20linhas%20sendo%20que,bilh%C3%B5es%20de%20passageiros%20por%20ano>. Acesso em: 10 abr. 2021.

¹⁶ Disponível em:

<https://www.metrocptm.com.br/veja-o-mapa-de-estacoes-do-metro-e-cptm/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

Figura 07: Trajeto Guaianases – Casa Verde Alta

28

Figura 08: Trajeto Guaianases – Cidade Tiradentes

Fonte: Google Maps em 15 abr. 2021

Figura 09: Trajeto Guaianases – Carapicuíba

Fonte: Google Maps em 15 abr. 2021

Figura 10: Trajeto Guaianases – Brás

Fonte: Google Maps em 15 abr. 2021

Figura 11: Locais de atuação da AMILV

Fonte: Google Maps em 15 abr. 2021

A distribuição das residências/oficinas na cidade reflete a dinâmica da rede laboral na qual a comunidade se insere, estruturada em redes de subcontratação em cascata, como será melhor explicado adiante (SILVA, C., 2008, p. 62). Agrego a observação de que é uma dinâmica sujeita a interseccionalidades¹⁷ percebidas no contexto das micro histórias. Ouvi de d. Martha, uma das dirigentes da *Asociación*, por exemplo, que as mulheres que trabalham sozinhas – não possuem uma oficina e não têm um marido – encontram muita dificuldade em conseguir trabalho. A elas cabem os trabalhos pior remunerados, independentemente de sua qualificação. Uma situação que se torna ainda mais grave no contexto da pandemia, com a oferta escassa. A criação de uma cooperativa de mulheres “solo” está em estudo. A atribuição de menor “valor social” à mulher solteira, na comunidade boliviana, será objeto de comentário na seção 4.1.

O maior valor social da mulher casada apareceu em comentários corriqueiros ao longo da minha convivência com o grupo pesquisado, em contextos negativos sobre esse aspecto cultural da comunidade boliviana. A pesquisa de Mesquita e Santos cita Martha, boliviana que mora em São Paulo, solteira e mãe de dois filhos. Encontrou como forma de aliviar a pressão sobre sua condição de solteira, a criação de “um marido doente, acamado”. (MESQUITA; SANTOS, 2016, p. 13). Solimeo aponta para a questão. Nos achados de sua pesquisa, ainda que as mulheres – está olhando para o grupo de 15 mulheres entrevistadas – saíam da Bolívia na condição de solteiras, sua inserção na cidade de São Paulo, tanto na esfera social quanto laboral e a ideia de sucesso financeiro e pessoal (portanto sucesso na imigração), está condicionado à formação de uma família:

Focando o texto na condição feminina de imigrar é possível ver em todas as entrevistas a figura do marido como essencial para conseguir sair da condição de exploração em oficinas grandes. Todas relatam que só conseguiram ir para Penha ou ter sua própria oficina de costura após se casarem. Apenas uma das entrevistadas não é casada, a Monique. Ela relata seu caso com muita tristeza e condiciona seu insucesso de vida ao fato de não conseguir um marido. Ela diz que a falta de marido (ela é divorciada), faz com que não consiga trabalhar, cuidar dos filhos, pagar as contas e conseguir se relacionar com os outros imigrantes. Os espaços de socialização estão todos para a família, ela conta que se você não tem família (nesse caso família significa casamento), não consegue conversar com mulheres, nem ter apoio da sua própria família, pois a situação de ser

¹⁷ Ferramenta analítica que considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente e investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais e as experiências individuais na vida cotidiana. (COLLINS; BILGE, 2021, [n.p.])

divorciada não é bem vista, ela comenta. (SOLIMEO, 2018, p. 813).

Silva afirma que o setor têxtil em São Paulo está ligado à maneira como as diversas comunidades migrantes que dominaram historicamente o setor se estabeleceram territorialmente e construíram redes de sociabilidade na cidade. Na década de 30, migrantes do Líbano se estabeleceram na região central – rua 25 de Março – e Brás, seguidos pela comunidade judaica que se concentrou na região do Bom Retiro. Ao final da década de 1980, segundo Silva, empresárias/os da região nordeste do país se destacaram e estabeleceram suas empresas na região do Brás, Zona Leste e Guarulhos. Migrantes coreanas(os) também se destacaram na mesma década e passaram a agenciar mão de obra boliviana clandestinamente e, segundo o autor, o grupo que mais se destacou no quesito subcontratação. Aprofundaremos um pouco mais o assunto ao abordarmos a imigração boliviana em São Paulo. Para Silva, as costureiras que originalmente se qualificaram trabalhando nas fábricas do Brás e Bom Retiro são as responsáveis pela distribuição do trabalho terceirizado, e isso define o perímetro por onde circulam as encomendas que abastecem tanto o comércio popular, quanto segmentos de primeira linha. Sendo um trabalho que exige conhecimentos específicos, manuseio de máquinas industriais, redes de fornecedores e manutenção especializada, não se trata de habilidade que se adquire empiricamente (SILVA, 2008).

Xavier aponta a necessidade de se romper com o “viés sedentário”¹⁸ e olhar para a(o) migrante como sujeito capaz de idealizar projetos e fazer escolhas, ainda que circunscritas a condicionantes que determinam a maneira como se relaciona com a cidade e mobilizam seus recursos. As escolhas de localização, portanto, estão relacionadas ao tipo de uso dos recursos da cidade¹⁹, que por sua vez “depende também dos tempos da migração, dos tempos dos projetos, das formas de migrar e da cultura do sujeito migrante.” (XAVIER, 2012, p. 111-112). Para a autora, a forma como a comunidade boliviana se apropria da cidade nos leva a questionar o postulado clássico nos estudos urbanos que propõe uma lógica binária e segregacionista de ocupação do

¹⁸ Para Bakewell, a concepção de desenvolvimento está ancorada em um paradigma paternalista assentado na ideia de Estado-Nação que precisa ser reconceituada para um mundo em movimento. A expressão “viés sedentário” se refere ao modelo de desenvolvimento projetado para os países africanos, enraizado na perspectiva colonial de controle da mobilidade. Parte da premissa de que, dadas as condições para alcançar qualidade de vida no local de origem, as pessoas não se deslocariam. A migração contínua, nesse sentido, revela-se uma “falha” de projeto, um problema a ser solucionado. (BAKEWELL, 2006).

¹⁹ Acompanhando o raciocínio da autora, registro como exemplo o fato de d. Martha ter se mudado do Brás – onde era vizinha da irmã – para Guaianases em meio à pandemia, período de atividades frenéticas da *Asociación* no atendimento da comunidade.

espaço que opõe centro e periferia, com a população com renda mais baixa sendo automaticamente empurrada para as bordas. O que nos interessa aqui é apontar as várias camadas de construção da narrativa que impera sobre comunidades vulneráveis – em nosso caso, a comunidade de migrantes bolivianos – como destituídas de agência. A autora, no caso, demonstra que a comunidade boliviana se apropria da cidade segundo uma lógica própria.

A nosso ver, o reconhecimento da diversidade e complexidade das localizações no espaço urbano também nos impele a discernir e questionar essas categorias de identificação social que são homogeneizadoras. Neste texto propomos deslocar o casamento estabelecido entre uma localização circunscrita aos espaços centrais da cidade e uma visão restrita em torno dos bolivianos: não só a localização espacial é diversa, mas se mostra incompatível com a visão homogeneizadora em torno desse grupo. (XAVIER, 2012, p. 112)

Em boa parte das vezes, as pessoas que se dirigem ao nicho laboral da costura – ou seus desdobramentos – em São Paulo, realizam viagens em ônibus clandestinos²⁰ organizadas por sistemas de aliciamento. Vez ou outra esses ônibus são apreendidos pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) ou outros órgãos de fiscalização: sabemos disso através dos jornais. Rossi explica o sistema de aliciamento de jovens através de anúncios em rádio e jornais: a seleção é feita por recrutadores chamados “gatos” que embarcam jovens recrutados nos “ônibus da morte” ou “trens da morte” (ROSSI, 2005, p. 18). Não existe um perfil único de migrante, um único bairro ou distrito no qual se concentram, embora existam locais com maior concentração ou mais tradicionais, e esta é uma observação importante quando se pensa na comunicação e nas possibilidades de encontro da comunidade, que será abordada durante a análise. Segundo Xavier, as(os) bolivianas(os) estão presentes em 82 distritos de São Paulo e 23 municípios da região metropolitana (XAVIER, 2012, p. 125).

Concluo o capítulo recuperando os apontamentos de Baeninger²¹ quando afirma que as reestruturações produtivas em âmbito global se traduzem em reconfigurações territoriais, sociais, políticas e culturais. Embora esteja olhando mais especificamente para este século, lembra que nos anos 1980 se anuncia a flexibilização crescente tanto econômica quanto social. (BAENINGER,

²⁰ As viagens em ônibus clandestinos podem ser perigosas, com motoristas não autorizados e veículos em condições precárias: me deparei por duas vezes com pontos de embarque clandestinos em locais distintos.

²¹ Embora a autora esteja, nesse livro, olhando para a centralidade da cidade de São Paulo nos processos migratórios brasileiros, entendo que as observações são importantes na construção de nosso panorama.

2012, p. 60), fenômeno que pudemos observar ao analisar a cadeia produtiva do nicho laboral da costura descrito acima. Nesse quadro, entendo que a flexibilização da comunicação, através do uso das tecnologias da comunicação e informação gratuitas que se expandem vertiginosamente a partir de 2009, mais especificamente olhando o aplicativo WhatsApp, são fundantes de uma nova reconfiguração em curso, agora impulsionadas pela pandemia provocada pelo COVID-19: mais uma vez reafirmo que o uso dessa rede social articulou a resistência e a sobrevivência das famílias que integravam a comunidade e daquelas que se juntaram ao grupo durante o período, assunto que também será aprofundado oportunamente.

2. Migrações históricas, migrações contemporâneas e mulheres migrantes

Este capítulo está subdividido em três seções que tratam do fenômeno das migrações traçando inicialmente considerações sobre a abordagem conceitual até o desembocar no modelo transnacional, para então apresentar reflexões que permeiam o universo da migração feminina²² e a representação das mulheres migrantes. Parto da percepção de que apesar das mulheres constituírem quase 50% do universo migratório, não encontram espaço para assunção do controle sobre suas próprias histórias: são narradas pelo filtro de terceiras(os).

Em nosso caso, são mulheres migrantes com as mais diversas experiências de vida que assistem à redução de suas existências multidimensionais e complexas ao perfil de escravas das oficinas de costura. As migrantes da *Asociación de Mujeres Imigrantes Luz y Vida* (AMILV) se inserem no nicho laboral da costura na cidade de São Paulo, que emprega tanto homens, quanto mulheres. Como regra geral, trabalham para um(uma) empregador(a) até que consigam obter recursos suficientes para montar sua própria oficina. Esses espaços laborais coabitam com os espaços domésticos onde as mulheres acumulam funções produtivas e reprodutivas. São mulheres que participam dos fluxos de remessas; que fazem girar parte significativa da indústria do vestuário e dos serviços que alimentam as cadeias das migrações; que são ativas politicamente, tanto no que diz respeito às políticas do cotidiano e construção da cidadania migrante quanto em uma base mais ampla dos movimentos feministas indígenas brasileiros e latino-americanos (no sentido dos grupos hispano falantes); que articulam a política transnacional no combate às opressões de gênero e classe e têm consciência de sua vulnerabilidade; que geram o estoque de mão de obra que sustenta e sustentará a economia regional e global.

O termo migrante, adotado a partir desse momento, segue as recomendações do *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores*:

Nesse sentido, conforme adotamos nesse guia, acreditamos que o uso do termo *migrante* (no lugar de *imigrante*) e *migração* (no lugar de *imigração*) nos permite enfatizar as dimensões múltiplas tanto de movimento, trânsito e fluidez quanto de temporalidades e motivações que marcam as migrações contemporâneas e que podem variar em função de diferentes fatores políticos, econômicos e sociais. (COGO; BADET, 2013, p. 12).

²² Ao nos referirmos à migração feminina, estamos reportando as mulheres que migram em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

2.1 Concepções teóricas sobre o universo migratório

Em sua defesa por uma abordagem interdisciplinar integrativa²³ em relação aos estudos migratórios, Castels argumenta que embora a migração abranja todas as dimensões da existência social, as pesquisas que tratam do tema tendem a ser altamente especializadas em seus subcampos, adotando corpos de conhecimento e literaturas distintas e, conseqüentemente, incorrendo em compreensões parciais ou equivocadas da dinâmica global e de seu enraizamento nas transformações sociais (CASTELS, 2010, p. 20). Entre os problemas citados pelo autor, encontra-se o fato de muitas delas, por estarem respondendo a interesses políticos, fornecem respostas imediatistas e pouco profundas. Afirma que fatores econômicos são insuficientes para explicar os movimentos migratórios, carregados de complexidade e diversidade:

Complexidade também implica diversidade: se há tantos fatores, as possíveis combinações tornam-se infinitas, o que, por sua vez, aponta para o papel crucial do contexto – os vínculos entre migração e outras relações econômicas, sociais, políticas e culturais vigentes em lugares específicos numa determinada conjuntura histórica. Uma compreensão histórica das sociedades e das relações entre elas é crucial. (CASTELS, 2010, p. 25).

O autor aponta que a enorme diversidade nas relações acontece “dentro de relações de poder e desigualdade cada vez mais universais” (CASTELS, 2010, p. 28). Com base nessas reflexões, procuramos estabelecer a diacronia dos estudos migratórios, apresentando as teorias que se propuseram a analisar as migrações globais, desde as teorias macro-históricas até o modelo micro-histórico, formulado nos anos 1970, migração transnacional, Norte-Sul e enfoque decolonial. Convocamos para tanto pesquisadores que trabalham a perspectiva da história e sociologia econômica; sociologia das migrações; história social da imigração; micro histórias; migração transnacional; políticas da migração internacional e do desenvolvimento; geografia humana e dinâmicas populacionais; geopolítica da exclusão; desigualdades e imigração em uma perspectiva antropológica e etnográfica; Brasil e América Latina pós-colonial; teoria decolonial.

Olhando para os fenômenos migratórios no eixo Europa-Américas entre 1815 e 1930,

²³ O autor argumenta que “as tentativas interdisciplinares têm sido mais aditivas do que integrativas” (CASTELS, 2010, p. 19).

Baines faz uma ampla reflexão sobre as problemáticas decorrentes das diversas perspectivas adotadas, enquanto assumem decisões mais ou menos arbitrárias do(a) pesquisador(a) na construção da análise (BAINES, 1994, p. 526). Segundo Baines, o modelo *push-pull*²⁴ parte da ideia de dois polos com desenvolvimentos socioeconômicos desiguais. A decisão de migrar é tomada a partir da expectativa de renda, baseada no diferencial entre as possibilidades de permanecer no país de origem ou migrar para o exterior (BAINES, 1994, p. 528). A teoria econômica neoclássica parte do modelo *push-pull*. “Interpreta as migrações desde um enfoque advindo da economia política, onde racionalismo, individualismo e liberalismo se constituem como uma tríade de princípios que concebe o homem como um ser livre e racional, capaz de optar entre distintas alternativas para conseguir os melhores resultados com os menores custos.” (NOLASCO, 2016, p. 17). Parte da ideia de que existe um cálculo racional feito pela(o) migrante que entende que as perdas iniciais – sejam financeiras, sejam afetivas pela ruptura de laços sociais – são convertidas em ganhos em um determinado espaço de tempo. Olha exclusivamente para determinantes econômicas, com influência nula ou mínima da sociedade sobre a pessoa. A análise conjuga variáveis relacionais e a capacidade da(o) migrante mobilizar seu capital social.

Baines advoga que na teoria econômica neoclássica, a supremacia de jovens nos movimentos migratórios está associada à ideia de renda, no sentido de que há uma “conta” embutida na decisão: projeção de renda no país de origem *versus* projeção de renda no país de acolhimento, enquanto na perspectiva das(os) historiadoras(es), é a *informação* o elemento que condiciona a decisão de migrar porquanto reduz a incerteza e, conseqüentemente, os riscos. No entanto, para o autor, ambas estão relacionadas e são incapazes de, sozinhas, explicarem as distintas formas que as migrações assumem. Conclui observando que os modelos que obtiveram sucesso ao explicar os movimentos migratórios têm na *informação* um dado relevante: os volumes populacionais envolvidos nas migrações pioneiras têm peso no sentido da quantidade e qualidade dessa informação que chega aos países de origem. No entanto, lembra que tais modelos, ao se concentrarem nos movimentos que aconteceram efetivamente, ignoram eventos não quantificáveis que afetam a decisão de migrar: aquela(e) que não migrou não é considerada(o), não há dados que possibilitem essa investigação.

Para o autor, olhar exclusivamente para o binômio origem-destino exclui uma enormidade de variáveis que envolvem a decisão de migrar, permanecer no local ou no país de origem. Exclui

²⁴ Última década do século XIX.

também migrantes temporárias(os) e sazonais. Baines aponta que, apesar da perspectiva da(o) migrante que cortava vínculos com a terra natal ter prevalecido nos estudos migratórios, o século XIX tardio já contava com migrantes que, devido à redução dos custos e ao aumento no número das viagens, viajavam por períodos determinados, retornando capitalizados ao país de origem. Descreve dois formatos: o que chama de “*birds of passage*”²⁵ e das(os) assalariadas(os). Em ambos os casos, a decisão de migrar já envolve a ideia de remessas de capital. Baeninger localiza um período significativo da migração italiana no Brasil caracterizada por remigrações e retornos das(os) migrantes italianos entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, que chama de “modalidade submersa” (BAENINGER, 2012, p. 19).

Segundo Gil, na perspectiva histórico-estrutural, entende-se que os movimentos migratórios são parte do desenvolvimento histórico e característica estrutural do sistema capitalista, provocados pelas transformações dos sistemas produtivos e das relações sociais, em cuja origem está a divisão internacional do trabalho e a divisão da economia entre centro e periferia. Ainda nessa perspectiva encontra-se o conceito “sistema-mundo”, também pensado como centro/periferia, onde cada região tem função distinta e desigual na divisão global do trabalho, resultando que o protagonismo é do grupo social e seu acesso aos meios de produção. As mulheres, nesse modelo, se inserem no nicho da migração laboral sub remunerada, em um enquadramento de gênero. Segundo a autora, ainda que exista um avanço, gênero aparece subordinado à classe²⁶. Reforçando, no enfoque econômico, já citado, o indivíduo é levado à posição de protagonista (GIL, 1997, p. 151 e 152).

Truzzi explica que as perspectivas de cadeias migratórias surgidas nos anos 1960 guardavam algumas variações entre teorias. O conceito de redes migratórias, que sucedeu e ampliou o conceito de cadeias migratórias, aponta para a agência da (o) migrante em contraponto ao modelo *push-pull*. Em que pesem as distinções, acompanharemos o autor, entendendo que, para os efeitos desse estudo, ambos guardam em sua gênese o papel ativo dos emigrados nas comunidades de origem, estimulando ou refreando a decisão de migrar, provendo informação e recursos, sejam eles financeiros – remessas de capital – ou de outra natureza (TRUZZI, 2008, p. 203). O autor esclarece que incluir a agência migrante na análise não significa preterir variáveis

²⁵ Pássaros de passagem, migratórios: a expressão designa a mão de obra sazonal que migra em períodos específicos e retorna ao país de origem. Na próxima seção discutimos o texto de Mirjana Morokvasic, que carrega essa expressão no título.

²⁶ Apenas registrando: o conceito raça não aparece.

de caráter econômico, mas trazer para a análise variáveis sociais, culturais e a percepção de que redes migratórias podem se tornar auto alimentadoras, para além das condicionantes econômicas e políticas. Nessa perspectiva, os movimentos migratórios de massa estão estreitamente ligados às redes de informação e à rede de relações sociais da pessoa. (TRUZZI, 2008, p. 209).

Elege-se, mesmo que as fontes empíricas sejam mais raras e trabalhosas, o indivíduo e suas relações como foco de análise (cf. Míguez, 1995). Do ponto de vista do esforço da pesquisa, isso significa uma clara opção pela micro história (cf. Levi, 2001), normalmente traduzida por uma redução da escala de observação e pelo uso intensivo de fontes nominativas, na convicção de que uma observação microscópica revelará aspectos e significados até então não observáveis em análises macro. Pode-se partir de indivíduos a princípio tomados isoladamente, mas o que se persegue é identificar e recuperar suas redes de relacionamento. (TRUZZI, 2008, p. 208)

Vendrame afirma que os questionamentos em relação às tipologias migratórias levaram à teoria das cadeias migratórias. Afirma que o conceito foi utilizado para entender os deslocamentos em direção à América do Norte, em acordo com Baines. Levados pela crise das explicações macroestruturais, os historiadores passam a olhar para as dinâmicas de deslocamento com base nas cadeias de informação (VENDRAME, 2018, p. 273). Para a autora, a adoção do conceito de cadeias migratórias não só abriu caminho para se pensar migrantes como agentes (VENDRAME, 2018, p. 273), mas para novas perspectivas, como as redes interpessoais e a compreensão das subjetividades nos deslocamentos: ao focar em contextos específicos, revela-se a pluralidade de motivações e a heterogeneidade dos mecanismos e das percepções acionadas (VENDRAME, 2018, p. 276). Se as cadeias migratórias respondiam pela ativação de redes sociais primárias, ligando um local de origem a um local de destino, as redes outras que alimentavam o processo envolviam relações sociais e geograficamente ampliadas, constituindo canais de conexões: teias de relações simbólicas e recíprocas que extrapolavam fronteiras e reforçavam laços extensos, “facilitando as transferências e as estratégias de acomodação no além-mar, pois estavam assentadas sob um intrincado sistema de direitos e obrigações mútuas entre vizinhos, parentes e amigos” (VENDRAME, 2018, p. 275).

A abordagem micro histórica olha, como o nome revela, para a unidade mínima do migrante e suas relações na cadeia migratória. O mexicano Luís González y González, segundo Revel, foi o pioneiro na abordagem da micro história local, ao publicar em 1968 um “estudo monográfico sobre uma comunidade aldeana do México central ao longo de quatro séculos, levado

a cabo com a convicção de que esse tipo de abordagem seria suscetível de restituir uma parte ignorada ou escondida da existência social” (REVEL, 2010, p. 435), concepção que teria desenvolvido posteriormente em outros trabalhos. Vendrame localiza o desenvolvimento da micro história de escala²⁷ na Itália, década de 1970. Fato é que as abordagens micro históricas refletiam a insatisfação de pesquisadores com análises funcionais e estruturalistas (VENDRAME, 2018, p. 268) de caráter generalista. O grupo de pesquisadores italianos²⁸ se dividiam entre a história social e econômica e a história cultural, tendo em comum o olhar para “a compreensão das dinâmicas relacionais e lógicas que orientavam os comportamentos individuais e coletivos, bem como para o funcionamento de certas estruturas sociais” (VENDRAME, 2018, p. 269).

Segundo Neira, a perspectiva transnacional – originalmente voltada para fenômeno migratório México EUA – surge quando pesquisadores da área identificam o estabelecimento de relações “aqui e lá” por parte das(os) migrantes, que mantinham relações econômicas, políticas e sociais também com os locais de origem, constituindo comunidades transnacionais e produzindo novas configurações culturais e territoriais (NEIRA, 2005, p. 181). Uma comunidade constituída pela transnacionalização das estruturas políticas, econômicas, culturais, geracionais e de gênero, enfatizando a capacidade da pessoa manter autonomia em sua relação com o Estado (de origem) e reinventar culturas e costumes, contrariamente ao que pregava a perspectiva corrente de assimilação:

O transnacional, neste sentido, descreve a maneira como o local chega a ser global, e como todas as partes do globo estão agora muito mais inter-relacionadas pelos mercados econômicos, a informação, a disseminação e a homogeneização cultural. Neste mundo interconectado, como se descreve, as migrações de um país a outro não fazem se não revelar a capacidade das pessoas para constituir novas configurações culturais, uma de cujas expressões são as comunidades transnacionais. (NEIRA, 2005, p. 183, tradução da autora)²⁹

²⁷ As expressões micro história local e micro história de escala se encontram no texto: GIULI, Matteo. Morfologia social e contextualização topográfica: a micro história de Edoardo Grendi. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n. 76, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbh/a/FB3fhwkm4V6G48Mr938jLTb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2021.

²⁸ A autora cita Edoardo Grendi, Giovanni Levi, Carlo Ginzburg e Carlo Poni (VENDRAME, 2018, p. 269)

²⁹ No original: *Lo transnacional, en este sentido, describe la manera en que lo local llega a ser global, y cómo todas las partes del globo están ahora mucho más interrelacionadas por los mercados económicos, la información, la diseminación y homogeneización cultural. En este mundo interconectado, como se describe, las migraciones de un país a otro no hacen sino revelar la capacidad de las personas para constituir nuevas configuraciones culturales, una de cuyas expresiones son las comunidades transnacionales.*

Transmigrante é a(o) migrante que estabelece campos sociais tanto nos países de origem quanto de destino, desenvolvendo e mantendo relações em ambos. Weinstein defende a centralidade das(os) historiadoras(es) latino-americanas(os) no que chama de “virada transnacional”, ao final dos anos 1990. A autora remete aos estudos subalternos latino-americanos em sua crítica à abordagem generalista nas ciências sociais, com a desvalorização das especificidades regionais e às raízes das *area studies* (História, Literatura, Antropologia) na Guerra Fria, comprometidas com o imperialismo e o desenvolvimentismo. Os estudos subalternos latino-americanos, rejeitam, nesse sentido, o olhar unidirecional centro-periferia para a América Latina. (WEINSTEIN, 2013, p. 14).

A ótica transnacional entende a imigração no sentido de um circuito em que existem muitas redes de contato, compromisso, intercâmbio e várias formas de movimento e identidade. Imigração, desse ponto de vista, não é uma história composta simplesmente de um ponto de origem, a transferência geográfica, e a chegada à terra nova. E isso se aplica não apenas às imigrações no mundo de hoje, que são nitidamente multidirecionais, mas também às ondas migratórias do século XIX e início do século XX. (WEINSTEIN, 2013, p. 20)

Baeninger aponta as propostas de Alejandro Canales, no enfrentamento do desafio teórico conceitual para compreensão das migrações, a partir de um olhar latino-americano. Para Canales, o modelo do transnacionalismo e as comunidades transnacionais assinalam e questionam as debilidades teórico epistemológicas dos estudos migratórios atuais (CANALES, 2015, p. 11). Afirma que as migrações internacionais não apenas se intensificaram, mas se “extensificaram”: diversificaram-se origens, destinos, modalidades migratórias e perfis dos sujeitos envolvidos (CANALES, 2015, p. 5). Cada rota migratória que se consolida aciona redes de intercâmbio que aumentam exponencialmente a migração de novas pessoas, num processo ininterrupto de retroalimentação: remessas de capital e bens utilitários, redes de apoio e informação em ambos os vetores: origem/destino e destino/origem. Toda uma infraestrutura se forma para apoiar os intercâmbios: redes de transporte, redes de comunicação, mecanismos institucionais de transferência de capital que facilitam novas migrações e acabam por constituir novos circuitos migratórios:

Desta forma, uma das características da migração hoje em dia é que já não se limita a um fluxo de pessoas, mas crescentemente impulsiona um não menos importante fluxo de bens

materiais e simbólicos³⁰, informação, capitais e valores culturais entre os territórios enlaçados por estes circuitos migratórios. (CANALES, 2015, p. 8, tradução da autora)³¹

Para Canales a migração atual reconfigura e expande a territorialidade da comunidade de origem: “incorporando outros lugares onde reproduzir-se”³². A ideia de “sociedade de destino” perde relevância, enquanto os intercâmbios desbotam as fronteiras entre interior e exterior, criando um mesmo espaço globalizado e, ainda, os “lugares de destino” das migrações não são “sociedades nacionais”, mas partes de um espaço globalizado (CANALES, 2015, p. 11). Guarnizo, a partir da sociologia econômica, afirma que as redes transnacionais estendem sua influência e efeitos transformadores aos processos globais, seja através do comércio e arranjos financeiros internacionais, seja na produção e difusão de cultura. Propõe-se a olhar para a economia migratória por viés holístico, abraçando a perspectiva do *viver transnacional*:

O viver transnacional se refere a um amplo conjunto de relações sociais, culturais, políticas e econômicas transfronteiriças que emerge, intencional e inesperadamente, da pressão dos imigrantes por manter e reproduzir seu ambiente sociocultural de origem à distância. O conceito de viver transnacional nos permite detectar uma miríade de efeitos multiplicadores econômicos engendrados pela ação transnacional dos imigrantes, cujos efeitos previstos e imprevistos cruzam múltiplas escalas geográficas desde o local ao transnacional e ao global. (GUARNIZO, 2004, p. 15, tradução da autora)³³

O autor afirma que embora as(os) pesquisadoras(es) da área tenham, em geral, optado por eleger objetos de pesquisa focados em aspectos únicos como metodologia, nenhuma ação é isolada em seu campo: o viver transnacional implica em uma teia de interrelações, implicações e efeitos

³⁰ No caso da comunidade boliviana, é notável a disseminação de grupos de dança, principalmente, além de outros aspectos da cultura nos países de destino e a visibilidade que assumem nos jornais do país.

³¹ No original: *De esta forma, una de las características de la migración hoy en día es que ya no se limita a un flujo de personas, sino que crecientemente impulsa un no menos importante flujo de bienes materiales y simbólicos, información, capitales y valores culturales entre los territorios enlazados por estos circuitos migratorios.*

³² O autor está se referindo à Teoria da Reprodução Social, concepção de pensadoras marxistas contemporâneas. Entende que a família forma a base do capitalismo pela reprodução geracional da força de trabalho através de três processos conectados: os trabalhos de cuidados dedicados àquelas(es) estão no mercado de trabalho – inclusive a própria mulher, executando duplas ou triplas jornadas; os trabalhos de cuidados dedicados àquelas(es) que ainda não entraram ou já saíram do mercado de trabalho e a concepção de futura mão-de-obra. Em todos os três casos, trabalho não remunerado. (BHATTACHARYA, 2019).

³³ No original: *El vivir transnacional se refiere a una amplia panoplia de relaciones sociales, culturales, políticas y económicas transfronterizas que emerge, intencional e inesperadamente, de la presión de los migrantes por mantener y reproducir su ambiente social-cultural de origen a distancia. El concepto de vivir transnacional nos permite detectar una miríada de efectos multiplicadores económicos engendrados por la acción transnacional de los migrantes, cuyos efectos previstos e imprevistos cruzan múltiples escalas geográficas desde lo local a lo transnacional y a lo global.*

econômicos, sociais, culturais e políticos. O autor analisa então as remessas internacionais³⁴, cujo volume “transformou esta transação íntima em uma das transações privadas mais importantes da economia global” (GUARNIZO, 2004, p. 19, tradução da autora)³⁵, apontando que as(os) pesquisadoras(es) da área concordam que existe um efeito multiplicador positivo direto e indireto, seja na forma de criação de novos negócios quanto na expansão do consumo, embora não seja possível avaliar o benefício para o conjunto do país (GUARNIZO, 2004, p. 20).

Santos e Rossini explicam que a divisão: Norte, associado à riqueza; e Sul, associado à pobreza substituiu a divisão do globo em Leste comunista / Oeste capitalista, após a Guerra Fria, não tendo, portanto, uma relação direta com a divisão entre os hemisférios Norte/Sul. Segundo as autoras trata-se de um reducionismo com propósitos analíticos, que para além de seu caráter arbitrário e convencional, carrega um sentido literal fruto das hierarquias que se ancoram na divisão internacional do trabalho. Posto isto, as autoras mostram que a escala, as agendas políticas e a abordagem realizadas pelos países de destino pautam a predominância dos estudos que olham para o deslocamento na direção Sul-Norte: dados de 2013 revelam que: “Em 2013, mais de 10% da população do Norte era migrante, enquanto sua proporção no Sul não atingia 2%”. (SANTOS; ROSSINI apud UN, 2018, p. 278). O local a partir do qual se olha, ainda segundo as autoras, justifica também a prevalência do olhar masculino, branco e heteronormativo desses estudos.

Para Santos e Rossini (2018) as migrações ganham maior complexidade articulando “formações socioespaciais” – leia-se características políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais – entre os países envolvidos nas redes. Formações estas que se organizam hierarquicamente, contribuindo para a distribuição das comunidades em nichos laborais fomentados pelas redes sociais. Segundo as autoras, as representações das identidades coletivas reproduzem relações de poder historicamente construídas, traçando fronteiras simbólicas mais ou menos porosas a depender de marcadores como raça, grau de instrução formal e gênero.

Um caminho possível para a análise das migrações é partir das classificações de desenvolvimento (Sul/Norte) e do gênero para além de referências descritivas, mas enquanto dispositivos de hierarquia social que culminam em hierarquias da alteridade e hierarquias geográficas, isto é, considerando as relações de poder difusas no todo socioespacial. A organização do mundo resultante da divisão social e territorial do

³⁴ O autor, nesse caso, está se referindo a remessas financeiras, porém são consideradas remessas também os bens materiais e culturais.

³⁵ No original: “*transformado esta transacción íntima en una de las transacciones privadas más importantes de la economía global*”.

trabalho fundamenta tais hierarquias, baseadas, por sua vez, em discursos e representações que disciplinam práticas socioespaciais. (SANTOS; ROSSINI, 2018, p. 289).

Para Vázquez e Mena as perspectivas pós-coloniais, o *giro decolonial*, a teoria feminista³⁶ e os enfoques transnacionais, situadas entre as teorias de cunho individualista e as teorias neoclássicas estruturais, têm sido fundamentais para a concepção da(o) migrante como pessoa capaz e agentes nos processos de transformação nos diversos âmbitos da vida social: participação na sociedade civil, na economia, na política e na cultura³⁷. Entendem que o exercício da agência está condicionado ao contexto institucional e a estrutura de oportunidades, guardando, portanto, um caráter relacional³⁸. Um passo além em relação ao conceito de capacidade, é entendido como aptidão para empreender, reivindicar e resistir, carregando um componente individual.

A agência tem um caráter relacional (Sewell, 1992), e isto implica ter em conta que a agência migrante se situa em contextos concretos estruturados e estruturantes onde as pessoas atuam, decidem, tomam decisões, através das constrictões e das margens de manobra existentes. Ao mesmo tempo, como já mostrado por Archer (1989), “a agência é moldada e remodela a estrutura, enquanto remodela a si mesma no processo” (p. 33) (VÁZQUEZ; MENA, 2020, p. 9, tradução da autora)³⁹

Demonstram que não há consenso sobre o que deve ser considerado como agência, problematizando abordagens e o papel que lhes é atribuído por alguns pesquisadores. Lembram, no entanto, que ao se afastar da visão da(o) migrante como vítima em direção à construção da figura da(o) migrante como agente de sua própria história, não se pode perder de vista a dimensão que ocupam os Estados nas diferentes realidades migratórias (VÁZQUEZ; MENA, 2020). Estes apontamentos vão ao encontro dos achados desta pesquisa, como será comentado no capítulo 4.

Antes de nos voltarmos para as concepções teóricas sobre as migrações femininas, resalto

³⁶ Reproduzo a expressão no singular, como encontra-se no artigo.

³⁷ Vázquez e Mena apontam as contribuições Amartya Sen e Martha Nussbaum como fundamentais na construção do novo campo teórico em torno do conceito de capacidade e da noção de desenvolvimento humano como processo de expansão de liberdades, definidas como: liberdade política, facilidades econômicas, oportunidades sociais, garantias de transparência e redes de segurança.

³⁸ Vázquez e Mena abordam o conceito de agência a partir dos autores Emirbayer e Mische.

³⁹ No original: *La agencia tiene un carácter relacional (Sewell, 1992), y esto implica tener en cuenta que la agencia migrante se sitúa en contextos concretos estructurados y estructurantes en donde las personas actúan, deciden, toman decisiones, a través de las constrictiones y los márgenes de maniobra existentes. Y que a la vez, como ya lo mostrara Archer (1989), “la agencia es moldeada y remodela la estructura, al tiempo que se remodela a sí misma en el proceso” (p. 33).*

a relevância, como apontado por Vázquez e Mena, dos estudos subalternos, afrodiaspóricos e decoloniais no desenvolvimento das novas perspectivas que apontam a mulher migrante não apenas como ser autônomo em relação à figura masculina, mas dotada de agência. Ainda que esta autonomia responda às interseccionalidades que permeiam todas as existências.

O que se percebe, ao observar a trajetória dos estudos migratórios, é a lenta, mas consistente busca pela superação de uma concepção circunscrita aos paradigmas moderno-coloniais da divisão ontológica do Ser⁴⁰ e de um imaginário civilizatório hierarquizante em direção ao reconhecimento, não só de outras epistemologias, maneiras de estar e se deslocar no mundo, mas do “fato da colonialidade” que adota o homem europeu e sua noção de civilização como régua (MALDONADO-TORRES, 2016). Esta trajetória desconstrói, paulatinamente, as narrativas que, para além de ignorarem a contribuição histórica das mulheres na economia e no desenvolvimento global através de seu trabalho, reconhecido ou não como tal, justificam os quadros de abusos e opressões aos quais as mulheres são submetidas. Mais do que isso, há que se ter em mente que tais abusos e opressões, sejam mulheres migrantes ou não, respondem a marcadores de gênero, raciais e sociais. Destituído de crédito, no entrelaçamento de tais marcadores com atribuições morais e afetivas, o trabalho feminino sustenta o bem-estar social e movimenta parte significativa da economia global⁴¹ enquanto assistimos ao avanço da feminização da pobreza e da desigualdade social. No olho deste furacão, acumulando funções e jornadas extenuantes, estão as mulheres que migram. Como observa Morokvasic, as mulheres sempre trabalham ao longo de seu ciclo de vida, ainda que este trabalho não seja reconhecido como atividade econômica (MOROKVASIC, 1984, p. 888).

⁴⁰ Dito de outro modo, construção da dicotomia Ser/Não-ser, significando aqui Humano/Não-humano (MALDONADO-TORRES, 2016)

⁴¹ Sugiro a leitura do relatório: OXFAM. Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. OXFAM GB, Reino Unido, jan. 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>. Acesso em 20 ago. 2020.

2.2 Concepções teóricas sobre migrações femininas

Longe de constituir fato novo ou isolado, a presença feminina é uma constante ignorada ao longo de boa parte dos estudos migratórios, assim como etnia, raça e outros marcadores. Esta seção procura desenhar um panorama dos estudos contemporâneos na interface gênero-migração, trazendo alinhamentos e críticas que os envolvem de maneira que, ao avançarmos na análise dos achados dessa pesquisa, não se percam de vista as contradições e armadilhas as quais o campo reserva, dada a amplitude de perspectivas possíveis. Lembrando que tais perspectivas não são estanques, ao contrário, se inter-relacionam em vários e distintos graus de complexidade.

Gil parte da noção de que gênero se encontra no cerne dos processos migratórios por tratar-se de princípio o qual estrutura a maior parte das sociedades humanas. Segundo a autora, a primeira fase dos estudos feministas, nos anos 1970, ainda trazia o papel da mulher carregado da dicotomia público/produtivo reservado ao gênero masculino e privado/doméstico/reprodutivo à mulher: os estudos migratórios apontavam as migrações masculinas respondendo a motivações econômicas e femininas respondendo a motivações de caráter social (GIL, 1997, p. 149). Dessa mesma época são os estudos enraizados na economia política marxista, que situam os movimentos migratórios como parte do sistema capitalista global embasado na divisão internacional do trabalho e na desigualdade da relação entre as economias centrais e periféricas. Segundo a autora, são estudos que adotam uma perspectiva histórica estrutural e entendem os movimentos migratórios como consequência das transformações dos sistemas produtivos e das relações sociais (GIL, 1997, p. 151).

Gil cita, ainda dentro da perspectiva histórico estrutural, o conceito de “sistema-mundo” proposto por Immanuel Wallerstein. Também é pensado como centro/periferia, no qual cada região tem função distinta e desigual na divisão global do trabalho, resultando que o protagonismo é do grupo social e seu acesso aos meios de produção, não do indivíduo. Grosso modo, a divisão internacional do trabalho define a geografia da desigualdade: a relação centro/periferia define as funções de cada um dos blocos, onde o segundo se vê subordinado ao primeiro e expropriado de sua produção. Nesse modelo, os atores não são observados enquanto grupos definidos por seu acesso a meios de produção:

Portanto, a imigração feminina se explica a partir da posição que as mulheres têm na estrutura social e no sistema econômico internacional. Sua participação nas migrações

laborais se define a partir de seu importante e específico papel de gênero na força de trabalho mal remunerada produzida pelo sistema capitalista internacional. (GIL, 1997, p. 152, tradução da autora)⁴²

É um enfoque que parte, segundo a autora, do pressuposto da estrutura de classe como uma variável fundamental dos movimentos migratórios e entende as migrações femininas como resultantes das desigualdades de classe e gênero, fruto das relações capitalistas globais, onde se equacionam mão-de-obra excedente e demanda por mão-de-obra. A perspectiva de gênero está subordinada à perspectiva de classe. Ao final dos anos 1970 e na década de 1980, dentro da corrente marxista-feminista, o debate se volta para o lugar da mulher na divisão internacional do trabalho, na busca pelas origens da desigualdade de gênero no capitalismo e no patriarcado, tratados como sistemas independentes. Nesse contexto, teóricas marxistas-feministas observam a migração feminina internacional sob duas vertentes: a primeira, voltada para a posição das mulheres nos países de acolhimento, olhando para a intersecção processos de geração de desigualdade gênero/raça/classe. A segunda, olhando para as migrações femininas como resultado do capitalismo em intersecção com as estruturas patriarcais da comunidade de origem. Gil cita Morokvasic como uma das pesquisadoras voltadas para os estudos da antropologia da mulher, referência nos estudos da migração feminina (GIL, 1997, p. 155).

O artigo de Morokvasic “Pássaros de passagem também são mulheres...”⁴³, de 1984, olha para a incorporação da mão de obra feminina em países ocidentais no contexto de pós crise econômica, desindustrialização, deslocamento de fábricas sindicalizadas e aumento de pequenas unidades de produção baseadas na mão-de-obra proveniente de redes informais de “enclaves étnicos”, onde mulheres realizam trabalhos não remunerados, sejam os trabalhos domésticos de cuidados, sejam trabalhos para terceiros. Segundo a autora, as mulheres representam uma força de trabalho mais vulnerável, mais flexível e, pelo menos a princípio, menos exigente. Observa que nos países em desenvolvimento, surgiu um novo mercado⁴⁴ de trabalho assalariado, precário e mal

⁴² No original: *Por tanto, la emigración femenina se explica a partir de la posición que las mujeres tienen en la estructura social y en el sistema económico internacional. Su participación en las migraciones laborales se define a partir de su importante y específico rol de género en la fuerza de trabajo infrapagada producida por el sistema capitalista internacional.*

⁴³ “Birds of Passage are also Women ...”. Pássaros migratórios, ou pássaros que migram acompanhando as estações do ano, expressão usada para se referir também a pessoas que migram para realizar trabalhos temporários ou sazonais. A expressão aparece também no texto de Baines. Segundo Gil, o título é uma crítica direta ao modelo economicista proposto por Priore em 1979, que ignorava aspectos sociais e gênero nas migrações (GIL, 1997, p. 148).

⁴⁴ Indústria de exportação ou agricultura especializada de capital estrangeiro

remunerado, para mulheres muitos jovens que têm na indústria seu primeiro emprego ou vêm do mercado de cuidados domésticos (MOROKVASIC, 1984, p. 886).

Morokvasic prossegue afirmando que o trabalho feminino ao redor do mundo, seja doméstico seja outro, não é necessariamente reconhecido como atividade econômica ou integrante do mercado de trabalho. Cita como exemplos: pequenos comércios⁴⁵, agricultura e indústrias sazonais, comércio de vestuário, trabalhos terceirizados realizados em suas próprias casas⁴⁶, mulheres engajadas no mercado formal apenas parte de suas vidas, mulheres envolvidas no mercado de prostituição e mulheres migrantes engajadas no mercado informal. Aponta que, mesmo exercendo trabalhos que geram renda, muitas vezes se declaram como dependentes do marido e se definem como “donas de casa”. Existe ainda a renda que não é contabilizada como renda formal. Essa exclusão encerra uma perspectiva de gênero: antes de serem consideradas trabalhadoras, são vistas como mães e donas de casa, com impacto direto em sua remuneração e vantagem para o sistema, articulados com racismo, insegurança legal e exploração de classe.

Assim é com a migração: a ideologia ocidental, que aponta o homem como provedor e a mulher como dependente, acaba por se estender aos países de origem da mão de obra migrante, embora não seja necessariamente aplicável. A autora faz uma alusão interessante ao fato de que, na sociedade alemã, embora o ideal da “dona de casa” seja particularmente forte, as mulheres turcas, cuja participação no mercado de trabalho é mais alta do que a das alemãs, são rotuladas como vítimas da tradição islâmica e do machismo de seus maridos, que supostamente as impedem de trabalhar, e o trabalho mal remunerado, visto como “bênção” oferecida a elas pela sociedade moderna. (MOROKVASIC, 1984, p. 889)⁴⁷. A autora prossegue argumentando que as vantagens desse sistema de trabalho migrante para a economia de capital são imensas, entre outros motivos, pela economia significativa em custos de reprodução e manutenção da força de trabalho. Além disso, são as(os) trabalhadoras(es) que carregam o ônus da flutuação e da sazonalidade da produção.

Embora Morokvasic não esteja olhando para a América Latina, faz considerações importantes para este trabalho, analisando obras de outras(os) autoras(es). Dentre as perspectivas analisadas se encontram aquelas que são largamente criticadas por seu viés ocidental, naquilo que

⁴⁵ Voltaremos ao assunto na seção 4.1.

⁴⁶ Morokvasic está tratando da montagem de equipamentos eletrônicos e costura.

⁴⁷ Assistimos essa mesma abordagem quando do apontamento do machismo do homem boliviano, como se o Brasil fosse isento do problema. Ainda que se possa reclamar um índice dos níveis e proporção de violência contra mulheres.

concerne às transformações sociais decorrentes do trabalho remunerado da mulher migrante em diferentes situações: o deslocamento de um ambiente mais opressivo para um status menos opressivo, rejeição do papel feminino tradicional e maior igualdade entre gêneros e mudanças positivas nas relações domésticas⁴⁸. Outros estudos relatam o rompimento de relações familiares nos países de origem frente ao novo status das mulheres, ou, em menor número, o fortalecimento dessas mesmas relações. Cita Saskia Sassen, para quem a incorporação das mulheres na força de trabalho industrial das economias em desenvolvimento destrói estruturas de trabalho tradicionais e reduz oportunidades de trabalho nas áreas de origem, e Floya Anthias, que entende que embora ocorram avanços, as mulheres permanecem subjugadas na relação homem-mulher. Cita trabalhos que falam em “pseudo emancipação”, declínio dos padrões de família estendida, fragmentação da estrutura familiar, declínio de práticas religiosas, influência da mídia, adoção de novos comportamentos de consumo, entre outras observações. (MOROKVASIC, 1984, p. 893-894).

Morokvasic aponta entre as motivações para a migração de jovens mulheres na América Latina, Filipinas e Pacífico Sul – sempre buscando referências entre pesquisadoras(es) que se dedicam ao tema – uma estratégia doméstica de sobrevivência, visto que são consideradas fonte de remessa confiável. O mesmo se passa com mulheres turcas, às quais os maridos posteriormente se juntam. Segundo a autora, não podem ser considerados, nesses casos, movimentos independentes. Citando outros estudos que foram realizados entre os anos 1970 e 1980, Morokvasic pontua que as jovens saem: por não serem essenciais para a economia no local de origem, pela oferta de trabalho nas cidades, em função da fuga do controle exercido sobre o gênero, ou ainda, por encorajamento da migração feminina e restrição social para a migração masculina. Aponta, ainda, que as restrições e encorajamentos podem mudar conforme o momento econômico ou o lugar que a mulher ocupa na sociedade em questão. Afirma o ainda insistente foco – lembrando que o artigo é de 1984 – na perspectiva masculina da imigração, a despeito da evidente participação massiva das mulheres nos movimentos migratórios e lembra que muitas das questões

⁴⁸ Sobre o tema, sugiro a série de reportagens de *Leaving Palomas* de Anne Hull, que acompanha mulheres mexicanas que anualmente se deslocam para uma baía do leste dos EUA, no período de “cata” do caranguejo azul. As mulheres partem de um lugarejo muito pobre, também fornecedor de mão de obra masculina para trabalhos sazonais na agricultura. Dada a natureza do produto, a insalubridade, o extenso número de horas dedicadas e, justamente por isso, a falta de interesse por parte de quem encontra alternativas menos brutais de sustento, é muito melhor remunerado do que o trabalho masculino, gerando um descompasso no papel tradicional de principal provedor da família. A autora relata, sob a perspectiva de uma mulher americana, as transformações na pequena comunidade e nos papéis de gênero, conforme as mulheres consolidam a rede laboral, destinam suas economias e trazem novos elementos culturais. Disponível em: <https://www.tampabay.com/archive/1999/05/09/leaving-palomas/>. Acesso em: 1 jun. 2021.

relevantes para as teorias migratórias ainda não foram feitas (MOROKVASIC, 1984, p. 899). Voltando a Gil, a autora cita um segundo trabalho de Morokvasic, posterior, onde esta afirma a necessidade de se tomar como objeto de análise o controle sobre a mobilidade das mulheres, olhando para o sistema patriarcal da sociedade em questão, alegando que ainda que mantenha relação com a estrutura econômica, funciona de forma independente (GIL, 1997, p. 155).

A Teoria da Articulação, que também é abordada por Gil, se propõe a superar as lacunas observadas nos modelos anteriores e enfatiza a complexa rede de relações que se estabelece na articulação entre o núcleo doméstico e o sistema capitalista. Nesse sentido, pontua a autora, as migrações são explicadas como estratégias de grupo no contexto internacional e têm sua centralidade no núcleo doméstico e nas redes sociais (GIL, 1997, p. 157). A perspectiva do núcleo doméstico reúne questões de reprodução (ver nota 32) e relações ideológicas de gênero, onde não só a mulher atua como reprodutora da mão de obra que serve ao sistema, como ela mesma é força de trabalho. As interações entre os membros do núcleo se encontram nas esferas econômica, ideológica e simbólica:

Seguindo a Oliveira (1991) e Jelyn (1991) a partir das investigações que ambas as autoras têm realizado sobre migrações femininas na América Latina, para estudar o grupo doméstico deve ter-se em conta duas coisas: em primeiro lugar, que os membros que constituem este são diferentes segundo considerações de idade, sexo e lugar na estrutura de parentesco e que isto vai significar uma diferente posição em relação as atividades de produção e reprodução; em segundo lugar, que dentro do grupo doméstico aparecem uma série de relações de poder entre seus membros, unidas a um conjunto de componentes ideológicos que asseguram sua persistência. (GIL, 1997, p. 160, tradução da autora)⁴⁹

Assis afirma que “não se trata de reconhecer a importância proporcional das mulheres ou sua contribuição econômica e social, mas sim considerar o papel dos processos, do discurso, bem como as identidades de gênero, no processo de migração e estabelecimento na sociedade de destino.” (ASSIS, 2007, p. 746). Mostra que as relações desenvolvidas nas redes sociais são regidas por especificidades das relações de gênero e das normas de parentesco de cada comunidade envolvida no processo migratório (ASSIS, 2007, p. 753). A autora aponta que, em que pese a

⁴⁹ No original: *Seguindo a Oliveira (1991) y Jelin (1991) a partir de las investigaciones que ambas autoras han realizado sobre migraciones femininas en Latinoamérica, para estudiar el grupo doméstico debe tenerse en cuenta dos cosas: en primer lugar, que los miembros que constituyen éste son diferentes según consideraciones de edad, sexo y lugar en la estructura de parentesco y que esto va a significar una diferente posición en relación a las actividades de producción y reproducción; en segundo lugar, que dentro del grupo doméstico aparecen una serie de relaciones de poder entre sus miembros, unidas a un conjunto de componentes ideológicos que aseguran su persistencia.*

diferença de capital social entre as mulheres migrantes da atualidade e as mulheres dos primeiros grandes movimentos migratórios, ainda há em comum o fato de ambas se dirigirem a um mercado segmentado por gênero e se colocarem em ocupações tradicionalmente femininas, sub segmentadas de acordo com um padrão étnico racial.

Magliano aponta para a necessidade de se abordar a imigração feminina a partir de uma perspectiva multidimensional, agregando outras formas de identificação social (MAGLIANO, 2007, p. 4). Lembra que a diversidade de experiências somadas à hierarquização própria de um sistema social que transforma divergências em desigualdades produz uma miríade de experiências distintas. Marcadores como classe, etnia, idade, entre outros, impactam diretamente não só na experiência migratória propriamente dita, mas na inserção no país de destino e nos papéis atribuídos, que podem vir a ser modificados ou perpetuados.

Peres e Baeninger sugerem três diferentes relações de gênero que podem contribuir com os debates: trajetórias migratórias e ciclos de vida; estratégias migratórias e redes sociais; trabalho migrante e relações de gênero. Assinalam que as unidades domésticas das famílias migrantes são espaços de objetivos comuns, mas são também espaços de conflitos e negociações, a partir do ingresso das mulheres nos mercados de trabalho nas sociedades de acolhimento (PERES; BAENINGER, 2012). Segundo as autoras, mais do que conhecer os saldos migratórios, é preciso compreender, desde a origem, os fatores que contribuíram para a construção dos vetores que orientam um determinado fluxo migratório. As renegociações dos papéis de gênero ao longo da trajetória de homens e mulheres migrantes estão entre os fatores que não podem ser ignorados (PERES, 2018, p. 779).

Sassen⁵⁰ aponta a grande quantidade de mulheres nos circuitos transfronteiriços, que para além de sua imensa diversidade, guardam em comum a exploração de sua vulnerabilidade: sejam elas documentadas ou não, são importantes fontes de renda para os países emissores e outros atores dos circuitos migratórios (SASSEN, 2003, p. 49). Cunha o conceito de "contra geografias da globalização", guarda-chuva sob o qual abriga suas principais dinâmicas: os circuitos migratórios, a formação dos mercados globais, a intensificação de redes transnacionais e translocais, o desenvolvimento de tecnologias da comunicação que driblam com facilidade as práticas convencionais de controle (SASSEN, 2003, p. 50). Revela conexões sistemáticas entre pessoas

⁵⁰ Morokvasic cita: Sassen-Koob, S.1982 "Recomposition and Peripheralization at the Core", Contemporary Marxism, 5:88-100. Summer.

(substancialmente mulheres) consideradas de “baixo valor social” e aquelas que estão emergindo como fonte de recursos, em especial nas economias informal e de remessas oficiais, indicando, ainda que parcialmente, a feminização da sobrevivência no sentido de que comunidades inteiras dependem de maneira crescente do trabalho de mulheres. Sassen localiza como pertencente à terceira fase nos estudos de gênero⁵¹ os apontamentos que vão ao encontro dos achados dessa pesquisa:

Existe também um importante e novo enfoque que aponta para as novas formas de solidariedade transfronteiriças, as experiências de pertencimento e de elaboração de identidade que representam as novas subjetividades femininas, incluindo as subjetividades feministas. (SASSEN, 2003, p. 58, tradução da autora)⁵²

Ofélia Woo Morales, em artigo de 2007, procura responder – a pesquisa olha para mulheres de origem urbana que migraram de Guadalajara para Los Angeles – se as mulheres migrantes são passivas ou protagonistas nos movimentos migratórios. Entende a decisão de migrar como uma das etapas na vida da mulher, das quais decorrem mudanças nas relações de gênero (MORALES, 2007, p. 24).

Observar a migração feminina desde a perspectiva de gênero e o reconhecimento das migrantes como atores sociais, nos permite entender como se entrecruzam os projetos individuais, familiares e as condições estruturais, tanto no país de origem quanto no de destino, já que as mulheres não respondem de maneira mecânica e uniforme ao desenvolvimento das estruturas. (MORALES, 2007, p. 28, tradução da autora)⁵³

A autora explica que os estudos das migrações femininas nos anos 80, nos EUA, mostraram que a decisão respondia não só a motivações familiares, como a reunificação, mas a motivos

⁵¹ A autora descreve os processos de construção das dinâmicas de gênero na economia global. A primeira fase estaria contemplada por estudos que olham para a formação e implantação da agricultura de mercado e do trabalho assalariado, em que o setor de subsistência e a moderna empresa capitalista articularam relações híbridas atravessadas por gênero, onde as mulheres realizaram um trabalho invisível e não pago, contribuindo no financiamento da modernização. A segunda fase, segundo Sassen, olha para o ingresso desproporcional da mão de obra feminina no setor operário fora das metrópoles – comparado à situação histórica dos países mais ricos – afetando preços e relações trabalhistas nos países de origem do capital (SASSEN, 2003, p. 57).

⁵² No original: *Existe también un importante y nuevo enfoque que apunta hacia las nuevas formas de solidaridad transfronterizas, las experiencias de pertenencia y de elaboración de identidad que representan las nuevas subjetividades femeninas, incluyendo las subjetividades feministas.*

⁵³ No original: *Las aportaciones que se han realizado sobre los estudios de la mujer migrante tenemos que verlas en relación a la población estudiada, en su contexto social y de acuerdo a la experiencia vivida y contada por las protagonistas, las mujeres migrantes.*

individuais, atendendo à demanda de mercados laborais. Entre os achados das pesquisas realizadas estão as reinterpretações dos papéis de gênero nos casos em que as mulheres se integraram a mercados laborais. “As contribuições que têm sido feitas nos estudos da mulher migrante devem ser vistas em relação à população estudada, em seu contexto social e de acordo com a experiência vivida e contada pelas protagonistas, as mulheres migrantes.” (MORALES, 2007, p. 30).

Cogo e Alles afirmam que as mulheres migrantes vivem processos de condensação das desigualdades sociais decorrentes do atravessamento de marcadores sociais de marginalização, portanto não há como se pensar em uma experiência migratória universal. Apontam que embora trajetórias e inserções do sujeito migrante sejam perpassadas por combinações de fatores distintos, gerando, portanto, experiências singulares, as mulheres seguem sendo frequentemente representadas como coadjuvantes do universo masculino e raramente pensadas como protagonistas. Tratando especificamente de Brasil, as autoras afirmam que, seja no ambiente midiático, seja no ambiente acadêmico, as mulheres migrantes são frequentemente invisibilizadas, em especial no que tange às suas experiências políticas e ativistas (COGO; ALLES, 2018, p. 298).

Segundo Gregório Gil (2009), as migrantes raramente são pensadas como agentes, mesmo que venham assumindo lugares de protagonismo no espaço público, e, como demonstram Marinucci e Milesi (2016), se organizando em associações com o intuito de reivindicar direitos e ampliação da cidadania para si mesmas e para outro sujeitos e setores sociais que se encontram em situação de vulnerabilidade. Para os autores, é relevante destacar a criação de associações e organizações pelas próprias mulheres migrantes, e não apenas destacar as que são destinadas a essas mulheres. Tal distinção é necessária para evidenciar o papel ativo das migrantes em ações políticas e iniciativas ativistas, mesmo que, em alguns casos, contem também com o apoio de mulheres não migrantes. (COGO; ALLES, 2018, p. 297).

Cogo propõe a reflexão sobre a articulação: comunicação, migrações transnacionais e gênero olhando para os estudos dos consumos e usos das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) a partir de dois eixos: famílias transnacionais e dinâmicas de gênero; apropriação de tecnologias, mobilização e ativismo. Entre os achados da autora estão: a menor expressão dos estudos latino-americanos sobre as migrações intrarregionais (Sul-Sul) em relação às migrações Sul-Norte; “a articulação entre os condicionamentos de gênero e outras formas de desigualdade; as práticas familiares transnacionais e a maternidade à distância; as cadeias globais de cuidado e o trabalho doméstico; e as instituições e políticas migratórias como reprodutoras de desigualdades” (COGO, 2017, p. 181). A discussão sobre a necessidade de se olhar para gênero

como princípio de organização social, produção de desigualdades e relação de poder, e nesse caminho abordar as masculinidades nos estudos migratórios, é observada por Gil e citada por Cogo:

A pesquisadora aponta, nesse sentido, para a escassez de estudos sobre migrações e gênero que abordem as masculinidades ou, ainda, as experiências de migração que não se inscrevem em modelos heteronormativos. Gil (2013) defende a necessidade de que as pesquisas incorporem a categoria gênero não como mera variável sexo-gênero ou oposição homem versus mulher, mas como um princípio de organização social, de produção de desigualdade e de relações de poder (COGO, 2017, p. 182).

Nesse sentido, temos também a reflexão proposta por Rosas que aponta para os estudos os quais, desde os anos 1980, reclamam a necessidade de se compreender gênero em termos relacionais, aludindo a três aspectos articulados entre si: as distintas dimensões das desigualdades; o fato de que as dimensões das desigualdades serem contextualizadas temporal e espacialmente, daí a importância das análises multissituadas (origem, trânsito e destino) e multiescalares (multiplicidade de aspectos que compõe indivíduo, família, contextos laborais e político-institucionais); os diversos aspectos da construção das identidades de gênero. No entanto, como Cogo e Gil, alerta para a “feminização do discurso migratório” que faz sentir algumas “ausências relativas”, enquanto prevalecem estudos sobre “certos tipos de mulheres”, em detrimento de recortes outros, entre eles, as questões do masculino.

Para a autora, a questão do trabalho migrante corre o risco de ser circunscrita a uma questão feminina, quando não o é, seja olhando para o homem que migra, seja olhando para o homem que se beneficia com a migração nos países de destino (ROSAS, 2013, p. 128). Enquanto os homens migrantes, igualmente sujeitos a um universo de opressões, não têm espaço na discussão, falta contraponto ao discurso feminino, o que pode incorrer em uma análise tendenciosa, novamente opondo homem-mulher. Sublinha que isso não significa justificar opressões e violências de gênero ou de qualquer outra ordem, mas acrescentar outros focos de análise que venham a colaborar com uma abordagem multifacetada. Cita como exemplo, o debilitamento do papel de provedor em amplos setores das populações latino-americanas e caribenhas – consequência das políticas neoliberais que afetam as comunidades – que em seus estudos qualitativos apontam para consolidação de práticas como o alcoolismo, a toxicodependência, a violência intrafamiliar e de gênero (ROSAS, 2013, p. 137).

Os apontamentos de Rosas dialogam com as reflexões de Julieta Paredes que, ao partir da comunidade como princípio inclusivo, entende o homem como par complementar, não hierarquizado e também sujeitado às opressões do capitalismo global. Ao propor uma despatriarcalização que parte das mulheres em benefício de toda a sociedade, afirma que este movimento não se esgota na luta contra a violência e opressão machista. Paredes aponta para a colonização como instrumento do patriarcado que, enquanto oprime também aos homens da comunidade, constrói narrativas que estruturam o sistema de gênero e colocam a mulher em uma posição ainda mais vulnerável que a de seus companheiros. Este processo, segundo a autora, dificulta que seus “irmãos” percebam as atribuições de papéis baseadas no sexo biológico e se vejam, também, como homens machistas, cúmplices da opressão e discriminação das “irmãs” indígenas. Não se trata de minimizar a violência machista impressa pelos homens bolivianos, ou de ignorar a existência do patriarcado ancestral, mas perceber que as opressões contra o gênero feminino constituídas sob o modelo patriarcal do ocidente⁵⁴ se estendem a outras relações:

HOMEM-homem, MULHER-mulher, HOMEM-mulher, MULHER-homem, de povoado a povoado, de cor de pele a cor de pele, de grupo religioso a grupo religioso, de idioma a idioma, etc. Funciona construindo relações de opressão racistas, de gênero, de classe, de cultura, e um comprido etcetera. (PAREDES, 2014, p. 93, tradução da autora)⁵⁵

A próxima seção abordará a migração boliviana, entendida como parte da coreografia regida pela economia global, e remetendo a Paredes, abrigada no grande teatro do patriarcado neoliberal. A autora reclama a ausência de sentido na sujeição dos corpos a jornadas de trabalho que perfazem 12 a 16 horas diárias, como será observado. Aponta que, ainda que também sujeitos ao regime de superexploração, para os homens é possível a melhoria de sua condição, enquanto as mulheres permanecem subordinadas, fato que aparece nos relatos, quando d. Martha comenta a dificuldade que as mulheres solteiras da comunidade encontram para conseguir trabalho bem remunerado, como apresentado no capítulo 1 (PAREDES CARVAJAL, 2014).

⁵⁴ Paredes não usa os termos “ocidente” ou “ocidental” neste texto específico, foram adotados por mim para dar maior clareza à reflexão, na falta de um termo mais adequado. Lembro que o patriarcado é um fato anterior à modernidade-colonial e não está circunscrito ao que usualmente entendemos como “ocidente”. Em minha defesa, é um sistema que foi aprofundado pelas mãos dos europeus e se perpetua nos desdobramentos da *colonialidade*.

⁵⁵ No original: *HOMBRE-hombre, MUJER-mujer, HOMBRE-mujer, MUJER-hombre, de Pueblo a Pueblo, de color de piel a color de piel, de grupo religioso a grupo religioso, de idioma a idioma, etc. Funciona entablado relaciones de opresión, racistas, de género, de clase, de cultura, y um largo etcétera.*

2.3 Migrantes bolivianas em São Paulo⁵⁶

Souchaud afirma que a passagem da economia predominantemente industrial para a economia pautada no setor terciário (serviços) a partir dos anos 1970 associada à transformação nas cadeias globais de produção, reorganiza o sistema laboral no nicho da confecção na cidade: as unidades de produção desapareceram, foram deslocadas, modernizadas ou reestruturadas para ganhar competitividade frente à entrada de produtos estrangeiros com custos de produção muito mais baixos. Visando à redução de custos tributários, salariais e fundiários, as unidades de produção foram transferidas para cidades do nordeste do país, interior do estado de São Paulo e região metropolitana da cidade. A reestruturação se traduziu na subcontratação de oficinas de pequeno e médio porte – em certa medida clandestinas e envolvendo as comunidades migrantes em situação de superexploração – ao mesmo tempo em que se configuram como espaços de inserção e ascensão social, assim como meio para realização de projeto migratório, seja no país de origem, seja no país de destino. A modernização aconteceu nos campos da robotização e informação⁵⁷ (SOUCHAUD, 2012, p. 78-79).

Dentro desse contexto, Silva observa que essa intensificação do fluxo migratório boliviano a partir de 1980 envolve, também, transformações internas da Bolívia à época⁵⁸ e a migração coreana para a cidade de São Paulo. Segundo o autor, no início na década de 1960 a comunidade coreana passa a se estabelecer na cidade, majoritariamente no nicho do mercado varejista, aproveitando redes de fornecimento na Coreia do Sul. Quando, a partir de 1974, o governo brasileiro adotou medidas restritivas à entrada de migrantes coreanas(os) no país, passaram a usar o trajeto pela Bolívia como rota de passagem ou de estadia temporária. Agenciadores organizavam a entrada clandestina no Brasil. Com boa parte dos seus negócios voltados para o ramo de confecções, a comunidade é apontada entre os principais responsáveis pela reestruturação do setor

⁵⁶ Ainda que se esteja partindo de um grupo determinado de migrantes bolivianas para esta pesquisa, observo que o este grupo não representa o conjunto de migrantes bolivianas que vivem na região metropolitana de São Paulo (RMSP). As discussões aqui propostas também não se reduzem a este grupo específico, mas têm a pretensão de colaborar com o ambiente mais amplo das migrações femininas, no marco das epistemologias decoloniais e o Feminismo Comunitário proposto por Julieta Paredes.

⁵⁷ O autor cita as máquinas de corte. Exemplifico: a informatização e robotização do sistema permite que as máquinas de corte maximizem a utilização dos tecidos com a programação do corte das peças reduzindo a perda de material. Grandes volumes de tecido são recortados em escala industrial e o produto do corte é então enviado para a montagem. As tarefas de costura são distribuídas para as oficinas e subcontratadas de acordo com disponibilidade de maquinário e tipo de costura.

⁵⁸ Êxodo rural, inchaço urbano, altos índices de desemprego e instabilidade econômica (SILVA, C. 2008, p. 86).

nos anos 1990⁵⁹. O sistema passou a ser usado, posteriormente, pelos bolivianos, criando uma primeira rede migratória (SILVA, C. 2008, p. 89).

Após o atentado às Torres Gêmeas de Nova York, em 11 de setembro de 2001, a restrição de fronteiras europeias e estadunidenses recrudescceu e a migração para países fronteiriços se intensificou. Somou-se ao quadro a crise econômica global de 2008 que atingiu com força os mercados de destino tradicionais da comunidade boliviana (Espanha e Estados Unidos, por exemplo). Embora não haja dados precisos da entrada clandestina no país, o número de migrantes bolivianas/os que habitam a região metropolitana de São Paulo pode superar 250 mil⁶⁰. Segundo Sidney Silva, o perfil característico é de jovens de ambos os sexos e escolaridade média, originários tanto das áreas urbanas quanto das rurais⁶¹ das regiões de La Paz e Cochabamba (SILVA, S. 2012). Carlos Freire da Silva em sua dissertação afirma:

Não são imigrantes que uma vez estando aqui, por coincidência, vão ser empregados nas confecções. Eles já vêm da Bolívia com um destino certo de trabalho. Os próprios donos de oficinas de costura tratam de encaminhar as suas viagens, ou então eles vêm atrás de familiares que já se encontram aqui trabalhando com costura. Pode-se dizer que a intensificação desse fluxo migratório está associada às mudanças no setor das confecções na cidade e acompanha o seu desenvolvimento recente, ou seja, é pelas vias desse circuito e pelas redes que se estruturam a partir dele que em parte se faz a mediação pela qual se dá a sua grande afluência para São Paulo. (SILVA, C. 2008, p. 83)

Carlos Freire da Silva conta que a expansão das oficinas de costura no modelo de subcontratação e trabalho informal que se expandiu durante os anos 90 é um modelo que se organiza a partir da mobilização de redes sociais que envolvem intermediárias(os), donas(os) de oficinas, vizinhas(os) e parentes. O fluxo de encomendas é regido pelo mercado e sujeito à sazonalidade. O pagamento é realizado por produção, com valores diferenciados pelo nível de complexidade ou necessidade de especialização: o valor pago por uma “costura reta” é distinto do valor pago por uma “costura curva”, por exemplo⁶², e conforme a(o) costureira(o) desenvolve

⁵⁹ Segundo Cogo e Badet, nas últimas décadas a indústria da confecção sistematizou – a nível global – a dinâmica de subcontratações como forma de redução de custo do produto final (COGO; BADET, 2013, p. 31).

⁶⁰ Disponível em: <http://www.elguialatino.com.br/site/2019/03/bolivianos-viram-maior-comunidade-estrangeira-em-sao-paulo/>. Acesso em 22 abr. 2021. São números que variam muito, conforme a procedência e metodologia de cálculo como comentado por Xavier, onde se identificam duas aparentes tendências principais: subestimação por parte do Censo e superestimação por parte de outras instituições governamentais ou não (XAVIER, 2010, p. 65).

⁶¹ Nos achados dessa pesquisa e de pesquisas anteriores, observamos que isso ocorre aparentemente em proporção significativa, embora não seja possível quantificar.

⁶² Presenciei uma conversa a respeito dos valores pagos por cada “tipo” de costura: naquela situação específica, vinte

habilidades, executa trabalhos mais complexos, ascendendo na cadeia de produção.

Segundo Dias, o contrato entre bolivianas(os) dedicadas(os) ao nicho da costura e coreanas(os) se dá em espaços delimitados de acordo com os interesses de cada comunidade e o espaço marcadamente distinto que ocupam na metrópole (DIAS, 2010, p. 77). Souchaud acrescenta que a influência das(os) migrantes coreanas(os) na migração boliviana e paraguaia se estende à contratação de mão de obra para costura ou outras atividades necessárias nas oficinas; a facilitação de trajetórias empreendedoras, com o fornecimento de crédito para compra de máquinas e afins; a subcontratação de oficinas e a ocupação territorial, uma vez que oferecem hospedagem às(aos) empregadas(os) (SOUCHAUD, 2012, p. 85). O autor identifica uma segunda modalidade de oficina que opera nas comunidades bolivianas e paraguaias, do tipo familiar, que controla o ciclo completo de produção: modelagem, corte, confecção da prova piloto e produção da mercadoria que é então comercializada na feira da madrugada do Brás-Pari⁶³. (SOUCHAUD, 2012, p. 80).

centavos por uma “costura reta” e cinquenta centavos por uma “costura curva”, em novembro de 2020. Durante os meses iniciais da pandemia fui informada de que o valor pago pela máscara costurada era R\$0,10, quando os ambulantes estavam vendendo cada peça a R\$5,00 nas estações e transportes públicos da cidade. Com a queda na produção das oficinas, não havia outra perspectiva de renda e as(os) costureiras(os) acabavam por se sujeitar. Esse valor é mencionado também em reportagem de Thais Lazzeri para o site Repórter Brasil, onde a autora aborda também a dinâmica de aliciamento e travessia ilegal da fronteira, reclusão, violência durante a pandemia e despejo: cenas com as quais tomei contato através da *Asociación*, e que serão abordadas quando da análise. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/trabalho-escravo-despejos-e-mascaras-a-r-010-pandemia-agrava-exploracao-de-migrantes-bolivianos-em-sp/>. Acesso em: 9 mai. 2021.

⁶³ Para aquelas(es) que não estão familiarizadas(os) com a cidade: trata-se de uma feira de rua organizada fora do horário comercial, uma acomodação territorial entre comerciantes estabelecidos oficialmente e as(os) vendedoras(es) informais, as(os) camelôs. A feira a que o autor se refere acontece entre 1h e 7h da manhã, nas ruas do Brás. Para um panorama mais abrangente, sugiro a matéria disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2017/11/pechinhas-almoco-a-3-e-ameacas-por-dentro-da-feirinha-da-madrugada/>. Acesso em: 19 mai. 2021. A matéria Protegidos pela noite: conheça o gigante mercado informal da Feirinha da Madrugada, mostra também um bom panorama. Disponível em: <https://www.theguardian.com/cities/2017/nov/30/noite-gigante-mercado-informal-feirinha-da-madrugada>. Acesso em 20 mai. 2021. Para se ter uma ideia da potência desse comércio, a “feirinha da madrugada” original acontecia na rua 25 de março, local conhecido nacionalmente por seu comércio. Entre 2006 e 2018 passou a ocupar um antigo pátio de ônibus com 30.000m² de área coberta e atualmente ocupa uma estrutura que comporta 2.300 boxes de 3m², agora um comércio regularizado. Em boa parte dos casos esse projeto familiar envolve os filhos, com reflexos diretos em sua escolaridade. Segundo relatos colhidos em pesquisa sobre os estudantes bolivianos (CANJANI, 2018), ouvi ser possível notar o momento em que as crianças e adolescentes são convocados a ajudar nas oficinas devido à queda do rendimento escolar: seja porque são convocados para a dobra e embalagem das peças, seja porque são convocados a participar da venda durante a madrugada. Não relato em tom de crítica: remeto ao comentário de d. Martha a respeito do lugar de onde se fala, na seção 4.1.

Figura 12: Feirinha da Madrugada em novembro de 2017

Fonte: The Guardian⁶⁴

Magalhães, Bógus e Baeninger relatam que o sistema de produção nas oficinas informais se organiza de maneira a perpetuar o modo como foi organizado ao longo do tempo, gerando uma dívida inicial pelo custo da viagem, alimentação e habitação – na própria oficina – que pode levar anos para ser quitada. O pagamento pode acontecer por peça ou costura realizada, com uma jornada diária de 12 horas ou mais em dias úteis e até 12 horas aos sábados (outros pesquisadores relatam jornadas ainda mais extensas). Indicam a presença de mulheres egressas da costura em outras atividades econômicas, como o comércio ambulante, a venda de alimentos nas ruas e os salões de beleza. Fazem um apontamento sobre a distribuição das oficinas na região metropolitana que,

⁶⁴FORNER, Flávio. Disponível em: <https://www.theguardian.com/cities/2017/nov/30/noite-gigante-mercado-informal-feirinha-da-madrugada>. Acesso em: 20 abr. 2021.

segundo as autoras, são deslocadas para as regiões mais distantes do centro numa tentativa de escapar da fiscalização das relações trabalhistas e das frequentes denúncias (MAGALHÃES; BÓGUS; BAENINGER, 2018).

Souchaud aponta que, embora venha ocorrendo um aumento na participação de estrangeiros nas subcategorias que o senso comum identifica como nicho laboral ocupado por bolivianas(os), segundo o censo demográfico de 2000, somente 3,2% dessa população na região metropolitana de São Paulo são migrantes internacionais (SOUCHAUD, 2012, p. 81). Souchaud afirma que, embora ainda em maioria, as(os) bolivianas(os) não configuram o único grupo étnico que se emprega no nicho laboral da costura⁶⁵. O autor volta seu interesse para a “construção” de um viés generalista e excludente que identifica comunidade e setor produtivo, isolando-o do resto da sociedade, como se a comunidade não participasse dos vários âmbitos da vida social, enquanto ignora outros grupos que atuam no mesmo setor, inclusive os brasileiros, que são a grande maioria. Mostra que a partir da entrada em vigor da Lei de Anistia Migratória, no segundo semestre de 2009, 17.000 bolivianas(os) e 4.100 paraguaias(os) requisitaram a regularização de sua permanência no país (SOUCHAUD, 2012, p. 75). No que tange à nossa pesquisa, a *Asociación* acolhia pré-pandemia – dados do período da pandemia não foram recolhidos – também paraguaias, peruanas, equatorianas e venezuelanas, ainda que em pequeno número.

Souchaud (2012, p. 76) cita um forte antagonismo entre migrantes sul-americanos residentes na metrópole paulista, principalmente bolivianos e paraguaios, amplamente divulgado na mídia. O autor indica matérias jornalísticas que vão ao encontro do apontamento: *Promotoria apura rixa entre peruanos, bolivianos e paraguaios em SP*⁶⁶, *PM e consulado querem que filhos de bolivianos virem policiais em SP*⁶⁷. Pesquisando o tema, encontramos matérias que acentuam essa percepção, por exemplo: *Paraguaio toma lugar de boliviano no Bom Retiro*⁶⁸. Contrariamente às narrativas dos jornais, nesse grupo não há conflito: são consideradas “nossas

⁶⁵ A percepção do autor é corroborada em reportagens como esta que se segue, onde o pesquisador Carlos Freire da Silva relata: “Entre os residentes na região metropolitana de São Paulo, dentro da população economicamente ativa, 64,3% dos bolivianos e 41,7% dos paraguaios trabalham como operadores de máquina de costura, de acordo com o cruzamento de dados que realizamos, a partir do Censo 2010” (RIBEIRO, 2016). Disponível em: <https://livedetrabalhoinfantil.org.br/noticias/reportagens/dia-internacional-do-migrante-bolivianos-e-paraguaios-trabalham-em-situacoes-precarias-em-confeccoes-de-roupas-em-sao-paulo/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

⁶⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/promotoria-apura-rixa-entre-peruanos-bolivianos-e-paraguaios-em-sp.html>. Acesso em: 20 mai. 2021.

⁶⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/pm-e-consulado-querem-que-filhos-de-bolivianos-virem-policiais-em-sp.html>. Acesso em: 20 mai. 2021.

⁶⁸ Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/saopaulo/ult10103u955814.shtml>. Acesso em: 20 mai. 2021.

hermanas” e entendemos este fato como uma premissa defendida pelo Feminismo Comunitário, como será comentado mais adiante, no momento da análise, que se ergue em defesa de todas as formas de vida exploradas pelo sistema patriarcal.

O alto custo da documentação talvez possa explicar o baixo número de solicitações em relação aos números estimados de migrantes indocumentadas(os). A regularização da documentação é um processo caro e demorado, assim como a regularização de diplomas de curso superior ou o processo de equivalência, para aqueles que migram em meio a um curso de graduação. Dados da Polícia Federal mostram que o número de bolivianas(os) documentadas(os) na cidade de São Paulo em 2017 era 66.193 e em 2019, 75.282⁶⁹. O consulado boliviano, segundo Zanella, estima que vivam na cidade de São Paulo e adjacências, cerca de 350.000 bolivianas(os) entre documentadas(os) e indocumentadas(os). É uma estimativa difícil, já que além daqueles que se estabelecem, existe a migração temporária ou sazonal e o grupo que entra ilegalmente e permanece recluso nas oficinas, não só pelos temores amplamente comentados em reportagens – são “ameaçados” com prisão e deportação pelos donos de oficinas – mas temem a dimensão da cidade e o fato de não conseguirem se comunicar.

Quando falamos de bolivianas(os) vulneráveis dedicadas(os) ao nicho laboral da costura, estamos falando de um grupo específico, em maior proporção e com grande visibilidade na cidade, porém não são as(os) únicas(os): existem profissionais de origem boliviana nas mais diversas áreas e alguns, inclusive, atendem a comunidade de forma solidária, como médicas(os), advogadas(os) e pessoas ativas politicamente, embora em número muito menor do que aquele que se atribui a migrantes indocumentadas(os). Xavier aponta que, segundo o Censo, 38% das(os) migrantes bolivianas(os) residentes na capital são operadoras(es) de máquinas efetivamente e outras(os) 5% têm sua atividade laboral ligada ao setor da costura, perfazendo 43% da comunidade. Profissionais consideradas(os) de alta qualificação como médicas(os) e dentistas somam 8,6% da comunidade (XAVIER, 2012, p. 116). Quanto aos dados propriamente ditos, a autora aponta para a provável subestimação dos números pelo Censo e a superestimação por parte de organizações não governamentais e outros órgãos públicos, inclusive variando em um largo espectro.

A percepção do trabalho das(os) bolivianas(os) como trabalho escravo é notória e já existem inúmeras pesquisas de peso sobre o assunto, de maneira que não irei me debruçar

⁶⁹ Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Informes_Urbanos/41_IU_IMIGRANTES_final.pdf. Acesso em: 20 mai. 2021.

longamente sobre o tema. O maior interesse é na percepção das mulheres bolivianas que rejeitam esse rótulo, de “não agentes”, se afirmando “autoescravizadas”, com o objetivo de alcançar melhores condições de vida. Fato é que este trabalho em rede funciona como os sistemas de pirâmide: aquelas conseguem realmente galgar estágios, montam suas próprias oficinas e passam a ser contratantes, mas permanecem dependentes do estágio superior. Durante os encontros dos quais participei, a reflexão se voltou para a noção de trabalho em condições dignas: número de horas dedicadas, iluminação e salubridade do ambiente de trabalho e saúde mental. A saúde mental, no caso, ligada à possibilidade de dedicação às necessidades da prole, motivo de angústia e ansiedade reais entre as mulheres. Sobre o recorte de gênero nas condições laborais, Magalhães, Bógus e Baeninger apontam:

Na costura, homens e mulheres dividem oficinas caracterizadas por insalubridade do ar, intensa atividade laboral, longas jornadas e sistemas diferenciados de remuneração. No interior das oficinas, as relações de gênero aparecem fortemente; às mulheres cabe o trabalho de menor remuneração e mesmo aquele que sequer é tido como trabalho a ser pago: as tarefas de preparo das refeições e de limpeza do espaço de trabalho. (MAGALHÃES; BÓGUS; BAENINGER, 2018, p. 408)

Solimeo conduziu uma pesquisa em profundidade com 15 gestantes bolivianas do nicho da costura na Zona Leste de São Paulo, Regional da Penha: treze delas vieram sozinhas para São Paulo através de redes migratórias, com idades entre 16 e 23 anos. Também treze são provenientes das regiões rurais e urbanas de La Paz. A maioria delas montou sua pequena oficina de costura – onde trabalha só o núcleo familiar – após o casamento, e três delas têm oficinas que a autora classifica como de porte médio-grande. As entrevistas revelam que a presença masculina, na figura do marido, é extremamente valorizada pelas mulheres e uma delas chega a atribuir seu “fracasso” ao fato de não conseguir manter um casamento (SOLIMEO, 2018). Comentário similar apareceu no meu primeiro encontro com as dirigentes da *Asociación*, e está relatado na seção 4.1.

No que tange aos achados circunscritos por esta pesquisa, o que se pode afirmar é que as mulheres que encontrei – embora seja uma amostra muito pequena – possuem perfis distintos entre si, nos diversos aspectos de suas existências e subjetividades. Encontrei mulheres das mais diversas faixas etárias: de adolescentes a avós. Encontrei mulheres que migraram com os maridos; que migraram sós, fugindo dos maridos; que migraram com o segundo marido; que conheceram seus maridos aqui; que são mães-solo e não pretendem se casar. Quanto ao estudo formal, encontrei

mulheres com graduação universitária na Bolívia e que trabalhavam na área e hoje, no Brasil, costuram. Outras mulheres abandonaram seus cursos de graduação ou o sonho de cursar a faculdade, para migrar. Encontrei mulheres com pouca instrução formal. Algumas viveram desde sempre na cidade, outras cresceram na zona rural. Algumas já têm sua pequena oficina, construíram casa própria. Em comum, todas habitam esse território meio invisível da migração laboral, da indocumentação, da estrangeiridade e entrelaçam suas histórias. Constroem territorialidades sustentadas por este entrelaçamento recheado pelos afetos e conflitos que permeiam qualquer existência.

Encontrei Julieta Paredes, que guia o caminho reflexivo que realizam d. Carmen e d. Martha, que por sua vez, expandem as reflexões através de suas redes. Os estudos migratórios tendem a olhar a relação sexo-gênero em um viés opositor. Não foi a perspectiva que presenciei durante o convívio, trata-se de outra chave interpretativa. As opressões no âmbito doméstico e político são amplamente refletidas, mas o princípio é agregar e não isolar. Com problemas ou não, são seus companheiros e também estão sujeitos às vulnerabilidades que envolvem o universo migratório. Julieta lembra, fazendo graça, que nenhum homem nasce machista, que bebês⁷⁰ não são machistas, portanto, a questão é entender como se tornam machistas e neste caminho, desenvolve o conceito de “entronque patriarcal” (PAREDES, 2020)⁷¹.

Julieta Paredes é presença incansável na articulação dos tecidos de resistência feminina de base na América Latina e para isso faz amplo uso das TICs. Fala em descolonialidade, no sentido de um posicionamento que resgata um pensamento preexistente à colonização, um pensamento que não se coloca “em relação” ao pensamento eurocêntrico. O FeminismoComunitário de Abya

⁷⁰ BÖHRT e RUIZ discutem a universalização do conceito de infância a partir do paradigma ocidental no artigo *Ser wawa en los Andes: representación social de mujeres migrantes aymaras sobre el niño (a) aymara*. É bastante esclarecedor tanto para na perspectiva de gênero, quanto para entendermos o acolhimento das *wawas* (crianças na primeira infância) durante a pandemia, lembrando que d. Carmen as nomeou “as bênçãos da casa”. Situa também a importância que atribuem ao “dia das mães bolivianas”, que me intrigou bastante, pensando no contexto brasileiro.

⁷¹ Marina Lis Wassmansdorf, em seu artigo *Feminismos de/pós coloniais sob rasura: as perspectivas de gênero e patriarcado de María Lugones, Rita Segato e Julieta Paredes*, se propõe a discutir e comparar as visões de gênero e patriarcado das três pensadoras, feministas latino-americanas que integram o debate de/pós colonial, a partir de suas obras. Segundo a autora, Lugones entende que gênero e raça são conceitos introduzidos pelo sistema colonial; Segato, por sua vez, defende a existência de um patriarcado de baixa intensidade nas comunidades ancestrais que, a partir da invasão espanhola, assiste à hipervalorização das atribuições do homem e o esvaziamento das atribuições da mulher indígena, rompendo com o equilíbrio baseado na dualidade complementar em que se fundavam. Julieta Paredes entende que a dualidade complementar chacha-warmi (homem-mulher) trazia em sua concepção uma versão do que atualmente se entende como machismo, racismo e classismo, e a soma dos patriarcados ancestral e ocidental, produzem o “entronque patriarcal”.

Yala olha para o momento pré-colonial, para o resgate dos pensamentos dos povos originários que não se relacionavam em absoluto com os pensamentos europeus, mas eram sim, contemporâneos e paralelos. Nessa perspectiva, não existe sentido em se definir o movimento como antipatriarcal, anticolonial ou anticapitalista, já que não são referência para esse modo de ser e saber. Os termos feminismo, patriarcado e gênero são adotados como estratégia política, porém reconceituados: “inspirados nos nossos irmãos que são parte de nossas comunidades e povos, mas desde os nossos corpos de mulheres” (PAREDES, 2019b, p. 29). É outra maneira de entender e organizar a sociedade, viver a vida.

O ativismo de Paredes atua na pedagogia do cotidiano, na formação de consciência crítica, na atenção para a linguagem enquanto elemento simbólico e ideológico: por que chamar América a um território já nomeado pelos povos originários – seja Abya Yala, seja Pindorama? Por que nos chamamos latinas(os)? Por que “descobertas(os)”? Por que devemos nos render ao feminismo branco-ocidental se as mulheres de Abya Yala eram sujeitos de direito enquanto as mulheres ocidentais não tinham direito algum até a história recente? Reservamos o final da seção 4.1 para a apresentação do FeminismoComunitário, onde procuramos demonstrar como se construiu e sua importância na formação reflexiva das mulheres da *Asociación*, em especial as dirigentes d. Carmen e d. Martha, com quem se relaciona diretamente. Aponto para o fato de que se trata de um caminho reflexivo coletivo: Paredes em nenhum momento se coloca como “dona do movimento”.

Não é a Julieta, eu o conceituei, mas por uma designação da Pachamama. Mas, no Brasil, por exemplo, há a irmã Tamikuã Txihí e ela tem seus próprios pensamentos. É uma jovem irmã indígena Guaraní Pataxó e está conhecendo o feminismo comunitário e produzindo suas próprias coisas. No México, há a irmã Erika, do Distrito Federal, e as irmãs de Guerrero, de Oaxaca, que estão realizando suas próprias produções – elas já têm materiais também. As irmãs Wallmapu, Carolina Pinilla, no Chile, estão produzindo lá. Em breve também vamos para a Colômbia (PAREDES, 2019b, p. 35).

No capítulo que se segue, trago os conceitos de rizoma, proposto por Deleuze e Guattari, e territorialidades, proposto por Martín-Barbero, entendendo que, ao fim e ao cabo, e partindo da *Asociación*, trata-se da discussão sobre a construção de territórios de resistência ao pensamento hegemônico e às opressões que este naturaliza. Territórios que, sejam eles concretos, virtuais, ou híbridos, operam em um registro que inverte a lógica da centralidade, da hierarquia e da uniformidade.

3. Dos rizomas e das territorialidades

Deleuze e Guattari propõem o conceito de rizoma em oposição à concepção arborescente da modernidade. Este último, sistema centrado e hierárquico construído a partir de um eixo principal em torno do qual se organiza o pensamento binário ocidental. Segundo os autores, é um pensamento que não entende a multiplicidade (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 12) e trazem para ilustrar o primeiro modelo desse pensamento a ideia de raiz pivotante: um único eixo forte que penetra o solo, mantendo a estrutura da árvore: tudo converge a esse eixo, mesmo raízes secundárias e terciárias. O segundo modelo é o da raiz fasciculada (sistema radícula), um feixe de raízes mais finas, que também convergem a um ponto único a partir do qual se desenvolve a planta. Ambos os modelos remetem à ideia de que existe um único elemento ao qual tudo se subordina, a existência de um elemento central a partir do qual tudo acontece.

Figura 14: Raízes pivotantes e raízes fasciculadas

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/tipos-de-raizes/>. Acesso em 23 mai 2021.

O rizoma, por sua vez, é um caule em forma de raiz que se desenvolve horizontalmente, seja subterrâneo ou aéreo, rico em reserva de nutrientes e capacidade de brotação. O rizoma não tem hierarquia, começo ou fim. Não tem uma entrada única ou um modelo a seguir. Obedece, segundo os autores, aos princípios da conectividade e heterogeneidade, pois conecta pontos quaisquer a outros pontos quaisquer e seus fios não possuem necessariamente a mesma natureza; multiplicidade, pois é formado por dimensões distintas, reversíveis, modificáveis, conectáveis e desprovido de centro; ruptura a-significante, já que o rompimento de uma linha não compromete o todo, e se refará em novas ramificações. “Como é possível que os movimentos de

desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros?” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 17). Propõem uma cartografia em que o rizoma é mapa correspondendo a um modelo estrutural / gerativo / representativo que possa ser reproduzido, enquanto a árvore segue a lógica da decalcomania, da reprodução.

Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 17)

Deleuze e Guattari retomam os conceitos de sistema rizomático e sistema arborescente no capítulo Micropolítica e Segmentaridade, apontando para o indivíduo e a formação das sociedades primitivas e modernas, apoiados na etnologia⁷². Segundo os autores, somos seres segmentados nos diversos âmbitos de nossa existência: a casa é segmentada em cômodos; a cidade, em bairros e ruas; o ambiente de trabalho, nos diversos setores da produção. Somos segmentadas(os) em grandes oposições binárias, como gênero ou classes sociais; segmentadas(os) circularmente, inseridos em círculos de pertencimento que se ampliam: bairro, cidade, estado, país; segmentadas(os) linearmente, ligadas(os) às pessoas e grupos que integram nossa cotidianidade: família, escola, profissão. Tais segmentaridades não são estanques: se afetam e se transformam entre si, no contexto a partir do qual se observa.

Assim como nós, as sociedades que constituímos são também segmentadas e, embora não existam divisões perfeitamente binárias, os autores concebem as sociedades que não possuem um aparelho de Estado central fixo (ditas primitivas) como organizadas de forma rizomática:

A segmentaridade primitiva é, ao mesmo tempo, a de um código polívoco, fundado nas linhagens, suas situações e suas relações variáveis e a de uma territorialidade itinerante,

⁷² “O fato é que a noção de segmentaridade foi construída pelos etnólogos para dar conta das sociedades ditas primitivas, sem aparelho de Estado central fixo, sem poder global nem instituições políticas especializadas.” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 77).

fundada em divisões locais emaranhadas. Os códigos e os territórios, as linhagens de clãs e as territorialidades tribais organizam um tecido de segmentaridade relativamente flexível. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 78)

As sociedades organizadas em Estados são concebidas como centralizadas e são também segmentadas, porém esses segmentos compõem linhas rígidas e organizadas de acordo com hierarquias, justaposições e composições estabelecidas. São sociedades que se organizam em relações binárias, e quando há circularidade, esta circularidade é concêntrica (remete-se à ideia de arborescência), em direção ao eixo que sustenta essa sociedade. Existe geometria na concepção política e territorial. É o campo das sobrecodificações. Isso não significa que não existam segmentos flexíveis (o campo da crença e do desejo), já que toda sociedade e todo indivíduo é atravessado pela coexistência das duas segmentaridades. Aquilo que escapa ao estabelecido, à geometria rígida ou à macropolítica, como os movimentos de resistência – e aqui lembro o papel político da rede comunicativa da *Asociación* – são da ordem da micropolítica, são da ordem do que é flexível, são as linhas de fuga. O campo social é palco constante de movimentos de descodificação e desterritorialização promovidos por essas linhas de fuga, pelo que escapa.

Figura 15: Rizoma

Fonte: Giblett, Richard. **Mycelium Rhizome**, 2009⁷³

Martín-Barbero afirma que a ideia de nação forjada nas comunidades imaginadas, nos lugares de pertencimento e nas territorialidades que herdamos da modernidade experimentam uma dupla desancoragem espaço-tempo. As representações de unidade nacional ocidental construídas

⁷³ Disponível em: <http://thackara.com/learning-design/change-labs-what-works/attachment/richard-giblett-mycelium-rhizome/> . Acesso em: 23 mai. 2021

a partir do século XVIII através da literatura, das artes e seus meios se fragmenta nas reivindicações dos diferentes grupos que compõem a nação da contemporaneidade e surge o *território do lugar*: a ancoragem se dá na corporeidade do cotidiano, na materialidade da ação e na reciprocidade, tecido na proximidade dos parentescos e das vizinhanças (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 268). Classifica quatro espacialidades entre as quais nos deslocamos⁷⁴:

O *espaço habitado*, da ligação uterina⁷⁵ do ser com o espaço íntimo que o acolheu e acolhe, onde se constitui um corpo consciente, matriz da noção do território que protege e provê esse corpo; espaço do ritmo primordial que rege a dança do universo e seus elementos, entre eles, nós seres humanos. Espaço de cuidar, de prover, de envolver: espaço do feminino, “da *mátria*”.

O *espaço imaginado*, que Barbero identifica como primeiro espaço da identidade moderna, o espaço das “nações”, das fronteiras físicas e culturais, das identidades conformadas em comunidades; organizadas em Estados e legitimadas pelo patrimônio. O espaço do masculino, da “*pátria*”.

O *espaço produzido*, das tecnologias físicas ou virtuais, onde se desenvolvem os meios de e para a comunicação. São os caminhos que conectam pontos, sejam eles estradas, atalhos, labirintos ou redes virtuais. São as máquinas de guerra, as tecnologias de comunicação e os veículos. É tecido nos imaginários. Mobiliza-se nas redes feitas de velocidades em que o tempo comprime/desmaterializa os espaços enquanto permitem a interação polissêmica (o autor usa “multívoca”) e à distância, que descorporizam os sujeitos. Os espaços dos grupos, das comunidades que constituem os grupos maiores, que Martín-Barbero chama de “*fratρία*”.

O *espaço praticado*, das urbanias onde se criam diferentes modos de estar juntos, por onde passam e se entrecruzam as(os) rejeitadas(os), as(os) excluídas(os), as(os) interditadas(os), as(os) destituídas(os), das ressignificações, associações de ideias e construções de sentido (palimpsestos e hipertextos). Também o espaço das cidadanias, das heterogeneidades, onde as memórias locais e as utopias universais se encontram no projeto de formar a cidade; nas reinvenções: o projeto de “fazer política” que passa pelos movimentos de representação, participação, autogestão e reconhecimento; nas intermedialidades, o projeto de recriação da cidade no encontro das oralidades, das corporeidades, das literalidades eruditas e visualidades digitais.

O autor cita texto de Foucault⁷⁶ e afirma que a maneira como olhamos o espaço na

⁷⁴ (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 209).

⁷⁵ A palavra usada no texto original é “*matría*”: *El espacio habitado o la “matría”*.

⁷⁶ Conferência proferida em 1967: De espaços outros.

sociedade ocidental tem sua própria história: o espaço medieval era constituído por um conjunto hierarquizado de lugares estáticos, onde cada elemento se encontrava circunscrito em sagrado/profano, urbano/rural, terrestre/celeste: o espaço de localização. O estático dá lugar ao movimento quando Galileu, no século XVII, concebe o espaço infinito e aberto. Na atualidade, prossegue, os espaços são “setorizados”⁷⁷: sistemas relacionais distribuídos em configurações variadas e, nesse contexto, o autor problematiza a setorização humana. Os parâmetros são adotados em determinados contextos e com determinados objetivos. Foucault observa que se em nossos espaços interiores estão presentes vários aspectos de nossas vivências, nos espaços exteriores vivemos conjuntos de relações que definem localizações (setorizações) irredutíveis entre si, onde não é possível a sobreposição (FOUCAULT, 2013, p. 115). Entre tais espaços “setorizados” Foucault analisa as heterotopias de desvio, os espaços que cabem àqueles que não “encontram lugar” na média, nos padrões, nos lugares reservados à norma. As heterotopias são relacionais, têm um funcionamento específico na sociedade em que se encontram, podem sobrepor em um único lugar real vários espaços incompatíveis entre si e estão, muito frequentemente, relacionadas a recortes temporais. Essa discussão é interessante quando se pensa no local que ocupa a(o) migrante na cidade.

Voltamos a Martín-Barbero, para apontar as duas faces desse viver contemporâneo que desloca os saberes assentados nos paradigmas moderno-coloniais. Em primeiro lugar, o autor afirma que os Estados-Nação modernos criaram a figura da(o) estrangeira(o), ao criar a identidade de nascimento. Nessa perspectiva a(o) migrante introduz a ambiguidade e desestabiliza a ordem social e política, ao se instalar em um lugar que não lhe pertence. Compara o incômodo provocado pelos fluxos de migrantes aos fluxos de informação e imagens, as novas linguagens que também chegaram para desestabilizar as autoridades e hierarquias constituídas, uma vez que o pensamento binário nos condicionou a acreditar que a verdade se instala em um único polo e tudo aquilo que se move do local onde esperamos encontrá-lo nos provoca incômodo e incerteza (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 23). O autor aponta que a convergência digital, ainda que tenha um lado perverso, como a exclusão digital⁷⁸, também encerra um universo de novas possibilidades que

⁷⁷ A palavra no original é *emplacement*, traduzida no texto adotado, por “alocação”, que tomei a liberdade de substituir por setor/setorização ou localização(ões). Da mesma forma, substituí “espaço de extensão”, da tradução em português, por “espaço infinito”, com menos receio, pois está assim traduzida em castelhano.

⁷⁸ As autoras Brignol, Cogo e Martínez, lembram que para Martín-Barbero, existe uma relação entre distância digital e distância social a ser problematizada e cuja redução deve ser objeto de políticas públicas, em especial na integração

configuram esse novo espaço público de intermediação, onde circulam novos modos de saber, motores de uma profunda modificação social em curso. As tecnologias digitais desafiam os lugares legitimados de produção, reprodução e circulação do saber e o próprio *status* do saber. A dispersão e a fragmentação de conhecimentos outros diluem as fronteiras entre a razão e a imaginação, o saber e a informação, o saber especializado e o conhecimento leigo, conduzindo a uma das mais profundas transformações que uma sociedade pode sofrer (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 27).

Ao fim e ao cabo, trata-se de uma coreografia, às vezes violenta, às vezes sutil, entre os cercamentos, as fronteiras e os métodos de controle que ainda organizam a sociedade e as resistências, que buscam as frestas, as brechas, as oportunidades de pequenas e grandes rebeldias, nas quais localizamos as imigrantes indocumentadas (que esta pesquisa acompanha) e sua insistência em circular por territórios que lhes são interditos, sua insistência em sobreviver e afirmar seu direito à existência dentro de seus próprios parâmetros. Para Castells, trata-se do embate entre *poder* constituído pela coerção e a construção de significados mediante a manipulação simbólica e o *contra poder*, a capacidade de atores sociais em desafiar-lo (CASTELLS, 2013, p.13). Voltando à imagem dos rizomas, um tapete de raízes que carregam códigos genéticos distintos e se combinam de maneira nem sempre previsível, se expandindo e afirmando seu direito de existir. Diversas tanto naquilo que lhes dá sentido, quanto em sua temporalidade.

Este capítulo apontou para a falência da perspectiva moderno-colonial que se assenta em uma proposta de mundos e saberes contidos, pressupostos estanques, binários e hierárquicos, e a perspectiva de uma realidade complexa que constrói territorialidades múltiplas e dinâmicas. No próximo tópico as tecnologias da comunicação e informação são abordadas enquanto suporte dessas territorialidades que na contemporaneidade se viabilizam através do universo digital e transbordam para o mundo concreto, nos marcos da sociologia e dos estudos migratórios. Na sequência, são visitadas as abordagens que regem os estudos das TICs no marco do ciberativismo, menos para dissecá-los, pretensão que não caberia nessa pesquisa, mas para emoldurar o que aparenta ser um recorte hegemônico conduzindo as discussões.

sociocultural do espaço latino-americano. (2019, p. 202). Reafirmo a importância dos *Instant Messenger* gratuitos – em nosso caso o WhatsApp – nos bastidores dessa redução e integração.

3.1 Tecnologias da comunicação e informação e territorialidades

Martín-Barbero publicou *Ofício de cartógrafo* em 2002, cerca de sete anos antes do fenômeno WhatsApp acontecer, e ainda assim suas observações dialogam diretamente com as reflexões dessa pesquisa. O autor identifica entre as discussões acerca das transformações que incidem nas formas de participação social e política, a descentralização radical, dotando grupos e indivíduos de capacidade de resposta, estimulando a interação e a possibilidade de intervir a partir de vários pontos (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 198). Trata-se de tecnologias que abriram a possibilidade para um sistema de comunicação fluido, ainda que sujeito a condicionantes estruturais complexos, objeto de estudo que congrega perspectivas radicalmente antagônicas, de forma que dão origem a expressões como “ciberotimistas” e “ciberpessimistas”, como veremos na seção seguinte.

Martín-Barbero afirma que os modos de simbolização e ritualização dos laços sociais estão cada vez mais imbricados às redes comunicacionais e fluxos informacionais. Estes fluxos, ao romperem as fronteiras espaciais e temporais do campo cultural, modificam as condições do saber e das figuras da razão: uma transformação de época que traz novas formas de sentir e novas sociabilidades (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 257). É nesse sentido que propõe os mapas de “sintomas e desafios” para refletir essa nova cultura comunicacional. Segundo o autor, as novas tecnologias de comunicação constroem uma nova configuração para a qual o lugar da cultura muda e deixa de ser meramente instrumental, para converter-se em estrutural (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.54; 2014a, p.25 apud BRIGNOL; COGO; MARTINEZ, 2019, p. 200). Aponta duas características principais, sendo a primeira delas, a transnacionalidade das novas tecnologias da comunicação, da organização do poder de acordo com modelos globais mais do que de aparatos tecnológicos. O aspecto ambíguo e multivocal do âmbito político é reduzido e substituído por tecnologias sociais: demandas sociais são transformadas em problemas técnicos com a voz do especialista substituindo a voz do cidadão (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 181). Olhando para a América Latina, a segunda característica dessa configuração cultural é a visibilidade que encontram as alteridades culturais resistentes à homogeneização:

Ao pretender varrer toda a diferença não serializável, a racionalidade tecnológica mobiliza resistências que não se esgotam na dissidência contracultural ou na disfuncionalidade ao modelo, já que essas resistências configuram e prefiguram um modo de sociabilidade e sociedade outra. Então a contemporaneidade já não fala do atraso, mas

de uma relação que, para ser pensada e dita, precisa de outro paradigma. (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 182, tradução da autora)⁷⁹

Sassen (SASSEN, 2003) afirma que a intensidade, a complexidade e o alcance global das tecnologias de comunicação vêm contribuindo para a reconfiguração das espacialidades urbanas. Reconfiguração dependente de redes desterritorializadas e transfronteiriças que, somadas às localizações territoriais com concentrações massivas de recursos – entre os quais as redes sociais – potencializam a conectividade técnica ao potencializar a conectividade social. Segundo a autora, as tecnologias de informação exercem um efeito profundo na organização espacial das atividades econômicas, onde a subcontratação de trabalhadores⁸⁰ garante a competitividade e a redução de riscos. Observa que os sistemas urbanos, antes entendidos integrados e articulados em um sistema nacional, dão lugar a sistemas globalizados e subeconomias orientadas ao mercado mundial, entre eles diversos serviços populares pouco visibilizados. Essas subeconomias criam uma geografia estratégica e parcialmente desterritorializada, cuja interlocução se faz com a economia global. Nesse sentido, as redes digitais contribuem para o que a autora chama “contra geografia”:

As redes digitais podem ser utilizadas por ativistas políticos para transações globais ou não-locais, ou para fortalecer as comunicações ou transações dentro de uma cidade. Captar como a nova tecnologia digital pode servir de apoio a iniciativas locais e alianças entre os bairros de uma cidade [...] é extremamente importante em uma era na qual a noção de local geralmente se observa como cada vez mais supérflua em termos de dinâmica global e de seus atores. (SASSEN, 2003, p. 44, tradução da autora)⁸¹

Sassen prossegue afirmando que através da internet ativistas conectam local e global, criando um novo tipo de atividade política transfronteiriça, e assinala o surgimento de um ator político informal que se materializa e assume formas mais concretas, diretamente ligadas à espacialidade urbana. A autora afirma que a amplitude do espaço “nacional” se distancia desse

⁷⁹ No original: *Al pretender barrer toda diferencia no serializable, la racionalidad tecnológica moviliza resistencias que no se agotan en la disidencia contracultural o en la disfuncionalidad al modelo ya que esas resistencias configuran y prefiguran un modo de sociabilidad y de sociedad otra. Y entonces la no contemporaneidad no habla ya del atraso sino de una relación que para ser pensada y dicha necesita de otro paradigma.*

⁸⁰ Lembrando que o nicho laboral de costura se configura em regime sazonal de produção e escoamento dessa produção, inchando e desinchando o exército de mão de obra.

⁸¹ No original: *Las redes digitales pueden ser utilizadas por activistas políticos para transacciones globales o no-locales, o para fortalecer las comunicaciones o las transacciones dentro de una ciudad. Captar cómo la nueva tecnología digital puede servir de apoyo a iniciativas locales y alianzas entre los barrios de una ciudad (véase, por ejemplo, Eade, 1996; Lovink y Riemsdijk, 2001) es sumamente importante en una era donde la noción de lo local suele observarse como algo cada vez más superfluo en términos de la dinámica global y de sus actores.*

universo do viver cotidiano⁸², em que o ator político não formal se torna invisível e lembra que a política cidadã é protagonizada pela(o) cidadã(o) comum que toma as ruas, mais do que pelos sistemas institucionais formais.

Contemplamos aqui a transformação potencial de um grande número de condições “locais” e de domínios institucionais (como o lar, a comunidade, o bairro, a escola e os centros de saúde) nos quais as mulheres, “confinadas” a papéis domésticos, vêm a ser importantes atores-chave. De serem vividos ou experimentados como âmbitos não políticos, domésticos, estes espaços se tornam “microambientes de alcance global”. (SASSEN, 2003, P. 47, tradução da autora)⁸³

Para Elhajji e Malerba, em artigo em que analisam a comunicação via *web rádios*, há que se ter em mente que a territorialidade migrante não é uma referência exclusivamente física, pois habita também o espaço do subjetivo, do imaginário e do existencial: uma cartografia carregada da multiplicidade de modos de produção social, simbólica e da natureza multiterritorial da sociabilidade e subjetividade migrante, para além dos espaços formais institucionalizados. São modos de organização e ação de comunidades que caracterizam a contemporaneidade em sua diversidade, pluripertencimentos, multiterritorialidade e formações diaspóricas, em cuja organização os processos e tecnologias da comunicação ocupam um lugar central (ELHAJJI; MALERBA, 2016, p. 113-114).

Cogo afirma que as redes de comunicação digitais associadas ao fenômeno migratório vêm sendo objeto de estudo de grandes pesquisadoras(es) da área enquanto elemento reordenador das experiências territoriais em âmbitos locais e globais (COGO, 2017, p. 180). Nesse sentido, aponto que a universalização da comunicação através do aplicativo WhatsApp, que surgiu como alternativa aos sistemas de mensagens – SMS (*short message service*) – é seminal na experiência migratória da comunidade foco da pesquisa, representa uma virada profunda no curso da comunicação e, nos termos abordados por Martín-Barbero, é um instrumento de resistência (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 198).

A empresa WhatsApp, fundada em 2009 nos Estados Unidos, trazia como inovação a

⁸² Simplificação minha. A autora conduz observação complexa que se encontra na seção 2.3 (SASSEN, 2013).

⁸³ No original: *Contemplamos aquí la transformación potencial de un gran número de condiciones «locales» y de dominios institucionales (como el hogar, la comunidad, el barrio, la escuela y los centros de salud) en los que las mujeres, «confinadas» a roles domésticos devienen importantes actores claves. De ser vividos o experimentados como ámbitos no-políticos, domésticos, estos espacios devienen «micro-ambientes de alcance global».*

vantagem de se entrar na plataforma usando apenas o número do *smartphone* para conectar-se à agenda de contatos. No mesmo ano, o serviço entrou no Brasil e em agosto de 2010 é disponibilizado para o sistema Android, incluído em planos de dados. Expande-se rapidamente, oferecendo o serviço de mensagens escritas com baixo consumo de dados, inserido em um plano, concorrendo com o serviço tarifado de SMS. Em 2014, após aquisição pelo Facebook, o aplicativo ganhou os recursos de chamada de áudio e vídeo. De acordo com informação da própria empresa, o WhatsApp é utilizado hoje em mais de 180 países por mais de 1 bilhão de usuárias(os)⁸⁴.

Segundo Treré, especialmente para as(os) habitantes do Sul Global, onde os serviços *on-line* são acionados majoritariamente através de aparelhos celulares e os problemas de conectividade e largura de banda impedem uma experiência digital rápida e fluida, o aplicativo oferece simplicidade, confiabilidade e acessibilidade (TRERÉ, 2020). Ainda segundo o autor, o fato do aplicativo permitir a comunicação pessoal entre até 256 pessoas, torna-o mais próximo de uma mídia social do que um serviço básico de mensagens de texto e o fato da comunicação não ser aberta, protege a(o) usuária(o) dos problemas comuns às plataformas em que este fica exposto à visibilidade pública.

A comunidade migrante desta pesquisa utiliza o aplicativo em inúmeros campos de sua cotidianidade: afetiva, política, laboral, ativista, informativa. Com esse uso, constrói uma territorialidade própria, um modo de se apropriar e estar na cidade. Através do aplicativo, constrói-se também uma permeabilidade entre extratos sociais que, na concretude da rua, são praticamente estanques. Qual a probabilidade de um grupo de mulheres de classes altas dos bairros da Zona Oeste se conectar a um grupo de mulheres dos bairros mais longínquos da Zona Leste ou a uma entidade filantrópica da Zona Sul? Tal permeabilidade pode ser transitória, como em muitos casos que surgiram na pandemia, ou pode ser de longo prazo, mas se configuram como capital social e fazer político cotidianos. Os achados da pesquisa mostram isso.

⁸⁴ Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

3.2 Ativismo digital nos estudos contemporâneos

Gerbaudo (2019) identifica duas grandes ondas do ativismo digital, cada uma com ideologias e características tecnopolíticas próprias. A primeira, que se inicia em meados dos anos 1990, a Web 1.0 (fase da popularização da Internet e o auge da Web), abarca projetos e iniciativas promovidos por ativistas da tecnologia e meios alternativos em movimentos antiglobalização: sites de notícias alternativas, grupos e laboratórios *hackers*. A abordagem que chama de ciber-autonomista, período mais elitista, é caracterizada por uma ideologia contestatória marcadamente anarco-autonomista, enraizada na contracultura dos anos 1970/1980 e na cultura “faça-você-mesmo” (*do-it-yourself* / DIY). Tem como denominador comum a Internet percebida como espaço autônomo de resistência e contestação contracultural. A segunda, um período mais massificado, é caracterizada por uma ideologia marcadamente populista, no auge da Web 2.0 (cujo marco é o ano de 2004). Assiste à expansão e ao ativismo de redes sociais, tem um caráter que chama de ciber-populista e entende a Internet como um espaço de mobilização contra hegemônico das massas, onde as pessoas se unem em uma subjetividade inclusiva e sincrética. Segundo o autor, realizando um “giro populista”. Envolve os movimentos nas praças (está se referindo à série de movimentos que varreram o planeta, com ativistas protestando nas ruas) e adota um discurso do povo contra as elites (GERBAUDO, 2019). Para Gerbaudo, o ativismo digital envolve as dimensões tecnológica e cultural, e a crise financeira de 2008 como produtora de uma transformação imensa nas percepções, atitudes e nas ideologias relacionadas.

Embora não seja o foco da pesquisa, não há como ignorar os embates que permeiam os estudos sobre as novas maneiras de se fazer política e democracia na internet, os ciberativismos⁸⁵ e as expressões que surgem para definir grupos que se antagonizam, como, por exemplo, “ciberpessimistas” e “ciberotimistas”. Adotamos a pesquisa de Sérgio Barbosa dos Santos Silva (2017) por observar uma situação brasileira: a forma como os usuários do grupo “#Unidos Contra o Golpe” organizaram o movimento que teve lugar em Florianópolis, em 2016. Silva questiona a sobrevivência, na contemporaneidade, do fazer político tradicional nos parâmetros republicanos instituídos, dado que as redes de interação social se expandem para além das fronteiras que organizam as unidades políticas do Estado-Moderno e existe uma lacuna comunicativa entre Estado e cidadãos. “Percebemos, então, um “descompasso” entre uma sociedade civil que pleiteia

⁸⁵ “[...] qualquer tipo de ativismo que utilize as TICs como ferramenta política” (SILVA, 2017, p. 34).

por repostas rápidas e eficientes, ao mesmo tempo em que os canais da participação política não acompanham essas demandas requeridas” (SILVA, 2017, p. 29).

Segundo o autor, o ativismo digital possibilita o surgimento de novas formas de mobilização política e a reconfiguração de práticas participativas. Afirma que a partir da WEB 2.0 o discurso político estabelece um fluxo de multidirecional, de muitos-para-muitos, conta com inúmeros instrumentos de mobilização e novas formas de atuação virtual. Nesse sentido, não cabem mais expressões desdenhosas como “ativismo de sofá” – denotando ausência de impacto efetivo – como acusam os saudosos das antigas formas de mobilização (os ciberpessimistas). Além disso, é capaz de reunir pessoas que não encontravam canais de expressão, ainda que houvesse o desejo de participação, e/ou mobilizar aqueles que nunca manifestaram interesse em participação política, através de canais interativos, em um processo que denomina *bottom-up*.

Silva aponta para “um novo tecido democrático *on line/off line*” que relaciona as atuações no ciberespaço e nas ruas (SILVA, 2017, p. 44), lembrando que muitos dos grandes protestos nas últimas décadas conectaram as pessoas primeiramente no ambiente *on-line*, através das TICs, para então conectá-las *off-line* – quando os movimentos efetivamente tomaram as ruas. Entre os autores presentes na pesquisa do autor, optamos por observar as reflexões de Castells e Gerbaudo, já convocado na introdução do capítulo. Para o primeiro, trata-se de um *espaço híbrido*, construído entre as redes sociais digitais e o espaço urbano ocupado (CASTELLS, 2013, p. 21).

Castells afirma que o uso da internet e das redes sem fio produziram uma transformação radical na área da comunicação a qual nomeia como *autocomunicação de massa*, a associação entre a comunicação de massa e a autocomunicação⁸⁶, que “fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013, p. 15). O autor entende que se os meios de comunicação de massa são controlados pelo governo e empresas de comunicação, as redes sociais digitais conferem ampla⁸⁷ autonomia aos movimentos sociais, e foca seu interesse na motivação dos indivíduos, perguntando-se o que leva um indivíduo a se engajar em um movimento e partir para a ação.

⁸⁶ Autocomunicação: “porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada, e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada” (CASTELLS, 2013, p. 15).

⁸⁷ Vejo-me obrigada a discordar da expressão “ampla”: o acesso ao universo digital pelos movimentos sociais depende de conectividade, disponibilidade financeira e horas dedicadas. Elementos que podem ser facilmente estrangulados pela necessidade de sobrevivência no grupo que pesquisamos ou ainda, pelo próprio Estado, no caso da conectividade. Ainda que a plataforma pesquisada seja gratuita, existem custos financeiros e pessoais significativos que incidem sobre o ativismo digital de grupos expostos à vulnerabilidade social.

Embora não caiba para os objetivos dessa pesquisa nos estendermos em tal processo reflexivo, nos interessa o apontamento da necessidade de engajamento emocional na formação um movimento social⁸⁸. A tônica da comunicação estabelecida entre as mulheres e com as mulheres do nosso grupo de pesquisa é emocional: sejam os afetos (emoção positiva), seja a indignação e o desamparo (emoção negativa).

“Para que o processo de comunicação opere, há duas exigências: a consonância cognitiva entre emissores e receptores da mensagem e um canal de comunicação eficaz. A empatia no processo de comunicação é determinada por experiências semelhantes às que motivaram o acesso emocional inicial.” (CASTELLS, 2013, p. 24).

Gerbaudo aponta para o que chama visão simplista dos efeitos da tecnologia, enraizada na “Teoria do Meios” de McLuhan, segundo a qual a adoção de um determinado dispositivo tecnológico desencadeia eventos inevitáveis, tendência que toma a tecnologia por força não mediada capaz de determinar estruturas organizacionais e formas de protesto⁸⁹. Ainda que o autor concorde que a tecnologia estrutura a ação, na medida em implica em uma determinada arquitetura comunicacional e formas de uso, entende que não se pode negligenciar fatores socioeconômicos, políticos e culturais que intervêm no conteúdo (GERBAUDO, 2019, p. 10-11). São abordagens que explicam as vantagens práticas das tecnologias digitais, mas ignoram as dimensões simbólicas e culturais, não considerando que movimentos opostos em suas vertentes ideológicas têm-se utilizado das mesmas tecnologias, ainda que de formas distintas (GERBAUDO, 2020, p. 14).

Segundo o autor, a dimensão tecnológica não define o ativismo digital, que envolve também uma dimensão simbólica, éticas e estéticas específicas, onde os grupos desenvolvem *ethos* próprios (GERBAUDO, 2020, p. 17). Além disso, afirma, para além de um aparato material a tecnologia “é também um objeto simbólico com significados e usos culturais associados” (GERBAUDO, 2020, p. 18, tradução da autora)⁹⁰, podendo associar-se a diferentes significados, relativos ao contexto social e cultural onde estão sendo utilizados. Por fim, para o autor, há que se

⁸⁸ Castells está investigando amplos movimentos sociais que tomaram as ruas na primeira década do século XXI (a primeira publicação do livro foi feita em 2012), alguns anteriores ao WhatsApp. Esta pesquisa considera o ativismo das mulheres da AMILV como um movimento social, na medida em que atuam politicamente tanto no cotidiano quanto nas ruas, como nos protestos pelo direito ao voto, que será relatado.

⁸⁹ O autor cita os termos “revolução 2.0”, de Ghonim, 2012, “wiki-revolução” de Ferron e Massa e “twitter-revolução”, de Morozov. (GERBAUDO, 2019, p. 10)

⁹⁰ No original: *Es también un objeto simbólico con significados y usos culturales asociados*.

tomar em conta que a tecnologia, mediadora das relações sociais, se insere em ecossistemas amplos produzindo efeitos que dependem também das relações sociais e da comunidade cultural que envolve os costumes, valores e regras que adotam (GERBAUDO, 2020, p. 19).

O autor dirige sua crítica também a Castells, no sentido de que este propõe que a tecnologia provoca uma alteração morfológica nos espaços que adentra, ignorando a flexibilidade com que tais espaços são influenciados. Afirma que o espaço digital não é um espaço onde surgem novas formas de liderança. Critica a elaboração do conceito de *autocomunicação de massa*, que discutimos acima, entendendo que Castells ignora a conversão de fatores políticos e ideológicos que contribuíram para essa transformação na área da comunicação (GERBAUDO, 2020, p. 15). Propõe o conceito de liderança suave nos movimentos sociais, onde não há uma liderança pessoal forte. É diluída em contraposição ao “hiper líder”, a liderança personalizada, carismática. Segundo o autor, o uso das emoções era uma “tendência subterrânea na política”, seguindo uma lógica tecnocrática, e afloraram com o movimento de políticos populistas que adoram uma lógica emocional (GERBAUDO, 2020).

O autor aponta que identidade e identificação coletivas constroem um sentido de nós que pode ser observado em movimentos atuais e na proliferação de novas identidades às quais os indivíduos aderem, citando como exemplo a substituição de fotografias de perfil em redes sociais por avatares de movimentos ou protestos coletivos. Olha com preocupação, no entanto, para a aplicação dos algoritmos e a monetização das plataformas que vêm reduzindo rapidamente o alcance orgânico das publicações e que os conteúdos também são controlados, de maneira que precisam estar ajustados ao regimento, sob pena de serem removidos os banidos (GERBAUDO, 2020). A discussão é interessante, mas não será aprofundada, dado que o grupo que participa desta pesquisa recém adotou uma plataforma pública de amplo alcance – Facebook – e nossa análise se mantém circunscrita ao aplicativo WhatsApp. Gerbaudo aborda, também, a necessidade de regulamentação de conteúdo (está olhando para as *fake news*, discursos de ódio, violações da civilidade e das boas práticas políticas), respeitos às leis trabalhistas do local onde se encontram e revisão na taxa de empresas digitais (GERBAUDO, 2020). Entendo que existe uma discussão a ser agregada: o direito universal à conectividade e à comunicação virtual.

Nick Couldry (2019) entende a emergência das plataformas digitais e dos *smartphones* como uma nova forma de colonialismo, o *colonialismo de dados*, no qual os recursos explorados não são mais os recursos naturais da terra ou a superexploração do trabalho humano, mas os

próprios indivíduos e seus dados pessoais. Segundo o autor, o colonialismo de dados é alimentado pelo *mito do nós*, uma suposta autonomia dos indivíduos que interagem com o universo digital, ao realizarem suas escolhas, sem se darem conta de que a extração de seus dados é um instrumento de controle amplamente utilizado. E que os dados compilados de todo o grupo social orientam novas formas de poder simbólico, que alimentam, por exemplo, o populismo tecnológico, as formas extremas de vozes políticas e o silenciamento de outras vozes. Couldry alerta para o fato que quando há uma miríade de vocalizações simultâneas, ninguém realmente fala e ninguém realmente escuta: “as condições de uma genuína política transformadora tornam-se mais difíceis de enxergar, em um contexto em que todos parecem estar falando” (COULDRY, 2019, p. 81).

Couldry enumera três grandes desafios para o século XXI, que competem por atenção: o ecológico, a colonização de dados e a violência de gênero. Segundo o autor, alcançar êxito em qualquer dessas lutas passa, primeiro, pela defesa da informação de qualidade, a partilha da informação verificada e a defesa dos valores do jornalismo público. Em segundo lugar, é necessário que as comunidades de interesse se encontrem e, embora o autor se renda às plataformas digitais, ressalta que optar pelo encontro digital é optar pelo colonialismo, portanto, necessário se pensar em outras formas de encontro para além do mundo conectado, usando, para isso, a imaginação. Para o autor, entregar-se unicamente ao mundo digital é desistir da imaginação e, conseqüentemente, desistir de nomear o mundo e propor uma realidade distinta. Conclui reclamando para as universidades, para a academia, para os intelectuais públicos e da sociedade civil a responsabilidade de levar esses questionamentos para a sociedade. E que espera que haja, não apenas na América Latina, (o autor cita Europa, América do Norte, África e Ásia) um público interessado nestas discussões.

Esta seção procurou introduzir distintas abordagens que envolvem os estudos dos ativismos digitais, de maneira que ao olharmos para as tecnologias da comunicação e informação, e sua relação com as migrações, tenhamos em mente que este é um tema que tende a se concentrar em comunidades urbanas legitimadas pelo olhar hegemônico, negligenciando a apropriação das TICs por grupos sujeitos à vulnerabilidade social e creditá-los por sua capacidade de contornar os obstáculos que lhes são impostos. O capítulo seguinte percorre a busca por uma comunidade e suas redes sociais digitais que atendessem às premissas da pesquisa proposta, a saber, mulheres integrantes dos extratos mais vulneráveis da migração transnacional, objetivando demonstrar que a despeito de seu papel na economia global, sua capacidade de agência e sobrevivência, de

imaginar e criar caminhos na superação da opressão a que são expostas, permanecem ignoradas por um recorte moderno-colonial que as aprisiona neste lugar. Por se tratar de pesquisa de campo, adotou-se o recorte do grupo de latino-americanas vivendo na Região Metropolitana de São Paulo e é esta busca que será relatada.

4. A busca pelo objeto da pesquisa

Parece-me importante pontuar, ao tratar da metodologia adotada, o percurso realizado até o momento e que permitiu chegar à proposta que apresento. Embora o tema estivesse definido como “estudo das redes de comunicação utilizadas por mulheres migrantes latino-americanas vulnerabilizadas na cidade de São Paulo” já há algum tempo, não havia ainda definições precisas sobre como operacionalizar a pesquisa. A primeira etapa do projeto, então, foi dedicada ao reconhecimento tanto dos campos nos quais se desenvolvem os estudos relacionados ao tema, quanto das redes comunicativas existentes entre mulheres migrantes que pudessem ser estudadas. Isto se deu pela divisão do trabalho em dois eixos que correram paralelamente: pesquisa bibliográfica e pesquisa do campo midiático.

A **pesquisa bibliográfica** foi dividida em cinco eixos temáticos que compõem o arcabouço teórico interdisciplinar exigido pela proposta: estudos migratórios ao longo do século XX, estudos das migrações contemporâneas, estudos das migrações femininas, migração boliviana na cidade de São Paulo, uso das tecnologias da informação e comunicação. Os quatro primeiros eixos foram abordados no capítulo anterior e o uso das TICs será melhor desenvolvido junto à pesquisa de campo midiático, visto que se completam.

Segundo Cogo, diferentes pesquisadores adotam o termo web diásporas⁹¹ para se referir aos espaços digitais criados ou gerenciados exclusivamente por migrantes ou com sua parceria, e compreendem toda a ampla gama de tipologias de difusão digital: de blogs pessoais a sites de associações e coletivos, formais ou informais. Em tais espaços se desenvolvem as mais variadas práticas de ativismo transnacional, desde o fomento de redes migratórias às reivindicações de direitos, divulgação cultural e autorrepresentação (COGO, 2018). Elhajji e Malerba afirmam que um dos principais objetivos da mídia comunitária, para além de se enunciar e realizar a manutenção do grupo social ao qual pertence, é se fazer ouvir nos debates que ocorrem na esfera pública. (ELHAJJI; MALERBA, 2016, p. 113).

A pesquisa do campo midiático teve seu ponto de partida na mídia eletrônica de

⁹¹ Elhajji e Malerba elencam os termos webdiásporas, e-diáspora, diáspora-networks e diáspora digital. Citam Claire Scopsi, para quem o conceito abarca um modelo de organização social virtual de compartilhamento cultural produzido pela comunidade fora do país de origem, seus usos sociais e subjetivos (ELHAJJI; MALERBA, 2016, p. 115).

*frontstage*⁹², a mídia pública, justamente pela facilidade de acesso: sites de redes sociais⁹³, jornais, blogs, canais do YouTube e, mais recentemente, rádios, na busca por entrevistas, manifestações culturais e produções com foco em mulheres migrantes ou produzidas por elas. Essa busca, ao fim e ao cabo, se revelou infrutífera. Com o avançar da pesquisa, percebeu-se que o grupo que buscávamos não se utilizava (vamos assistir ao longo da pesquisa uma transformação nesse quadro) das redes de *frontstage*, o que justificou essa enorme dificuldade inicial. Três modelos de representações femininas surgiram bastante marcados: as mulheres que não se definem ou não se agregam por sua nacionalidade, mas pelo “fazer artístico e cultural” com um viés feminista; as bolivianas ou descendentes que representam “bem” o país, exercem profissões convencionais e estão comprometidas com a assistência à comunidade e as integrantes de grupos folclóricos. Os quatro subgrupos descritos abaixo, ainda que não atendessem aos objetivos específicos da pesquisa e não tenham sido pesquisados a fundo⁹⁴, foram de grande ajuda para melhor compreender o universo multifacetado da migração feminina e seus recortes de raça e classe, em diálogo com a ecologia das tecnologias da comunicação e informação, por isso serão relatados.

Coletivos femininos/feministas voltados para produções artísticas e culturais: encontramos nessa parte da pesquisa coletivos de mulheres cuja produção cultural está inserida no contexto global e tem no fato de serem migrantes sua ligação significativa, sendo a nacionalidade e língua de origem – o castelhano – secundária. Formados, em sua maioria, por mulheres que veem na ressignificação do papel da mulher a chave para sua emancipação, e fazem uso das tecnologias de comunicação não só para divulgar seu trabalho, mas produzir e compartilhar saberes e posicionamentos políticos com um viés feminista (no sentido de construção de protagonismo feminino)⁹⁵.

⁹² *Frontstage* é uma expressão que será explicada na seção 4.2.6, refere-se às mídias públicas utilizadas para visibilizar uma comunidade ou uma causa.

⁹³ Como o Facebook, por exemplo.

⁹⁴ Exceto os livros de Memória Social que foram todos lidos e os quais recomendo fortemente para aqueles que se interessam tanto pelo universo da migração feminina quanto pela ecologia das tecnologias da comunicação e informação.

⁹⁵ Entre os coletivos merecem ser destacados: *Visto Permanente*, coletivo nascido em 2015, com a intenção de filmar e publicar vídeos de migrantes residentes em São Paulo, composto por brasileiros, colombianos, venezuelana e portugueses. Entre as produções, encontramos Remberto Suárez, migrante boliviano que traz sua *performance* como Florência Transformista, divulgando a causa migrante na comunidade LGBTQ+. O *Sarau das Américas*, coletivo que divulga produções artísticas de migrantes residentes em São Paulo, com integrantes da Argentina, Brasil, Cuba, México e Venezuela. O *Cabaré das Martas*, grupo circense argentino-brasileiro. A *Cia Bambolística*, duas irmãs mexicanas que vivem entre o México e o Brasil e se apresentam com bambolês. *Festival Cultural Pangeia*, organizado pelo coletivo MisturArte.

Entre os coletivos encontrados, dois haviam surgido na pesquisa bibliográfica: a banda feminina de *hip-hop* Santa Mala⁹⁶ e o coletivo Base Warmis. A banda é tema da dissertação de mestrado defendida por Priscila Silva de Oliveira e orientada pela Profa. Dra. Denise Cogo: *Comunicação, representações e migração feminina: um estudo de caso do grupo de rappers Santa Mala* (2018). O coletivo Base Warmis é foco do artigo de Natália Ledur Alles e Denise Cogo (2018) em que tratam de ativismo e uso de TICs.

Webrádios, programas de TVs, blogs e associações voltados para assistência à pessoa migrante e/ou promoção da cultura boliviana: esta categoria agrega um número bastante grande de integrantes, dos quais serão apenas citados a título de registro o Instituto Planeta América Latina e a agência de notícias Bolívia Cultural, idealizadores da campanha Yo Cuido a Mi Amiga, de prevenção de violência contra a mulher. Segundo Berbert, em 2016 existiam 14 rádios bolivianas classificadas como piratas em São Paulo, que chegavam a ser tocadas por 16 horas seguidas nas oficinas. Para a autora, é o principal veículo de comunicação para aqueles que chegam sem recursos financeiros e vivem reclusos nas comunidades, sendo o rádio uma extensão das tradições andinas, que se fundam na oralidade (BERBERT, 2018). Segundo Dias, 65% dos entrevistados para sua dissertação apontam o rádio como fonte de informação sobre oferta de emprego nas oficinas (DIAS, 2010, p. 69).

Elhajji e Malerba explicam que as rádios comunitárias hertzianas foram legalizadas em 1998, mas a legislação de outorga brasileira tem um formato desfavorável à comunidade diaspórica devido à limitação de potência e a transmissão ser exclusiva por FM, restringindo o acesso a

⁹⁶ *Santa Mala* (2019) é uma banda de *rap* e *hip hop* formada em 2012 por três irmãs de La Paz – Jenny, Pamela e Abigail Llanque – administradoras da própria oficina de confecção. Segundo a página oficial do grupo no Facebook, fazem música afetiva e combatente, *rap* “de minas”, “de bolivianas” e “de bairro”. Temas recorrentes: machismo, imigração e direitos humanos. Já faziam música em La Paz, onde formaram a banda *Hermanidad Feminina*, em 2004. As irmãs apresentam sua biografia do site vermelho.org em 2016: com pai ausente, a mãe sustentava as filhas vendendo comida na rua. Jenny, a mais velha, migrou para o Brasil – o tio vivia em São Paulo – para ajudar a família com remessas de capital. Voltou para a Bolívia com o dinheiro que juntou na confecção para custear o tratamento da mãe, que adoeceu gravemente em 2009 e não contava com suporte do sistema público de saúde boliviano. Voltou para o Brasil com a mãe e as irmãs, refizeram o patrimônio. Pamela, solteira, é mãe de uma menina. Integram o coletivo *LatamSquad*, de *hip-hop*, onde são as únicas mulheres. Citam como referência: *Actitud Maria Marta* – dupla argentina, Arianna Puello – República Dominicana, *MaKiza* – grupo chileno. Ao citar o Sabotage, grupo brasileiro, assinalam a barreira linguística, que uma vez vencida, abriu oportunidade para novas referências: Dina Di, Racionais, Visão de Rua, Tábata Alves e BrisaFlow, que será citada abaixo. As *rappers* foram apresentadas à autora da matéria – Adriana Terra – por Cristina de Branco, luso-brasileira integrante do Visto Permanente, projeto que registra novas culturas na capital em vídeo e preparava, na época, um documentário sobre com as *rappers*. Cristina, filha de exilados chilenos, estava se aproximando de Ana Tijoux – ex-Makiza, citado acima. A importância do grupo para esse trabalho reside tanto no fato de representarem a perspectiva feminista latino-americana quanto as redes comunicativas femininas que se desenvolvem alheias às nacionalidades, tendo seu foco na produção artística e cultural de resistência e denúncia, citadas na metodologia.

comunidades geográficas; dirigentes devem ser brasileiros ou naturalizados há pelo menos 10 anos; obrigatoriedade da veiculação dos conteúdos em português; veto à publicidade comercial, portanto ficam dependentes de apoio cultural e doações. Daí a importância do universo digital – a transmissão por bits – que “contorna” tais exigências legais através da apropriação de tecnologias contemporâneas. As webrádios surgem em meados dos anos 1990, possibilitando o acesso desterritorializado, potencialmente independente de fronteiras geográficas; segmentação do público; ampliação da interatividade; convergência midiática; potencial democratizante, já que se trata de um serviço desregulamentado (ELHAJJI; MALERBA, 2016).

Memória Social: o projeto *Mujer tú eres parte no te quedas aparte*⁹⁷ se propõe a promover o encontro das mulheres migrantes com as raízes de sua cultura. Os projetos têm em comum a predominância de mulheres de classe média com raízes aparentemente euroasiáticas, embora a ascendência não seja o foco. Estão claramente voltados para uma porção da população que não se identifica com os povos originários ou com movimentos feministas latino-americanos contemporâneos. O interesse reside no fato de que os relatos proporcionam um retrato rico de uma porção da sociedade latino-americana e evidenciam as generalizações contidas no uso desse termo. Para interesse específico da pesquisa, é um retrato da revolução produzida pelas webs diásporas na construção da pessoa migrante.

Os relatos são contundentes ao tratar do isolamento, solidão e desamparo pessoal das mulheres que chegam em um país onde não dominam a língua, os costumes ou a paisagem, sem contar com uma rede de apoio. São, na maioria, mulheres que migraram entre as décadas de 1960 e início dos 1980, quase que por unanimidade acompanhando os maridos. Em alguns casos, a migração se deu por motivos políticos, em outros por motivos econômicos, mas existe em comum uma violenta ruptura com o país de origem – ainda que em alguns poucos casos, fossem possíveis visitas anuais em períodos festivos ou férias. Talvez por terem acontecido em um momento pouco expressivo em termos de volume migratório, como já comentado, são experiências solitárias, sem uma rede de contatos significativa e em alguns casos, nenhuma. As experiências relatadas mostram a forte conexão da comunicação, seja face a face, seja à distância, e das redes sociais com a

⁹⁷ Idealizado por Oriana Jara (2010; 2011; 2012; 2017) e a ONG Presencia de América Latina – PAL, executados com a colaboração dos consulados da Argentina, Chile, Colômbia e Uruguai e de mulheres migrantes voluntárias, adotam a metodologia do Museu da Pessoa. São ao todo quatro volumes publicados entre 2010 e 2017, cada qual representando uma nacionalidade. Trazem relatos de vida de mulheres chilenas, uruguaias, colombianas e argentinas que se instalaram no Brasil entre as décadas de 60 e 80. Estão indicados nas referências bibliográficas. O livro sobre as Chilenas, está indicado como FUENTES, Inês *et al.* (org.).

experiência territorial e temporal. A suspensão do tempo é uma imagem recorrente: seja na forma do sonhado retorno pós aposentadoria para a cidade que deixou para trás e que em algum momento o migrante percebe como uma fantasia, já que a cidade sonhada já não existe; seja na forma de choque cultural, quando a migrante já retornada ou em visita após longos anos, se dá conta de que na sociedade de origem os amigos e parentes construíram subjetividades outras, a cumplicidade já não flui como na fantasia e as feições mudaram. A comunicação cotidiana e em tempo real constrói outra experiência migratória: escrita e oralidade exigem tipos diferentes de interpretação, assim como a relação estabelecida pelo tempo.

Olhando para as redes de comunicação, no âmbito dessa pesquisa, Silva explica que a comunicação telefônica com a Bolívia na época – a dissertação foi defendida em 2008 – era feita através do sistema de telefonia regular, com a aquisição de cartões a preços populares. Anteriormente aos cartões, segundo o autor, era utilizado um sistema via satélite conhecido como “telefones trunchos”, cuja cobrança era feita por minuto e as ligações realizadas mediante pagamento ao ofertante do serviço (SILVA, 2008, p. 105). Atualmente, a comunicação das mulheres da *Asociación* se dá, majoritariamente, através do aplicativo WhatsApp, tanto entre aquelas que vivem no Brasil quanto com a família e a comunidade no exterior. Nesse sentido, recorremos a Truzzi, que alerta para a distinção entre mapas mentais e mapas geográficos: a distância está mais ligada ao isolamento social e cultural do que à localização geográfica propriamente dita (TRUZZI, 2008, p. 207).

Quanto às bolivianas, existe o livro *Histórias que se cruzam na Kantuta*, projeto de escala mais modesta, organizado por Luana de Freitas Garcia (2016). É fruto do estágio em Psicologia Comunitária realizado por Garcia em parceria do coletivo *Sí, Yo Puedo* com a Universidade Presbiteriana Mackenzie. Traz as experiências atuais de seis migrantes, entre eles duas mulheres.

Grupos de dança folclórica boliviana: os grupos folclóricos foram encontrados no Facebook. São fraternidades que se espalham pelos diversos países, de acordo com nichos migratórios. As mulheres são bastante fotografadas, recebem parabéns pelo seu dia, são exaltadas pelo seu compromisso com a cultura e valentia, mas não aparecem como protagonistas de matérias. Aparentemente, são grupos mais encerrados em si, por etnia, embora compartilhem espaços públicos por força das circunstâncias. O pesquisador Sidney A. da Silva se debruça sobre o tema no artigo *Bolivianos em São Paulo. Dinâmica cultural e processos identitários* (2012). A distinção entre os grupos é evidente, assim como a indumentária carregada de simbolismos.

As fraternidades ilustram o conceito de “identidade relacional”, como apresentada por Stuart Hall (2006): as singularidades tão evidentes entre as(os) bolivianas(os), no senso comum para nós brasileiras(os) acabam relegadas a segundo plano frente à distinção fenotípica, que homogeneiza uma nacionalidade que historicamente luta pelo reconhecimento de sua pluralidade. A Wiphala, bandeira que representa os povos andinos originários e sua filosofia, assumida como oficial no governo de Evo Morales, aparece ao lado da bandeira nacional da Bolívia nas festas das *Alasitas* e *Wallunka*, mas não é unânime entre os grupos de dança.

Esta descrição da pesquisa de campo que realizamos se justifica no fato de que foi possível perceber que a realidade se mostra muito mais complexa do que a tendência à redução nos leva a crer. Todos esses grupos circulam pela cidade, estão em contato e se afetam mutuamente, seja de maneira presencial – em festivais, datas comemorativas – seja de maneira virtual. A partir deste percurso, chegamos ao que nos pareceu mais profícuo tomar como objeto de estudo: mulheres pertencentes aos extratos mais vulneráveis da população migrante boliviana e que usassem as tecnologias da comunicação na constituição de redes comunicativas em uma perspectiva feminista. Foram realizadas visitas à feira da Praça Kantuta, onde não obtive êxito, e à feira da rua Coimbra.

A visita à feira da rua Coimbra foi um tanto desconfortável, apesar de não haver um episódio específico que possa ser relatado como exemplo. Claramente, eu não pertencia ao ambiente e os olhares que recebi carregavam uma certa desconfiança, uma apreensão. Pode ser uma questão de horário: pela manhã a feira é bem menos concorrida e vai se enchendo ao longo do dia para se transformar em um evento enorme ao cair da noite, como constatei posteriormente; – talvez o burburinho e o lusco-fusco tivessem me tornado menos visível. Na tentativa de “quebrar o gelo”, comprei produtos vindos do altiplano, pedi receitas, mas não fui bem-sucedida. Deparei-me com adolescentes e jovens, principalmente mulheres, que estavam à frente das barracas atendendo clientes, mas ao serem abordadas por mim, mesmo que falando castelhano (ou uma tentativa de), entravam visivelmente em pânico. Quando isso acontecia, outra mulher que parecia ser a dona da barraca rapidamente tomava a frente. Mudei minha abordagem, mas demorei para entender: não eram só indocumentadas com medo de serem descobertas pela imigração, também não falavam castelhano. Essa informação foi depois corroborada por d. Martha e d. Carmen: muitas moças migram das áreas rurais do altiplano direto para São Paulo, sem ter habitado regiões urbanas da Bolívia.

Minha pesquisa foi “salva” por um senhor brasileiro que vendia nas ruas: me abordou

perguntando se podia ajudar – uma evidência de que eu estava completamente desintegrada na paisagem. Expliquei o que estava buscando e ele me indicou o Centro de Integração do Migrante (CII), no final da rua. Lá fui muito bem recebida pelas atendedoras que fizeram a “ponte” com as diretoras da *Asociación*. Sugeriram que voltasse na segunda-feira – a feira acontece aos sábados – para falar com uma determinada senhora que mantinha contato mais estreito com a comunidade e assim organizou-se o primeiro encontro com o grupo que atendia aos pré-requisitos propostos. Ao final, tratou-se de um acaso. Uma das atendedoras que me recebeu no CII é amiga de d. Rosmery, na época uma das diretoras do grupo do Brás. D. Rosmery convocou a presidente e três diretoras que marcaram comigo um encontro no qual expliquei a pesquisa e me contaram um pouco das atividades que realizavam. Este momento está relatado na próxima seção como “primeiro encontro”. Ficou evidente que eu havia encontrado o grupo que estava procurando.

Figura 16: CII - Centro de Integração do Imigrante

Fonte: Arquivo pessoal

Por parte do grupo existe interesse em que eu divulgue a *Asociación*, aumentando o engajamento de pessoas que venham a apoiá-las, o que gerou um primeiro conflito de metodologia, já que, ao divulgar o nome da *Asociación*, exponho o grupo, ainda que seus nomes próprios sejam todos fictícios. De qualquer forma, a posição das duas mulheres que iniciaram a *Asociación*, a mantêm operando e a quem trato como dirigentes⁹⁸, d. Carmen e d. Martha, é que se trata de um

⁹⁸ A formação do grupo será relatada na próxima seção, quando do oitavo encontro. D. Carmen e d. Martha são as grandes responsáveis pela manutenção e coesão do grupo, ainda que haja outras mulheres firmemente comprometidas

legado que pretendem deixar para a comunidade e em todos os encontros que fizemos o objetivo da minha presença foi explicado por elas.

Definido o grupo, foi selecionada como metodologia a pesquisa participante, que a pesquisadora Cicília Peruzzo caracteriza introdutoriamente como aquela em que o observador é presença constante no ambiente do investigado, para que veja as coisas de dentro, compartilha de modo consistente e sistematizado das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, se envolvendo em atividades e compartilhando “interesses e fatos” e ainda que o pesquisador pode vir a “assumir o papel do outro” para poder atingir “o sentido de suas ações” (PERUZZO, 2003, p. 2). Peruzzo localiza a presença expressiva das pesquisas participantes na década de 1980 e início dos anos 1990, sendo que, no campo da comunicação social:

[...] propõe-se ir além da constatação crítica sobre as manipulações da mídia e seu poder de influência, cujos estudos se ancoram nos referenciais teóricos da teoria crítica de tradição frankfurtiana, e ao mesmo tempo, contribuir para o avanço da pesquisa em comunicação e para a transformação social. O sentido deste tipo de pesquisa, construído informalmente, era de “não só denunciar, mas agir”, de extrapolar os muros da universidade e do debate puramente abstrato para o chão dos acontecimentos sociais que envolviam a criação de alternativas comunicacionais nas classes populares (PERUZZO, 2003, p. 7).

Dentro desta metodologia, optou-se pela modalidade “observação participante” onde o(a) pesquisador(a) participa das atividades, mas não se confunde com o grupo, exceto em situações excepcionais, é autônomo(a) no sentido de que grupo e ambiente não interferem na pesquisa, seja na formulação de objetivos, seja nas informações registradas, seja nos dados observados ou sua interpretação (PERUZZO, 2003, p. 10-11). Sendo assim, especificamente as dinâmicas citadas no segundo e quarto encontros, das quais participei antes da pandemia⁹⁹, seguiram os parâmetros descritos. Meu papel como observadora foi esclarecido com as dirigentes e revelado para o

com a *Asociación*, e participantes em todas as decisões, como diretoras de bairro e a secretária geral, responsável pelas atas dos encontros. Ocorre que minha comunicação ficou concentrada nas duas primeiras, o que também crédito às consequências da pandemia.

⁹⁹ As notícias sobre a pandemia corriam desde o final de 2019 e já parecia evidente que chegaria ao Brasil, tendo o Carnaval como momento de convergência. O primeiro caso de COVID-19 em São Paulo foi registrado nos últimos dias de fevereiro de 2020, portanto, desde o início das buscas estava claro que a pesquisa de campo seria afetada. No entanto, há que se ter em conta duas questões: em primeiro lugar, a observação em campo era seminal para os objetivos da dissertação; em segundo lugar, não havia previsão das proporções que a pandemia tomaria e muito menos do seu tempo de duração. O primeiro pensamento que me ocorreu foi que eu teria um grave problema de atraso nas observações de campo que seriam compensados com o investimento na parte teórica. As primeiras reuniões ocorreram antes do início da quarentena.

grupo¹⁰⁰ em momento definido por elas, como será relatado na seção 4.1, não havendo interferência minha nas atividades ou vice-versa: me era designado um local – com certo grau de afastamento dependente do espaço físico disponível – de onde observei e anotei as dinâmicas. Com o desenrolar da pandemia, minha posição no grupo muda e me torno “participante”, como será relatado a seguir. No guarda-chuva das pesquisas participantes, Peruzzo aponta que nesta modalidade o pesquisador acompanha e vive a situação concreta que abriga o objeto, sua investigação assume um papel e se compromete a “devolver” algo para o grupo, entre outras observações (PERUZZO, 2003, p. 14). Este é o caso, portanto, da segunda fase desta pesquisa, somado do fato de me haver comprometido com a divulgação da *Asociación* e a busca por espaços institucionais onde possa se inserir, como aparecerá nos relatos.

Como observado acima, com o advento da pandemia, a natureza de minha inserção no grupo mudou radicalmente, dado que me envolvi em questões que já não diziam respeito à observação das dinâmicas da *Asociación*, festas ou comemorações, e passei a ser considerada parte do grupo, posição que perdura mesmo após o encerramento da fase de observação. O castelo de areia foi se desmanchando lentamente, enquanto eu assistia impotente e tentava “salvar” meus objetivos iniciais, mantendo a “objetividade e o distanciamento de pesquisadora”. Agora percebo que foi uma bobagem completa, inclusive porque, honestamente, não combina com minha personalidade e basta um sorriso mais aberto para que minha objetividade se derreta. O momento de virada aconteceu quando as mulheres me pediram ajuda – será relatado na próxima seção – e precisei decidir, em poucos minutos, entre a pesquisa “objetiva” e ajudá-las. Entendimento que se revelou uma falsa dicotomia, no decorrer do processo: meu envolvimento explícito, em meu entender, enriqueceu minha vida e a pesquisa. Entendo que declarar este envolvimento é uma questão ética e que, ao refletir e identificar os achados, deve-se ter em conta o papel que foi assumido.

A preocupação em me contaminar e levar o vírus para dentro de casa, envolvendo marido e filha adolescente, representou grande parte das minhas angústias ao longo de todo o processo, assim como a certeza, bem lá no fundo, de que o rigor em meus protocolos era uma fantasia que se anunciava a cada abraço que recebia, nos encontros que aconteceram. Entre as decisões de cunho pessoal que precisaram ser revistas, a primeira delas foi em relação ao deslocamento até os

¹⁰⁰ Por decisão das dirigentes, o meu papel, durante os encontros, é revelado entre o encerramento das dinâmicas e o lanche comunitário. Existe uma dificuldade na compreensão do termo “educadora”, mas superamos a fase em que era tratada como “jornalista” para a fase em que passei a ser uma “não jornalista”.

encontros: passei a me deslocar de automóvel ao invés de adotar o transporte público, salvo uma ou outra exceção. O que se revelou também um risco em potencial, já que na maioria das ocasiões acabei por dar carona às mulheres. As entrevistas de cunho pessoal, também programadas no projeto original, não ocorreram: a ideia era incorporar à pesquisa 5 ou 6 entrevistas semidirigidas, abordando o arco temporal de Bolívia-São Paulo, olhando para a construção desse viver transnacional com ênfase no uso da comunicação digital. As entrevistas seriam realizadas em caráter privado, agendadas com cada uma das mulheres interessadas em contar sua história. Adianto que todas aquelas com quem comentei estavam dispostas e ansiosas para contar sua história, de maneira que a desistência desta etapa me causou muito pesar. No entanto, não se tratava apenas da minha segurança, mas da segurança das mulheres e suas famílias, já que eu mesma poderia me converter em vetor de contaminação.

Com a suspensão das aulas presenciais, em 16 de maio de 2020, e posteriormente a migração para o trabalho em *home office*, passei, com a minha família, longos períodos fora de São Paulo que foram coordenados aos encontros. Nossa comunicação se manteve constante, pelo WhatsApp, e as dirigentes estavam sempre a par dos momentos em que me encontrava na cidade. Em outros momentos, organizei minha permanência na capital, conforme solicitaram minha presença. A minha percepção, baseada unicamente nesta vivência que relato, é de que as infecções pela COVID-19 atingiram a comunidade com mais violência ao longo da segunda onda, na fase após as festas de final de ano, período em que os encontros foram bastante reduzidos. No último que tivemos em junho último, quando fui convidada para uma *thapi* (refeição comunitária), já fora dos relatos, havia cerca de vinte mulheres e quase todas comentaram haverem sido contaminadas.

Os relatos mostrarão que com a alteração radical do ambiente, os objetivos foram mantidos, porém, a coleta de dados foi adaptada e agregou novos elementos. Como já comentado, a intenção original era acompanhar somente os encontros de reflexão e capacitação, realizados com grupos de mulheres dos diferentes bairros onde a *Asociación* se encontra. Os encontros estavam previstos em vários bairros da cidade aos sábados e/ou domingos, conforme agenda pré-estabelecida¹⁰¹ pela *Asociación*. Nós nos reunimos quatro vezes antes da pandemia. Na primeira reunião, nos apresentamos e acordamos a pesquisa. A terceira tratou-se de grande encontro da comunidade em

¹⁰¹ Esta agenda é organizada com bastante antecedência, já que é necessária a reserva dos espaços para os encontros: são salões paroquiais e espaços municipais. Em Guaianases, acontecem na casa de d. Carmen. Em Tiradentes, acontecem na casa de Don Hélio e D. Juana.

comemoração ao Dia das Mulheres¹⁰². A segunda e a quarta reuniões foram encontros de reflexão. Estes encontros seguem uma sequência de temas determinados pelas dirigentes, que também determinam as dinâmicas que serão realizadas. Assim, se em um bairro o tema do encontro é “trabalho digno”, em outro pode ser “violência de gênero” ou “saúde mental dos filhos”. Em comum a todas, ao final acontece uma oração e um lanche comunitário. Para além dos temas, como será relatado no próximo capítulo, seria uma oportunidade para assistir a processos reflexivos de grupos com tempo de formação e quantidade de encontros variados. As reuniões de capacitação para as mulheres que desejam participar como líderes nos bairros não tive oportunidade de assistir, já que foram suspensas durante a primeira onda da pandemia. Durante a segunda onda, alguns encontros aconteceram, mas eu me encontrava fora da cidade e, de qualquer forma, receosa da contaminação, não teria participado. Os encontros com adolescentes, os quais também estavam em processo inicial, e que também não presenciei, não tiveram sequência.

As novas atividades que surgiram estavam todas voltadas à assistência emergencial de mulheres (e suas famílias): distribuição de cestas básicas, organização de bazares, coleta de doações, confecção de pães comunitários, acolhimento de mulheres. Passei de observadora-participante a participante, quando me engajei na captação de cestas básicas, recursos financeiros e material para a produção de máscaras, objetos para a montagem da casa para as mulheres, para o “Cantinho das Crianças” e para bazares. Fiz doações, me responsabilizei por algumas das despesas financeiras que as dirigentes não conseguiam cobrir, como o transporte das cestas básicas do ponto de doação até Guaianases (para os bairros, volumes menores, elas conseguiam negociar com conhecidos, pagando apenas o combustível). A pedido delas, abri uma Vakinha, utilizando a minha conta bancária. Algumas das decisões que tomaram foram divididas comigo na condição de “amiga que conhece o Brasil e os processos que regem a vida cidadã”¹⁰³, como a decisão de tirar o CNPJ, ainda que eu tenha tomado o cuidado, ao longo de todo o processo, de não me colocar de forma impositiva. Auxiliei na elaboração de textos para apresentações, tanto pela dificuldade

¹⁰² Embora fugisse da proposta inicial de encontros, tratou-se de um exercício de imersão útil para compreender melhor a comunidade, necessidade que já se apontava. Estava claro que o senso comum não correspondia à realidade dos cotidianos, tal qual eu os estava presenciando. As pesquisas acadêmicas, por sua vez, todas fundamentais para minha pesquisa, não estavam olhando para o rumo que tomava minha pesquisa.

¹⁰³ Há que se tomar em conta que pode ser bastante difícil para um estrangeiro entender como se organiza o viver no país: sistema bancário, suas taxas e cobranças; função de um CNPJ; sistema públicos de atendimento ao cidadão; tributações. Além disso, existem os casos de imigrantes enganados por profissionais ou pessoas que se passam por profissionais e as histórias que são inventadas por agenciadores e oficinheiros com o objetivo de mantê-los em suas oficinas. Existe, portanto, um medo recorrente tanto de ser enganado, de ter seus dados roubados, quanto de incorrer em alguma ilegalidade.

que sentem com o idioma e o receio de cometerem erros gramaticais, quanto pelo fato de que não dominam programas como o *PowerPoint*. A nossa relação e a comunicação pelo WhatsApp se transformaram numa relação de afeto e cuidado. Este processo será relatado no próximo capítulo.

A gravação dos encontros esbarrou em obstáculos. O primeiro encontro¹⁰⁴, de reconhecimento mútuo, não foi gravado e não pedi que fosse. Lembro que boa parte das mulheres são indocumentadas, então existe um desconforto visível em abrir-se para alguém que não conhecem. Nesse caso, eu estava de automóvel e, usando o gravador do celular, registrei o encontro durante meu percurso de retorno à minha casa. Ao chegar, transcrevi e acrescentei pontos que haviam escapado ao relato gravado. No segundo, quarto, quinto, sexto e sétimo encontros, para os quais não recebi autorização, ou eu mesma entendi que seria prejudicial para a dinâmica que se desenrolava, comprometendo a intimidade do momento, usei anotações em tempo real e transcrição de memória¹⁰⁵. Por diversas vezes, não foi possível gravar ao longo do percurso de retorno à minha casa, seja por que utilizei transporte público, seja porque levei de carona algumas das mulheres. Importante notar que passei a frequentar encontros de diversas naturezas como parte integrante do grupo e em alguns casos na posição de homenageada, pelo auxílio à comunidade.

O terceiro encontro, evento público citado acima em comemoração ao Dia das Mulheres, foi gravado e posteriormente transcrito (ver nota 103). No evento relatado, como no oitavo encontro, foram usadas duas metodologias: na primeira parte, quando as mulheres estavam reunidas e discutindo questões particulares de organização da *Asociación*, usei os relatos de memória, tomando o cuidado para posteriormente, na análise, não revelar questões não autorizadas. Na segunda parte, a minha conversa com as dirigentes d. Carmen e d. Martha, utilizei o gravador do celular com autorização delas e o compromisso de não expor determinados assuntos que me foram revelados. Estávamos sentadas uma de frente para a outra e o celular disposto entre nós, de forma que os prejuízos à gravação, que serão relatados, foram causados pela acústica do local em que nos encontrávamos. O nono e último encontro que presenciei (para efeito desse relato, neste momento em que escrevo já participei de outra *thapi*) gravei em vídeo por solicitação das dirigentes, para postagem na página da *Asociación* no Facebook pela diretora responsável. Nesse caso, as participantes do encontro foram avisadas da gravação e da intenção da postagem, tendo

¹⁰⁴ Os encontros estão numerados e relatados na próxima seção.

¹⁰⁵ Essas transcrições foram feitas o mais próximo possível do momento do encontro, no mesmo dia ou logo no dia seguinte, quando o cansaço não permitiu, para que as conversas não fugissem da memória. A releitura da transcrição é importante para o preenchimento de lacunas.

concordado.

Os métodos de coleta se adequaram então, ao momento. Os ambientes onde ocorrem os encontros são bastante desfavoráveis às gravações “amadoras”: os ambientes não têm acústica adequada, arquitetonicamente falando, e o som reverbera ou se perde na amplidão do ambiente; na maior parte das vezes estavam expostos aos ruídos das ruas e ao barulho das crianças que acompanham as mães. Aos problemas externos se junta o fato que as mulheres tendem a falar em um volume tão baixo que fica impossível ouvir. Além disso, a conversa flui em um ritmo muito acelerado para quem não é falante nativo, com expressões que não são do vocabulário formal, ou ainda em quéchua e aimará. Expressões que precisei investigar com o auxílio da Internet. Entender os nomes próprios talvez seja o maior problema, porque fogem a uma lógica do que pode ser automaticamente intuído: quando estão falando, o que acontece às vezes em castelhano, às vezes em uma mistura com o português, o sentido da frase preenche a maioria das lacunas. Em nenhum momento me ocorreu como hipótese usar um equipamento de gravação profissional, dada a interferência que provocaria no ambiente.

As mensagens de WhatsApp foram transcritas, inclusive as mensagens de áudio, separadas por interlocutora, em ordem cronológica e datadas. As mensagens relevantes para a análise estão relatadas. As imagens recebidas também foram salvas e, se relevantes para o entendimento da pesquisa, inseridas no trabalho. Para além de se tornarem objeto de análise, foram também bastante úteis nos momentos em que senti alguma apreensão quanto à cronologia ou ao contexto dos fatos. Sendo nossa troca de mensagens intensa, muitas vezes visitei as datas ao reler os diários de campo, esclarecendo um ou outro ponto. Os registros fotográficos e vídeos, da mesma forma, foram classificados. Encontrei dificuldade com as recepção de mensagens de vídeo cuja sobrevida é curta, que recebi com mais assiduidade de uma das diretoras da *Asociación* que está citada na análise. Sendo moradora da Casa Verde, apesar da grande empatia que nos aproximou, pouco nos encontramos por causa da pandemia. Não consegui assistir nenhum dos quatro ou cinco vídeos que me enviou, pois estavam expirados, intuo que fossem mensagens de cunho religioso e autoajuda. De qualquer forma, existia também o receio de que carregassem vírus, o que seria um desastre irreparável para minha pesquisa.

Quanto às transcrições dos relatos, sejam eles gravados pessoalmente ou mensagens de áudio, há de se concordar que existe mediação. Tanto Bosi (1993) quanto Bourdieu (2006) são atentos a isso e entendem que muito se perde dos não ditos, dos silêncios, das ironias ao ater-se o

redator exclusivamente à oralidade crua. A pontuação, os trejeitos e tiques de fala, o arrastado de uma expressão, tudo compõe o universo simbólico e muito se perde na transcrição. É concebível, portanto, um nível de “licença poética” do(a) relator(a), permitindo que este relato seja o mais próximo possível da intenção daquele que narra. Assim foi feito, com a pretensão de se chegar a um ponto ótimo – caso tenha havido possibilidade de registro das falas, já que nem sempre essa situação ideal se concretizou.

Em função da relação com o grupo e das possibilidades ou impossibilidades de contato, todas as ações foram transformadas em um diário de campo, essencial na perspectiva metodológica adotada (LAGO, 2007). Com a intenção de preservar a identidade das pessoas envolvidas, seus nomes foram substituídos. Informações essenciais à análise e de interesse do grupo, como o nome da associação, foram expostas. Segundo Bourdieu (2006), a não intervenção permanece sujeita aos “esquemas interpretativos” – expressão do autor. Nomes próprios, indicação de lugares, ao serem suprimidos em nome do anonimato, também suprimem indícios importantes de elementos estruturantes. O autor entende que o processo de transcrição das entrevistas realizadas (em nosso caso, além das observações, houve conversas específicas com algumas das mulheres), implica em um importante trabalho de reescrever:

Assim, transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever: como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade. (BOURDIEU, 2008, p. 710)

As mulheres da comunidade que acompanho se encaixam simultaneamente tanto no grupo das mulheres que trabalham no mercado informal quanto no quadro das trabalhadoras que realizam seu trabalho no espaço em que habitam. A necessidade de conciliar os prazos das oficinas – e o pagamento por produção – com os cuidados domésticos se transformam em fonte de intenso estresse e ansiedade: cuidados com a casa e vestuário, alimentação; a vida escolar dos filhos, que envolve preparar, levar os filhos à escola e buscá-los; eventuais demandas de saúde e a angústia por não se fazerem presentes nas necessidades afetivas das crianças e adolescentes. Acrescenta-se a esse quadro, os espaços insalubres, mal ventilados e mal iluminados, a pressão pelo pagamento do aluguel e o medo do despejo, o alto custo da vida na capital. Ouvi também relatos sobre o sofrimento dos filhos, que se sentem distantes dos pais mesmo existindo convivência física. Acaba

se constituindo um paradoxo: os pais são presença física, mas indisponível, empenhados no desejo de construir um “futuro melhor” para os filhos e garantir a sobrevivência de todos; os filhos se ressentem dessa “presença ausente”, mas reconhecem o esforço dos pais e, sendo assim, sofrem em silêncio.

4.1 O encontro com a *Asociación*¹⁰⁶ de *Mujeres Imigrantes Luz y Vida – Sembrando semillas*

A rua Coimbra foi o local de nosso primeiro encontro, além de outros dois que serão relatados. Localiza-se no bairro do Brás, um bairro que traz a migração em seu “código genético”. Parada de tropeiros e ambulantes no período colonial, em 1818, tornou-se uma freguesia (paróquia) e em 1867, ganhou uma estação de trem. Ao logo da linha férrea, desenvolveram-se indústria e comércio. Área sujeita às inundações do rio Tamanduateí, oferecia terrenos baratos para habitação e tornou-se o destino dos trabalhadores que convergiam para as indústrias e comércio da cidade. Um reduto italiano. Em 1887, passou a abrigar a Hospedaria dos Imigrantes, fundada pela Sociedade Promotora de Imigração, uma associação dos cafeicultores paulistas que recebia os imigrantes que aportavam na cidade de Santos, aguardando o momento de seguir para as lavouras de café no interior do estado. Segundo Bazani (2011), entre 1887 e 1920, passaram pela hospedaria 3 milhões de pessoas. A partir de 1920, tendo se expandido enormemente, adotou um sistema de transporte particular, as jardineiras¹⁰⁷, que atendiam as regiões mais distantes, não contempladas pelos bondes. Um processo que corresponde, na atualidade, às vans clandestinas, que preenchem as lacunas deixadas pelo poder público. Entre 1940 e 1952, tornou-se centro de convergência da migração de brasileiros vindos do nordeste, em fuga de duas grandes secas, conferindo ao bairro novas características, com o predomínio da população e o comércio de produtos típicos da região do nordeste do Brasil. Em 1970, o ramo da confecção se instalou na região, atraindo ao logo dos anos seguintes coreanos, bolivianos e paraguaios, como já comentado. A estação Brás do metrô foi inaugurada em 1979 e em 1980, as estações Bresser e Pedro II, que combinadas com 3 linhas de trens metropolitanos e 9 linhas de ônibus, irrigam a região, fomentando o comércio popular.

No entorno da rua Coimbra, a paisagem é de ruas estreitas, de difícil circulação, congestionadas e barulhentas. Observam-se velhos galpões de fábricas, edifícios de pequeno porte, sobrados pequenos e mal tratados que abrigam comércios os mais variados, muitos ligados ao ramo das confecções, sacarias, mas, também, ao viver migrante (comidas e artigos típicos que chegam do Altiplano), lojas de eletrônicos e bugigangas populares, restaurantes nordestinos e bolivianos, botecos, cabeleireiros. Antigas fábricas, das quais sobraram apenas as carcaças, oferecem estacionamento para os milhares de sacoleiros que passam pelo bairro em busca de produtos para

¹⁰⁶ Estou adotando a grafia das camisetas que as dirigentes usam quando estão trabalhando pela *Asociación*.

¹⁰⁷ “veículos rústicos de madeira feitos sobre chassis de caminhão, que enfrentavam ruas de difícil acesso, atoleiros, lama, subidas, descidas” (BAZANI, 2011, s.n.)

revenda. Em meio a essa confusão intui-se uma enormidade de cortiços e habitações insalubres nas sobrelojas. Fora das artérias comerciais, residências de frentes estreitas, coladas umas às outras. O poder público não parece muito empenhado na revitalização da região: os postes suportam um carnaval assustador de fios emaranhados e as ruas são sujas; as calçadas emendadas e remendadas mil vezes, são armadilhas. Curiosamente, a região abriga o Templo de Salomão, uma construção gigantesca, completamente dissonante na escala urbana, sede da Igreja Universal do Reino de Deus. Abriga também o Centro de Integração do Imigrante, lembrando sua vocação, como já foi comentado.

O comércio de produtos começa a fechar sábado perto de 13h e a rua Coimbra, já cedo, passa a receber as barracas da feira, conhecida como “Feira dos Bolivianos”, cujo número vai aumentando ao longo do dia até virar uma grande “festa” no final da tarde, quando transborda pelas ruas laterais. As barracas vendem de tudo: alimentos trazidos do Altiplano, comidas típicas, roupas e acessórios, brinquedos, cds, equipamentos eletrônicos e oferecem também cortes de cabelo. Nos relatos do terceiro e quarto encontros, tratamos um pouco mais do ambiente. É uma região viva e pulsante, muito diferente dos desertos de muros em que estão se convertendo bairros mais “nobres” da cidade. Ponto de referência importante para a comunidade boliviana, abriga, com a diretoria de Guaianases, o núcleo forte da *Asociación*.

Os relatos seguintes retratam a *Asociación*. Trata-se da reunião de mulheres que se agregaram com o objetivo de superar as difíceis condições às quais estavam submersas, como migrantes indocumentadas do nicho laboral da costura. Tudo começa quando são convidadas a participar de grupos reflexivos promovidos por organizações não governamentais, voltados para o viver da mulher migrante. Como será colocado no relato de d. Carmen, já existia um inconformismo anterior com a situação em que viviam, porém, não havia a apropriação da realidade político-institucional da cidade e do país. Era como se estivessem vivendo em um mundo paralelo, uma realidade construída ao redor do medo, da fragilidade e do isolamento, que começa com a promessa de uma vida melhor e acaba, muitas vezes, em oficinas de costura cujo relato nos faz imaginar catacumbas. Mas reafirmo: não existe história única, cada relato, cada pequena história, carrega suas particularidades, que são muitas, inclusive a decisão de migrar para recorrer ao sistema público de saúde, inexistente na Bolívia.

São muitas as histórias de migrantes que permanecem anos fechados em pequenas oficinas, controlados pelos contratantes e atravessadores que os amedrontam com histórias de violência e

roubo por parte dos cidadãos e da polícia brasileira, da ameaça de deportação. Mas existe o oposto. Don Hélio, por exemplo, hoje dono de oficina e casa própria, me conta que chegou aos 19 anos¹⁰⁸ no Brasil para trabalhar em uma oficina dirigida por um casal. A senhora o obrigou a aprender português usando encartes de supermercado. Segundo conta, o método consistia em, diariamente e durante meia hora, permanecer fechado em um quarto lendo em voz alta as ofertas dos produtos que são acompanhados por fotografias: “daí eu fui aprendendo que *zanahoria* era cenoura...”. Observa que, à época, se lamentava muito pelo dinheiro que estava perdendo com a interrupção do trabalho. Além disso, era obrigado a comprar pão, apesar do medo, e assim aprendeu o dinheiro brasileiro.

D. Carmen só foi aprender português quatro anos após sua chegada a São Paulo, como será relatado no oitavo encontro. Como ela mesma explica, conversando com outras mulheres em seu lazer semanal, enquanto assistiam aos maridos jogando futebol, já questionavam a veracidade das histórias que as assustavam. Segundo conta, por serem oriundas de cidades grandes, desconfiavam do que ouviam. O ponto de inflexão foi o convite, como já comentado, para participar de grupos organizados por ONGs, voltados para a migração feminina vulnerável. Nesse momento, começam a caminhada e atravessam o portal que dá novos contornos às suas histórias e as investe com os instrumentos iniciais necessários para que ponham em marcha sua capacidade de agência.

O primeiro encontro:

O primeiro contato com a *Asociación* aconteceu após troca de mensagens com a presidente. Recebi a primeira mensagem por meio do WhatsApp, em seguida nos apresentamos e então d. Carmen me pediu que gravasse uma mensagem de voz, que seria transmitida às diretoras, para que aprovassem a pesquisa. Na sexta-feira da mesma semana – o primeiro contato ocorreu na terça-feira – nos encontramos na porta do Centro de Integração do Imigrante (CII), e seguimos para um restaurante vizinho, ainda se preparando para o almoço. Ao encontro compareceram a presidente da associação, d. Carmen, e as diretoras, d. Jane e d. Rosmery. Já no final do encontro, que durou cerca de noventa minutos, d. Gisela, outra diretora, se juntou a nós.

¹⁰⁸ Difícil precisar sua idade agora, creio que esteja por volta dos 40 anos. Como nunca vi ninguém do grupo “assuntar” a idade de ninguém, concluí que seria falta de educação perguntar, fora de uma entrevista formal. Há que se estar atenta aos códigos do grupo. A conversa com Don Hélio aconteceu nos últimos meses de 2020, na casa de d. Carmen, mas no contexto de outra pesquisa, envolvendo adolescentes filhos de pais bolivianos. Por este motivo, ficou fora deste relato. Caso haja interesse, poderá ser consultada em meu trabalho de conclusão de curso, arrolado nas referências.

Integravam a associação, neste momento, cerca de 20 mulheres, entre as quais a presidente e seis diretoras. Embora as quatro sejam bolivianas, o grupo conta com outras latino-americanas. Residem em bairros distintos. D. Jane, por exemplo, mora em Cangaíba; d. Gisela, em Itaquaquecetuba. Explico minha pesquisa, que o trabalho é longo e que meu lugar é de escutatória e não devo opinar, mas logo percebo que serei chamada a me colocar – o processo é de troca, querem saber o que eu acho sobre aquilo que refletem. Sabem quem é a banda Santa Mala e comentam que são empresárias da costura. D. Rosmery me pergunta se sei que uma delas é mãe solteira. Conta-me que é mãe solteira também, assim como sua mãe e uma grande parte das mulheres que conhece: quer saber por que isso acontece. Respondo que não sei, mas estou estudando e me parece que tudo tem a haver com a estrutura patriarcal em que vivemos. Falo um pouco sobre o que tenho aprendido e percebo que elas também estão passando por um processo de aprendizagem. O assunto é tema para elas. D. Rosmery imagina que, assim como ela, outras mulheres apenas repetem o processo como se não houvesse outra possibilidade de história.

D. Rosmery conta que nasceu em uma aldeia do Altiplano onde viveu até os cinco ou seis anos quando se mudou para La Paz e sofreu o primeiro impacto, com uma vida completamente diferente da que havia experimentado até então. Na aldeia não circulava dinheiro, tudo era feito à base de trocas, as casas não tinham portas e todos se auxiliavam: uma comunidade baseada em confiança mútua. Na cidade, a tia que vendia legumes explicou o que era dinheiro, mas “a maldade ela só descobriu em São Paulo”. Comenta que sente o desprezo das mulheres brasileiras – que olham para ela com desdém, inferiorizando-a – e dos homens, que a tratam com uma superioridade masculina. Essa conversa não foi gravada, então as expressões que emprego aqui são uma interpretação minha. Conjectura que isso se dá pela somatória: traços andinos, pele escura e baixa estatura. Mas ela enfrenta e não abaixa a cabeça, não se deixa intimidar.

D. Rosmery me conta que tem estudo, adora e sempre se esforçou muito para isso. Em La Paz, trabalhava de dia e estudava à noite. Em São Paulo, começou a estudar português, mas precisou parar temporariamente pela dificuldade de conciliar as demandas do cotidiano. Lê muito. Gosta de estudar história antiga e escrever. Está escrevendo uma novela: a história de sua vida. Só vai acabar quando ela não puder mais escrever, no dia de sua morte. Ela deixará o encargo da publicação para seu filho: será seu legado. Pergunta-me se conheço a história da modelo de sucesso que nasceu no Egito, de onde fugiu após ter sido submetida à mutilação genital. Ela está absolutamente chocada, volta várias vezes ao fato de que a moça, por ter sido costurada, não podia

urinar, e quando o fazia, a urina continha sangue; não podia beber água: a água que consumia vinha de frutas. Conversamos bastante sobre o assunto.

Conto que acabei de assistir um documentário sobre uma menina somali que fugiu aos 11 anos de casa. Sofreu a mutilação aos 7, pelas mãos das mulheres da aldeia em quem confiava: mãe, tias e vizinhas, o que foi duplamente traumático. Apenas na Inglaterra, ao perceber que outras mulheres tinham sua genitália intacta, entendeu completamente a gravidade da violência à qual tinha sido submetida. Trabalha na conscientização de comunidades que vivem em Londres e praticam a mutilação. Hoje, perdoa a mãe. Entende que todas as mulheres que praticam a mutilação em meninas o fazem porque também foram vítimas e, ainda, aquelas que não passam pelo processo se tornam párias na comunidade.

Estamos tomando Dolly, pedido por d. Carmen. Ela se desculpa dizendo que não havia Coca-Cola. Respondo que estou achando ótimo e não faço questão da Coca-Cola. D. Jane fala que, para ela, qualquer dessas bebidas é igual e que não existe uma mais “chique” do que a outra: são todas “o mesmo veneno”. Conta que tem sua própria opinião sobre “as coisas” e não cede. Por exemplo, ela não gosta de dormir em cama de casal, então, em seu quarto, tem duas camas de solteiro. Quando foi pedida em casamento, colocou o assunto da cama como condição e seu marido aceitou. Caso contrário, não se casaria. Quando as visitas vão à sua casa, querem conhecer o quarto e ficam horrorizadas porque não existe cama de casal: “o dinheiro é meu, ninguém me ajudou, eu compro o que eu quiser”. Detesta lavar as meias e cuecas do marido, acha um absurdo que as mulheres tenham que fazer isso. Quer saber minha opinião sobre uma frase, que acredita, seja a mais importante que já leu: “A verdade vos libertará”. Vem refletindo muito sobre isso: seguindo suas próprias opiniões, está tranquila com ela mesma.

Conto que tenho estudado não haver uma única verdade, que a verdade está na maneira como cada um vive determinada situação e isso depende de inúmeras variáveis. Por exemplo, quando um homem despreza uma mulher, de alguma forma a ideia de que a mulher é inferior pode ter sido ensinada a ele, então, em seu universo, isso é verdade. D. Rosmery lembra outra história, na qual uma mulher muçulmana precisou fugir devido à violência doméstica. O marido ensinava aos filhos homens que a mãe precisava ser castigada. Ela passou a temer sofrer violência, ou mesmo ser assassinada, também pelos filhos e fugiu.

D. Rosmery comenta que detesta cabelos muito compridos, então ela os corta, mas as mulheres com quem convive não aceitam bem: reclamam que o cabelo longo é marca da

feminilidade – uma verdade para elas. Lembro que na comunidade judia ortodoxa as mulheres raspam a cabeça quando se casam e que o cabelo é considerado elemento de sedução para muitas comunidades. As mulheres muçulmanas também precisam esconder os cabelos. D. Rosmery conta que os cabelos de Eva eram considerados seu manto: com os cabelos, Eva cobria seu corpo.

O assunto se vira para a questão dos dotes. Comento que em algumas regiões da Índia o número de mulheres que morrem queimadas é altíssimo: são queimadas pela família do marido, uma maneira de acumular dotes. Lembro das águas amargas; uma prática judaica da antiguidade, quando a mulher acusada de adultério era convidada a ingerir veneno, supunha-se que, inocente, seria salva pela providência divina. Talvez tenha sido d. Rosmery quem, mais uma vez, contou o caso de uma muçulmana que foi apedrejada por adultério: a primeira pedra foi atirada pelo filho.

D. Jane não entende como a Igreja Católica pode pregar que nascemos em pecado: não existe nada mais puro do que uma criança que acaba de nascer. Muito menos entende como podem pregar que o homem se assemelha a Cristo: nós não somos perfeitos, portanto, não podemos ser comparados a Ele. Nem a Deus. Comenta que em todas as religiões a mulher é inferiorizada, considerada má e impura, e acha profundamente injusto, além de ser o motivo da vulnerabilidade em que se encontram. Mas acredita em Deus profundamente. D. Rosmery concorda: é em Deus que se apoia. Diz ser muito feliz com Ele, que sempre a atende quando solicitado, mas não concorda com o papel destinado às mulheres, nas religiões. Comenta que até no Budismo a mulher é discriminada. D. Carmen me pergunta se posso ajudá-las com o livro que estão escrevendo. Tiveram um encontro com Julieta Paredes no Brasil em 2019 e aprenderam muito. Foram convidadas a escrever suas histórias de vida: Julieta irá publicá-las. Já escreveram 20 histórias, mas ainda não tiveram tempo de se organizar para a publicação. D. Rosmery tem experiência e se dispôs a assumir o trabalho. Encontraram-se também com Maria Galindo¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Maria Galindo é uma ativista boliviana, que com Julieta Paredes, fundou o coletivo anarcofeminista *Mujeres Creando* em 1992, em La Paz, Bolívia. Hoje seguem caminhos separados por divergências nas conduções de suas atuações políticas, mas mantêm o nome do coletivo, enquanto Julieta Paredes desenvolveu o Feminismo Comunitário (lembrando que a grafia a desvincula da expressão feminismo comunitário, utilizada por outras pensadoras latino-americanas). Em entrevista concedida a Moraes *et al.*, conta que o coletivo reivindica a necessidade histórica de autonomia do feminismo, rejeitando vínculos com qualquer partido político de qualquer vertente e instituições, sejam religiosas, governamentais ou não. Rejeita também a homogeneidade do feminismo latino-americano composto por mulheres jovens, brancas e profissionais de classe média, em nome de um feminismo de aliança com as margens (putas, lésbicas, índias), e com todas as idades. Defende a “política concreta”, conceito que desenvolveu olhando para um feminismo que atua a partir da rua, das questões cotidianas que permeiam a vida das mulheres bolivianas. Propõe a construção de tecidos sociais, espaços de construção e gestão do cotidiano, de modo que o feminismo não se torne um movimento inscrito no tempo “livre”, privilégio das mulheres de classes mais altas, ou seja, sequestrado pelo

Encerramos o encontro combinando que vamos nos comunicar pelo WhatsApp: elas farão um grupo comigo e as sete membros da Diretoria¹¹⁰. Vou enviar para elas os 4 livros da série *Mujer tú eres parte no te quedes aparte*. Quis pagar pelo refrigerante: foram taxativas – elas pagariam, o convite foi delas. Comecei a me retirar – me despedi de um senhor boliviano que esteve sempre sentado à porta, junto a um rapaz que me pareceu gerenciar o lugar – e fui chamada novamente para *selfies*: muito calorosas, muito afetivas. Senti-me acolhida, muitos abraços, muitos beijos. Saí novamente e o Sr. me agarrou pela mão: elogiou minha beleza de “senhora” – gostaria de me ver novamente..., enquanto eu tentava me desvencilhar com delicadeza do assédio escancarado, afinal ainda não reconheço o terreno em que estou pisando, d. Jane veio em meu socorro, quase se desculpando pelo comportamento do conterrâneo. Demos aquele sorriso de preguiça solidária uma para a outra, com um revirar de olhos.

O segundo encontro¹¹¹:

Em 16 de fevereiro, domingo, fui convidada para uma reunião do grupo, no Centro de Convivência da Mulher, em Guaianases. Decidi fazer o trajeto usando o metrô, trem e uma vez na estação Guaianases, ônibus até o local, o que se revelou uma longa viagem, menos pela distância do que pelo tempo de viagem, já que aos finais de semana ocorre a redução na oferta do transporte coletivo. O endereço da reunião me foi passado em um convite que trazia dia, horário e endereço, mas o número errado – a numeração da rua está desorganizada e nada identificava o local. Subi a

discurso individualista neoliberal, de viés meritocrático. Critica abertamente o machismo que rege os partidos políticos de esquerda e o marxismo como resposta totalizante, assim como o conceito de *buen vivir*, que permeia as reivindicações de feminismos indígenas latino-americanos, chamando-o de categoria artificial. Para Galindo, não existe resposta única para a crise civilizatória. Rejeita a categoria de gênero no debate social, que substitui pela condição da mulher enquanto sujeito político. O *Mujeres Creando* se organiza em torno de pequenas cooperativas, economia e gestão coletiva. Galindo co-dirige a *Radio Deseo* que transmite de La Paz e El Alto e entre outras atividades, divulga listas de “pais irresponsáveis” e “machos violentos”, nas quais qualquer mulher pode incluir o nome completo e o lugar onde trabalha o homem, gratuitamente (GALINDO, 2016). Galindo é autora de dois livros, performer, artista, grafiteira e poeta. Aponto para dois conceitos que aparecem também nas reflexões de Julieta Paredes: a construção de tecidos sociais como forma de resistência e a discussão sobre o roubo do “tempo livre” como instrumento de opressão capitalista. Sugiro o site Mujeres Creando. Disponível em: <http://mujerescreando.org/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

¹¹⁰ Esse grupo não foi criado, mantive a correspondência com d. Carmen e d. Martha. Embora não tenha havido uma conversa específica sobre o assunto, pareceu-me que os desentendimentos entre elas após o início da pandemia influenciou o “esquecimento”. A importância que atribuem à solidez da associação ficou evidente ao longo dos encontros, assim como a preocupação de que desentendimentos corriqueiros afetassem a imagem do grupo.

¹¹¹ Os encontros aqui numerados são aqueles onde abordamos assuntos diretamente ligados à pesquisa. Como já comentado em outras ocasiões, houve vários momentos em que fui encontrá-las exclusivamente para entregar doações ou tratar de assuntos em que pude auxiliá-las: embora ao fim e ao cabo, todos façam parte do processo, metodologicamente estes são os encontros que merecem destaque.

rua procurando algo que me indicasse o local e finalmente encontrei d. Rosmery, que descia com um grupo de cinco mulheres. Uma delas, acompanhada pelo marido, trazia um bebê de poucos meses: a “peruana” que será citada mais à frente.

Figura 17: Núcleo de convivência da mulher

Fonte: arquivo pessoal

D. Rosmery conhecia o espaço, o Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – uma casa adaptada – e nos conduziu até lá. A possibilidade de uso dos espaços institucionais e religiosos, que são negociados, dependem de organização de agendas sendo fundamentais na viabilização dos encontros. Fui introduzida ao grupo e, inicialmente, o desconforto entre elas ficou evidente. Apresentou-me como jornalista e fiz minha primeira tentativa de corrigir a informação. Perguntei se poderia gravar a reunião e a resposta foi: “acho melhor que ainda não”. Este relato, portanto, não foi gravado, o que também – imagino – não teria sido possível de qualquer forma, tão baixo era o tom de voz da grande maioria das mulheres: na ocasião, perguntei-me se havia relação com a minha presença. No entanto, isso aconteceu em outras reuniões, comprometendo boa parte das gravações, inclusive. Outras mulheres foram chegando gradualmente, em pequenos grupos. O desconforto inicial seguiu o esperado: risadas baixas aqui e ali, frases curtas. D. Rosmery me explica que os bolivianos são muito felizes, riem muito e adoram fazer “bromas”. O idioma usado é o castelhano: quando falam muito rápido e baixo, eu me perco. A reunião aconteceu onde

originalmente era a garagem da casa, o suficiente para caber até quatro carros – algo como 5x10 metros. Dois sofás – de dois e três lugares –, trabalhos de artesanato na parede, catadores de sonhos pendurados: são produtos das oficinas que acontecem no local. Cadeiras de plástico foram distribuídas em roda, organizaram uma mesa com água, refrigerante, sanduíches e panetone. Uma senhora responsável pelo espaço dá assistência. O horário reservado é das 15h às 17h40, no entanto, d. Carmen e d. Martha, condutoras da reunião, atrasaram-se. Esperamos por elas cerca de uma hora e meia, num clima um tanto desajeitado.

As condutoras chegaram e imediatamente o ambiente mudou: pediram desculpas pelo atraso, estavam em um evento na Av. Paulista. Nesse meio tempo, outras mulheres chegaram, foram se apresentando e se sentando nas cadeiras trazidas à medida que o grupo aumentava. D. Martha assume a fala, explica que as reuniões ocorrerão sempre no terceiro domingo do mês. Outras reuniões ocorrem em outros dias, em outros bairros da cidade, com outros grupos. Ela me explica que as reuniões de cada grupo estão em momentos diferentes, não só porque começaram em tempos distintos, mas porque as necessidades também o são. O tema do dia é “O que consideramos um trabalho digno”. Na reunião anterior refletiram sobre “as condições da mulher”.

D. Martha e d. Carmen pedem que todas se apresentem. A fala é por vezes tão baixa que não consegui entender todos os nomes ou em que bairro vivem: Casa Verde, Casa Verde Alta, Guaianases, Itaquera, Itaquaquecetuba. Em geral, segundo me havia sido dito, reúnem as mulheres conforme o bairro, neste caso, foi diferente. Dezoito mulheres, contando d. Carmen, d. Martha, d. Rosmery e d. Gisela. Algumas das outras mulheres já haviam participado de uma reunião anterior. Em sua maioria, são bolivianas, mas havia também três peruanas, aparentemente mãe, filha e amiga, e duas paraguaias, também mãe e filha. A “filha peruana” trouxe o bebê de aproximadamente 10 meses e o marido – que se apresentou como acompanhante, cuidador do bebê e se retirou do grupo assim que a reunião começou. As idades variam desde uma adolescente – talvez dezesseis anos, até três mulheres que aparentam estar na casa dos sessenta, sessenta e poucos. A maioria, entre quase trinta e quarenta anos. Algumas trouxeram os filhos, havia seis crianças entre dez e quatro anos.

Muito organizadas, as diretoras usam a camiseta da associação: d. Martha de azul-claro, com uma bandana amarela no pescoço, d. Carmen de camiseta rosa. Na frente aparece a sigla AMILV. Atrás os dizeres: *Asociación de Mujeres Imigrantes – Luz y Vida – Sembrando Semillas*. Circula um formulário no qual deixam o nome, o telefone e o bairro onde moram, mas não é

obrigatório. Além disso, anotam as atividades realizadas em um caderno. Outra integrante do grupo, também com a camiseta azul-claro, faz o registro fotográfico do encontro. D. Martha me apresenta novamente – como jornalista – dizendo que todas estavam muito felizes com a minha presença porque se sentiam ouvidas e eu viria a contribuir para o aumento de sua visibilidade¹¹².

Figura 18: Segunda dinâmica¹¹³

Fonte: Arquivo pessoal

Propõem a primeira dinâmica, perguntam se quero participar, respondo que gostaria, mas a pesquisa pede que eu observe, sem interferir. As mulheres são convidadas a se colocar em duas filas. D. Martha e d. Carmen comandam uma sessão de relaxamento, em que todas soltam mãos, braços e cabeças. Para a segunda dinâmica, as mulheres são divididas em duplas – d. Martha passa atribuindo os números 1 e 2 para cada uma e pede que se juntem por número, o que quebra os pares existentes – e recebem, cada uma, um barbante com cerca de 70 cm. As extremidades dos barbantes são amarradas nos pulsos de uma e de outra, formando um x. Agora, em cinco minutos, devem tentar se desvencilhar umas das outras. Tudo fica muito engraçado, as coordenadoras incentivam e riem durante todo o processo e o ambiente muda completamente. Ninguém consegue completar a tarefa. D. Carmen assume a palavra e diz que a tarefa é possível, mas que para tanto, há que se pensar em conjunto e definir uma estratégia: como na vida, os objetivos são alcançados quando se trabalha em conjunto, refletindo. Lembra que isso vale para a vida dos casais também,

¹¹² Venho reiteradamente explicando que não sou jornalista, mas educadora. Embora isto já esteja claro para as diretoras, me parece que acham mais facilmente compreensível me apresentar como jornalista – uma profissão imediatamente reconhecível.

¹¹³ Imagem da segunda dinâmica: as mulheres se amarram com os barbantes e têm um tempo para se desvencilhar, sem rompê-lo.

e no caso das mulheres solteiras, com as(os) filhas(os), família ou amigas(os), enfim, com aquelas(es) que têm um objetivo comum.

A terceira dinâmica é uma atividade de reflexão. D. Martha começa perguntando para as mulheres que vieram na atividade anterior – cujo tema foi gênero – o que ficou registrado em memória. Duas delas foram impelidas a falar. A fala é muito baixa, e somado ao barulho das crianças, mal consigo ouvir. D. Martha passa a explicar que a reflexão do dia é sobre o que elas entendem como necessário para que tenham um trabalho digno. Fala em saúde física e pede para que comentem: surgem falas sobre a qualidade do espaço nas oficinas e quanto isso as afeta. Repete a dinâmica abordando a saúde mental: surgem falas sobre o estresse provocado pelas muitas horas de trabalho de modo a cumprirem as demandas das(os) patroas(ões), a dificuldade de atender as necessidades das(os) filhas(os) e do cotidiano, em geral. São, então, divididas em quatro grupos, com cinco minutos para escreverem em conjunto, numa folha de papel, suas principais reivindicações para que considerem seu trabalho digno. Depois disso, uma representante vem à frente explicar o que foi conversado e reescrever os principais tópicos em uma das quatro pétalas de uma flor desenhada em outra folha de papel, que foi colocada no centro da roda. As reflexões vão ocorrendo ao longo das falas.

Figura 19: Segunda dinâmica¹¹⁴

Fonte: Arquivo pessoal.

A quarta dinâmica consistiu em mais uma atividade de relaxamento, em que as mulheres recebem novamente um número entre 1 e 3. As mulheres 1 e 2 são chamadas de *casas*, devem se

¹¹⁴ Imagem da segunda dinâmica: as mulheres se amarram com os barbantes e têm um tempo para se desvencilhar, sem rompê-lo.

colocar de frente uma para a outra e dar as mãos com os braços para cima, formando um telhado. As mulheres 3 são chamadas de *conejos* (coelhos) e devem se colocar entre as duas mulheres que formam a casa, sob o telhado. Por cinco minutos as coordenadoras gritam *casa*, *conejo* ou *terremoto*. No primeiro caso as mulheres 1 e 2 devem se movimentar para formar novos pares enquanto as *conejos* permanecem imóveis, no segundo caso as mulheres 3 – *conejos* – devem se movimentar procurando outras *casas*. No último caso, *terremoto*, todas se movimentam. Uma confusão se instala, ninguém se entende, todas se mexem o tempo todo, quem era *casa* de repente vira *conejo*, tudo fica muito divertido, todas riem muito.

A quinta atividade proposta é um agradecimento pela oportunidade: em roda, de mãos dadas. Eu entendo que é momento de participar e me integro ao grupo. D. Martha pede que fechemos os olhos. Uma das mulheres puxa uma oração, acompanhada por todas. D. Martha então pede que cada uma de nós faça a sua oração particular, pedindo aquilo que necessita. Convoca todas para a próxima reunião e avisa que apesar de terem usado o espanhol hoje, as próximas reuniões serão conduzidas em português. Avisa que na próxima reunião, com um novo grupo, serei apresentada só ao final: acha que será menos intimidante.

O tema foi encerrado com um convite para lancharmos. Nesse momento, encontrei-me ao lado de d. Gisela e entabulamos uma conversa. Ela me perguntou se eu entendia o que estava sendo falado. Respondi que sim, que perdia algo quando a fala era muito rápida e algumas palavras que não conhecia, mas que no contexto, estava tudo bem. Admirada, quis saber como eu havia aprendido espanhol. Contei que lia muito em espanhol desde a minha primeira graduação e, além disso, com vinte e poucos anos, tive um namorado argentino. Ela me pergunta, confirmando, se eu estudava na USP, que ela sabia ser muito importante e que já havia estado lá, na Cidade Universitária, para tentar revalidar seu diploma. Era muito caro e demorava dois anos, então desistiu. Na Bolívia, era agrônoma. Diz que gostaria muito de aprender inglês. Eu conto que já usei o Duolingo, que é um programa bom para ela tomar contato com a língua e que minha filha adora explorar novas línguas pelo aplicativo. Mostro no meu celular.

Nos dirigimos a um canto do salão, enquanto aguardávamos a reorganização do grupo e d. Gisela começou a me contar sua história. Não houve formalidade ou preparo. Também não houve gravação, portanto este é um relato de memória. Em um momento oportuno, espero poder gravar e transcrever sua história, segundo a metodologia adequada. Ela me conta que se formou em agronomia, na Bolívia. Lá, estava bem empregada na área: trabalhava no projeto e implementação

de *carpas* nas regiões campestres e viajava muito pelo interior. O significado de *carpas* não ficou muito claro – entendi se tratar de projetos voltados para a produção agrícola, envolvendo o uso de coberturas – aqui conhecido vulgarmente como *sombrites*¹¹⁵.

Veio ao Brasil acompanhando o marido, preocupado com uma grande dívida contraída pelos pais, relacionada às oficinas de costura. Oportunidade também para conhecer os sogros, que viviam aqui há muitos anos. Uma vez aqui, e tendo tomado ciência da real situação, o marido decidiu – unilateralmente – que ficariam por um tempo para ajudá-los a saldar a dívida e se juntou aos pais na costura. D. Gisela se justifica: “Eu não sabia costurar, era agrônoma. Não entendia nada daquilo”. Nesse meio tempo, d. Gisela engravidou e quis retornar, mas foi dissuadida com o argumento de que perderia o bebê na viagem. Após o nascimento da filha, não tinha dinheiro para fazer o caminho de volta. Engravidou pela segunda vez.

D. Gisela passou anos no que interpretei como estado depressivo. Segundo conta, os primeiros dois anos ficou fechada em casa, em Itaquaquecetuba, com muito medo de sair às ruas por não falar o idioma e não reconhecer o entorno. Justifica o marido: “Ele precisava trabalhar muito para pagar a dívida, não tinha tempo de me levar para conhecer os lugares”. Não “conseguia” olhar nos olhos dos sogros, “estava sempre olhando para baixo, para o chão”. Não falava. Sentia muita falta daquilo que havia deixado para trás: “Eu não era assim, Elisa. Usava roupas lindas, estava sempre maquiada, usava brincos. Ganhava bem. Viajava muito.” Quando a filha fez cinco anos e passou a frequentar a escola, d. Gisela começou a insistir na importância de que estudasse para garantir sua independência financeira, “para que não precisasse depender de homem”. Foi então que refletiu sobre si: seu exemplo indicava o oposto. Decidiu voltar a estudar dentro de sua área e foi apoiada pelo marido, que a ajudou a buscar informações.

A primeira tentativa foi revalidar o diploma. Na USP foi informada de que o processo custaria algo entre R\$3.000,00 e R\$4.000,00 e cerca de dois anos. Achou inviável. Voltou-se para cursos de extensão. Retornou à Bolívia onde conseguiu resgatar seu diploma e validá-lo com todos os carimbos solicitados pelo consulado brasileiro. De volta ao Brasil, inscreveu-se em um curso de gestão ambiental EAD. Concluiu e se sentiu encorajada a dar o próximo passo: está cursando Gestão Ambiental na UNICID, graduação que concluirá em um ano e meio. Segundo conta, teve muito receio de ser vítima de preconceito por não falar bem a língua. Mas, pelo contrário, se sente

¹¹⁵ Na internet são encontradas como *carpas* solares. Há muito material sobre o tema envolvendo agricultura familiar nas regiões andinas.

muito acolhida: “Sou a única boliviana, então todos me conhecem e me ajudam. Tem uma professora que é muito minha amiga e sempre pergunta se estou precisando de coisas”. Pediu ajuda para se integrar na área: um estágio, talvez. Quer voltar a atuar na mesma área que abandonou quando migrou.

Olha para mim muito séria e diz: “Elisa, o grande problema é a língua. Dá muito medo quando a gente não sabe falar a língua, não entender o que estão dizendo. Tem que ter curso de português para os imigrantes”. Diz que o grupo de “Itaquá” tem cerca de quarenta mulheres. Uma delas estava com um problema, um machucado horrível na perna e não podia nem andar, mas tinha muito medo de ir a um hospital por não falar a língua. O caso foi levado à d. Gisela que, com as companheiras, convenceram-na a ir buscar tratamento e a acompanhou ao hospital para ajudá-la na comunicação. Volta a insistir na necessidade dos cursos de língua para migrantes como principal ferramenta para a autonomia. E pede também que eu a ajude a buscar um estágio, quer se recolocar na área profissional que abandonou inadvertidamente na Bolívia¹¹⁶.

Começa a segunda reunião do dia, que tratará da feira de migrantes que será realizada no dia 8 de março em Guaianases, com o apoio da subprefeitura¹¹⁷. A participação não era obrigatória, mas todas ficaram. As coordenadoras pediram que o grupo fosse dividido e receberam um tempo determinado para pensar naquilo que iriam oferecer. Seguiram-se discussões sobre o preço a ser cobrado, o que foi muito interessante porque d. Martha e d. Carmen enfatizaram a necessidade de que todas tivessem a mesma oportunidade de vender¹¹⁸, objetivo que só seria alcançado com um preço único. Cada grupo fará 100 porções. As escolhas giraram em torno de pescados, *pollo*, *chanchos*, *rellenos* – as paraguaias – e, infelizmente, não consegui entender qual seria o prato das peruanas. Todas oferecerão com o prato, um refresco típico. As peruanas sugeriram *chicha morada*. Bebidas industrializadas serão vendidas pela *Asociación*, para arrecadar dinheiro.

A subprefeitura oferece um curso obrigatório de manipulação de alimentos: d. Carmen recolheu os nomes das interessadas. Questões sobre asseio, boa apresentação do prato e das equipes e qualidade dos ingredientes foram assuntos abordados com bastante ênfase. Discussão

¹¹⁶ A posição à qual sou alçada será objeto de reflexão, no desenvolvimento do trabalho.

¹¹⁷ A feira foi adiada e depois cancelada, em face da pandemia de COVID-19.

¹¹⁸ Esse senso de comunidade me parece estar muito ligado à cultura boliviana indígena, fortemente marcada pela organização da sociedade pré-hispânica: os *ayllus* – comunidades compostas por parentesco, que não se relacionam com a ideia ocidental de família nuclear – baseavam suas estruturas sociais na reciprocidade entre indivíduo, comunidade e Império, autossuficiência e compartilhamento da terra e recursos naturais. As famílias se ajudavam reciprocamente nas épocas de semeadura e colheita; doentes, idosos e viúvas eram auxiliados por aqueles que estavam aptos para o cultivo (CANJANI, 2021).

interessante girou em torno dos serviços de mesa a serem utilizados: d. Carmen postulou a necessidade de se ater ao tema “sustentabilidade” e decidiram levar pratos e copos de vidro, talheres de metal. Haverá uma equipe encarregada da lavagem. O descarte do lixo e as sacolas de plástico também foram lembradas. As coordenadoras informam que além de alimentos, haverá oportunidade para produtos artesanais e de costura. Pediram a colaboração de todas na captação de outras expositoras e na divulgação do evento. Último aviso, conseguiram um espaço na Rádio Latina¹¹⁹, onde contarão suas histórias. O horário da programação ainda não foi definido. A reunião se encerrou perto das 19h30.

O terceiro encontro

O encontro se deu no dia 7 de março – um sábado à tarde – no salão SMART – Soluções Inteligentes, rua Dr. Costa Valente, 271, no Brás, em comemoração ao Dia das Mulheres. Com patrocínio do GASB – Grupo de Ajuda Social Boliviano, contou com a palestrante Dra. Raquel – advogada ativa na comunidade e convidados especiais: pastor Eliezer¹²⁰ e a presidente da *Asociación*, d. Carmen. Mais uma vez, por não ter autorização, não gravei o momento – é um relato de anotações e memória, traduzido: o encontro foi falado em castelhano. Quando cheguei, o auditório ainda estava vazio, talvez cinquenta pessoas, entre mulheres, seus maridos e filhos. Para chegar até lá, passo pela rua Coimbra: a feira está bem mais cheia do que em minha primeira visita. As pessoas chegam à medida que terminam sua jornada de trabalho.

Dra. Raquel abre a reunião contando sua história: filha de migrantes bolivianos, é advogada, mulher, mãe, esposa, profissional. Atua há 30 anos e há 25, começou a atender mulheres com problemas de documentação: na época os hospitais não recebiam indocumentadas para realizar o parto. Em visita ao Hospital do Mandaqui, 1989, encontrou com uma mulher boliviana com os dois pés e um dos braços presos por algemas à maca: havia sido presa por tráfico de cocaína aos quatro meses de gravidez e realizado o parto normal ali, algemada e sem assistência legal. Com a ajuda do colegiado de advogados, passou a ajudar as detidas bolivianas, que na época eram dez: as crianças nascidas na prisão eram dadas em adoção. Em 1991, fez a primeira denúncia de trabalho escravo. Lembra que o Brasil reconheceu os Direitos Humanos em 1988, com a Constituição.

Pede para que as mulheres casadas levantem a mão: cerca de vinte mulheres. Pede para que

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.radios.com.br/aovivo/radio-latina/107030>. Acesso em 15 jan. 2021.

¹²⁰ Os nomes da advogada e do pastor são fictícios.

as mães solteiras levantem a mão: são duas. Lembra que nos últimos dias a violência doméstica culminou na morte de duas migrantes. Segue falando sobre a violência contra a mulher: “Não é uma situação isolada, passa com todas as mulheres: brasileiras, advogadas, arquitetas...”. Pergunta à plateia quem sabe o que significam as palavras “sororidade” e “empoderamento”. Passa a explicar: “São duas palavras urgentes que definem hoje em dia o que é ser mulher. SORORIDADE: mulheres trabalhando em conjunto, sendo fraternas; lutar em conjunto, uma ajudando a outra. EMPODERAR: não quer dizer poder, mas ter conhecimento... então posso discutir o que é ser cidadã. A violência é um tema de TODAS as mulheres: tem que trazer os homens a conversar e escutar: 50% do mundo é de mulheres e os outros 50% são filhos de mulheres¹²¹. Feminicídio ou agressão às mulheres sempre existiram, mas agora estamos gritando mais, sabemos mais o que é ser cidadã. Não importa se sou branca, negra, indígena ou loira (*rubia*), o importante é que somos cidadãs. SE NASCI EM BOLÍVIA, O ESTADO BOLIVIANO TEM QUE SABER QUE EXISTO.”

Prossegue: “A violência doméstica pode vir do irmão, pai ou marido. A violência verbal¹²² às vezes faz a mulher sofrer mais do que levar golpes. Isso nos traumatiza psicologicamente, baixa nossa autoestima. Não podemos permitir que nos chamem índia, negra ou gorda. Ser mãe, dona de casa e, ao mesmo tempo, produzir, não é fácil. Temos direitos iguais. Os homens têm que participar conosco em todas as discussões. Temos que ser mulheres conquistadoras de nosso lugar: será que estamos sabendo construir o que é ser uma família?” Cita a frase que ouviu de outra mulher: “Para ser feliz, o homem precisa ter barriga cheia e saco vazio”. A plateia adora a piadinha erótica, riem e aplaudem muito. Continua: “Não sou evangélica, mas estou estudando”. Cita o Pastor Cláudio: “A mulher tem o vigor e a coragem de estar lutando, por ser mãe”.

Dra. Raquel reforça: “A situação de violência contra a mulher não é só da mulher boliviana, é de toda mulher. Eu posso me queixar em qualquer delegacia. Se eu tiver vergonha, posso ir na Delegacia da Mulher ou em qualquer Casa de Apoio à Mulher, no Cambuci. Na Casa da Mulher Brasileira posso conseguir apoio jurídico, social, alimento. Ou no telefone 182. Quem quiser, podemos fazer um grupo de WhatsApp com todas as mulheres que estão aqui. Pensão Alimentícia não precisa de advogado (para conduzir o processo): vou a um advogado e digo que quero pedir pensão, ele vai encaminhar. É necessário o endereço do pai. Para cobrar pensão atrasada, precisa

¹²¹ Julieta Paredes também costuma usar essa imagem.

¹²² Este foi o tema da dinâmica em Cidade Tiradentes.

de um advogado ou da Defensoria Pública. Para as crianças que estão na escola, a D.P. está abrindo processo para terem o sobrenome do pai. Para reconhecer, basta o pai ir ao Cartório”.

O efeito multiplicador: “Vamos multiplicar o que estamos aprendendo. Vou dedicar essa conversa à minha filha que perdi há um ano e dois meses, com 27 anos. Sabem qual é a diferença entre ser feminina e ser feminista? Ser feminina é ser mulher em todos os sentidos, ser delicada como pessoa. Ser feminista é lutar pelos direitos. Quem começou a luta feminista foi uma mulher contra o nazismo, no dia 8 de março. Às vezes colocam homens para discutir temas de mulheres. A união faz a força. Sororidade é a fraternidade das mulheres. Ser empoderadas é saber que somos cidadãs e conhecemos nossos direitos.” Encerra a fala.

O Pastor Eliezer, da Igreja Evangélica, toma a palavra (fala em castelhano): “Mulheres lutadoras, batalhadoras, fortes. Não poderiam ser comparadas porque são únicas. Vocês são tremendas, nada lhes para, são fortes demais, sabem enfrentar, nada lhes para. Uma mulher me deu a vida, me deu à luz. Uma mamãe me permitiu que eu seja o que sou. Não há limites para vocês”. Cita um provérbio: “Mulher exemplar, não é fácil achá-la. Vale mais que as pedras preciosas [...] Antes que amanheça dá de comer a seus filhos e seus criados [...] Sempre sustenta com as mãos o trabalho que inicia [...] Seu esposo é bem conhecido na cidade [...] E o dia de amanhã não a preocupa”¹²³. Continua: “Mulher preciosa, valente, não é fácil de encontrar. Vale

¹²³ Antigo Testamento: Livro de Provérbios, capítulo 31, versículos 10-31:

- 10 Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis.
- 11 O coração do seu marido está nela confiado; assim ele não necessitará de despojo.
- 12 Ela só lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida.
- 13 Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos.
- 14 Como o navio mercante, ela traz de longe o seu pão.
- 15 Levanta-se, mesmo à noite, para dar de comer aos da casa, e distribuir a tarefa das servas.
- 16 Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos.
- 17 Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços.
- 18 Vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite.
- 19 Estende as suas mãos ao fuso, e suas mãos pegam na roca.
- 20 Abre a sua mão ao pobre, e estende as suas mãos ao necessitado.
- 21 Não teme a neve na sua casa, porque toda a sua família está vestida de escarlata.
- 22 Faz para si cobertas de tapeçaria; seu vestido é de seda e de púrpura.
- 23 Seu marido é conhecido nas portas, e assenta-se entre os anciãos da terra.
- 24 Faz panos de linho fino e vende-os, e entrega cintos aos mercadores.
- 25 A força e a honra são seu vestido, e se alegrará com o dia futuro.
- 26 Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua.
- 27 Está atenta ao andamento da casa, e não come o pão da preguiça.
- 28 Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada; seu marido também, e ele a louva.
- 29 Muitas filhas têm procedido virtuosamente, mas tu és, de todas, a mais excelente!
- 30 Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada.

mais do que as pedras preciosas... A palavra do Senhor diz que vocês são de alto valor, vocês fazem a diferença. Vocês conseguem influenciar a sociedade. Um homem pode ser um general, mas diante de sua mulher seu poder se desvanece. Ao se colocar o homem como líder da casa, isso não quer dizer que a mulher seja inferior ao homem

Em uma festa a mulher vai ao banheiro em grupo: nunca vi um homem ir ao banheiro em grupo. Vocês são muito especiais, falam por indiretas: eu como homem tenho que interpretar o que ela está dizendo por que quando fala “Que cheiro bom do frango”, quer dizer que está com fome. Quando diz que preciso “recolher a roupa do varal”, quer dizer que é para recolher, dobrar e guardar. Vocês devem ter cuidado com o espelho que vão mirar. Espero que vocês mirem no espelho perfeito. O espelho perfeito é Deus. Você é uma mulher sábia ou uma mulher insensata. A palavra de Deus: a mulher sábia constrói seu lugar, mas a néscia pode destruir sua família com palavras. A língua tem poder. A mulher sábia abraça a seu marido e diz: “Por que está preocupado? Eu sou tua companheira, sou tua cúmplice”. A diferença entre a mulher insensata e a sábia é que o mau uso das palavras pode atrair trágicas experiências.

[...] Mulheres, ninguém pode maltratar, bater, pegar vocês sem o seu consentimento. Uma mulher que tem valor não permite isso... ninguém pode aproveitar. Não se vive junto por seus filhos. Nunca se case por amor, case para amar. Por favor, irmãs, valorizem-se. A igreja tem muitas regras, mas as placas de trânsito também. As leis existem para que nos protejamos, para estarmos seguros. Quando compramos uma TV, vem com um manual. Nós não damos valor ao manual e podemos queimar a TV. A Bíblia tem princípios, se seguirmos não tropeçaremos e se tropeçarmos, alguém vai estender a mão ao caído e levantá-lo. Você precisa tomar o remédio para sarar, não adianta só ler a receita. Somos alma, corpo e espírito, mas é na alma onde estão os sentimentos, o amor. O espírito nos conecta com o Criador.” Encerra sua fala.

D. Carmen e d. Martha são chamadas para sua apresentação. Explicam que será uma conversa informativa e socioeducativa e farão uma atividade especial: “uma dinâmica para despertar”. Trazem também panfletos com informações sobre onde as mulheres podem buscar direitos, organizar documentação, etc. Propõem então a dinâmica da “montanha russa”, para a qual dirigem a plateia em uma viagem imaginária. Tudo muito divertido, muitos gritos, muitas risadas. Plateia descontraída, d. Carmen toma a palavra: “No momento em que Deus criou a mulher, que

31 Dai-lhe do fruto das suas mãos, e deixe o seu próprio trabalho louvá-la nas portas.
Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/pv/31>. Acesso em: 16 abr. 2020

lindo trabalho fez, somos tão multifuncionais... Mas também deixaram de lado nossa personalidade. Como estamos em um país estrangeiro, é tão difícil trabalhar: temos que costurar, cozinhar, criar os filhos. Imaginem que cada dia de nossas vidas é muito estressante, não temos tempo para nós. Cada uma de vocês é líder e é a hora de dizer não, de dizer eu sou tão linda”. Pede então que as mulheres abracem a si mesmas, beijem-se e digam para si: “Eu sou tão linda!”.

Prossegue: “Temos que ver como somos e como são seus companheiros, aqui nesse país trabalhamos muito, os dois. Duas mulheres foram vítimas de feminicídio e há muitas que não estão nos jornais. Não quero que me presenteiem com flores, quero que me deem respeito. A violência vem da família e da sociedade, porque somos imigrantes. A ideia não é brigar com o marido, é compartilhar, é respeito mútuo. Somos feministas comunitárias: se estivermos bem, nossos filhos e nossos maridos também vão estar. Temos que ser empoderadas politicamente, não violentas. Vamos começar a valorizarmo-nos. Temos direitos sim.” Cita “Bartolina¹²⁴: uma grande mulher”. Convida então as mulheres a participarem da *Asociación*, que está em catorze bairros da cidade e municípios adjacentes: Brás, Cangaíba, Casa Verde, Casa Verde Alta, Cidade Tiradentes, Guaianases, Guarulhos, Inácio Monteiro, Itaquaquecetuba, Itaquera, Jaguaré, Penha, São Mateus, Vila Carmen II... Continua: “Estamos esquecendo de nossos adolescentes: há muita depressão, nós trabalhamos muito e esquecemos deles. Queremos formar líderes jovens. Minha filha vai falar sobre igualdade de gênero”. Apresenta e ampara Sandra, de catorze anos, que faz um discurso bastante tímido.

Daiane, pedagoga, toma a palavra: “Costurei por muito tempo, tenho um filho de 15 anos, fui mãe solteira por muito tempo. Temos que ser socialmente iguais, ser livres de vestirmos, de nos expressarmos. Nós trabalhamos na costura. Eu pude, meus pais me ajudaram até o 4º semestre da faculdade [...] porque uma mulher lutou lá atrás é que temos o direito de reconhecer (legalmente) nossos filhos. As mulheres não querem flores ou chocolates, querem ser respeitadas. A violência (doméstica) não acontece de uma vez: na primeira fase, te intimidam, te põem medo;

¹²⁴ Bartolina Sisa (Vargas) é símbolo da resistência da mulher indígena latino-americana. Nasceu em 1750 na atual Bolívia, na comunidade de Q’ara Qhatu. Com o marido, Túpac Katari, assumiu a luta contra os colonizadores, protagonizando inúmeras revoltas na região de Charcas, então vice-reinado do Perú. Em 1781 o casal liderou o sítio de meses à cidade de Nossa Senhora de La Paz, com um exército de milhares de aymaras. Traídos e presos, foram condenados à morte. Em 5 de setembro de 1782, Bartolina foi arrastada nua por cavalos na praça central (atual Praça Murillo), enforcada, sua cabeça e mãos foram decepadas e expostas nas comunidades que apoiaram as revoltas. A partir do II Encontro de Organizações e Movimentos da América – em Tiahuanaco, Bolívia, 1983 – a data comemora o Dia Internacional da Mulher Indígena. Em 1980, já havia sido fundada a *Federación de Mujeres Campesinas Bartolina*, frente de reivindicação dos direitos das mulheres campesinas. Voltamos a Túpac Katari na nota 152.

na segunda fase, acontecem a violência verbal e os estupros (está falando de estupros cometidos por parceiros); na terceira fase, acontece a violência física. Quando seu parceiro contesta a sua roupa, já está te manipulando. Temos o poder de decidir o que queremos e como queremos estar.”

André e Paloma¹²⁵ assumem os microfones para cantar uma homenagem à mulher. Através de busca na internet é possível encontrar o texto em inúmeros sites, transmitido como mensagem, sem um título definitivo e cuja autoria não é possível identificar. A transcrição que segue é a junção dos textos encontrados e aquilo que foi possível anotar “in loco”:

“Mujer, eres hermosa, eres inteligente, eres divertida, eres amable, eres única. Eres merecedora de amor y atención. No eres demasiado y siempre eres lo suficiente. Eres preciosa, eres un diamante, una rosa, una perla. Eres la más bella de todas las creaciones de Dios Vales más de lo que podrías imaginar, vales más que un par de zapatos, que tu ropa, más de cuántas chicas desearían ser tú, o cuantos chicos desearían tenerte. Vales más que el precio de tu ropa, o de la calificación que sacaste en matemáticas, o de la cantidad de seguidoras que tienes en Twitter. Tu valor sobrepasa las cosas terrenales porque en los ojos de Dios eres amada y vale la pena morir por ti. Tal vez pienses si estás en la lista de los deseados o en la de los feos, seas señorita popular o bien nunca hayas tenido a quien decirle amigo. No puedes soportar verte en el espejo y ver que toda tu vida se cae en pedazos, seas toda una ganadora o te sientas el mayor fracaso del mundo. ¡Sin importar quien creas ser la realidad es que tú mereces a alguien de tu vida por ti! Tú eres poderosa, eres fuerte, capaz y dentro de ti, y dentro de cada mujer hay mujer con el mismo poder y la misma fortaleza y capacidad de cambiar el mundo. Y tú responsabilidad es encontrar a esa mujer y liberarla. Esto es lo que eres y si escuchas en tu cabeza una voz que te diga lo contrario es tu enemigo y dile "Yo soy amada, valorada la creación más linda de Dios". ¡Yo soy grandiosa! Y por favor no lo olvidemos.”

D. Carmen e d. Martha tomam a palavra novamente: *“La respuesta es el respeto, la igualdad. No me levante la mano y no me levante la voz”*. Propõem a terceira dinâmica, onde as mulheres disputam, aos pares: precisam carregar um ovo cru equilibrado em uma colher presa na boca e depositá-lo na colher que a parceira segura também na boca, cerca de sete metros de distância. Ninguém conseguiu realizar a tarefa, mas rendeu boas risadas da plateia. Como lição moral, lembraram que é necessário trabalhar em conjunto e que mesmo aquilo que parece impossível em um primeiro momento, pode ser vencido com esforço e cooperação. A última

¹²⁵ Nomes fictícios.

dinâmica consistiu num momento de reflexão e confraternização, com uma oração final, como agradecimento. Já era perto das 20h quando me retirei. Ao caminhar pela rua Coimbra, descobri a rua abarrotada de pessoas de todas as idades, os jovens fazendo o “footing”, música, barracas se estendendo pelas ruas laterais, muitos vendedores espalhados pelas calçadas próximas, um delicioso clima de festa.

O quarto encontro

A terceira reunião de mulheres (quarto encontro meu com a *Asociación*) aconteceu no domingo, dia 8 de março, às 14h30, em um salão paroquial no Largo Senador Moraes Barros, onde se localiza a Igreja São João Batista do Brás. D. Martha me informa que só vai me apresentar ao final da reunião, porque talvez a outra associação não goste¹²⁶. No salão estão pendurados banners da Roda Warmis / Grupo Brás: uma busca na internet me leva à exibição de uma aula de yoga que traz o texto: “Conexão por meio da yoga. Quem sou eu? O eu é ser mulher?” Sou colocada em uma mesa, afastada do grupo. Mais uma vez a reunião não foi gravada. A acústica do ambiente é péssima – estamos em um galpão com cerca de 9x30m e 7m de altura, com um pequeno palco e um balcão de cozinha, todo o ambiente é azulejado até 2.5m de altura. No balcão, uma Bíblia e uma imagem de N. Sra. da Aparecida. Na parede um cartaz: Rodas Warmis – Grupo Brás e enfeites coloridos – círculos de papel sulfite plissados em duas ou três cores e correntes, também coloridas, de papel crepom.

A reunião começa com oito mulheres além da d. Carmen e d. Martha, oito crianças com idades entre dois e treze anos e um cachorro de uns três meses que corria pelo salão. Passados cerca de quarenta minutos, as crianças são dirigidas a uma mesa ao fundo, tutoradas pelo menino mais velho, filho de d. Martha. As diretoras dão as boas-vindas ao grupo, em especial àquelas que estão chegando. A primeira dinâmica consiste em um abraço fraterno entre as mulheres: em roda se dão as mãos. Chegam mais duas mulheres. Fazem uma oração silenciosa: “*cada una de nosotras com suas necesidades*”. Terminada a oração, a cada uma delas foi pedida uma palavra, que representasse o que consideram importante e surgem: amor, amizade, respeito, carinho... falam muito baixo e a acústica do lugar não ajuda, não compreendo todas. A próxima dinâmica é uma atividade de saudação: d. Martha então propõe que se saúdem umas às outras, de acordo com sua instrução – mais ou menos como uma brincadeira de “siga-o-chefe”: saúdam-se com os dedos

¹²⁶ A pedido de d. Carmen, não citarei o nome da associação.

indicadores e dizem os nomes umas para as outras. Depois com os joelhos, o peito e o quadril. Todas riem muito.

Figura 20: Cartaz 01¹²⁷

Fonte: Arquivo pessoal

D. Martha conta que é o “Dia Internacional das Mulheres” e pede que digam o que sabem sobre o tema. Prossegue: “Hoje se recorda as mulheres que foram queimadas vivas: 160 mulheres que entraram em greve por um trabalho justo”. Pergunta quais são os direitos fundamentais e continua: “Mobilidade, trabalho... Precisamos falar de muitas outras coisas como saúde...”. Pede que se dividam em grupos de quatro para produzir cartazes, mas ainda permanecem em círculo. Chega mais uma mulher. Explica: “Aqui estamos no Brasil, então temos que falar português.” Pede que todas repitam o abecedário em português e então digam seu nome, usando a frase: o meu nome é... Célia, Gabriela, Cláudia, Janete, Miriam, Dália, Mari, Giovana, Miriam... O volume muito baixo das vozes me impede de ouvir todos os nomes. D. Martha pede que se coloquem cerca de 10 m para trás e repitam o próprio nome alto o suficiente para que se possa escutá-las.

D. Maria, que chegou mais tarde, pede a palavra: conta que tem uma professora colombiana que pediu para que descrevam o idioma como castelhano, já que a Espanha tem uma série de línguas que foram banidas ou proibidas. O idioma “espanhol” não existe – é uma imposição do grupo vencedor, a língua de *Isabel de Castilla*. Exibe um panfleto com telefones para orientações legais. Conta que seu filho, aos quinze anos, precisou de um transplante de medula e veio ao Brasil em busca de tratamento, já que na Bolívia não havia. Não tem com quem contar: “só eu, meu filho e Deus... Primeiro Deus.” Vende empanadas, rosquinhas... D. Maria comenta que as mulheres são

¹²⁷ Cartaz produzido durante a dinâmica, por um dos grupos de mulheres.

mais fortes que os homens.

Figura 21: Cartaz 02¹²⁸

Fonte: Arquivo pessoal

Dividem-se em dois grupos para confeccionar os cartazes em homenagem ao “Dia Internacional da Mulher”. D. Martha coloca coroas de papéis purpurinados nas cores laranja e vermelha sobre as cabeças de duas mulheres de cada grupo. A atividade dura cerca de trinta minutos e então todas se juntam novamente. As crianças são chamadas e sentam-se no chão. O primeiro cartaz diz: “Dia internacional da mulher. É o dia especial para nós mulheres. Somos lutadoras. Que Deus bendiga a todas as mulheres. Amor e paz.” O segundo cartaz diz: “Feliz Dia da Mulher. A mulher é especial e parte fundamental das famílias. Devem ser respeitadas todos os dias da vida. Todos os dias temos que valorizar-nos. Não é bom que nosso direito não seja respeitado”. Uma menina mostra o cartaz que escreveu para a mãe – atividade conduzida pelo filho de d. Martha: “Feliz Dia da Mulher. Você é a melhor mãe de todas.”

¹²⁸ Cartaz produzido durante a dinâmica, por um dos grupos de mulheres.

Figura 22: Cartazes 03¹²⁹

Foto: Arquivo pessoal

Chegam mais duas mulheres, mãe e filha adolescente. D. Carmen e d. Martha distribuem cartas para as mulheres: flores são muito comerciais. Uma única flor é passada de mão em mão com os dizeres: “Eu troco essa flor por...: respeito, carinho, amizade, o dia da mulher, sinceridade, respeito, amizade, felicidade.” A reunião se encerra e passamos para a mesa de lanche comunitário. A senhora que chegou por último pede a palavra e explica que veio à reunião para pedir ajuda. Sua filha tem 15 anos e um bebê de poucos meses. O pai, também adolescente, não assumiu a paternidade. Ela está sobrecarregada com o trabalho extra no cuidado do bebê e as despesas levaram embora o dinheiro que haviam economizado para a "*quinceanera*" da menina, que deveria ocorrer nos próximos meses. Pelo que se entende da história, a festa de quinze anos é um momento muito aguardado na comunidade e já haviam convidado parentes da Bolívia. Agora não têm dinheiro para contratar a música – um grupo específico – e a comida. D. Carmen é acolhedora, mas firme: pode orientá-las nas questões legais e financeiras, mas a associação não colabora com recursos financeiros para festas. A mãe fala da filha como se ela não estivesse presente, com um

¹²⁹ Mulheres confeccionando os cartazes mostrados nas figuras 20 e 21.

profundo desprezo. O lanche se encerra e todas nos despedimos.

Figura 23: Lanche comunitário¹³⁰

Fonte: Arquivo pessoal

Ao chegar à porta, descobrimos que chove torrencialmente. D. Maria, a senhora de cerca de sessenta anos, sai comigo e está levando o guarda-chuva emprestado de d. Gabi. Vendo-me sem guarda-chuva, pergunta como farei. Digo que vou correr até o carro, que está em um estacionamento ali perto. Ofereço carona até uma estação de Metrô. A chuva é tanta que peço a ela que espere na porta. Ela me aguarda com mais duas mulheres: d. Gabi e d. Yole. As três se oferecem para contar suas histórias, quando chegar o momento das entrevistas. D. Maria, muito comunicativa, é a mais animada e insiste em dizer que irei chorar muito ao ouvir sua história. D. Gabi – que deve ter cerca de trinta anos – emenda: com a minha você também vai chorar. D. Maria volta a contar a história do filho, que hoje adulto e com filhos, mora na Bolívia. Ela não quis voltar. Descem na Estação Barra Funda agradecendo muito: têm ainda um longo caminho até suas casas¹³¹.

¹³⁰ Os encontros se encerram invariavelmente com uma oração coletiva e um lanche comunitário, ofertado pela *Asociación*.

¹³¹ Aparentemente as entrevistas tomaram um espaço imenso no imaginário das mulheres: uma oportunidade de saírem da situação de completa invisibilidade para serem ouvidas. Estou podendo elaborar essa impressão melhor agora, durante a pandemia, quando saí em seu auxílio colaborando nas ações de assistência organizadas pelas dirigentes. Mais de uma vez expressaram sua gratidão afirmando: “Agora sabemos que não estamos sozinhas.”. Isso acontece em um quadro de extremo desapontamento, quando se perceberam usadas para fins políticos em ações protagonizadas

As notícias sobre o avanço da pandemia deixaram tudo um tanto confuso, e não nos comunicamos. Dia 17 de março o prefeito Bruno Covas decreta o período de quarentena. Dia 19, 20 e 23 passo algumas informações sobre assistência humanitária e cursos *on-line* com acesso gratuito, mas não obtive retorno. A resposta veio na forma de *emojis*: três “joinhas” (positivos) e dois apertos de mão. Dia 10 de abril, uma sexta-feira, encontro uma chamada de voz perdida (19h06) de D. Carmen. Retorno a chamada e d. Carmen e d. Martha me pedem ajuda: o número de famílias que constam em suas listas cresceu muito, estão sem renda e desamparadas, muitas são indocumentadas e não conseguem se inscrever em programas de auxílio. Com a quarentena, os órgãos públicos e instituições aos quais estavam acostumadas a recorrer estavam fechados. A *Asociación* havia realizado algumas doações, mas o que conseguiram distribuir era muito pouco perto do número de famílias necessitadas: enviam a foto da geladeira vazia de uma das famílias para registro da situação.

Figura 24: Pão comunitário¹³²

Fonte: Arquivo pessoal

por determinadas associações assistenciais de compatriotas radicados na cidade que, embora sejam reconhecidos no meio, não possuem o mesmo poder de penetração, e cujo objetivo – segundo elas – ao fim e ao cabo, é tomar posse das listas de famílias da *Asociación*. Nesse momento, o coletivo se desligou completamente de tais organizações e pretende gerir suas ações independentemente.

¹³² Essa foto me foi enviada por d. Carmen. Mulheres do bairro de Guaianases, integrantes da *Asociación*, se reuniram na garagem de sua casa para produzir o pão comunitário que seria entregue, posteriormente, às famílias bolivianas que passavam necessidade, com as cestas básicas. O momento era de desespero porque ainda não haviam recebido as cestas do Projeto Arrastão nem tampouco das outras organizações. Ao fundo, pode-se ver o forno industrial de d. Carmen, posto em uso.

Combinamos que eu pediria auxílio financeiro nas minhas redes sociais e nas de meu marido, além de buscar retalhos para a confecção de máscaras. A partir desse momento se iniciou uma comunicação intensa, através de mensagens escritas, de voz, *emojis* e *prints* de tela em que eu informava minhas tentativas de conseguir ajuda. O Projeto Arrastão ofereceu uma doação de cestas básicas. A conversa prossegue intensa, com muitos *emojis* (de gratidão, de lágrimas, de força, de beijos, de positivo) e muitas referências a Deus nos textos. D. Carmen me envia fotos das mulheres que se reuniram para fazer o “pão comunitário”, que será entregue às famílias mais necessitadas.

Envio para d. Carmen a fotografia de sacolas com retalhos de tecido que me foram oferecidas, através das redes solidárias que se organizaram pelo WhatsApp acompanhada do texto: “Carmen, estou recebendo retalhos de tecidos das pessoas que não podem ajudar com dinheiro, mas estão preocupadas com a situação”. Recebo a documentação fotográfica das entregas de cestas básicas feitas nos diversos bairros: Tiradentes, Vila Iolanda II, Jaraguá, Penha, Cangaíba, Inácio Monteiro, Casa Verde, Carapicuíba, Bom Retiro, Jaraguá e Itaquaquetuba...

Tudo se complica quando recebo um telefonema de meu contato com o Projeto Arrastão dizendo que o motorista do caminhão não encontrou o endereço para a entrega das cestas básicas – mais uma vez a numeração da rua estava um tanto desorganizada – e, ao estacionar para procurar o local, quase teve o caminhão saqueado. Apavorado saiu do local e estacionou no pátio de um supermercado próximo. Por WhatsApp consigo falar com d. Martha e também por WhatsApp envio uma foto da casa de d. Carmen retirada do Google Maps e o número do celular de d. Martha para o meu contato, que por sua vez envia para a pessoa que gerencia as entregas de cestas, que envia para o motorista. D. Martha corre até o supermercado, encontra-se com o motorista e descarrega 250 cestas básicas na garagem da casa de d. Carmen, com ajuda das pessoas que estavam na casa: seu filho, o filho e o esposo de d. Carmen. Elas conseguem o auxílio de um amigo que possui uma van de entrega e a partir de então, passam a entregar as cestas básicas entre os diversos bairros, de acordo com listas que recebem das outras diretoras: as famílias contempladas são selecionadas pelo grau de necessidade. O rapaz trabalha durante o dia, então tudo acontece noite adentro.

Figura 25: Cestas básicas¹³³

Fonte: Arquivo pessoal

Em 17 de abril recebo a ligação do Sr. João, que se identificou como assessor do gabinete de um vereador. Soube que eu estava envolvida na assistência às mulheres migrantes bolivianas através de um conhecido em comum, e propôs uma ação conjunta com uma senhora responsável por organizações de assistência às migrantes da cidade, que estava também engajada em ações. Imediatamente me comunico com as dirigentes e recebo áudios explicando que elas haviam se desentendido com a tal sra., que lhes havia prometido cestas básicas desde que elas ajudassem nas ações de entrega de cestas para uma lista pré-existente, mas cestas prometidas não chegaram. Daí entendi o desespero da ligação do dia 10 de abril. Transmiti o recado para o Sr. João, tal qual me foi dado: elas agradeciam muito, mas preferiam seguir caminho solo.

Em 23 de abril, saí um pouco após às 9h de Santa Cecília, onde moro, para buscar um rolo imenso de tecido na sede do Projeto Arrastão, no Taboão da Serra. O trajeto de 18 km foi realizado em cerca de 45 minutos. Em Santa Cecília e Higienópolis pouquíssimos carros circulam, a maioria dos pedestres são trabalhadores, algumas pessoas se exercitam correndo ou caminhando. O

¹³³ Recebi esta foto de d. Martha. Mostra seu filho, adolescente, exausto após ajudar a descarregar as 250 cestas básicas oferecidas pelo Projeto Arrastão na garagem de d. Carmen.

silêncio é interrompido apenas pelos poucos ônibus que transitam pela avenida Angélica. A avenida da Consolação também está estranhamente pacata. A Avenida Rebouças está um pouco mais movimentada, circulam mais carros, mas o número de pessoas também é bem pequeno. A paisagem não muda muito até a avenida Francisco Morato, onde o movimento da cidade aumenta paulatinamente, enquanto me afasto do centro financeiro da cidade. Próximo de Taboão da Serra, a situação muda radicalmente: centenas de pessoas fazem filas – de máscara – nas portas dos bancos. Também há filas em frente a mercados. Pequenas lojas de bairro estão abertas. Vejo pessoas com tabuleiros postos nas calçadas, exibindo produtos.

Chego pouco antes das 10h. Sou apresentada para a equipe, conversamos um pouco sobre a situação. O rolo de tecido, enorme e pesado, é encaixado sobre o banco do carro. Rumo agora para o Lajeado Velho em Guaianases. São cerca de 77 km, que percorro em 1h45. Chego na casa de d. Carmen perto das 12h15. Pretendo deixar o tecido e voltar rapidamente para meus compromissos, mas é impossível. Toda a contenção da quarentena desmorona quando chego na casa: mesmo de máscara, fui abraçada e beijada¹³⁴. O projeto “passo para deixar na porta” se transformou em uma visita, pois me pediram para entrar. Vi a pilha de cestas que ainda não haviam sido distribuídas e o forno onde assaram os pães comunitários. D. Carmen me conta que o forno, há muito tempo sem uso, está agora na linha de frente para a confecção dos pães doados para as famílias mais necessitadas, com recursos angariados. O projeto dos pães foi pensado no momento em que ainda não havia cestas.

D. Carmen chamou o marido para me mostrar o modelo de máscara que desenvolveram. Fotografamos e ganhei uma. Expliquei muitas vezes que precisava me retirar, tinha uma reunião às 14h, mas emendavam um assunto no outro, recusei o convite para almoçar mais de uma vez. Segundo relatam, a situação da comunidade é desesperadora. Mas elas continuam firmes, buscando ajuda onde descobrem qualquer possibilidade. As listas de mulheres – e suas famílias – necessitadas cresceu bastante, assim como o número de bairros a serem atendidos: agora são 18. O caminho de volta à Santa Cecília levou pouco mais de 1 hora, cerca de 42 km. Cruzei a cidade do Centro para a Zona Sul, para a Zona Leste e então de volta ao Centro, e nesse momento me dei conta do poder da comunicação em uma cidade dessas proporções e a quantidade de áreas disponíveis para a agricultura urbana, enquanto tantas pessoas passam fome. Foram percorridos,

¹³⁴ Volto a comentar que o perigo representado por um vírus microscópico e invisível parece relativo frente a tantas outras violências que estão presentes no cotidiano da comunidade, e nesse momento, o maior deles era a fome e o medo de serem despejados de suas casas.

aproximadamente, 137 km, no total.

Figura 26: Protótipo de máscara anti COVID-19¹³⁵

Fonte: Arquivo pessoal

Direito à cidade, ao uso democrático e equitativo do espaço público e, dentro dessa temática, à agricultura urbana, são temas caros àqueles que pensam a cidade contemporânea. Peter e Jerez abordam em artigo o projeto de hortas urbanas da ONG Cidades sem Fome¹³⁶, que através de contratos de usufruto com o poder público ou proprietários privados, desenvolve cultivos em terrenos desocupados e sem função social. Segundo os autores, o contrato protege os terrenos de invasões ilegais interessando aos proprietários (PETER; JEREZ, 2011). Alguns dias mais tarde, após conversar com as dirigentes, liguei para o assessor da câmara dos vereadores, Sr. João e conversamos sobre a possibilidade de conseguirmos uma área com água para desenvolvermos um projeto de hortas urbanas¹³⁷. Recebi uma resposta animadora quanto à disponibilidade, mas a *Asociación* precisa estar regularizada.

¹³⁵ Estas máscaras são produção posterior de d. Carmen e seu esposo. No momento que relato, estavam fazendo os protótipos das peças que pretendiam comercializar. Era um momento um tanto confuso, as especificações de material não estavam claras, nem os modelos mais adequados, as máscaras hospitalares estavam esgotadas.

¹³⁶ A ONG atua na zona Leste de São Paulo e Rio Grande do Sul, desenvolvendo projetos de agricultura sustentável, como hortas comunitárias, hortas escolares e estufas agrícolas Disponível em: https://cidadessemfome.org/pt-br/?gclid=CjwKCAjwwqaGBhBKEiwAMk-FtPBng5hNXMFnD_o0yUuPawBYIw-rz7Kw5NNvn3DgMxmAtlHznxdQgRoCV90QAvD_BwE . Acesso em 16 jun. 2021.

¹³⁷ A horticultura urbana está respaldada pelo Decreto Municipal 45.665 de 29 de dezembro de 2004 / Lei 13.727, de 12 de janeiro de 2004, que cria o Programa de Agricultura Urbana e Periurbana (PROAURP) no Município de São Paulo. O Programa inclui a produção de hortaliças, legumes, árvores frutíferas, criação de animais de pequeno porte e produção artesanal de alimentos e bebidas, além de incentivar o comércio.

Em 16 de maio, recebi as fotos das crianças e suas mães que as dirigentes acolheram, desamparadas, com a legenda: “*Olha aí, esos son os bens da casa.*” Ocorre que as diretoras de outros bairros passaram a receber solicitação de ajuda para mulheres que, sem trabalho, haviam sido despejadas, com crianças. As dirigentes recolheram três moças, duas delas com filhos. Posteriormente também receberam pedidos de ajuda de moças que foram trancadas em oficinas sem alimentação ou estavam sofrendo violência doméstica. Todos esses pedidos chegam via aplicativo WhatsApp. A esta altura da história, eu já havia ganhado a alcunha de “anjo da associação” e comprometido a minha pesquisa, do ponto de vista inicial do projeto.

O quinto encontro:

Em 17 de maio sou convidada para um almoço comunitário – *thapi*¹³⁸ – que a *Asociación* organizou no terraço aberto da casa de d. Carmen. As refeições e lanches comunitários são um momento pelo qual sempre mostram muito respeito. A ida até Guaianases exige uma reorganização de minha vida doméstica e me atraso muito, chego quase no final da tarde e perco o almoço, mas não antes de receber o registro da refeição para me incentivar. Lá sou apresentada para uma grande parte das mulheres que fazem parte do grupo e assisti à eleição da secretária geral, a quem cabe registrar as atividades em ata, a confirmação das responsáveis pelos bairros e as novas participações como associadas. Elas iniciam uma reunião de alinhamento das intenções: d. Carmen e d. Martha, no calor do desespero, tomaram iniciativas sem consultar o grupo, como recolher as mães com as crianças e alugar uma casinha para alojá-las, e isso causou um grande mal-estar. Percebo o clima ruim e um disse-me-disse pelos cantos, mas não entendo muito bem. Ao final de uma discussão em que tentam colocar tudo às claras, uma das moças se retira do grupo.

¹³⁸ *Thapi*: refeição em que todas trazem um prato para compartilhar, é um momento importante na socialização do grupo. Estou grafando como entendo a palavra, no entanto, ao pesquisar a palavra, surge como *ap-thapi*. Na língua aimará *thapi* equivale a “congregador” e *ap-thapi* a “recolher algo em um único amontoado” (CÉRRON-PALOMINO; CARVAJAL, 2009, p. 199).

Na página Comida Boliviana (Facebook), encontramos, em tradução livre: O costume de compartilhar alimentos entre os membros de uma comunidade, amigos ou familiares se conhece entre os aymaras e quéchuas como *apthapi* e é uma herança dos povos nativos do ocidente boliviano. A palavra provém do vocábulo *apthapiña*, que significa “o recolher da colheita”. O *apthapi* procura compartilhar, unir a família, enquanto permite que as comunidades se reconciliem com aquelas que estão distanciadas por discussões ou problemas. Entre os alimentos da mesa é possível degustar carne, ovo, peixe e queijo frito, batata, *chuño* (batata desidratada de cor escura), *tunta* (batata desidratada de cor branca), favas, ovo cozido, *tortillas* de cebola, sobremesa, ganso, milho, pasta de pimentão amarelo, molho de pimenta, etc. Os alimentos são expostos em um *aguayo* (manta) ou *bayeta* (toalha) estendido no piso que serve para apresentar a comida coletada a todos. Cada membro da comunidade coloca o que pode, o que produz e todos compartilham igualmente. Disponível em: <https://www.facebook.com/comidadebolivia/posts/apthapila-costumbre-de-compartir-alimentos-entre-los-miembros-de-una-comunidad-a/1864879210491975/>. Acesso em 31 mai. 2021.

Figura 27: Almoço comunitário - *thapi*¹³⁹

Fonte: arquivo pessoal

Já estávamos avançando noite adentro e elas me pedem que fique um pouco mais: estão muito preocupadas com a minha percepção dos acontecimentos e que isso ponha em xeque a honestidade delas e da *Asociación*. Explicam que quando saíram em busca de cestas básicas, após o mal-entendido relatado anteriormente, cadastraram na Prefeitura (não sei qual o órgão) e no CRAI os nomes das mulheres que se encontravam na lista da *Asociación*. As cestas são destinadas aos nomes cadastrados, portanto intransferíveis. Antes que essas fossem disponibilizadas, receberam as cestas básicas do Projeto Arrastão, tendo algumas mulheres, portanto, recebido três cestas. As diretoras da *Asociación* tentaram, então, convencer as mulheres que já haviam recebido uma cesta, que doassem as outras às mulheres que haviam entrado depois nas listagens. Nem todas concordaram, o que gerou uma série de rumores e mal-entendidos. Esclareci que não era meu papel fazer julgamentos sobre as dinâmicas da *Asociación*, que minha intervenção foi de caráter humanitário e que confiava na condução delas.

Dia 25 de maio, colocaram-me em um novo grupo de WhatsApp, com mulheres que também estavam recolhendo auxílios diversos para aqueles que ficaram vulneráveis à pandemia e

¹³⁹ Imagem do almoço comunitário, ou *thapi*. Cada uma das mulheres oferece um alimento, típico ou não. Segundo d. Carmen, é uma tradição que vem dos períodos de colheita nas comunidades rurais bolivianas, onde todos trabalham juntos e depois compartilham a refeição. Comentamos o significado de *thapi* na anterior.

organizaram uma “vaquinha”. Foi esse grupo que conseguiu as doações para “montar” a Casa das Mulheres. A tal casinha que haviam alugado para alojar as mulheres precisava de inúmeros reparos, como colocar portas nos cômodos, por exemplo. As doações começaram a chegar: camas, roupas, lençóis, brinquedos para as crianças. Através de minhas redes, chegaram louças, talheres, etc. O aluguel foi acertado em R\$800,00 mensais. Pareceu-me bastante caro para os recursos da *Asociación*, mas é importante lembrar que naquele momento não sabíamos o que nos esperava ainda.

Dia 26, aviso d. Carmen que o Projeto Arrastão tem uma grande quantidade de tecido para doação, além de outro lote de cestas básicas. Discutimos sobre como retirar todo o material: o valor do carro é muito, alto tanto pelo volume e peso quanto pela distância, é preciso escolher o veículo e pensar na segurança da carga. O custo é muito alto, elas não têm como arcar, então acabo assumindo o valor.

Dia 29 de maio trocamos mensagens de áudio:

D. Carmen: *“Oi, Elisa. Nosso anjo. Deixa te falar una cosa, boa noite. A gente non foi a pegar as cestas porque a gente não conseguiu o carro do tamanho que a gente precisa né. Enton segunda-feira a gente vai cedo tá? Outra coisa a gente tá preparando una confraternização amanhã e nós queremos que você este presente com nós porque você é parte de nós né, enton... queríamos saber se você consegue vir lá na Coimbra, Restaurán do Campeón, meio-dia. A gente vai confraternizar um tempinho aí non vai ser muito longe non. Acho que vai ser uma hora, no muito, duas horas, tá? Entón a gente vai esperar para você tá bom? És uma confraternización que a gente quizo preparar porque também o dia 8 de maio era nosso aniversário entón o aniversário da Asociación, entón o viente siete és Dia das Mães Bolivianas. Entón a gente queria ver também uma forma de confraternizar um pouco, né. Entón a gente vai reunir lá na Coimbra. Você me contesta por favor, Elisa, tá?”*

O sexto encontro:

Retorno mensagem em áudio confirmando minha participação. No dia seguinte, recebo o telefonema de Carmen pedindo que levasse um presente de R\$10,00, para ser trocado em brincadeira de amigo secreto. Chego na hora combinada e tenho dificuldade para encontrar o restaurante: o comércio está fechado devido à pandemia. Após circular um pouco pela rua, encontro algumas das mulheres que estão chegando também.

Figura 28: Almoço do Dia das Mães Bolivianas 01¹⁴⁰

Fonte: Arquivo pessoal

Entramos, atravessamos o salão fechado, subimos dois lances de escada e vamos para a laje, parcialmente coberta, meio de improviso. As diretoras passam a montar as mesas na área descoberta, organizando as cadeiras em volta. É o espaço onde se encontram estoques do restaurante e habitação de algumas famílias também: calculo que haja pelo menos três moradias nesse “terceiro andar”: passamos pela primeira, mas percebemos outros quatinhos no fundo da área, para onde se dirigem algumas pessoas que passam por nós. As moças providenciaram faixas e balões e se esmeram na decoração do ambiente, cobrindo os depósitos com *aguayos*. São muitas mulheres, algumas trazem os filhos. D. Carmen e d. Martha se atrasam muito novamente. Estes atrasos muitas vezes acontecem pela redução do transporte público nos finais de semana. A maioria delas está de máscara, mas todas tiramos para o almoço e para a fotografia final. D. Carmen traz um bolo lindo, decorado: quando vivia na Bolívia, além de trabalhar como assistente escolar, era confeitira. Recebo o registro fotográfico do evento, com algumas fotos minhas.

¹⁴⁰ Imagem da área onde foi montada a mesa de almoço, com a decoração produzida pelas mulheres do bairro Brás. Parte da mesa está coberta pelo telhado de cimento amianto. O *aguayo* esconde um amontoado de caixotes. À esquerda, um corredor leva a pequenas habitações.

Figura 29: Almoço do Dia das Mães Bolivianas 02¹⁴¹

Fonte: Arquivo pessoal.

Já ao cair da tarde, quando imagino que vou me despedir, d. Carmen e d. Martha me pedem para acompanhá-las até Guaianases: querem me mostrar a casa que pensam em alugar para sediar a “Casa das Mulheres”, já que eu sou arquiteta. Se aboletam no meu carro d. Carmen, d. Martha, Sandra (a filha de d. Carmen) e d. Gisela, que vai ficar na estação de trem de Guaianases, de onde se desloca para Itaquaquecetuba: está sempre transportando algo pesado, doação para as mulheres de sua lista. Quando chegamos em Guaianases a noite já havia caído e estava bastante escuro. D. Carmen pede ao dono da casa que venha abrir para mostrar-nos. A casa é muito grande, recém-reformada, bem diferente da situação da primeira casa que alugaram no susto. Verificamos torneiras e ligações elétricas. Há um pátio coberto na cobertura, onde imaginam fazer as oficinas para as mulheres e os encontros com as crianças. Pedem R\$1.800,00 pelo aluguel. Pondero que o valor é bastante alto, já que mal conseguem pagar o aluguel da primeira casa. D. Carmen retruca que estão contando com um programa de auxílio da prefeitura, mas isso não pode ser comentado

¹⁴¹ Conjunto de imagens do almoço comunitário, algumas de minha autoria, outras tiradas pelas mulheres. Estou sentada em um trecho descoberto do terraço e atrás de mim, aparece mais uma habitação. A máscara que estou usando é o protótipo que ganhei de d. Carmen e seu esposo.

porque os proprietários aumentam muito o valor quando ficam sabendo.

Dia 12 de junho recebo de d. Rosmery, por WhatsApp, o link para uma reportagem do site Bolívia Cultural, com o título *Trabalho escravo, despejos e máscaras a R\$ 0,10: pandemia agrava exploração de migrantes bolivianos em SP*¹⁴². A matéria trata de mulheres que continuavam a ser aliciadas, atravessando ilegalmente a fronteira para trabalhar nas oficinas de costura, violência no ambiente de trabalho, violência doméstica. Traz no pé da página telefone e endereços de centros de apoio, sindicatos e sites onde se pode solicitar ajuda ou denunciar: boa parte deles são caminhos que as mulheres da *Asociación* já conhecem e utilizam, seja por motivo pessoal, seja para assistir a terceiras.

Em 5 de junho, recebo uma série de fotos com cinco crianças e os dois bebês acolhidos com as mães: limpas, bem vestidas, se alimentado ou brincando com bonecas. As mães aparecem ocupadas com algum trabalho manual, aparentemente costurando algo. Aparece também a moça grávida que acabaram de acolher: perdeu, em um assalto seguido de estupro coletivo, durante a viagem que fazia entre El Alto e La Paz, as economias com as quais planejava abrir um “*salón de belleza*”, um dos meninos é seu filho. Nos encontramos algumas vezes: evitou sempre me dirigir a palavra ou o olhar, respeitei. Nunca entendi se chegou no Brasil antes ou após o fechamento de fronteiras, mas o fato é que fronteiras nacionais são mais da ordem do imaginário quando se trata de imigração indocumentada¹⁴³. Não sei em que condição decidiu vir ao Brasil. Pelo que entendi da história, veio para São Paulo com o objetivo de se reerguer financeiramente, mas chegou já na pandemia. Foi frustrada pela falta de trabalho nas oficinas e se descobriu grávida do estupro. Não sei exatamente como chegou à *Asociación*, mas certamente foi pela rede de WhatsApp. Nunca fiquei sabendo seu nome.

D. Martha me avisa que conseguiram buscar as cestas no Projeto Arrastão e, junto, ganharam *kits* de limpeza. Eu já havia me retirado das tratativas e agora elas, por WhatsApp, resolvem tudo diretamente com a senhora responsável pela distribuição de doações, lá do Projeto. Retiraram parte do tecido que foi doado, mas deixaram quatro sacolas porque o motorista do caminhão se recusou a trazer, devido ao excesso de peso. Fizeram duas viagens em dois dias seguidos, e o frete teve um acréscimo em função da distância. Chegaram também doações de

¹⁴² Disponível em: <https://www.boliviacultural.com.br/noticia/trabalho-escravo-despejos-e-mascaras-a-r-0-10-pandemia-agrava-exploracao-de-migrantes-bolivianos-em-sp>. Acesso em: 14 mai. 2021

¹⁴³ Gosto de pensar nesses caminhos por onde circulam os migrantes de forma ilegal como Peabirus (caminho pré-colonial que ligava o litoral atlântico com os Andes) contemporâneos, como uma forma de resistência ancestral.

brinquedos para as crianças e roupas para o bazar que estão planejando. Estavam atendendo dois casos de moças que foram vítimas de violência, mais psicológica do que física: *“Enton aí nós estamos agora fazendo o encaminhamento né”* e animadas com a arrumação da Casa das Mulheres porque haviam conseguido uma doação de armário de roupas.

Figura 30: Vaquinha para as mães bolivianas¹⁴⁴

Foto: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/ampare-as-maes-bolivianas-por-conta-da-ecovid-19>

Nesse mesmo dia, iam encontrar uma advogada para iniciar os trâmites para oficializar a *Asociación*, tirando o CNPJ. Trata-se de um passo importantíssimo, já que a inscrição em qualquer programa de auxílio, ou editais de projeto – sejam nacionais ou internacionais – dependem dessa oficialização. Não que desconheçam o fato, no entanto, o custo alto é um grande impeditivo para quem vive no limite e até o momento – escrevo em maio de 2021 – não conseguiram completar o processo. Abrimos uma “vaquinha” que deveria ser destinada ao pagamento do advogado, no entanto, as emergências vêm se somando e atropelando o cronograma. Dia 26 de junho, recebo de d. Carmen o link para a “vaquinha” organizada pelo grupo de mulheres que as está apoiando com as doações já descritas.

¹⁴⁴ Imagem que ilustra a “vaquinha” organizada pelo grupo de mulheres que as ajudou também com doações para a Casa das Mulheres e o Cantinho das Crianças.

Figura 31: Cantinho das Crianças 01¹⁴⁵

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 32: Cantinho das Crianças 02¹⁴⁶

Fonte: Arquivo pessoal

D. Carmen consegue trabalho e todas estão ocupadas na oficina. Sandra, com 14 anos, assume o Cantinho das Crianças montado no terraço da casa: quer ser professora. Desenvolve um sem número de atividades com as crianças que têm entre 1 e 5 anos, aparentemente: fazem pintura a dedo, desenham as próprias mãos. Estão bem cuidadas e ganhando peso. D. Carmen e d. Martha impõem regras: precisam trocar de roupa no meio do dia e antes de dormir, comer a cada 3 horas

¹⁴⁵ Esta imagem mostra as crianças que foram abrigadas na Casa das Mulheres com suas mães. Já ganharam peso e estão bem cuidadas, sob orientação de d. Carmen d. Martha. De costas, Sandra, filha de d. Carmen, de 14 anos, que ficou responsável por desenvolver atividades pedagógicas.

¹⁴⁶ Esta imagem mostra o grande número de doações recebidas, com as quais rapidamente montaram o Cantinho das Crianças. A decoração da parede foi tida elaborada com material recebido em doação também, produzido pelas mulheres da *Asociación*. O leão, por exemplo, foi feito com retalhos de feltro que doe. Um esmero.

e manter o asseio. O espaço conta com muitos brinquedos, livros infantis, material de pintura e desenho, cadeirinhas e mesinhas de plástico. Nas paredes, colaram várias figuras e um cartaz. As cortinas de box que doeiras viraram uma espécie de *banner*; os retalhos de feltro, bichinhos que enfeitam as paredes: leão, abelha... Uma faixa anuncia: “Bem-vindos a nosso cantinho”. A casa de D. Carmen é onde tudo acontece: residência, oficina, creche e onde as mulheres acolhidas faziam também as refeições, além de acolher encontros da associação e assar o pão comunitário.

O sétimo encontro: protesto em frente ao Consulado da Bolívia

Em 28 de agosto, veio a público um documento que dizia que bolivianas(os) em solo brasileiro não poderiam votar nas eleições presidenciais de 18 de outubro, justificando o impedimento por questões logísticas e sanitárias¹⁴⁷. Em 1 de setembro, d. Carmen me pede que participe de uma manifestação que organizaram, com outros grupos, em frente ao Consulado da Bolívia, na Vila Mariana, e tente chamar a imprensa. Simbolicamente, tratava-se do endosso do povo brasileiro à reivindicação. Éramos poucas(os) manifestantes¹⁴⁸ no período em que estive presente: é preciso ter em mente a dificuldade de deslocamento até o local, custo da passagem, a perda do dia de trabalho. Algumas mulheres trouxeram os filhos, uma delas trouxe o bebê no *aguayo*.

Pediram-me para segurar uma *Whipala* enorme, em forma de faixa – calculo que quase 10 m de comprimento. Ao meu lado, uma costureira que integra a associação e esteve presente em boa parte das reuniões que frequentei. Estava visivelmente incomodada e deu um sem-número de desculpas para não segurar a bandeira: precisava beber água, sair do sol, atender o celular... até que não foi mais possível recusar o pedido, postou-se ao meu lado sem colocar a mão na bandeira e confidenciou baixinho alguma coisa como: “Eu sou de Santa Cruz, se meus amigos me virem segurando essa bandeira vão tirar sarro de mim até o fim da vida, não vou poder voltar lá...” A palavra de ordem era: “*Nosso voto se respeta, carajo.*”

¹⁴⁷ Disponível em: <https://migramundo.com/bolivianos-no-brasil-se-mobilizam-para-garantir-direito-de-voto-do-exterior-e-participar-de-eleicao/> Acesso em: 31 mai. 2021.

¹⁴⁸ Eu era a única brasileira no grupo, além de alguns jornalistas e membros de partidos ou organizações que registravam o protesto, enquanto estive presente, entre 11h e 13h.

Figura 33: Protesto em frente ao Consulado 01¹⁴⁹

Fonte: Portal do Partido Comunista Brasileiro¹⁵⁰

Figura 34: Protesto em frente ao Consulado 02¹⁵¹

Fonte: Arquivo pessoal.

O oitavo encontro:

Em 12 de setembro, nós nos encontramos novamente. Houve mais uma reunião das mulheres para alinhar o andamento dos trabalhos. O terraço ganhou cobertura, construída pelo

¹⁴⁹ Esta imagem mostra o protesto, onde combinam a Whipala e a bandeira da Bolívia. Ao fundo, a casa do consulado.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/26093/comunidade-boliviana-exige-direito-ao-voto/> . Acesso em: 27 mai. 2021.

¹⁵¹ Esta imagem mostra um *banner* que convoca os povos indígenas bolivianos a lutar por sua pluralidade, a frase “volveré y seré millones” é uma frase que, pesquisando, encontro atribuída a Túpac Amaru II, ou a Tupac Katari, quando de suas execuções (em momentos distintos) pelos espanhóis, após caírem os cercos à cidade de La Paz, no final do século XVIII.

esposo de d. Carmen.

Figura 35: Reunião¹⁵²

Fonte: Arquivo pessoal.

Queriam minha opinião na organização de estratégias para o enfrentamento da pandemia e na elaboração do material que seria entregue no dia seguinte na câmara dos vereadores, em uma reunião agendada na subprefeitura. Para elas é importante que o documento seja escrito em uma linguagem um pouco mais formal e em português gramaticalmente correto. O documento, cujo escopo está descrito abaixo, solicita apoio da prefeitura nos seguintes projetos:

1. CASA DAS MULHERES:

Trata-se de uma casa onde se possa:

- abrigar mulheres desamparadas temporariamente, capacitando-as para conduzir de maneira autônoma sua própria vida e de seus filhos;
- orientar a comunidade quanto à regularização de documentação;
- preparação dos documentos para aquelas(es) que não falam o idioma;
- orientar a comunidade quanto aos trâmites escolares;
- orientar e acompanhar as mulheres em seus trâmites de saúde, superando a barreira da língua;

¹⁵² Nesta imagem vemos as mulheres em reunião no terraço da casa de d. Carmen. Ao fundo, a parede decorada por elas, para o Cantinho das Crianças, com as doações recebidas.

- promover o ensino do idioma português, em parceria com professoras(es) voluntárias(os);
- promover atendimento psicológico, em parceria com psicólogas(os) voluntárias(os);
- promover atendimento jurídico, em parceria com advogadas(os) voluntárias(os);
- promover cursos e capacitação de mulheres, em parceria com ONGs e professoras(os) voluntárias(os).

2. HORTAS COMUNITÁRIAS: sob coordenação de d. Gisela, atualmente dedicada ao nicho da costura e graduanda de curso superior em Educação Ambiental. Agrônoma formada e atuante na Bolívia, desenvolvia a implantação de hortas e pomares em comunidades rurais.

O projeto parte da observação da grande quantidade de terra disponível para plantio na cidade, seja em áreas mais urbanas, seja nas áreas mais afastadas da cidade, e do entendimento de que a fome que castigou grande parte da comunidade poderia ter sido mitigada através de hortas comunitárias. Solicita parceria com o poder público, o qual cederia terrenos com acesso à água disponíveis nos bairros onde a *Asociación* atua, para a execução de hortas a serem cuidadas pela comunidade. A intenção é que sejam terrenos com dimensões adequadas para o desenvolvimento de projetos piloto, com pequena dimensão, como, por exemplo, faixas não edificantes sob torres de alta tensão.

3. CASA DAS CRIANÇAS: projeto sob coordenação de d. Martha, atualmente dedicada ao nicho da costura, mas anteriormente ao estabelecimento no Brasil, estudante de Educação Popular na Bolívia, tendo atuado em ONGs dedicadas à educação.

Trata-se de atendimento à primeira infância, com foco no desenvolvimento cognitivo e motor de crianças cujos pais são obrigados a jornadas laborais extenuantes. Essas crianças não só ficam sujeitas a acidentes nas oficinas – os relatos de mutilação são muitos – como têm seu desenvolvimento inicial prejudicado, tanto pela insalubridade do ambiente e má alimentação quanto pela falta de socialização e ausência dos estímulos. Um projeto-piloto foi posto em andamento, quando da recepção das primeiras mulheres abrigadas pela *Asociación* e o resultado surpreendente pode ser atestado através de fotos no Facebook.

4. CASA DOS ADOLESCENTES: projeto sob coordenação de d. Martha.

Trata-se de projeto de atendimento psicológico e de socialização de adolescentes da comunidade que lutam para encontrar seu próprio espaço, tendo em vista o choque cultural e geracional a que estão expostos, vivendo entre duas culturas distintas. A proposta conta com a parceria de psicólogas(os) e ONGs no desenvolvimento de dinâmicas integrativas, resolução de conflitos e orientação para assistência psicológica, quando necessário.

Conversamos também sobre Domitila Barrios de Chungara, uma importante líder dos mineiros, aimará boliviana. Prometi procurar uma cópia do livro em castelhano. Posteriormente encontrei uma cópia em pdf na internet, que enviei pelo WhatsApp. Elas se mostraram bastante preocupadas com o Natal das crianças: as famílias não têm condição de presenteá-las. As moças acolhidas já voltaram para a Bolívia, a única que permanece na casa é a moça grávida. Nessa noite, gravamos a única entrevista formal que fizemos em todo o processo. Estamos em um terraço aberto, elas falam baixo e há muito barulho na rua: a gravação mal se ouve.

A conversa começa com d. Martha indignada porque o então cônsul boliviano no Brasil havia retirado a Wiphala da fachada do consulado. Ela então me explicou a trajetória econômica da Bolívia, o fim da dívida externa no governo Evo Morales e a saída da *DEA – United States Drug Enforcement Administration*:

“La DEA, que é dos Estados Unidos, no estaban más na Bolivia porque Evo tirou porque eles faziam cada coisa em nosso país, que eles achavam que eram donos do país, mas eles no son, então, ele sempre manejou la ideia de que a terra es para quem trabalha nela, a nossa terra, então, por isso que a nossa ideia de nos é isso né, a gente tem que ter ese sentimiento de apropiarse, de digamos, de nossas coisas, é nosso país e temos que saber valorar aquello que.. e... la wiphala representa todas as etnias da Bolivia que non é só quechua e aimara, también tem guaranys, mojeños e tem un sin fin que a gente ni conhece também, são muitos povos originários, cada um deles também tem uma língua diferente, enton aí que...”¹⁵³” (d. Martha)

Pergunto então sobre as trezentas e cinquenta línguas faladas na Bolívia:

“Então, aí é por isso que a Wiphala representa isso, então, para que tomem en cuenta los

¹⁵³ Estou transcrevendo o áudio tal qual falado, com os idiomas misturados.

povos. Porque antiguamente não tomavam en cuenta los povos e es interesante porque você vê, inclusive, cuando aquele... cuando tiraram a Evo do governo, cuando marcharam los indígenas. Você deve ter visto, eles marcharam. Mas bem vestidos, como se estuviesen en una fiesta, as moças tinham umas... se consigo uma (foto) aí eu te mando... eram bem vestidas, así como para ir a uma festa. Estavam marchando... Bajabam del Alto hasta La Paz. Para ir a protestar, a sé escuchar. Más muitas dessas famílias, dessas pessoas morreram, não voltaram para casa, porque morreram... Isso... Então é isso né, eu acho que o que despertou Evo em nosso país é aquele sentimiento de que es nosso país e temos que defender o que es nosso. Entón es eso que sembró ele: la inclusion de pessoas que talvez no eran tomadas en cuenta. Pero somos maior cantidad, somos indígenas, a mayor cantidad de la población en Bolivia son indígenas. Son decendientes de indios, son dscentes de indígenas. Más porque se viven la en ciudad, eles piensam que son mucho mejor. Más no son: son también decedentes de indígenas. Entón le apiernen (se agarraram) ese valor a esas raíces, entón es por eso que talvez, eso ha querido rescatar nosso presidente.” (d. Martha)

O assunto se encaminhou para preconceito, racismo e machismo:

“E esos otros somos vistos como los indios, los campesinos, no sabemos nada, somos bien (?) retrasados, porque también las características corporales nuestras son bien diferentes. Nosotros somos un poco... los paceños, somos trabajadores, todo, pero somos un poco mas, como se dice..., más retraídos en el sentido digamos de hablar de sí, ciertas cosas que ahora ya se está hablando de sexo, se está hablando de la libertad, tudo isso. Antiguamente no era así, era mucho... prevalecía mucho el patriarcado, entonces ese nivel cultural nos hacía ver como se fuésemos um poquito menos que los otros, sin ser-lo, no... es así como el nordestino, né...”¹⁵⁴ E mismo también por lo color de la piel. Porque tem también muitos como ela estava falando, de fontera né. Frontera de aquí com Bolivia hasta Santa Cruz. Entonces, casi Santa Cruz, son más blancos, né. Entonces, no La Paz, Oruro, eran las peles un poco más oscuras, también había ese tipo de choque. También por eso que no nos chamamos cambas a los que son de aí del clima caliente: cambas. Santa Cruz, cambas. E aí na La Paz, Oruro así, ellos que nos chamavam collas, voces son collas, como decir indios, indígenas, así.

¹⁵⁴ Está se referindo a maneira como, em São Paulo, são tratados os migrantes do nordeste do país.

En Bolivia también había ese tipo de brigas. Como decía un otro día que passamos os (?) con Julieta, ella decía: “No. Nos metieran, a nos nos metieran en pensamiento de que los blancos son de sangre azul, que son descendentes de españoles e todo.” Todo es solo, digamos en la cabeza. Esa gente que está no poder, no poder político, son aquellos que hacen naquela diferencia, né, e se vê ai no consulado mesmo, por qué, por qué ele não está nem aí para o povo boliviano. Más o Dr. Jorge Ledesma (cônsul no governo Evo Morales) ele estava mui distinto porque ele es también indígena né, de Cochabamba. Entonces ele se entrelazaba mais com nós, com o povo, daí que teníamos ajuda. Desde aí donde eu troquei minha maneira de pensar... E a gente poder entender de que nós podemos fazer, porque nós tenemos voz, que a gente pode decir no... también ele que nos deu lugar a nós fazer a Asociación porque cuando, digamos, a gente fala de que non tiene machismo, si tiene machismo, aqui, na Bolívia, en todo lado né. Enton, a saber que era una agrupación de mulheres, aí no...: “Ah no, essa agrupación de mulheres só es un momento, aí elas van a esquecer, elas têm que estar aí na cocina, lavando ropa, é demais né...” Mas nós fizemos como agrupación de mujeres o que ni eles como homens fizeram por las mulheres.” (d. Martha)

Passamos então a falar sobre como surgiu a *Asociación*. Omito o nome das organizações citadas, inclusive porque não seria justo apresentar uma visão unilateral do assunto: d. Carmen e d. Martha se conheceram quando faziam trabalho voluntário em uma ONG, que organizava rodas de conversas com mulheres migrantes. Segundo contam, falavam sobre os direitos humanos para os migrantes, mas também falavam de trabalho escravo, que mulheres não podem sofrer violência e que mulheres bolivianas sofrem muita violência. Contudo, segundo d. Martha “... *nos hablabam personas que non se sentavam en la oficina a trabajar como nosotros sentávamos, nunca se han puesto a vivir con los maridos que vivían muchas mujeres bolivianas...*”. Prossegue dizendo que se sentiam chocadas por serem chamadas escravas – na concepção delas, se autoescravizam por necessidade – por alguém que não vive a situação na própria pele e não tem ideia de como é difícil para os migrantes conseguirem sobreviver: “... *para los brasileiros já es difícil, imagine para un inmigrante...*”.

Questões envolvendo interseccionalidade gênero/raça/classe e lugar de fala estiveram presentes ao longo de toda a pesquisa. Como voluntárias, recebiam uma ajuda de custo mensal para levar outras mulheres a participar das rodas de conversa. Faziam também capacitações, mas não sentiam que houvesse espaço para suas contribuições: “... *solamente el trabajo era juntar la*

gente, nada más... ”. Sentindo que não havia perspectiva de crescimento no espaço, juntaram-se quatro mulheres, entre elas d. Martha, d. Carmen, para formar seu próprio grupo, entendendo que poderiam falar sob uma perspectiva comum a todas. D. Martha explica que inicialmente acreditaram que juntar as voluntárias dos outros bairros seria fácil e foi quando se deram conta de que muitas estavam lá pela ajuda de custo e não pelo compromisso com a ideia. Sem a ajuda de custo foram desertando gradualmente e o grupo acabou. Começaram um novo grupo com as poucas mulheres que haviam sobrado, já com a ideia de montar uma associação. Saíram a buscar outras mulheres: “Buscamos mujeres, invitamos, llamamos... prácticamente hasta nos humillábamos pedindo a las señoras para que vayan... ”. Continuaram a fazer as capacitações na ONG por um ano e para isso recebiam ajuda de custo com as passagens. As mulheres desse novo grupo também foram desertando e alguns mal-entendidos provocados por sua inexperiência acabaram por miná-lo.

D. Carmen, com outras duas mulheres, já lideravam, desde 2014, um grupo de mães que ajudava outros migrantes. Segundo conta, aos domingos, iam à quadra de futebol assistir aos jogos dos maridos e foi onde perceberam a necessidade de ajudar os conterrâneos:

“Porque íbamos até domingo a lo que llamamos quadra aquí: esa es la única diversión de bolivianos. Íbamos siempre. Entre los maridos, los homens están jugando fútbol e nós estamos sentadas aí, conversando. Y siempre había aquel tema de dizer non consigo vaga na creche porque falam de que tengo que tener documentación, no tengo documentación, meu filho no está a ir. O si non, había otra mujer que falava estoy mal, estou com dor aquí embaixo, além de eso meu xixi está muito espeso, no posso ir ao posto de saúde porque yo no entendo português, né. Entonces aí salía aquellas necesidades das mulheres. E otra que falava meu marido é muito ciumento, ele briga comigo, no poso mirar, olhar a nenhum lado y ele está así... O si no otra que falava, né, que estava trabalhando na oficina onde non nos daban de comer, a gente está sufriendo, ten un ambiente así... enton escuté isso aí e éramos três, enton, tantas necesidades que têm las mujeres inmigrantes y no hay un lugar donde a gente possa ir? [...] a diferencia que hay en nós e otras mulheres es que ni todas las mulheres que vêm a trabalhar en costura elas son da cidade, de La Paz, Cochabamba. Elas son, como se fala aquí, del interior. Ni siquiera elas sabem falar espanhol.” (d. Carmen)

D. Carmen explica que são mulheres que falam apenas idiomas indígenas e vêm para o Brasil com falsas promessas. Conta que com ela foi diferente porque veio da Bolívia preparada, estudava psicologia e queria ser socióloga, mas que as mulheres que chegam despreparadas ouvem que não podem sair na rua porque serão roubadas por brasileiras(os), porque serão presas pela polícia pela falta de documentação, que as(os) filhas(os) serão deportadas(os). Prossegue explicando que, sendo da cidade, ela e mais algumas mulheres começaram a ponderar que essa história toda não fazia sentido e se reuniram em um grupo. Para situar essa história no tempo, d. Carmen veio para o Brasil em 2010. Nessa época, 2014, ela ainda não falava português. Incrédula, eu pergunto as datas de novo: “Então durante quatro anos você não sabia falar português?”

“No sabía... Y no sabía que aquí en Brasil había aquí esa oportunidad para a gente estudar. Entón eu procuré, eu saí daí de donde eu estava. O buraco de donde eu estava. Eu fui. Me convidaran para (nome da ONG) ese aí donde se iniciaram las rodas de conversa, porque aí eles falaram grupo de mulheres ah... interesante, né. Aí eles me chamaram, eu falei dos meus proyectos y era mi idea eu fazer sempre uma rede, eu quero fazer uma rede de mulheres, né, entonces eu quero hacer una agrupación de mulheres. Donde nós queremos, nós sabemos esta información. Nós não sabemos que existe (nome da ONG), eu fui falei: eu não sei se existe a (nome da ONG). Si (nome da ONG) ayudava en la documentación, se (nome da ONG) ayudava... e muita gente no sabe e precisa. Por esto es que (nome da ONG) chegou aqui, chegou já em diferentes lugares, né. Eles também me convidaram a las reuniones deles mas eu no era voluntária ainda. Aí eles me apoiaram. Já, depois, falaram já a gente vai à sua agrupación de rodas de conversa. Es aí que és un gran (?) paso a paso (?). Fui na prefeitura, nas (?) integración, o prefeito¹⁵⁵ me procuro, falou que quem é a liderança dos bolivianos e aí las mujeres como ya me conocían elas falaram: Dona Carmen. Aí o Prefeito me llamó, naquela época estava Chiquinho, me llamó e falou assim: sus patricios están com problema, fala pra eles sair de aí que vá haver reintegración, e eles tem que se cadastrar no CRAS¹⁵⁶. Aí eu falei com eles e eles falaram: si, nos estamos cadastrados no CRAS, o CRAS viene e já nos cadastró... un monte de cosas, mas no era así... no era así porque eles falavam que estavam cadastrando pero na verdade no estavam cadastrando e

¹⁵⁵ Provavelmente foi o subprefeito.

¹⁵⁶ Importante ressaltar que não há aqui a intenção de responsabilizar o CRAS. A grande maioria dos migrantes não falava português, então pode ter havido um mal-entendido. Percebemos, com o desenrolar da conversa, que as assistentes sociais foram ativas no auxílio à comunidade.

a una manhã, às cinco da manhã, entró trator... derrubó tudo... aí eles me ligaram, eu fui.” (d. Carmen)

Esta reintegração de posse a que d. Yara se refere aconteceu, segundo ela, em 2016. Ela prossegue contando que uma assistente social do CRAS solicitou-lhe que fosse a ponte com as(os) migrantes que não falavam português: *“Entonces tive que aprender para defender as minhas mulheres [...] E todo mundo perdeu suas cosas, ninguém tenia dinero...”*. Assim, d. Carmen passou a se reunir no CRAS¹⁵⁷ com as assistentes sociais e a Defensoria Pública da União e orientar aquelas(es) que estavam indocumentadas(os) com os trâmites para regularizar a situação. Foi também nessa época que ela estabeleceu contato com o CRAI¹⁵⁸. Com o avançar da conversa, voltamos aos mal-entendidos que ocorreram ao longo do processo e que muito a magoam, já que sua integridade foi posta em dúvida, inclusive com uma das ONGs nas qual se voluntariavam. É nesse ponto que entra o registro e prestação de contas de todas as atividades que realizam, através das fotografias e assinaturas das listas de associadas que mantém.

A conversa se voltou para as intrigas provocadas por mulheres dos grupos e foco dos mal-entendidos. Passamos então a refletir sobre a imagem da mulher construída pelo sistema patriarcal: *“Eu acho así... às vezes eu falo isso pras meninas: em cuanto nós mulheres no cambiamos ese sentido de ser envidiosas, de ser fofoqueiras, de falar até demais, de coisas que ni existen, inventamos coisas, no vamos a crecer em nada...”* (d. Martha). Os assuntos foram se emendando uns aos outros até tarde da noite: falamos sobre o desejo que sentiam de deixar um legado na assistência das(os) migrantes, sobre as mulheres que haviam decidido voltar para a Bolívia, sobre Bartolina Sisa e Domitila Barrios de Chungara, sobre nossas(os) filhas(os) e sobre o sofrimento das(os) adolescentes e crianças bolivianas e filhas(os) de bolivianas(os) com a jornada de trabalho dos pais e as dificuldades que encontram para construir suas identidades.

Em 21 de setembro, a pedido delas, lancei uma nova “vaquinha”, agora em meu nome, para arrecadarmos o valor necessário para oficializar a *Asociación*. O processo depende de um advogado para “tirar” o CNPJ, o que é bastante caro, ainda mais na situação que estão enfrentando. Durante os meses que se passaram, entre as ideias que discutiram, estava buscar recursos financeiros com instituições nacionais e estrangeiras que apoiam projetos nos mais variados temas.

¹⁵⁷ CRAS – Centro de Referência de Assistência Social. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.

¹⁵⁸ CRAI – Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes. Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

Encontramos vários editais – boa parte deles suspensos pela pandemia – onde poderiam se encaixar nas áreas em que atuam: o trabalho com mulheres, com adolescentes e crianças e ainda na agricultura urbana. No entanto, a *Asociación* precisa estar oficializada para poder concorrer. Entre os assuntos que se desenrolam, percebo também como para elas é difícil entender a (aparente) falta de lógica do sistema bancário que é sempre mais cruel com quem vive no limite. Enquanto escrevo, o processo ainda não se completou e não há perspectiva: o vai e vem da pandemia engoliu os recursos com assuntos mais urgentes.

Figura 36: Plenária da Moradia

Fonte: encaminhada via WhatsApp

Em 25 de setembro, recebi de d. Martha o convite para a Plenária da Moradia com Jilmar Tatto. Queriam que eu participasse, entendendo que seria importante ter brasileiras(os) engajadas(os) na causa. Pareceu-me arriscado demais participar de uma aglomeração em meio à pandemia e não fui. Essa noção do que é perigoso ou não está sempre permeando o nosso convívio. Não se trata de negligência ou falta de conhecimento, mas do peso que se atribui a cada um dos aspectos da existência: agora, por exemplo, vivem, como boa parte da população, a ameaça do despejo.

O nono encontro:

Em um sábado, 3 de outubro, fui convidada para um encontro com as mulheres em Cidade

Tiradentes. Tentaram inicialmente fazer a viagem de Uber, mas o custo de R\$150,00 foi impeditivo, então me pediram carona. A viagem de minha casa até Guaianases levou cerca de 1h20. Chegando lá, todas se aboletaram em meu carro: d. Martha, d. Carmen, d. Gisela e a moça grávida, no banco da frente. Algumas cestas básicas foram acomodadas no porta-malas. Ofereço uma maçã que trouxera comigo e todas imediatamente decidem que deveria ser entregue à moça grávida. Nunca consegui me aproximar dela: aceitou a maçã, mas comeu de cabeça baixa, sem me olhar. Chegamos à casa de *Don Hélio* e d. Juliana pouco mais de uma hora depois, passando pelo Terminal Tiradentes, Hospital Tiradentes, Hospital Santa Marcelina, muitas escolas e igrejas. O caminho me foi indicado por elas. Não saberia voltar sozinha e não consigo tampouco, localizar o caminho que fiz no mapa.

Trata-se de uma área ainda em formação, as ruas são de terra com grandes facões de erosão, têm água, energia e a maioria das casas está em processo de construção. É uma pequena porção de terra, talvez a uns 15 minutos de caminhada do asfalto mais próximo, itinerário de ônibus. Atravessa-se por um trecho com barracos de madeira. A via asfaltada atende dois conjuntos habitacionais imensos, já consolidados, e certamente escolas. Meu instinto de arquiteta aflora e observo as construções. Muitas casas de alvenaria que são construídas gradualmente, crianças e homens na rua, mulheres muito poucas, garagens transformadas em pequenos bares. A casa de *Don Hélio* e d. Juliana impressiona pelo tamanho e excelência da construção: ainda sem reboco, admirei o concreto impecável, o capricho no assentamento dos blocos. Mais tarde, soube pelo proprietário que a rua deveria se chamar “Rua dos Bolivianos”: pelo boca a boca, muitos contratantes haviam comprado seus lotes ali e estava construindo suas casas.

A reunião aconteceu na garagem da casa. Nem todas se conhecem, muitas estão lá pela primeira vez. Levam um adesivo colorido com o nome escrito, colado no peito. As crianças são acomodadas em uma sala ao lado, onde foram preparadas atividades. A roda começa com as mulheres se apresentando e um trabalho de relaxamento que envolve muitas risadas. Eu, mais uma vez, postei-me como observadora e tive dificuldade para entender os nomes. Hoje o tema é *salud mental*; qualidade de vida cognitiva e emocional, como informam três pequenos cartazes que foram colados na porta da garagem. Então, cada mulher recebe os números 1 ou 2 e uma tarja adesiva. As mulheres 1 devem escrever um elogio. As mulheres 2 devem escrever uma ofensa.

D. Carmen explica que vai comandar um *pequeño* teatro para mostrar como se pode destruir uma pessoa. D. Martha se posta no centro da roda e as mulheres 2, uma por vez, devem se

aproximar, colar o adesivo onde haviam escrito a ofensa e repetir em voz alta, enquanto ela se encolhe. As mulheres se aproximam, incentivadas por d. Carmen: *no sabes nada; eres una tonta; gorda; te apuras; sois una sonsa; tú tienes la culpa; eres una bruta; eres una fea; eres una estúpida; quien te va a querer así a ti, loca; fea; no sirves para nada; eres chismosa (fofoqueira); eres renegona (resmungona); me das rabia como eres; no te vistes nada bien, quien te va a mirar; por qué no te callas, por qué me contestas; eres una inútil, ni esto no puedes hacer; para nada sirves; no sabes cocinar para qué has nacido...* No começo muito tímidas, vão se animando com d. Carmen que colabora com muitas das frases e um gestual teatral. D. Martha termina encolhida no chão. Então d. Carmen explica que é assim que *se destruye una persona, se baja la autoestima, ele (?) está en piso, porque ella sabe que todo que va a ocurrir eres su culpa, porque ella sabe que porque está gorda nadie le va a mirar, porque no se arregla, nadie le va a mirar, ella sabe que es una renegona, ella sabe que es una tonta, que no puede hacer nada sola, ella sabe todo eso, están conscientes, ¿No es cierto? Es así como entra la salud emocional.* D. Martha permanece agachada junto ao piso, as mãos espalmadas cobrem alternadamente o rosto ou os ouvidos, como em desespero: é uma imagem muito potente.

Figura 37: Roda 01¹⁵⁹

Fonte: Arquivo pessoal

D. Carmen prossegue: *“Ahora, que podemos hacer para levantar esta Mujer que está ahí. Porque vamos a ver personas así: yo soy una persona, no la conozco. Me voy a pasar, me voy a mirar así y me voy a hacer la que mueves (passa fingindo que não vê). Va a pasar otra, le va a*

¹⁵⁹ Esta imagem mostra d. Martha na dinâmica, no momento em que está recolhida no chão, “destruída” pelas palavras ofensivas que ouviu. Em seu corpo estão colados *post-its* com as palavras ofensivas. As mulheres, em roda, observam.

mirar y encima le va a tener: “que asco”. Va a venir otra y le va a decir: “pobrecita, ay..., mira...” pero no va a hacer nada [...] Entonces ahí aparecemos nosotras (está se referindo ao conjunto de mulheres, não às dirigentes da associação: é uma convocação) no es cierto? Nosotras, felices, vamos a pasar ¿Quién va a ser la primera?” Pede então que as mulheres 1 arranquem o adesivo ofensivo (que será jogado ao chão com força) e colem o adesivo elogioso, repetindo o que está escrito em voz alta. As falas são muito baixas, nem todas consegui compreender. D. Carmen estimula que falem alto, com vigor, com entusiasmo.

Figura 38: Roda 02¹⁶⁰

Fonte: Arquivo pessoal

D. Martha se levanta lentamente, com expressão de alegria e gratidão: *“Hola, amiga levántate, eres bonita, linda sigue adelante; tú puedes, denuncia lo (?); no caigas hermana, yo te apoyo, voy a té dar todo el apoyo que tú quieres; Dios te va a ayudar; hermana, se una mujer valiente; eres bonita; parece que todo está perdido más hay siempre una esperanza; valora-te y no te calles...”* D. Martha está de pé e radiante, abre os braços: *“Muchas gracias, señoras, ahora yo sé que valgo y no me voy a callar”*. Muitas palmas de contentamento.

D. Carmen conclui: *“Este grupo no es solamente para encontrar-se para decir (?), para jugar, no... es para reflexionar, es para ayudar a otras personas. No simplemente Mujeres: niños, hombres, todos. Es para eso este grupo. Este grupo es para que cada una de nosotras camine del brazo de la otra. Porque una sola no tiene fuerza, pero si yo voy a abrazar esta mujer como ha hecho las personas.”* D. Martha passa a explicar o que é depressão e como podemos identificar

¹⁶⁰ Esta imagem mostra d. Martha na dinâmica, após os insultos que recebeu terem sido substituídos por palavras gentis e ter sido confortada pelas amigas. Está radiante e erguendo os braços aos céus, agradecendo.

uma pessoa deprimida que necessita de ajuda: “[...] *Nosotras con nosso dia a dia, con o trabajo que tenemos a veces nos sentimos estresadas ¿no es cierto? Esto también es parte do que es salud mental ¿Nosotras estamos estresadas, peleamos con quién? Con quién está más próximo: nuestro esposo, nuestros hijos... y esto tiene que mudar, pero tiene que partir de vos mismas. E este grupo que estamos formando es para apoyarnos unas as otras. [...] Y celaremos por quien está do lado*”. A conversa se volta para o problema dos adolescentes da comunidade: *muito estão deprimidos e se automutilando*. D. Carmen: “Sabemos que no somos profesionales, pero la vida nos enseña a ser. [...] Ninguna de voces está sola. Ahora miren-sé a la izquierda, a la derecha... [...]”

Figura 39: Roda 03¹⁶¹

Fonte: Arquivo pessoal

Na segunda dinâmica, as mulheres recebem uma faixa de papel higiênico e se dividem em pares. As mulheres 2 devem vender as mulheres 1 e guiá-las em um passeio mudo, onde os comandos serão dados através de toques: toque nas costas, seguir adiante; toque no ombro direito, virar à direita; toque no ombro esquerdo, virar à esquerda; toque na cabeça: degrau, toque na orelha direita: parar para não cair. “*A que está guiando tiene que dar confianza para quien está guiada*”. Duas cadeiras foram colocadas no centro da garagem e uma fila serpenteante se formou, girando entre as cadeiras e depois rumo à rua, onde d. Martha e d. Gisela (que até então fazia o registro fotográfico do evento), organizavam o “passeio”. Depois, trocaram: mulheres 1 guiaram as mulheres 2. Foram muitas risadas. Os encontros são sempre muito divertidos, as dinâmicas, que aprenderam durante o tempo em que frequentaram as ONGs – e com as quais não romperam laços

¹⁶¹ Nesta imagem, d. Martha está demonstrando como prender a faixa de papel higiênico na última dinâmica, o passeio às cegas.

– são aproveitadas e repaginadas. É visível o quanto as mulheres gostam, mas é um trabalho de conquista lento e árduo.

Figura 40: Roda 04¹⁶²

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 41: Roda 05¹⁶³

Fonte: Arquivo pessoal

Terminado o “passeio”, d. Carmen pergunta o que sentiram as mulheres vendadas: *miedo, inseguridad, desconfianza, preocupación de caer, asustadas, prevenidas, atentas*. E quando estavam guiando: *miedo, preocupación, responsabilidade*. D. Carmen prossegue: “*Cuando estamos con ese problema estamos ciegas, não vemos el camino, precisamos alguien que nos guie, en quien tengamos confianza [...] porque en el mundo, señoras, no hay mujer fea, nadie tiene*

¹⁶² Esta imagem mostra o passeio às cegas.

¹⁶³ Esta imagem mostra o passeio às cegas, visto por outro ângulo.

que sentirse fea, solamente que no tenemos tiempo o, no nos damos tiempo, pra (?) de nuestras personas y arreglarnos. É uno de los problemas ese que acontece que o marido mire el otro lado. Sabemos que no tenemos tiempo. Estamos dentro de la casa ¿No es cierto? Nos levantamos e záz, hacemos una (?- coque no alto da cabeça) e vamos a la máquina. Yo soy así, no sé ustedes”.

Segue falando da importância de se cuidar e pede que todas beijem a si mesmas: *“La Biblia diz Dios a dicho que o mejos que hay no mundo son las mujeres. Porque imagínense nosotras temos el privilegio de traer al mundo outra personita, outro ser. Nosotras somos la que nos viramos para que todos estén bien, hay que apartar para esto, hay que apartar para el otro, cuando no hay: “ai que hacemos... no tengo carne, no tengo esto ahh.. pero tengo harina, voy hacer rellenos. Nós somos mágicas”.*

D. Martha explica os cartazes colados na porta da garagem: *“depresión – trastorno mental; profunda tristeza; decaimiento de ánimo; pérdida de interés; mal humor (inestabilidad); trastornos alimenticios: come demás, come menos; baja autoestima. Son características que van influir también en nuestra salud física. Sé nosotros no estamos bien mentalmente, anímicamente, emocionalmente, físicamente, tampoco vamos a estar bien: uno vá acompañar el otro. No solo nosotras las mujeres, nuestros hijos, los pequeños, cuando ellos cambian es porque alguna cosa está mal. Nuestro esposo, porque también alguna cosa está mal. Estas conversas, la idea de nos reunirnos es para que empecemos a reflexionar sobre a veces nuestros (?), a veces ni todo es culpa del varón, a veces es culpa nuestra también. Tenemos que tomar consciencia de esas cosas.”* Encerram a dinâmica avisando que marcarão outros encontros e pretendem organizar encontros para adolescentes: explica que existe um choque cultural entre Brasil e Bolívia e a diferença entre casa e escola podem causar transtornos. Então todas colocam sua impressão sobre a tarde que passaram juntas. Dão-se as mãos e fazem uma oração puxada pela senhora mais idosa do grupo. Encerram com uma salva de palmas.

D. Carmen pede que informem a Núria (diretora) sobre as famílias que estão precisando de ajuda com cestas básicas, para serem incluídas nas listas e contempladas, conforme cheguem. Então apresenta Núria, Veri e Juliana ao grupo, informando que qualquer necessidade que tenham, podem se dirigir a elas, que serão responsáveis por fazer chegar a informação a ela e à d. Martha. Convida todas a se unirem ao grupo, mas deixa claro que isto não é necessário para receberem ajuda. Estando todas de acordo em participar do grupo, explica que será necessário eleger entre as três apresentadas, uma que será a “cabeça”, auxiliadas pelas outras duas e cada uma delas terá

funções específicas, porque é muito trabalho: serão as responsáveis por levar as informações para a matriz e vice-versa. Esclarece também que não há pagamento envolvido: é um trabalho voluntário e gratuito. A próxima reunião terá “saúde” como tema e vão preparar comidas saudáveis todas juntas. Pede, como contrapartida, que as mulheres se comprometam com a comunidade: “[...] *No nos pagarán un sueldo, no nos darán nada. Pero en gracias, quién nos va pagar é Dios, por los actos que estamos haciendo [...]*”.

D. Carmem explica que as dirigentes fazem reuniões regulares para informar sobre aquilo que está sendo realizado e que então, as encarregadas desse grupo repassarão para elas a informação. Passa a palavra para Núria, mas não consigo entender: além da fala muito rápida, há o abafado da máscara e muito barulho das crianças que já estão impacientes. D. Martha então explica que mesmo sendo um trabalho voluntário, é provável que em algum momento, aquelas que se integrarem ativamente na associação poderão ser convocadas a ocupar o lugar de uma das três dirigentes, caso não possam continuar ou precisem de um tempo afastadas, ou para a organização dos eventos. Uma senhora nova no grupo se integra à associação e é eleita a cabeça do grupo diretor. A hierarquia é estabelecida através da quantidade de aplauso que cada uma recebe: presidenta, vice-presidenta, general e (?).

Figura 42: Marcha na Av. Paulista 01

Fonte: TV Planeta / Bolívia Cultural

D. Carmen então avisa que no dia seguinte terão uma marcha na Av. Paulista pelo direito ao voto e pede que as mulheres participem com camisetas brancas: “[...] *esta marcha está siendo convocada por qué tenemos elecciones en Bolivia e primeramente en aqui, en Brasil, no querían respetar el voto de nosotros. Ahora va haber elecciones aquí en Brasil, pero solamente tenemos*

nueve recintos y son quince los que tenemos que tener. Entonces solamente nos han liberado nueve. Entón, mañana es para reclamar que nos dêem los otros seis recintos más. [...] Nos otras como Mujeres, no es obligatorio, pelos les pido consciencia, patriotismo [...] civismo en Bolivia, tenemos que estar presentes. E más que todo tenemos que marcar presencia como mujeres.”

D. Carmen e d. Martha distribuem uma doação de *shampoos* que a associação havia ganhado e passamos ao lanche comunitário, que já estava posto à mesa. A noite já havia caído quando voltamos: deixei-as na casa de d. Carmen, menos d. Gisela, que ficou na estação Guaianases, onde ia pegar o trem para Itaquaquecetuba. Foi arrastando 3 cestas básicas que seriam doadas, em um carrinho, preocupada com o marido que estava bravo pelo horário.

O site Bolívia Cultural registrou a manifestação – ainda que as datas estejam erradas – com o título: “Mulheres são destaque em reivindicação por recintos eleitorais para as Eleições Gerais Bolívia 2020”¹⁶⁴. Segundo o texto, São Paulo tem um colégio eleitoral de 40.342. Ao final, conseguiram os quinze recintos para as eleições, nos bairros: Bady Bassit, Itaquaquecetuba, Carapicuíba, Jardim Santa Adélia – São Mateus (Mauá), Jardim Brasil, Santana, Belenzinho, Pari (2 locais), Guarulhos (2 locais), Brás, Casa Verde, Barra Funda, Luz. Ainda que de 4.532, 3 eleitoras(es) tenham sido consideradas(os) inabilitadas(os) para votar, Luis Arce foi eleito. Nas eleições de 2019, o partido de Evo Morales, MAS – Movimento ao Socialismo, acusado de fraude, havia recebido 71% dos votos em São Paulo. Na totalidade, 4,7% das(os) eleitoras(es) vivem fora da Bolívia, e destes, 58% votaram pelo MAS em 2019. Na Argentina, 75 mil bolivianas(os) não puderam votar. No Chile, 25 mil¹⁶⁵. Este é o tamanho da importância das redes de resistência organizadas pela comunidade boliviana na cidade.

Foi a última vez que me encontrei pessoalmente com d. Carmen, até o fim dos relatos: ela viajou logo depois para a Bolívia: uma viagem de cunho político, convidada para a posse de Luis Arce; e pessoal, tem uma filha que mora lá. Viajou com os dois filhos, um menino de 17 anos e a Sandra que cuidou das crianças no Cantinho das Crianças. Voltou três meses depois, quando eu estava fora de São Paulo. A *Asociación* não parou. As outras diretoras desmontaram a Casa das Mulheres: sufocadas financeiramente, não conseguiam mais pagar o aluguel (apenas a moça grávida permanecia no Brasil e ficou hospedada na casa de d. Carmen, até que também voltou para

¹⁶⁴ Disponível em: <https://www.boliviacultural.com.br/noticia/mulheres-sao-destaque-em-reivindicacao-por-recintos-eleitorais-para-as-eleicoes-gerais-bolivia-2020> . Acesso em 31 mai. 2021.

¹⁶⁵ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/16/metade-dos-eleitores-bolivianos-no-brasil-podem-ser-impedidos-de-votar-alerta-comite> . Acesso em 31 de mai. 2021.

a Bolívia, com a nenê e o filho). Organizaram o bazar onde venderam as doações que haviam recebido e com o valor arrecadado, saldaram as dívidas. D. Gisela em algum momento também viajou para a Bolívia e não tenho notícia de que já tenha retornado.

Figura 43: Marcha na Av. Paulista 02

Fonte: TV Planeta / Bolívia Cultural

Dia 15 de outubro, ajudei d. Martha com a preparação de uma palestra sobre os problemas enfrentados pelas(os) adolescentes bolivianas(os): ela foi chamada para falar do assunto em uma *live* – e já recebeu novo convite. Como ela não tem um computador, fica difícil montar a apresentação. Usamos o WhatsApp para trocar arquivos, inclusive minha iniciação científica que trata justamente do assunto. Recebi também a campanha de Carmen Silva para vereadora.

D. Martha encontrei mais uma vez, para uma roda de conversa com adolescentes, em 22 de novembro. Continuamos nos falando e trocando informações, agora muito mais de cunho pessoal e afetivo. Em 22 de fevereiro, d. Carmen me telefona. Já estava em São Paulo. Retomamos nossas conversas, troca de informações: cursos, material disponível na internet. Em 5 de abril me contou que conseguiu trabalho, mas os pagamentos são condicionados à abertura do comércio. Em 6 de abril, ela me envia a foto das cestas básicas que recebeu do Projeto Arrastão. Animada, estava organizando a distribuição pelos bairros. Dia 13, envia-me as fotos da produção comunitária de geleias: estão procurando novas formas (temporárias) de obtenção de renda para as famílias que estão sofrendo com a baixa das encomendas de costura e a remuneração condicionada à concretização das vendas. Como já comentado, trata-se de um ciclo de produção/comercialização, caracterizado pelo imediatismo: as encomendas acontecem, ainda que em baixo volume, mas o pagamento do serviço está condicionado à reabertura do comércio. Dessa forma, integra-se ao

grupo de mulheres que ao invés de se dedicarem à costura, optam pela confecção e comercialização de alimentos típicos, como empanadas ou artigos trazidos da Bolívia, nas ruas e feiras onde a comunidade transita. D. Martha também está fazendo experiências com hortas caseiras para implementarmos o projeto das hortas comunitárias: a primeira responsável, d. Gisela, está na Bolívia. Como apontado por Morokvasic na seção 2.2, são trabalhos que não são necessariamente reconhecidos como atividade econômica, mas um “entrementes”, uma solução “caseira” para um momento de crise.

Figura 45: Campanha Carmen Silva

Fonte: encaminhada via WhatsApp

Em 17 de abril, d. Carmen e d. Martha me telefonam: estão preparando uma festa em comemoração ao Dia das Mães Bolivianas e o aniversário da *Asociación*, no último final de semana de maio. Querem alugar uma chácara – conhecem uma em Poá – para que as mulheres e suas famílias passem um dia agradável e esqueçam um pouco o estresse da pandemia. Estão planejando atividades, brincadeiras e uma *thapi*. A mim, cabe encontrar transporte – segundo me informam, a Prefeitura fornece o transporte nesses casos – e também quem registre e divulgue o evento: haverá músicas, danças e comidas típicas, mostrando a cultura boliviana-andina. Sou uma convidada importante e não posso faltar. Perguntam-me se conheço quem poderia doar as rosas que as crianças entregarão às mães. Tento argumentar que a pandemia ainda estará em curso nos próximos 45 dias e a prefeitura não irá fornecer transporte nessas condições, mas elas são mais otimistas que eu. Fico imaginando que se transformará em um evento *on-line* em algum momento, quando caírem em si, mas argumentam que já desenvolveram protocolos que estão sendo aplicados

nos encontros. Até agora, deu certo. Estão pensando em retomar o projeto com as(os) adolescentes: os casos de sofrimento emocional na comunidade sempre chamaram a atenção de ambas e agora se agravaram. Mais uma vez, as dificuldades que enfrentam parecem muito mais concretas e ameaçadoras do que o vírus.

Figura 45: Produção de geleias¹⁶⁶

Fonte: Arquivo pessoal

Dia 26, d. Carmen me conta que receberam 350 cestas de uma ONG de Campinas, mas estavam preocupadas em conseguir o valor para fazer o transporte das cestas até os bairros. Também no dia 26, d. Martha me pede ajuda para fazer alterações em sua apresentação sobre os adolescentes: fora chamada para uma nova *live*. Trocamos informações diariamente até que no dia 29, d. Carmen me conta que ambas estavam com um *“forte resfrio [...] hoje estou pouco melhor, mas o malestar no corpo não pasa”*. Segundo ela, estava muito frio à noite, quando foram entregar as cestas. Meu coração gelou. Dia 30, me conta que a febre havia passado, mas o mal-estar persistia. Dia 3 de maio, me ligaram avisando que iriam ao posto de saúde. Testaram positivo para COVID-19. Foram medicadas. Os filhos de ambas e o esposo de d. Carmen foram infectados. Nesse meio tempo, conversei diversas vezes pelo áudio do WhatsApp com d. Carmen, mas ela mal

¹⁶⁶ Esta imagem me foi enviada por d. Carmen e mostra as mulheres de Guaianases produzindo geleias que estão sendo vendidas para gerar renda. Estão exauridas financeiramente e o ritmo do comércio não voltou ao normal, o que significa que não conseguem encomendas, muito mais difícil ainda que seja pagamento imediato.

conseguia falar. Dia 10 d. Carmen precisou ser internada. Dia 11, foi Sandra quem me deu notícias da mãe. Dia 23 de maio, d. Carmen recebeu alta: não precisou ser intubada, mas 50% de seu pulmão direito está comprometido indefinidamente e sofrendo de depressão, sequelas da COVID-19. Agora estão ambas se equilibrando entre encontrar meios para sobreviver e se recuperar, mas não interromperam as atividades da *Asociación*. Encerro aqui os relatos, mas minha relação com elas se mantém pelo afeto.

Para finalizar esta seção, é importante compreender a relação do grupo com o FeminismoComunitário, passando pela compreensão da trajetória de Julieta Paredes, da qual parte sua luta e sua concepção teórica. Conforme entrevista concedida a Spyer *et al.* (PAREDES, 2019b), Julieta não se identifica como boliviana, mas como aimará e luta pelo *Suma Qamaña* – “viver em plenitude” na língua aimará – expresso em sua teoria como “Viver Bem”. Aqui, temos uma divergência com o *Sumak Kawsay* – expressão na língua quéchua – o conceito do “Bem Viver”, que tem maior difusão no mundo acadêmico e que aparece, também, entre as divergências com Maria Galindo, que rejeita esta concepção (ver nota 109). Com esta última e Monica Mendoza, Paredes fundou em 1990 o coletivo anarcofeminista – ou como ele mesma define, feminista autônomo – *Mujeres Creando* (ver nota 109) e trabalhou pela resistência ao neoliberalismo e a retomada do espaço público, combatendo o sistema patriarcal através de um feminismo latino-americano. Divergências teórico-políticas afastam seus caminhos e Paredes forma o *Mujeres Creando Comunidad* em 2000.

Paredes aponta para o Katarismo¹⁶⁷ (que propõe a descolonização dos povos originários e é crítico à matriz eurocêntrica das ideologias de esquerda, seu apego ao pensamento único e à invisibilização da mulher), a Teologia da Libertação e o pensamento de esquerda como formadores de sua concepção política (e das quais paulatinamente se afasta¹⁶⁸). Indica como marcos em sua trajetória a insurreição de 2001, a guerra pela água e as lutas de 2003¹⁶⁹, momento em que entende

¹⁶⁷ Movimento político boliviano nomeado em homenagem a Tupac Katari, líder aimará que, em 1781, com sua esposa Bartolina Sisa (figura importante para o FeminismoComunitário), liderou um cerco de 40 mil indígenas a la Paz. Exploro com mais profundidade a história da Bolívia em meu trabalho de conclusão de curso: CANJANI, 2020. Já encontrei a frase “Voltarei e serei milhões creditada tanto a Tupac Amaru II, quanto a Tupac Katari).

¹⁶⁸ “Para a esquerda latino-americana nós, índios, não existimos: somos uma relíquia do passado em que, no máximo, deve ser mantida junto de macaquinhos e passarinhos. Assim nos veem a esquerda e a direita. Não nos registram como algo valioso, não nos buscam como vão buscar os acadêmicos da esquerda.” (PAREDES, 2019b, p. 30)

¹⁶⁹ Não cabe me estender no assunto, mas trata-se de um contexto importante. Segundo Castro Júnior (2014), a Revolta da Água tem início em 2000, quando entidades coordenadas em movimentos de bairro, associações profissionais e sindicatos camponeses organizaram os populares de Cochabamba em revolta contra a privatização e concessão do

que “as revoluções se fazem com o povo, não em pequenos grupos, tampouco em partidos, mas sim com os povos organizados considerando nossas próprias contradições, todas as nossas impurezas – afinal, não somos anjinhos –, mas ainda vamos construindo” (PAREDES, 2019b, p. 25). Em 2006, conceitua o Feminismo Comunitário (ainda grafado com as palavras separadas), enfatizando a grande dificuldade que é criar os próprios conceitos em um mundo colonizado, e a luta contra a apropriação destes pensares pelo capitalismo.

Segundo conta, sua formação acadêmica foi marcada pela disputa de espaço entre os pensamentos de esquerda e da direita conservadora, enquanto os estudantes tinham uma formação autodidata, oriunda da tradição das escolas fundadas por aimarás. Estes, quando crianças, eram levados para realizar trabalhos domésticos nas casas de colonizadores, onde aprendiam a ler e escrever. Posteriormente ensinavam, em segredo, comunidades de povos originários. Julieta fala da dificuldade de ingresso no ensino superior e explica ser a primeira e única de sua família a frequentar a universidade. Explica que até os cinco anos falava aimará, mas ao ingressar na escola, foi proibida por seu pai de se expressar nessa língua. Em 1988 se radica na Itália:

Deixei o país, não com uma bolsa de estudos, tampouco exilada formalmente, mas exilada enquanto parte de um povo. Ou seja, mesmo para os exílios há exilados de classe A ou B, exilados de classe C. E o somos porque temos que fugir, mas não temos os status porque mesmo os espaços da ACNUR [Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados] estão ao alcance das elites da esquerda, da Academia, que sabem como ingressar nesses lugares. Então, eu fiz parte dos muitos índios e índias que tiveram que deixar seu país de origem porque tínhamos que proteger nossas vidas e não conhecíamos os mecanismos burocráticos do exílio, por exemplo. Mas cuidei da minha vida e... bom, estou aqui: *Pachamama* também nos protege. (PAREDES, 2019b, p. 27)

Enquanto feminista, aponta que em sua estadia na Europa constata um viés branco,

serviço de fornecimento de água por uma empresa transnacional de origem norte-americana, com aumento de 300% na tarifa. O movimento fragilizou as alianças político-econômicas do governo e, aponta Castro Júnior, disseminou o cisma pelo país, levantando outros setores da sociedade e outros departamentos (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 74). Romero (2007) aponta que os cocaleros e Evo Morales formaram importante liderança. Seguiu-se um ciclo de mobilizações organizadas por indígenas da etnia aymaras, que culminou com o cerco de La Paz e “materializava-se a revitalização das estruturas comunitárias, próprias das nações andinas, e do discurso étnico-nacional indígena” (ROMERO, 2007, p. 36). As jornadas de 2003, afirma Castro Júnior (2014), partem da revolta pelo anúncio de um imposto direto de 12% sobre os salários das classes trabalhadoras, acordado entre governo e FMI, ao que se segue o repúdio por um decreto que cedia a comercialização do gás boliviano para um consórcio norte-americano, culminando com novo cerco de La Paz e a queda do presidente Sánchez de Lozada, que mobilizou o país. Aponto que os cercos às cidades é um instrumento histórico de luta dos povos indígenas contra os opressores, onde marcham homens e mulheres, inclusive mães carregando seus bebês nos *aguayos*, imagem poderosa. Quando relato a concentração em frente ao consulado boliviano, em protesto pelo direito ao voto, comento a presença de uma manifestante que leva seu bebê.

acadêmico e burguês, marcado pela ausência de imigrantes, mães e mulheres das classes populares. Em 1990, num encontro feminista na Argentina que agregava mulheres com distintas opções políticas, classes sociais, identidades raciais e sexuais, opta pelo feminismo latino-americano, marcadamente plural. A partir desse ponto, e com outras pensadoras, reconceitua “feminismo”, “patriarcado” e “gênero”, na construção de uma proposta descolonizadora que parte dos corpos das mulheres, mas considerando seus “irmãos” (homens) como parte das comunidades e povos¹⁷⁰ (PAREDES, 2019b, p. 29). A autora propõe um feminismo agregador, “a luta de qualquer mulher em qualquer parte do mundo, em qualquer momento da história” (PAREDES, 2019b, p. 34) que, trazido para a realidade concreta, se traduz tanto no fato de receberem, no seio de sua comunidade, a mim (branca, acadêmica, de camadas médias altas, etc.); migrantes de outras nacionalidades inseridas no nicho laboral da costura (paraguaias de origem guarani e peruanas, como relatado no “segundo encontro”); no diálogo que estabelecem com comunidades feministas indígenas e quilombolas de Pindorama e Abya Yala (será comentado na seção 4.2.2); no socorro aos “pais solo”, durante a pandemia, quando foram incluídos nas listas de doações; na parceria que estabelecem com Don Hélio, sempre presente e disponível; ao ignorar as fronteiras políticas estabelecidas por estados-nação: “[...] lutamos para que as mulheres possam transitar por todos os territórios em busca de suas vidas” (PAREDES, 2019b, p. 36). Aliás, exatamente como fazem as migrantes, quando circulam por trajetos clandestinos: uma forma de resistência (ainda que não necessariamente consciente) e resgate dos caminhos pré-coloniais, como o antigo Peabiru.

Paredes questiona a definição de “pessoas brancas”, olhando para as pessoas brancas empobrecidas da América-latina e Europa. Segundo observa, na condição de empobrecidas não têm acesso às oportunidades e privilégios de classe, mas são levadas a acreditar que suas dificuldades decorrem da entrada de pessoas não brancas – migrantes, no caso europeu – no mercado de trabalho. Nesse sentido, se afirmar como “branco” é uma posição política.

A branca e o branco são as pessoas que fazem da claridade da sua pele, do seu sobrenome, da sua formação profissional, do dinheiro que tem, um privilégio para oprimir outros seres humanos, assim como a mãe e irmã natureza. Ser branca é uma decisão política, que nasce da claridade da sua pele, do seu sobrenome, da sua formação profissional ou acadêmica.

¹⁷⁰ Lembro que somente na Bolívia, existem cerca de 350 línguas. A pluralidade é seminal na construção do pensamento de Paredes, tanto quanto na concepção de sociedade boliviana pelos movimentos indígenas, haja vista a importância política da Whipla, como relatado no “sétimo encontro”, quanto em termos do conjunto dos povos originários, ou pluripovos, nas palavras dela. (PAREDES, 2019b, p. 30)

Outra questão chave para o Feminismo Comunitário de Paredes é a distinção entre os conceitos “decolonial” e “descolonial” (esta discussão já foi abordada rapidamente na seção 2.3), sendo o primeiro, para a autora, uma discussão que se ancora nas epistemologias moderno-coloniais surgidas nas academias estadunidenses e que olha para os povos originários com um viés subalternizante: “Eles não queriam explicar nada para os índios, queriam explicar quem são os índios para a academia” (PAREDES, 2019b, p. 32). Já a descolonização, com “s”, traduz-se em questionamentos que procuram desvelar a imposição da epistemologia do colonizador na cotidianidade, trata-se de ação descolonizadora, como o conceito de tempo concebido pelo mundo ocidental, o tempo do relógio e do calendário gregoriano. O tempo ditado pela linha de tempo eurocêntrica que ignora, por exemplo, as relações de gênero no império incaico e anterior a ele, para reivindicar o pioneirismo do feminismo ocidental, tendo como marco histórico a Revolução Francesa.

Paredes se opõe ao olhar reducionista da esquerda (já comentado), acrescentando às críticas, que não se discutem outras opressões, como o machismo¹⁷¹, e ao olhar dos movimentos negros consolidados, que, segundo a autora, pensam os movimentos indígenas como adereços para suas causas. Reivindica, assim, o espaço político dos “povos originários” em toda a sua pluralidade. Reclama a necessidade de se recuperar o tempo (aqui o tempo da cotidianidade) das oprimidas e oprimidos que o sistema patriarcal tomou para si, usando-o em seu benefício. Tempo necessário de informação, de reflexão, de análise, de fazer e refazer o próprio mundo, de sonhar com aquilo que se deseja. (PAREDES, 2014, p. 42). Mas amplia o conceito de patriarcado, percebido como o sistema de opressões e violências sobre todos os corpos vivos (humanos ou não) e a natureza, ainda que construído historicamente sobre os corpos das mulheres. Portanto, a questão não se restringe a gênero, uma redução inscrita nos feminismos europeu e latino-americanos, confundindo machismo com patriarcado (PAREDES, 2019b, p. 35). Esta discussão perpassa os encontros das mulheres, de maneira que consigam distinguir, dentro de suas casas, entre as opressões que são da ordem da estrutura patriarcal-capitalista e as consequências deste par no entroncamento com o colonialismo, refletida no machismo de seus maridos, nas violências de

¹⁷¹ Paredes não adota o termo interseccional, ao menos na entrevista que estamos usando como base da reflexão.

gênero (de forma ampla) e doméstica (de forma particular).

D. Martha conta que conheceu Julieta Paredes na Bolívia, na época em que frequentava a universidade de Ciências da Educação e se especializava em Educação Popular. A graduação foi interrompida quando migrou para o Brasil. Nesta época, diz, Paredes acreditava em “*outras coisas*”. Explica que na Bolívia tem um feminismo que não é o FeminismoComunitário: “*é outro feminismo. És com o Mujeres Creando lá na Bolívia. Ela era parte disto mas agora já não é mais porque o pensamento dela é muito diferente*”. Seus caminhos se cruzaram de novo aqui no Brasil, no primeiro semestre de 2019, quando Paredes conheceu o trabalho da *Asociación* e convidou-as (d. Martha e d. Carmen) a fazer parte do FeminismoComunitário: “*ela nos explicou o que era o FeminismoComunitário e a gente viu que estava fazendo sem saber, esse feminismo. Estava fazendo parte desse FeminismoComunitário onde não desprezamos o valor que tem o homem, no entanto, dentro das relações homem-mulher também. Então é muito interessante o que a Julieta escreve no seu livro também*”¹⁷².

Na próxima seção, trataremos dos vários aspectos observados na comunicação estabelecida ao longo de 2020 e parte de 2021, percorrendo um espaço de aproximadamente 16 meses, entre eu, pesquisadora, e as mulheres da *Asociación*, majoritariamente d. Carmen e d. Martha. Estou, neste momento, olhando para a comunicação pelo WhatsApp e o papel que este aplicativo assume na construção de redes comunicativas, nas estratégias das migrações transnacionais mas também, nas novas territorialidades, inclusive afetivas, que se constroem no universo das TICs.

¹⁷² Traduzi as palavras que foram ditas em castelhano, pela compreensão do texto.

4.2 O WhatsApp na construção de redes comunicativas

Já mencionamos anteriormente que a gratuidade¹⁷³ e facilidade de acesso ao aplicativo WhatsApp explica, ao menos em parte, sua adoção pelas mulheres da *Asociación* para a comunicação, embora não seja a única. Lembro que para essa comunidade, especificamente, as questões econômicas adquirem um peso extraordinário, diferentemente de outros grupos, como acontece com a pesquisa de O'Hara *et al.* em que me apoio para esta análise e se propõe a pensar as sociabilidades produzidas através do WhatsApp. Os autores procuram explicar a expansão dos OTTs¹⁷⁴ para além da gratuidade ou baixo custo – que se perde nos “planos de dados” – e da facilidade em se combinar os diversos recursos de texto, imagens, áudios e vídeos. Buscam desvelar a essência da experiência provocada no uso desses aplicativos para além de determinismos econômicos e tecnológicos, e para tanto se apoiam na antropologia, na sociologia, estudos da comunicação e media e HCI (*human-computer interaction*).

O'Hara *et al.* apontam que as tecnologias da comunicação criam e organizam possibilidades de espaços de encontros sociais, sejam reais ou digitais. Observam que as tecnologias de mensagens, mais do que recursos técnicos, tornam-se parte de um conjunto de produções de sentido e elaboração de discursos na construção de novas formas de sociabilidade que transcendem o real e o virtual: “essas trocas ocorrem e são experimentadas em uma ampla gama de mídias e circunstâncias práticas nas quais a escolha e a apropriação de modos de comunicação envolve a elaboração de narrativas ao longo do tempo e espaço e em referência aos canais e dispositivos usados” (O'HARA *et al.*, 2014, p. 3, tradução da autora)¹⁷⁵. Para os autores, é preciso entender que as pessoas recorrem às tecnologias por seu desejo de construir e manter vínculos, a despeito dos obstáculos impostos pela vida moderna, e isso acontece através de laços de confiança e fidelidade. Estes apontamentos servem às observações realizadas no capítulo 4, quando me reporto aos relatos da série *Mujer tú eres parte no te quedas aparte* e a violência do rompimento dos laços afetivos na vida emocional das mulheres, em um mundo onde a distância é uma realidade da geografia física. Na atualidade, as tecnologias digitais constroem novas

¹⁷³ A cobrança acontece dentro de um plano de dados.

¹⁷⁴ Os autores classificam o aplicativo de serviços de mensagens instantâneas (IM) móveis em smartphones como um OTT (Over The Top application), tal como o Facebook Messenger e Skype, entre outros menos conhecidos no Brasil. São aplicativos pertencentes ao dispositivo (smartphone), independentes das redes.

¹⁷⁵ No original: “[...] these exchanges occur within and are experienced across a wide range of media and practical circumstances in which the fitting and appropriating of modes of communication entails elaborating narratives across time and space and in reference to the channels and devices used.”

proximidades geográficas e afetivas (o autor usa a palavra “moral”) que se misturam e são gerenciadas tanto nos espaços do real quanto nos espaços do digital: “onde ir ao Facebook é tanto uma localidade geográfica para experiência compartilhada como estar lado a lado em um sofá” (O’HARA *et al.*, 2014, p. 3, tradução da autora)¹⁷⁶.

Resgatando Martín-Barbero, as cartografias da contemporaneidade se desenham no diálogo entre o mundo real e o mundo virtual e suas respectivas temporalidades. O’Hara *et al.* citam Ingold, para quem as trajetórias dos indivíduos entre os seus locais de pertencimento, sejam físicos ou digitais (o autor usa a palavra “*dwelling*”), se entrelaçam criando os espaços das sociabilidades: são locais de pertencimento produzidos narrativamente em um estado híbrido – digital e real, uma experiência consciente de se “estar em” e “através” do tempo e do espaço. Nesse sentido, os OTTs, como o WhatsApp, constituem uma nova forma de pertencimento: o pertencimento da era digital, onde as articulações são regidas pelas possibilidades e interdições das tecnologias, ligados a temporalidades e geografias outras (O’HARA *et al.*, 2014, p. 3).

No que tange a esta pesquisa, foi na modalidade de comunicação interpessoal em que me inseri. Não existe um único grupo que receba todas as mensagens. Como já comentado, cada um dos bairros onde a *Asociación* atua tem uma “cabeça de grupo” eleita pela comunidade local sem a ingerência das dirigentes¹⁷⁷ e desenvolve sua rede de contatos locais, com a ajuda de outras associadas. Trata-se da construção de uma cartografia composta por territorialidades distintas que se entrelaçam, se tangenciam e circulam entre os universos real e digital, mas onde mais do que “borrar”, como propõe Martín-Barbero, já não cabe a noção de fronteira. São as “cabeças de grupo” que se encarregam de transmitir as demandas às diretoras, e em conjunto tomam as decisões. Existem casos mais simples, resolvidos localmente: mulheres que precisam de atendimento médico e não o fazem por não falarem o idioma, por medo de serem descobertas indocumentadas ou medo de se deslocar pela cidade. As mulheres que recebem apoio não fazem necessariamente parte da *Asociación*, a informação sobre a necessidade pode chegar por uma conhecida, por uma vizinha que conhece o trabalho.

De modo geral, minha comunicação esteve restrita à d. Carmen e d. Martha, mas eventualmente recebi mensagens afetivas de mulheres com quem me relacionei nos encontros. Dentro desse espectro as observações, foram divididas em tipos, separadas nos grupos abaixo que,

¹⁷⁶ No original: [...] where going to Facebook is as much a geographic locale for shared experience as being side-by-side on a couch.”

¹⁷⁷ Esta experiência foi narrada no “nono encontro”.

a seguir analiso:

- mensagens multimodais;
- convites para eventos e trocas de informações;
- registros fotográficos de caráter pessoal;
- organização de auxílio humanitário;
- registros fotográficos de caráter documental;
- atuação política.

4.2.1 Mensagens multimodais

As mensagens enviadas pelo aplicativo tem caráter multimodal: combinam texto, voz, pictogramas (*emojis*), esporadicamente a depender do interlocutor, *hiperlinks*. O tempo revelou-se um poderoso instrumento de comunicação não verbal que será abordado mais à frente. O'Hara *et al.* apontam para a capacidade das(os) usuárias(os) em personalizar seus aparelhos, o grande número de recursos e possibilidades de comunicação disponíveis, combinando e integrando os recursos comunicativos no gerenciamento de seus vários relacionamentos, movendo-se em um ambiente de multicamadas (O'HARA *et al.*, 2014, p. 4). Em nosso caso, as mensagens de voz são usadas, em geral, para substituir mensagens de texto mais longas, para comentar algum acontecimento mais carregado de emoção. A gravação do recado por voz pode acontecer também pelo fato da interlocutora estar em algum lugar onde não é possível digitar, criando uma expectativa de imediatismo: perde-se um pouco a relação com a ideia de “tempo de aguardar”, qualquer coisa que não seja imediata é fonte de ansiedade.

O'Hara *et al.* observaram comportamento similar em sua pesquisa. Segundos os autores, recursos, que poderiam ser vistos apenas como ferramentas pragmáticas, como a atualização de *status* – “visto pela última vez em...” – ou as indicações de mensagens lidas/entregues, assumem conotações da ordem de interpretação pessoal, questões morais ou de responsabilidade¹⁷⁸. Nesse sentido, mais do que ferramentas de comunicação ou interação, podem vir a ser percebidos como

¹⁷⁸ O artigo foi publicado em 2014, de lá para cá algumas das funcionalidades, como esconder o status foram incorporadas. Embora não seja o foco do trabalho, vale pensar no aplicativo como ferramenta de controle, como sugere a pesquisa de O'Hara *et al.* O “grande irmão” antecipado por Orwell desce ao nível da banalidade e se desintegra em centenas de milhares de “pequenos irmãos”.

um encontro social em si ou “sistemas de comunicação” particulares desenvolvidos entre sujeitos, que podem vir a se tornar ferramentas de controle (embora os autores não utilizem especificamente esta expressão)¹⁷⁹. Os pesquisadores apontam para a vulnerabilidade do aplicativo ao escrutínio público¹⁸⁰, citando os momentos em que se tem livre acesso às ações do(a) interlocutor(a), por exemplo, com a visibilidade do processo de digitação: o tempo dedicado, as pausas, as desistências são ações visíveis, abertas para a observação e interpretação daquele(s) que receberá(ão) a mensagem, ou réplica.

A este respeito, a propriedade temporal da réplica (ou falta dela) em relação a notificação de que uma mensagem foi lida adquire significado particular. Embora ela¹⁸¹ sugira que possam existir explicações racionais e razoáveis para essas propriedades de réplica, e embora estes possam até ser compreendidos por seus amigos, a implicação é que a possibilidade de ambiguidades e alternativas explicativas semeiam dúvidas. Da mesma forma, a visibilidade da atividade de digitação sugere níveis de investimento na elaboração da resposta. Está implícito aqui como este investimento está sujeito ao escrutínio social, tanto em termos do que o remetente pensa que pode revelar quanto do que o destinatário pensa que revela. Isso leva a experimentar ou antecipar ansiedades que são tratadas evitando-se deliberadamente o WhatsApp nesses cenários. (O’HARA *et al.*, 2014, p. 10, tradução da autora)¹⁸²

Podemos pensar, talvez, como um novo campo de interpretação das intimidades e construção de significados, da ordem da dinâmica entre as(o) interlocutoras(es) que estão em diálogo. Volto aqui às observações feitas ainda na Introdução, quando comentei que “com o prolongamento da relação toma-se posse de uma intimidade que vai se revelando nos hábitos de

¹⁷⁹ Os autores citam como exemplo o caso de um adolescente de 15 anos que mantém o celular desligado durante o trajeto de ônibus da escola para casa para economizar bateria, ligando-o novamente ao chegar em casa. A mãe interpreta a situação como um sinal de que o filho chegou e está seguro em casa, ao mesmo tempo em que mantém o respeito por sua privacidade e a sua conquista de independência (O’HARA *et al.*, 2014, p. 9).

¹⁸⁰ Aqui estou preservando a expressão “público” tal qual usada pelo autor e que faz sentido na discussão proposta. No entanto, aponto para o fato de que ao adentrarmos a discussão sobre o uso político do aplicativo, público terá uma outra conotação, inserido na dialética público/privado.

¹⁸¹ Os autores estão se referindo a pessoa que trouxe o assunto durante a pesquisa. Mais especificamente, estão tratando das inseguranças e vulnerabilidades que permeiam o início de relações românticas e os usos e interpretações do WhatsApp, como veículo de comunicação entre o par.

¹⁸² No original: *In this respect, the temporal properties of response (or lack thereof) in relation to a notification that a message has been read acquires particular significance. While she suggests there may be rational and reasonable explanations for these response properties, and while these may even be understood by her friends, the implication is that ambiguities and alternative explanatory possibilities sow seeds of doubt. Likewise, the visibility of typing activity is seen to hint at levels of investment in the crafting of the response. Implied here is how this temporal investment is subject to social scrutiny both in terms of what the sender thinks it may reveal and what the recipient thinks it reveals. This leads to experienced or anticipated anxieties that are dealt with through a deliberate avoidance of WhatsApp in these scenarios. Substitui response por réplica, por me parecer mais preciso nesse caso.*

cada um" (observado no capítulo 1). Para os autores, o reconhecimento dos hábitos cotidianos de um(a) interlocutor(a) invoca formas de interpretação do aplicativo, opondo “o que se apreende” e “o que se comunica”. As pesquisas também tangenciam ao observar que os “tempos de resposta” estão sujeitos às interpretações particulares de cada par ou comunidade de interlocutores(as); adquirem significados baseados no padrão da relação; e que as relações que se desenrolam pelo aplicativo estão sujeitas a códigos morais e pressão social (O’HARA *et al.*, 2014, p. 9).

Tais questões foram observadas no grupo, e aparentam estar relacionadas com a maneira como cada usuário usa seu aparelho e como gere o tempo do cotidiano. Como exemplo, conto que adoto, como método particular, eliminar o som do smartphone, que para mim, é fonte de ansiedade e perda de concentração, checando o aparelho a cada pausa que realizo, frequência que varia conforme a atividade¹⁸³. D. Carmen adota outra gestão do tempo, assim, no momento em que me chama, espera que eu atenda (lembrando que as chamadas não são nosso método de comunicação corriqueiro e que o tempo é um bem do qual não se dispõe em abundância). Isso faz com que, caso eu não atenda imediatamente, realize chamadas seguidamente até que eu perceba o movimento do aparelho. Quando finalmente percebo e retorno, o que pode ser questão de poucos ou muitos minutos, levo uma bronca: “Elisa, estava te ligando, você não atende”. Essa temporalidade muda quando se trata de mensagem escrita ou de áudio, o “tempo de aguardar” é alargado. No sentido contrário, aprendi que quando está trabalhando em sua oficina, minhas mensagens só serão replicadas quando a jornada se encerra, o que pode ser bem tarde da noite. Quando está fazendo entregas de cestas básicas, a réplica pode levar alguns dias, já que as realiza noite a dentro e, quando são muitas cestas, por dias seguidos. Mas se tratou de um aprendizado, passei inúmeras vezes pelo processo de checar o celular a cada 5 minutos e repassar em minha mente os últimos passos, me perguntando se alguma coisa poderia ter saído errado.

Em um determinado período, estive envolvida com uma série de problemas pessoais e deixei de responder às mensagens enviadas por d. Carmen e d. Martha, que eu sabia não serem de caráter urgente. Tratava-se de pequenos comentários, daqueles que costumamos enviar pela necessidade de manter o contato vivo. Isso se transformou em uma pequena crise, já que meu silêncio foi interpretado como a possibilidade de estar ocorrendo algum problema grave, ligado à

¹⁸³ Talvez meu método esteja enraizado no fato de ter vivido quase metade de minha vida no mundo analógico, onde o tempo de aguardar respondia a outra tecnologia. Nas férias da minha infância, no interior, uma chamada dependia de deslocar-se até um posto telefônico e solicitar a “ligação” que poderia levar quatro horas para ser realizada. Estamos falando de início dos anos 1970.

pandemia. Erro meu, fui leviana com o afeto que me dedicam. Como observam O'Hara *et al.*, o aplicativo deixa de ser um instrumento de comunicação para se converter em um instrumento de encontro, ainda que virtual.

Jason Farman volta sua atenção para os novos significados atribuídos ao tempo a partir de uma experiência vivida no Japão, quando soube que os casais de adolescentes haviam desenvolvido uma maneira muito particular de comunicação: enviavam mensagens em branco (sem qualquer texto ou imagem) um para o outro e o significado estava em quão rápido recebiam outra mensagem em branco como réplica¹⁸⁴. O conteúdo das mensagens era, portanto, o tempo: “Para mim, a história dos textos em branco mudou para o reino da tradição da mídia de comunicação, servindo como um mito fundador que se tornou uma das descrições mais adequadas da relação de nossa era com mensagens e tempo” (FARMAN, 2018, p. 1, tradução da autora)¹⁸⁵. Segundo o autor, em qualquer momento da longa linhagem de tecnologias da comunicação, o tempo entre o envio de uma mensagem e o recebimento da réplica sempre foi carregado de significados, e sua interpretação, instrumento poderoso no desenvolvimento de modelos do que consideramos conexão e intimidade.

Figura 47: Emojis 01

Fonte: Google

Os *emojis* mais recorrentes na comunicação com as mulheres da *Asociación* – coração, rosto soprando beijo, rosto sorrindo com olhos em forma de coração, rosto sorrindo com três corações – têm como função a aproximação afetiva, sem o peso e o compromisso da palavra

¹⁸⁴ O autor explica que posteriormente, ao se propor a realizar uma pesquisa acerca do tema, não conseguiu encontrar adolescentes que houvessem adotado esta prática. Mas soube que uma prática similar às pré mensagens de texto acontecia na Itália dos anos 90, dessa vez usando um toque único de chamada pelo celular – um “ring”. Os *rings*, segundo o autor, eram capazes de criar uma mistura de profunda conexão emocional, frustração e expectativa social. (FARMAN, 2018, p. 3)

¹⁸⁵ No original: *For me, the story of the blank texts moved into the realm of communication media lore, serving as a founding myth that became one of the most apt descriptions of our era's relationship to messages and time.*

escrita. Com o desenvolvimento da pandemia, d. Carmen passou a usar o *emoji* que representa “chorando muito”¹⁸⁶, para indicar sua emoção com as doações e gestos de solidariedade recebidos. D. Martha usa com mais frequência o braço flexionado indicando força moral ou luta por uma causa determinada, com um tom de pele entre a clara e a negra.

Para além da comunicação com as dirigentes, recebi mensagens de três das diretoras da *Asociación*, sempre um pouco mais tímidas, como se estivessem testando a recepção. De d. Gabi, por exemplo, recebi uma mensagem no dia 17 de maio às 22h, que me perguntava se eu havia chegado bem em casa, após deixá-la em uma estação de metrô: um “oi” seguido por duas carinhas felizes e o link para um vídeo, cujo acesso já havia expirado, acompanhado de três mãos com o indicador apontado. Perto de meia-noite eu vi a mensagem e respondi perguntando se era ela¹⁸⁷ e a conversa seguiu por um tempo, sempre seguida por *emojis*. As mensagens trocadas seguiram curtas até o dia 20 de maio. Nós nos comunicamos novamente nos dias 28 e 29 de maio, 22 e 23 de setembro e 25 de dezembro. Recebi durante este período cinco *hyperlinks* para vídeos que nunca consegui abrir. As mensagens contabilizaram 98 palavras e sinais de pontuação e 77 *emojis*, em geral duplicados ou triplicados, enfatizando o comentário feito, como expressão de afeto, agradecimento a Deus, bênçãos ou desejos de boa sorte:

Figura 48: *Emojis* 02

Fonte: Google

Lemke afirma que os letramentos consistem em “conjunto de práticas sociais

¹⁸⁶O nome da figura em inglês é *Loudly crying face*: rosto chorando alto.

¹⁸⁷ Tratar as mulheres pelos nomes é uma saia justa recorrente: como ficou em evidência, todas me conhecem, mas o caminho contrário é muito difícil, inclusive porque no momento em que se apresentam nas rodas o tom de voz é muito baixo, a acústica dos locais, muito ruim, e ainda há, muitas vezes, o barulho das crianças ou dos carros na rua. Poucas vezes consigo compreendê-los (os nomes), inclusive nas gravações. No caso de Gabi, tivemos uma empatia imediata que me permitiu ser certa quando me arrisquei identificando seu nome. Importante registrar que em nenhum momento eu solicitei o número de celular de qualquer das participantes da roda, num entendimento tácito de que seria uma ingerência na dinâmica de construção da rede, ao mesmo tempo, nunca me opus a que divulgassem o meu número.

interdependentes que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado” (LEMKE, 2010, p. 455). Os letramentos são sempre sociais, os significados carregam subjetividades e os aprendizados que ocorrem nas relações que permeiam a sociedade. Segundo o autor, as novas tecnologias da informação – acrescentaremos, comunicação – ao ampliarem as possibilidades de contato entre comunidades, tornam-se mediadoras de novas construções de significado. Paiva defende que a inter-relação entre experiências, interação social, mecanismos cognitivos, acessibilidade¹⁸⁸ e restrições tecnológicas geram novos comportamentos discursivos. Nesse sentido, as tecnologias da comunicação e as mídias sociais integram o Sistema Adaptativo Complexo – SAC¹⁸⁹ (PAIVA, 2016, p. 380). A autora demonstra que a restrição de 140 caracteres nas mensagens enviadas pelo Twitter provocaram um novo código de sintetização da linguagem que se espalhou por outras plataformas de mídias sociais e língua falada:

É interessante observar a inter-relação entre os elementos do SAC. Assim como os gestos humanos se transformam em emojis, a linguagem da internet também afeta o comportamento verbal e não verbal como é o caso da verbalização de hashtag (#) em conversas e também no gesto com 4 dedos imitando o sinal. (PAIVA, 2016, p. 382)

Paiva aponta que o uso de expressões humanas na internet remonta a 1982, quando os *emoticons* passaram a ser usados como maneira de distinguir a intenção do texto: piada/brincadeira ou verdade. Observa que, no caso dos *emojis*, as figuras também substituem a pontuação formal quando usada para indicar emoções e estão sujeitas a variações culturais – que podem ser sutis ou radicais – em suas interpretações, citando como exemplo a figura do “cocô sorrindo”, que no Japão é usado para desejar “boa sorte”, a figura do “*high-five*” que, segundo a autora, no Japão é usado como agradecimento, e no Brasil, como prece (acrescento que nos diálogos dos quais participei, pude observar esse uso). A função do *emoji* como figura discursiva, por exemplo, para a intensificação de um discurso, e que frase escrita e figura têm o mesmo significado, também é pontuada (PAIVA, 2016).

¹⁸⁸ A autora usa a palavra “propiciamento” na tradução da expressão inglesa *affordance*. Para os fins dessa pesquisa, preferi adotar “acessibilidade”.

¹⁸⁹ Segundo Paiva o conceito de língua como sistema adaptativo complexo, SAC, foi introduzido por Larsen-Freeman em artigo de 1997.

Figura 49: Emojis 03

Fonte: Google

É interessante pensar nos *emojis* como um campo de batalha cultural, onde grupos hegemônicos tentam impor seu arcabouço de significâncias, enquanto os pictogramas são apropriados e ressignificados por comunidades que, sob esta ótica, “não sabem como usá-lo”: uma busca rápida na internet mostra uma enormidade de artigos com títulos que giram em torno do tema: “*emojis* que você usa errado”. Ano passado (2020) surgiu uma polêmica global sobre um novo *emoji* que mostrava uma mão com o dorso para baixo e as pontas dos dedos agrupadas, que o artigo¹⁹⁰ nomeia como *emoji indignado*: as interpretações variam, conforme os países, entre “um gesto de indignação, pedido de calma ou paciência, interpelação agressiva, indagar se alguém está com fome, discussão acalorada, ameaça”. Adquiriu também significado específico na comunidade K-Pop¹⁹¹, especificamente interpretado por fãs de uma determinada estrela, para quem a figura significa “amo vocês”. Ou ainda foi ressignificado em brincadeiras na rede: “comer com a mão” e, virado de cabeça para baixo, “uma pitada de sal”.

Figura 50: Emojis 04

Fonte: BBC News

¹⁹⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-51365373> . Acesso em: 1 jun. 2021.

¹⁹¹ Abreviação de *korean-pop*, e refere-se a música popular sul-coreana. Nesse contexto, são grupos bastante populares entre adolescentes, com grande apelo visual e coreográfico.

Milan e Barbosa, que apontam para a apropriação dos *emojis* como recurso criativo no ativismo político, dando como exemplo a ação #vomitação, promovida pelo grupo Unidos Contra o Golpe, para demonstrar repúdio a notícias ou posts veiculados nas mídias sociais. As ações foram organizadas no WhatsApp para aplicação em outras plataformas, como a página do Facebook do então presidente em exercício Michel Temer. Para além de transmitir emoções, o pictograma adquiriu significados mais complexos, como repúdio à situação política (MILAN; BARBOSA, 2020, n.p.). Outro bom exemplo foi a apropriação dos *emojis* para a campanha que circulou pelas redes, a favor do uso de máscaras durante a pandemia:

Figura 51: Emojis 05

Fonte: Domínio público

No contexto da pesquisa, observou-se a elasticidade na interpretação das figuras, cuja significação se dá pelo contexto dentro de uma determinada conversa, que ocorre entre determinadas(os) interlocutoras(es) e em uma determinada comunidade. Assim, não apenas a figura, mas a opção por um tom de pele em uma figura humana, por exemplo, é carregada de significação e possibilidades de interpretação. Isso equivale a dizer que o peso, o compromisso e a intensidade percebidos em um *emoji* está sujeito também ao momento específico, ao assunto relativo e ao grau de relação interpessoal entre aquelas(es) que se comunicam, somados às subjetividades de cada um. Além disso, eliminaram, ou pelo menos reduziram, os ruídos de comunicação provocados por diferenças no domínio da língua, na instrução formal e de classe e contornaram possíveis mal-entendidos com a interpretação do texto: uma carinha piscando ou uma carinha brava, informa se você está fazendo uma brincadeira ou está brava de verdade. Em nosso caso específico, os *emojis* contornaram o constrangimento das mulheres com o fato de não serem

hábeis na escrita formal da língua portuguesa, dado que os pictogramas podem substituir frases praticamente inteiras, preocupação que surgiu em inúmeras conversas – sempre acompanhado de um pedido de desculpas. Milan e Barbosa apontam que as mensagens vocais facilitam a comunicação de pessoas que têm dificuldade de leitura ou escrita (MILAN; BARBOSA, 2020, [s.n.]).

4.2.2 Convites para eventos

Na categoria que foi classificada como “convites e troca de informações” os primeiros acontecimentos giraram em torno das atividades da *Asociación*. Os anúncios dos eventos ocorreram via mensagem de texto e voz, aos quais, em geral, seguiram-se convites elaborados em aplicativos gratuitos disponíveis para Android ou cartazes que, após confeccionados, foram fotografados para envio. Como foi comentado, esses encontros ainda aconteceram durante os primeiros meses da pandemia, embora não no mesmo ritmo em que ocorriam nos meses anteriores. À medida em que se construía uma relação de confiança, convites para eventos importantes da comunidade foram surgindo. São convites escritos em castelhano que trazem pontos de referência urbana, nestes casos especificamente: igrejas, salões onde se realizam atividades da comunidade, centros de acolhida da mulher. Fazem parte dessa categoria também informações sobre palestras, cursos *on-line* gratuitos com e sem certificado, informação sobre assistência psicológica para adolescentes e mulheres na pandemia, núcleos de apoio psicológico a gestantes.

Figura 52: Convites para eventos 01

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 53: Convites para eventos 02

Fonte: Arquivo pessoal

Em final de agosto, fui convidada a participar de um grupo de WhatsApp que articula mulheres e organizações femininas que se identificam como indígenas ou negras de Abya Yala e Pindorama, com o propósito de discutir e construir sua atuação e reconhecimento enquanto cidadãs com direitos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais. Trata-se de um grupo fechado e o ingresso deve ser aprovado pelas organizadoras. O grupo divulga movimentos, palestras, *lives*, encontros *on-line*, cursos e formações – durante a pandemia todos no formato *on-line* –, chamadas para artigos e editais. É um potente instrumento de diálogo e encontro entre grupos e pensadoras feministas indígenas, quilombolas e afrodiaspóricas para além de limites físico-territoriais, onde se debatem e divulgam temas como:

- justiça e consciência ambiental,
- memória social,
- igualdade racial,
- terapias florais ancoradas em saberes ancestrais,

- saberes pretos ancestrais,
- consciência de classe,
- perspectiva das mulheres indígenas na construção de um novo mundo,
- direito a voto,
- violência doméstica e feminicídio,
- direito ao aborto,
- divulgação de peças fabricadas por mulheres de comunidades e aldeias indígenas,
- formação no FeminismoComunitário de Julieta Paredes,
- encontros nacionais de organizações feministas indígenas,
- vidas negras nas periferias,
- desconstrução de compreensões históricas equivocadas,
- racismo étnico,
- debates feministas marxistas acerca dos corpos e territórios na América Latina, etc.

A inserção neste grupo abriu as portas para outros grupos ligados às reivindicações das mulheres latino-americanas, em perspectivas que me arrisco a chamar de decoloniais, originárias e afrodiaspóricas – ainda que não se identifiquem assim –, onde mulheres ou grupos de vários países, etnias, quilombos estabelecem contato, refletem, apresentam reflexões e demandas, sejam específicas, sejam de amplo interesse. Ainda que as *lives* sejam marcadas por dificuldades de conexão (que em muitas situações é problemática) ou fuso horário, acontecem e cumprem o papel do encontro de vozes. A superação da concepção do globo como um espaço físico-territorial concreto, de fronteiras geopolíticas ancoradas na noção de Estado-nação fica óbvia nas imagens das participantes, por exemplo, quando assistimos a uma mulher vestida para um frio andino conversar com uma mulher vestida para um calor de 30°, ou apresentam sua nacionalidade, como se estivessem lado a lado. A ruptura espaço-tempo gesta uma nova maneira de estar e conceber o mundo. A partir de então, os algoritmos fizeram seu trabalho e se desdobraram páginas no *Facebook*¹⁹² e *Instagram* automaticamente, “puxando o fio da meada” que procurei tão arduamente

¹⁹² O’Hara *et al.* citam pesquisa de Barkhuus e Tashiro, onde os autores apontam o Facebook como a “cola” que agrega as existências nômades dos universitários, utilizado na organização de diferentes tipos de eventos. (O’HARA *et al.*, 2014, p. 5). O artigo cita: Barkhuus, L. and Tashiro, J. Student socialization in the age of Facebook. In Proc. of CHI ’10, 133-142. É uma imagem interessante que se aplica bem ao uso que é dado para a rede social no caso dos grupos de mulheres.

e sem sucesso durante a fase de pesquisa. A ideia dos fios de diferentes naturezas que se entrelaçam criando um tecido é seminal na concepção do Feminismo Comunitário de Julieta Paredes e o trajeto cumprido pela pesquisa iluminou esse tecer.

Figura 54: Convites para eventos 03

Fonte: Arquivo pessoal

4.2.3 Registros fotográficos de caráter pessoal

Os registros fotográficos de caráter pessoal, no âmbito dessa pesquisa, em boa parte se confundem com os registros de caráter comprobatório das atividades da associação: não sendo eu uma associada, boa parte das fotografias enviadas a mim tiveram mais um caráter de compartilhamento no campo afetivo e alimento da relação do que uma formalidade. O'Hara *et al.* (2014) propõe, conforme os achados de sua pesquisa, que esses objetos de mídia assumem um significado para além do simples registro, mas são formas particulares de atuação social. Citam o envio de fotos como uma espécie de “balanço” da atividade realizada, em que o encontro real é prolongado no encontro pelo aplicativo¹⁹³ e onde, através do compartilhamento das fotos e adição de comentários, se constrói uma narrativa compartilhada em que essa produção coletiva está sujeita às formas seletivas de participação envolvendo comentários, brincadeiras, expressões de avaliação ou aprovação que constroem a identidade do grupo. Apontam também o envio das fotos como reforço ou consolidação de laços afetivos e campos de pertencimento (O'HARA *et al.*, 2014, p. 10).

¹⁹³ Os autores estão se referindo à troca de fotos entre amigos, depois de uma “noitada”.

Mas, como tentamos destacar, esses atos de comunicação se baseiam em preocupações fáticas. Ainda que pareçam muitas vezes não ter função imediata, é precisamente como eles oferecem o oxigênio necessário. É no bate-papo inútil, na distorção de comentários, nas piadas e nas conclusões baseadas em argumentos falaciosos no WhatsApp que essa amizade é simultaneamente construída e demonstrada. Ao mesmo tempo, a intimidade que garante que esses atos de comunicação tenham significado é feita em parte por meio desses atos. É assim que a amizade se mantém viva, vibrante, próxima (O'HARA *et al.*, 2014, p. 12, tradução da autora).¹⁹⁴

4.2.4 Organização de auxílio humanitário

Na categoria auxílio humanitário se encontra a função mais intensa do aplicativo – em que estive inserida no momento da pesquisa – quando pude observar as conversações entre as mais diversas pessoas que atuaram em busca de alimentos e matéria-prima para produção de artigos que pudessem gerar renda para a comunidade. Através da comunicação pelo aplicativo, mulheres presas em oficinas sem alimentação, mulheres vítimas de agressão, mulheres postas na rua com crianças pelas(os) oficineiras(os), sem trabalho, foram auxiliadas ou resgatadas pelas dirigentes da *Asociación* através da rede de comunicação que se potencializou. Comentamos alguns casos na seção anterior, mas não todos.

Estratégias criadas para os pedidos de socorro que não chamassem a atenção do agressor viralizaram e foram amplamente divulgadas pelas redes femininas, em especial pelo WhatsApp (embora exista uma função específica de socorro nos celulares). Ganharam proeminência as estratégias com apelo intimista, elaboradas por grupos femininos e instituições governamentais ou não, amplamente divulgadas nas redes. Ainda que os números de agressão e feminicídio tenham crescido incrivelmente na pandemia, percebe-se que existe uma sensibilização quanto ao tema, que ganhou agenda. Matéria da *Universa/UOL*¹⁹⁵ veiculada em 25 de abril de 2020, “*WhatsApp vira arma contra violência doméstica em tempos de pandemia*”, por exemplo, cita inúmeras iniciativas como o Projeto Justiceiras da promotora do Ministério Público de São Paulo, Gabriela Manssur; Grupo de Apoio à Mulher (GRAM) e ainda a iniciativa do filósofo Sérgio Barbosa, que coordena o serviço de atendimento a agressores, Tempo de Despertar, que, originalmente presencial, passou

¹⁹⁴ No original: *But as we have tried to highlight, these acts of communication are grounded in phatic concerns. That they often seem to lack immediate function is precisely how they offer the oxygen required. It is in the pointless chit-chat, the garbling of asides, the jokes, and the non-sequiturs in WhatsApp that friendship is at once made and displayed. At the same time, the intimacy that ensures these acts of communication have meaning is made partly through these acts. It is in these ways that friendship is kept fresh, vibrant, close.*

¹⁹⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/25/whatsapp-vira-arma-contraviolenca-domestica-em-tempos-de-pandemia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 2 jun. 2021.

a funcionar através do aplicativo, durante a pandemia.

Pelo aplicativo foram organizadas as doações e “vaquinhas” que “montaram” a Casa das Mulheres com móveis, fogão, geladeira, camas, colchões, lençóis, toalhas, enxoval de bebê e o Cantinho das Crianças, montado no terraço de d. Carmen, com o objetivo imediato de atender o desenvolvimento cognitivo das crianças que foram acolhidas com as mães, projeto-piloto para o atendimento de crianças da comunidade. Estas doações integraram a imensa rede solidária que vimos expandir-se durante esse último ano, conectando pontas improváveis em uma velocidade improvável há pouco mais de uma década.

4.2.5 Registros fotográficos de caráter documental

Tanto o WhatsApp quanto o Facebook se mostraram importantes instrumentos de registro e validação das atividades. Como acontecem os registros pelo primeiro, já comentamos. A página no Facebook foi criada em 26 de novembro de 2019 e informa tratar-se de um clube social, apresentando-se como “A Associação de Mulheres Luz e Vida está conformada por mulheres mães trabalhadoras imigrantes e migrantes tendo o mesmo pensamento lutar pela diferença de nossos direitos com o ideal de melhorar a qualidade de vida Sem nenhum tipo de discriminação”. Em 5 de janeiro de 2020, fazem as primeiras postagens, apresentando o perfil do grupo (posteriormente atualizado) e o registro de um encontro que envolvia o Natal. Em 19 de janeiro, postam o convite para um encontro. Em 3 de fevereiro, registram um curso de “arpilharia”¹⁹⁶; entregas de brinquedos para as crianças, pelo Natal, nas mesmas instituições onde realizamos o segundo e terceiro encontros, além de mais uma, em Itaquaquecetuba; um passeio realizado no Parque Cangaíba; a festa pelo encerramento do ano; um registro de doação da Aldeias Infantis SOS Brasil, organização internacional.

A página não recebeu mais informações até 22 e 23 de abril de 2020, quando passam a postar as cestas básicas que conseguiram montar com doações em dinheiro, as recebidas pelo Projeto Arrastão e agradecimentos àqueles que colaboraram. Novas postagens, em 23 de maio, registram as várias entregas de cestas básicas, a execução do pão comunitário, seguidas de

¹⁹⁶ Técnica chilena de bordado e costura sobre sacos de juta: *arpilleras*. A técnica está ligada ao processo de resistência feminina durante a ditadura chilena. Disponível em: <https://www.cdhiic.org.br/single-post/2017/09/19/A-voz-das-mulheres-bordada-em-arpilleras>. Acesso em 2 jun. 2021.

agradecimento aos colaboradores¹⁹⁷. A lista de bairros atendidos e atores envolvidos é um registro do poder de agência do grupo:

Guarulhos, Bom Suseso, Cangaíba, Itaquera, Casa Verde, Pimentas, Guarulhos, Vila Iolanda 2, Carapicuíba, Pari, Mocca, Bom Retiro, Vila Maria, Penha, Jardim Brasil, Vila Medeiros, Vila Guilherme, Pequeno Coração, Itaquacetuba, Guaianases, Bras, Osasco, Inácio Monteiro, Ferraz Vasconcelos, Patriarca, São Miguel, entre outros. 805 famílias beneficiadas com cestas básicas. ""AMILV"" agradece a todos q fizeram posible está ajuda as mulheres mães de família

Obrigado: Paolo(P.A.), Eliza, Julia, Goretti, Casa Verbo, Ruth, Hiordana, Juliana, Eloha, diretor (EMEF Idemia de Godoy, CEMIR, Igreja A Promesa, Tereza, Casa Viviane, CRAS de Guaianases, Sa F, Ruth, Fredy, Reynaldo, Gaston (R.Fox), Edwim. Também ajuda com o transporte sr. Reynaldo, Mauro, Tito Javier, Hugo e demais. Seguimos em campanha pra atender mais familias em espera com muita necessidade. Muitas fotos nao divulgamos pra preservar as pessoas. (sic)¹⁹⁸

As postagens seguem registrando entregas de cestas básicas e agradecimentos. Passam a postar vídeos onde o grupo contemplado se reúne e recita um agradecimento e as dinâmicas dos encontros que organizam. Em 21 de outubro de 2020, postam um balanço das doações, que mostra a capacidade de agência do grupo: a contagem é de 1700 famílias assistidas, mais a inauguração da Casa das Mulheres, que surge denominada *NAEM – Nos apoyamos entre Mujeres*. Em 15 de novembro, postam a foto de uma formação, sem registro. Em 25 de novembro de 2020, postam a montagem do Cantinho das Crianças acompanhado por muitas fotos, com os dizeres:

Um trabalho conjunto para construir um espaço para nossas crianças e otro projeto que a nossa Associação de Mulheres Imigrantes Luz e Vida te iniciado pouco a pouco vamos avançando e alcançado os proposito de nosso grupo , onde o amor fica plasmado com o fin de paso a paso contribuir na formação das futuras gerações

Momentos increiveis e maravilhosos que sim duda nos incentivam a continuar com nossos objetivos, vidas maravilhosas que ficaram em nossas vidas marcadas

Agora estamos prontas para mas desafios que a vida nos deparara juntas, unidas

¹⁹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/ASC.MULHERESLUZEVIDA> . Acesso em 2 jun. 2021.

¹⁹⁸ A grafia original foi mantida, a pontuação ligeiramente alterada, para dar sentido às frases. Chamo atenção para o fato de que as palavras não estão grafadas necessariamente erradas, mas acompanhando o som dos fonemas em castelhano, demonstrando as barreiras que enfrentam na transposição oral/escrita e o esforço que fazem para superá-las.

seguiremos en frente com muita força sempre com perseverança mesmo tendo dificuldades ,com erteza seremos capazes de superar porque acreditamos em nois valentes mulheres

Em primeiro de janeiro de 2021, postam um vídeo de agradecimento a Deus e votos de prosperidade. Em 5 de janeiro, postaram a *thapi* que organizaram em agradecimento a Jorge Ledesma, já citado, ex-cônsul do período Evo Morales, e eventos que foram realizados ao longo do ano anterior, inclusive um encontro com adolescentes do qual participei. Em 8 de janeiro, postam o evento de Natal organizado na Vila Iolanda II, em 25 de janeiro e 28 de fevereiro, distribuição de cestas e trabalhos da roda de mulheres, *thapis*, e encontros das lideranças. Em 8 de março, postam o vídeo de uma *thapi* na qual recebem uma assistente do CRAI: d. Martha, em meio à gravação, pede às mulheres que mostrem os pratos e olhem em direção à câmera, avisando que será postado no Facebook. Em 9 de março e 18 de abril, são realizadas postagens sobre o dia das mulheres, rodas de reflexão e entregas de cestas, além de um agradecimento aos esposos das mulheres da *Asociación* que ajudam na distribuição das cestas básicas. Dias 13 e 14 de maio, postam agradecimentos pela doação de ovos de Páscoa e cestas básicas, e percebemos que conquistaram mais apoiadores. A última postagem para efeito desta pesquisa, em 18 de maio, mostra o mutirão de mulheres fabricando a geleia, com o objetivo de gerar renda para as famílias.

Observando o uso que deram à página no Facebook, percebe-se que estão, aos poucos, se apropriando do veículo enquanto organizam sua identidade como associação. O próximo tópico discute o uso de aplicativos de bastidor (*backstage*) e palco (*frontstage*). As primeiras postagens, por exemplo, foram atualizadas com fotos mais recentes, bem como a criação de um logotipo. Há que se ter em mente que o tempo de que dispõem para executar tudo que realizam é escasso. Manter atualizações de página, por exemplo, é um esforço extra. Ainda que a associação conte com muitas colaboradoras, o núcleo administrativo ainda é restrito. Entre as questões que transparecem nas postagens, o agradecimento aos esposos e amigos que colaboram com a *Asociación* aponta para sua concepção de rede: refletir sobre as relações de gênero não implica em excluir os homens da comunidade. Isto apareceu na distribuição de cestas básicas, quando incluíram em suas doações famílias compostas apenas por pai e filhos ou na participação sempre bem-vinda de *Don Hélio*, esposo de d. Juliana, sempre entusiasmado em colaborar.

4.2.6 Atuação política

Do uso político que fazem das tecnologias digitais, foi interessante perceber que, na construção de sua atuação política no ambiente mais amplo do feminismo indígena latino-americano, estão olhando para a questão dos povos que foram “atropelados” pelo evento moderno-colonial, mais do que para as questões de fronteiras ou a noção de migrar, tal qual estabelecidas pelos paradigmas ocidentais. O diálogo está sendo proposto entre as mulheres de diversas etnias dos povos originários e afrodiaspóricos pelo viés das opressões que sofrem nas interseccionalidades de gênero, raça e classe. Obviamente, as questões que envolvem o fato de serem migrantes estão fortemente presentes em seu cotidiano e em suas reivindicações, mas são questões que se completam e constroem suas subjetividades. O aplicativo foi também ferramenta estratégica na articulação dos protestos que precederam as eleições bolivianas de 2020, utilizado na mobilização das redes femininas.

Emiliano Treré (2020) se propõe a analisar a relevância do WhatsApp apontando o descompasso entre o uso que fazem do aplicativo as ativistas e as organizações, e o interesse que esse papel político desperta na academia, numa crítica ao olhar unidimensional e concentrado em seu viés sombrio. Segundo o autor, o interesse em análises do ‘*frontstage*’ das plataformas de mídia digital tem, de alguma forma, relegado a importância das práticas ativistas ‘*backstage*’ (conceitos que explicaremos a seguir) e o papel do WhatsApp na dinâmica dos movimentos sociais. Soma-se o fato do aplicativo vir sendo caracterizado predominantemente como incubador de notícias falsas e desinformação, mundano e banal, o que oblitera seu papel enquanto poderosa ferramenta comunicativa de bastidores, perfeitamente integrado à dinâmica cotidiana dos movimentos e organizações sociais. Demonstra que o papel do aplicativo começa a ser explorado no estudo de alguns movimentos específicos, ainda associado ao estudo de plataformas digitais mais tradicionais.

Segundo apontam as pesquisas de Treré, o ativismo digital se organiza em duas instâncias, às quais cabem diferentes concepções: o palco (o autor usa *frontstage*), onde se enquadram as postagens do Facebook e Twitter; e os bastidores (*backstage*) onde se encontram as mensagens que não são divulgadas a público – grupos do Facebook e Messenger, mensagens diretas no Twitter e WhatsApp. O palco é a vitrine de divulgação, informação e convocação (uso que as dirigentes da *Asociación* estão dando à sua página no Facebook). O WhatsApp, sendo um instrumento de

bastidor, no qual acontecem as interações diárias, os embates cotidianos, as banalidades, torna-se pouco interessante e negligenciado. “O conceito é, portanto, usado como um ponto de entrada para a complexidade e o hibridismo das práticas ativistas que navegam continuamente, se fundem e usam de forma diferente os espaços da frente e dos bastidores.” (TRERÉ, 2020, n.p., tradução da autora)¹⁹⁹.

Treré adota a lente ecológica, que concebe a mídia como ambientes complexos, observando que os ativistas “dão sentido, navegam e mesclam formatos de mídia mais novos e mais antigos, espaços físicos e digitais, formas internas e externas de comunicação, bem como mídias sociais alternativas e corporativas” (TRERÉ, 2020, n.p., tradução da autora), convidando a uma abordagem holística do fenômeno. Entre os achados da pesquisa, o autor cita a sensação de proteção e segurança proporcionada pelos aplicativos de bastidores, onde os ativistas podiam se expressar, compartilhar questionamentos em um ambiente “íntimo” sem o risco da exposição pública. A intensa troca de fotos, memes e textos entre outros elementos com e sobre os líderes revolucionários²⁰⁰ assumiram papéis distintos nos palcos e nos bastidores. No segundo caso, o papel de elementos aglutinadores da identidade coletiva, um território de pertencimento e cumplicidade. E observa o recrudescimento das trocas pelo WhatsApp quando as estratégias repressivas adotadas pelo governo induziram ativistas a apagar postagens e perfis públicos, com a apropriação do aplicativo como espaço de organização das estratégias de enfrentamento, coordenação e agendamento das mobilizações e informações em tempo real.

O autor demonstra que entre o palco e os bastidores residem práticas complexas, as quais combinam tecnologias da comunicação interna e plataformas de mídia social, em que o WhatsApp cumpre a função de espaço de troca entre as(os) membros do grupo, enquanto produzem o material que será envolvido na ação, como *hashtags*, *memes* e cartazes²⁰¹. É um eficiente recurso organizacional, que permite a formação de subgrupos, por exemplo, dentro de um universo maior. Voltando à *Asociación*, lembro que minha inserção nas comunicações do coletivo seguiu essa lógica, preservando a organização do excesso de exposição às questões cotidianas, quando a oferta inicial de criarmos um grupo de WhatsApp composto por mim, pela presidente e todas as diretoras,

¹⁹⁹ No original: “*The concept is thus used as an entry point into the complexity and hybridity of activist practices that continuously navigate, merge and differently use both front- and backstage spaces.*”

²⁰⁰ O autor está se referindo ao movimento social mexicano pela democratização da mídia, em 2012: # YoSoy132, que emergiu durante as eleições federais.

²⁰¹ O autor está se referindo ao movimento de 15M emergido em 2011 e sua contribuição na reconfiguração das práticas digitais democráticas no contexto espanhol.

acabou por não acontecer, coincidindo com as crises que abalaram o grupo, com o advento da pandemia. Os *smartphones* também são vistos como um *kit* de ferramentas “tudo-em-um” e formam um conjunto poderoso combinado com o WhatsApp, instrumentos rápidos, simples e eficientes. O autor sugere também a existência de uma hierarquia na ecologia dos aplicativos móveis, em que o WhatsApp se encontra na base da pirâmide como o mais difundido; o Telegram, preferido por profissionais de comunicação e políticos; o Signal e XMPP, usados apenas por ativistas e profissionais que exigem “um alto nível de criptografia” (TRERÉ, 2020, n.p., tradução da autora).

Milan e Barbosa²⁰² (2020) apontam o WhatsApp como o serviço de mensagens que apresenta o crescimento mais rápido, além de ser frequentemente classificado em primeiro lugar no número médio mensal de usuários ativos no mundo, convertendo-se em uma das características marcantes do ativismo contemporâneo, pelo uso generalizado no debate político e como ferramenta, especialmente em países não ocidentais. Apresenta, segundo os autores, uma taxa de penetração particularmente alta no Sul Global, sendo a principal ferramenta de compartilhamento e discussões políticas e de notícias. No Brasil, afirmam, 96% dos usuários de smartphones utilizam o WhatsApp.

Segundo os autores, o WhatsApp é uma ferramenta que detém poder para desequilibrar o jogo político. A possibilidade de mediar inúmeras necessidades diárias, estimulando a interação frequente; fundir as esferas pública (interações grupais) e privada (interações interpessoais); reunir o popular e o político, associado à sua capacidade de difusão de conteúdo e possibilidade de fruição imediata geram a mobilização em grande escala. Soma-se ao quadro o fato dos repertórios familiares e emotivos atraírem mesmo as pessoas inativas, ou que não se veem como politicamente ativas. O compartilhamento de conteúdo rico em emoções, as opiniões e sentimentos comuns ao grupo, contribuem para a construção de identidades coletivas, ativam formas de participação política, transformada em tema cotidiano, de aprendizagem, e estimulam a agência política.

Milan e Barbosa (2020) argumentam que o WhatsApp apoia o surgimento desse novo sujeito político, capaz de se apropriar das possibilidades sociais do aplicativo para autoexpressão e mobilização, acumulando funções pessoais, familiares, trabalhistas e políticas. Tal qual percebemos nas trajetórias de d. Carmen e d. Martha, não existe estanqueidade entre os papéis: são

202 Os autores estão olhando para que estão olhando para o grupo privado de WhatsApp denominado #Unidos contra o golpe em Florianópolis em 2016, na esteira do impeachment da então presidente Dilma Rousseff.

ao mesmo tempo, mulheres, mães, donas de casa e costureiras, e são essas identidades que formam sua identidade político-ativista. São ativistas porque como mulheres, mães, donas de casa e costureiras, buscam por seus direitos. Além disso, voltando aos autores, o WhatsApp quebra a relação entre recursos materiais e capacidade de mobilização²⁰³, como assistimos nos protestos pelo direito ao voto relatado no “sétimo encontro”, organizado por uma comunidade exaurida financeiramente, de forma que o custo do transporte público até o local do protesto se converteu em barreira para muitos, mas ainda assim lograram êxito.

Os autores observam quatro dinâmicas centrais na utilização do aplicativo, que aparecem também nas reflexões de Treré (2020), ainda que colocados de forma distinta: a oportunidade discursiva e o desenvolvimento de repertório centrado na comunicação, que observamos quando discutimos as mensagens multimodais e os convites para eventos. O desenvolvimento de um senso de conexão, no sentido da construção de identidades coletivas, que observamos mais agudamente e para além da própria *Asociación*, no grupo que se organizou em torno das doações para a Casa das Mulheres, Cantinho das Crianças e a “vaquinha”, e desfez quando passou a emergência. Encaixam-se nesta dinâmica, também, os grupos de WhatsApp que reúnem coletivos feministas, estes de caráter permanente. Em quarto lugar, uma estrutura organizacional caracterizada pela liderança difusa, onde nos concentraremos a seguir, e que também reflete os grupos acima citados.

Milan e Barbosa (2020) explicam que a liderança difusa consiste na existência de administradores do grupo (função do aplicativo), que atuam como guardiões e mediadores (ainda que estejam analisando o coletivo #Unidos Contra o Golpe, muito maior do que a *Asociación*, a questão se aplica, guardadas as proporções), constituindo uma organização de lógica descentralizada. Em nosso caso, a descentralização tem uma hierarquia suave, com d. Carmen e d. Martha assumindo a posição de liderança, seguidas pela secretária geral da *Asociación* e as diretoras. Observo que, na falta de uma delas, como aconteceu quando d. Carmen viajou por quase quatro meses para a Bolívia, outras mulheres assumiram seu papel, restituído quando da sua volta. A diretora do núcleo de Itaquaquecetuba, d. Gisela, também está na Bolívia há meses, como comentei no “nono encontro”, de modo que outras mulheres do núcleo assumiram seu papel nas dinâmicas do cotidiano. Lembro que em ambos os casos não houve rompimento do contato entre

²⁰³ Entendo que não estão, nesse momento, olhando para o investimento massivo em disseminação de conteúdo de partidos políticos formais, mas para mobilizações orgânicas, como ocorre com a *Asociación*. Segundo os autores, parece oferecer uma estrutura – espinha dorsal – capaz de sustentar uma mobilização (MILAN; BARBOSA, 2020, [s.n.]).

elas, a não ser pela dificuldade de conexão, no sentido da tecnologia. Segundo os autores, no caso que observaram, configura-se uma coreografia da ação coletiva que possibilita a expressão de opiniões diversas (na ecologia do grupo), acolhe e valoriza a diversidade e desenvolve uma ética respeitosa entre os pares (MILAN; BARBOSA, 2020, [s.n.]).

O que se observou ao longo da pesquisa é que as tecnologias da comunicação e informação propiciam a emergência de um ambiente comunicativo que responde a um novo modo de estar no mundo, não para um grupo específico, não para as mulheres da *Asociación*, mas para todo um conjunto da humanidade com acesso às tecnologias digitais, ao criar novas dimensões de tempo e espaço onde coabitam o que é do real, o que é do virtual e ainda uma dimensão híbrida, que reúne ambos. A pluralidade, as possibilidades estão inscritas, portanto, já de saída. O pensamento já não flui em uma única direção, as possibilidades se abrem em uma explosão de opções e encontros, ainda que respondam às particularidades de cada pessoa. Talvez a grande mudança esteja na concepção de tempo e espaço, ainda que com todas as desigualdades e questões de interseccionalidades que sabemos existir. Obviamente, não estamos na mesma tempestade e, muito menos, todos no mesmo barco. De qualquer forma, entendo que o tempo seja um dos grandes sequestros perpetrados pelo capitalismo, esse tempo ditador, do relógio, que constrange as existências em grades programáveis. Colocar a agência e a criatividade em marcha exige tempo. Pensar a própria vida pede um encontro com os pares, um tempo de conceber e desenvolver uma ideia. Esses tempos são possíveis no universo digital.

Considerações Finais

A alteridade significa que nem tudo começa e termina em seu umbigo e que existem outras pessoas além de você. (PAREDES, 2014, p. 88)²⁰⁴

Juntar teoria e realidade em um mesmo abraço foi um processo bastante doloroso. Durante todo o percurso desta pesquisa, minha vivência na faculdade de arquitetura se fez insistentemente presente, através de uma frase que soava como “o papel tudo aceita, no papel tudo fica em pé: após imaginado, existe um caminho árduo em direção à realidade concreta”. Quem diria que em meados de 2019, uma crise sanitária sem precedentes na contemporaneidade iria ceifar milhares de vidas, escancarar a miséria, a fome e a desigualdade? Escancarar o cinismo daqueles que podem se dar ao luxo de estocar vacinas suficientes para atender cinco vezes a população do próprio país e depois vestir a preocupação com o desabamento da economia global e o surgimento de focos incontroláveis nas fronteiras do mundo periférico com a máscara da solidariedade?

Foi paralisante sentar confortavelmente em minha poltrona, com um chá quentinho me oferecendo conforto, para ler sobre desigualdades, lutas de classe e exploração das mulheres, sabendo que essa realidade estava ali, assolando meus afetos, deitada nas calçadas, pedindo ajuda na porta dos supermercados para comprar “mistura”. Não julgo que esse seja o melhor lugar, mas é o lugar que encontro para expressar esse “nada” que me assola. Porque é um lugar menos efêmero, porque talvez, em cinco ou dez anos, alguém bem jovem, interessado pelas questões femininas ou pelos acontecimentos da pandemia encontre meu relato. Onde mais eu poderei deixar viva a memória de cinco adolescentes sentadinhas(os) em uma mureta em frente ao supermercado, fazendo rodízio para pedir um “Danoninho” a quem entrava para abastecer a geladeira? Ou do par que se esgueirava pela praça de alimentação do *shopping* ao lado de casa, tentando não chamar a atenção dos seguranças, enquanto adolescentes do bairro brincavam de correr umas(uns) atrás das(os) outras(os) fazendo o maior barulho possível, comemorando o fim da quarentena?²⁰⁵ Queriam experimentar o pudim de leite e o bolo “floresta negra” que estavam ali, iluminados na vitrine. E comeram de cabeça baixa, mudos, invisíveis no meio da algazarra que ecoava naquela

²⁰⁴ No original: *La alteridad significa que no todo empieza y termina en tu ombligo y que existen otras personas más allá de ti.*

²⁰⁵ Refiro-me ao fim da primeira quarentena imposta pelo prefeito Bruno Covas para controle da pandemia.

imensa praça vazia, onde eu fazia hora para um compromisso... Isso acontece o tempo todo? Claro que sim..., mas é diferente quando tudo se mistura na multidão, sempre podemos fingir que não percebemos. No meio dessa confusão estavam também desamparadas as migrantes e suas famílias. As(os) indocumentadas(os) ainda mais isoladas(os) e mais invisíveis.

Mas essa sensação de “nada” vem carregada de confiança²⁰⁶. Quando as dirigentes da *Asociación* fizeram suas críticas às organizações voltadas para o suporte a mulheres migrantes com as quais colaboraram, meu pensamento imediato foi: “as organizações fracassaram”. Quanto mais o trabalho fluía, mais me dei conta de como nossa relação com a ideia de “sucesso/fracasso” também está ancorada na Modernidade. O que faz de algo um sucesso? A verdade é que se as organizações tinham como objetivo mostrar às mulheres que existem caminhos possíveis em direção à conquista de suas reivindicações, elas conseguiram. Uma vez desvendados os percursos das burocracias e das possibilidades institucionais, elas traçaram suas estratégias e se organizaram de acordo com seu próprio entendimento sobre o que significa ser mulher, migrante, oprimidas por gênero, classe e etnia, mostrando, como observado na seção 2.3, que possibilidades de agência têm um forte caráter relacional. Apropriaram-se dos recursos oferecidos pelas TICs, que aplicam das mais diversas formas, em seu benefício e da comunidade.

O caminho que traçam está carregado de especificidades que passei a intuir como parte de sua identidade enquanto mulheres bolivianas descendentes dos povos originários, resultado de condições histórico-geográficas, político-religiosas e culturais que desenham uma forma de estar no mundo. Aprendi a perceber que existe algo ali que não compreendo. A maneira como articulam suas redes, o uso que fazem das TICs e a forma como abraçaram o cuidado pela comunidade não pode ser explicado isolando-se a questão das tecnologias da comunicação ou a lógica do pensamento feminista ocidental. Faz parte da maneira como se organizam, como se apropriam dos recursos institucionais disponíveis e como projetam a *Asociación*. Como coloca Cogo “Nas dinâmicas das migrações transnacionais, o ativismo se constitui por experiências variadas em que se entrelaçam dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas e se combinam o direito ao pertencimento, à permanência e à mobilidade.” (COGO, 2017, p. 188). Estão construindo novas multiterritorialidades em diálogo com outras mulheres de outras comunidades, feito praticamente impossível se fosse localizado há duas décadas. São agentes poderosas de uma transformação social em curso, saltando pelo universo digital. Paradoxalmente, na grande *mídia* são chamadas

²⁰⁶ Prefiro confiança à fé, me parece mais ancorado na realidade, da responsabilidade do humano.

escravas, num claro viés moderno-colonial, redutor, que as infantiliza e destitui de agência. Os migrantes permanecem narrados a partir de lógicas eurocêtricas e etnocêtricas, no paradigma do *déficit* (VÁZQUEZ; MENA, 2020). As mulheres, ainda que sejam a metade também do universo migratório, seguem convertidas em nicho, em categoria.

Quanto ao ativismo digital e ao processo que vem sendo gestado há algumas décadas, e vislumbrado nas perspectivas percorridas, apontam para a erosão do paradigma centralizador, belicoso e impositivo moderno-ocidental, impulsionado pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Não pretendo ignorar as grandes forças que regem os sistemas globais de comunicação, nem as condicionantes político-econômicas envolvidas, mas olhar para as frestas que se abrem, as pequenas gretas por onde é possível resistir e ressignificar. Seja rizoma ou tecido, as expressões remetem à força e à coesão que reside no diálogo, na cooperação, na diversidade e no tramar de um conjunto social que se constrói no que há de comum e não no excepcional, que respeita o que é da ordem das particularidades, das diferenças. Defendo que estamos atravessando lentamente as pontes da crença na onisciência, na onipresença e na onipotência regida por uma energia que supostamente representa o “masculino universal”.

A despeito da insistência do mundo branco em narrar as ditas “minorias”, abriu-se uma janela de oportunidade com a Web 2.0, que foi rapidamente identificada e apropriada dentro da cultura digital. Volto à reflexão de Paredes quando afirma que ser branco é uma decisão política, para além da cor da pele (p. 158). Acrescento que a expressão “minorias” deveria estar sempre acompanhada do complemento “em representatividade”, uma abreviação que é de ordem política e não um simples esquecimento. Intuo, mas não posso afirmar, que a hegemonia branca é a hegemonia da cultura analógica e por mais que detenham os meios, os recursos financeiros, as tecnologias, o controle total e absoluto escapou-lhes das mãos. Por inegável que seja a capacidade de manipular dados, propagar inverdades, isso vem de um mundo em estado terminal. No momento, são as(os) “brancas(os)” que vestem uniformes e esperneiam por isso. Mas reconheço a fragilidade, respeito a capacidade de reinvenção do capitalismo e entendo que duas décadas não dão conta do longo processo histórico que nos trouxe até aqui. Observemos.

Encerro este trabalho lamentando sua incompletude, os cortes e recortes que foram necessários, na certeza de que apenas comecei um caminho que espero retomar, transitando entre a academia e a rua que, ao fim e ao cabo, é onde a vida acontece.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ISBN 9788535932539.

ALMEIDA, Renata Geraissati. A relevância das abordagens transnacionais e da micro-história nos estudos migratórios. *In: Encontro Estadual de História*, 14, 2018, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2018. Disponível em: http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1532978499_ARQUIVO_RenataGeraissatiCastrodeAlmeida_ALMEIDA_RenataGCde.Arelevanciadasabordagenstransnacionaisedamicro-historianosestudomigratorios.pdf. Acesso em: 26 mai. 2021.

ALMEIDA, Rodolfo Rodrigues. O antigo aldeamento de São Miguel de Urarí em São Paulo colonial: conflitos, resistência e trocas culturais. **Fases da História**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 141-166, jan. / jun. 2020. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/fasesdahistoria/article/view/1591>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ASSIS, Gloria de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a15v15n3.pdf>. Acesso em 26 mai. 2021.

BAENINGER, Rosana. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/faces_migracao/Fases_e_faces_da_migracao_e_m_Sao_Paulo.pdf. Acesso em: 26 mai. 2021.

BAINES, Dudley. European emigration, 1815-1930: looking at the emigration decision again. **The Economic History Review**, Glasgow, v. 47, n. 3, p. 525-544, 1994. DOI 10.2307/2597592 Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2597592?read-now=1&refreqid=excelsior%3A4f4da0603eca491eede2e40009ceaa3f&seq=16#page_scan_tab_contents. Acesso em 23 abr. 2021.

BAKEWELL, Oliver. Keeping Them in Their Place: the ambivalent relationship between development and migration in Africa. *In: International Metropolis Conference*, Lisbon, 2006. **Working Papers**. Oxford: International Migration Institute, 2007. Disponível em: https://afrique-europe-interact.net/files/engl_migration_and_development_ob.pdf. Acesso em: 26 mai. 2021.

BAZANI, Adamo. História do Brás: Exemplo de crescimento, fé e trabalho, hoje vítima do abandono e da degradação. **Diário do Transporte**. 2011. Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2011/06/27/historia-do-bras-exemplo-de-crescimento-fe-e-trabalho-hoje-vitima-do-abandono-e-da-degradacao/>. Acesso em: 20 mai 2021.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a Teoria da Reprodução Social. **Revista Outubro**, Brasil, n. 32, p. 100-113, 1º sem. 2019. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf. Acesso em: 11 mai. 2021.

BERBERT, Susana. Rádios para bolivianos no Brasil: abordagens e pesquisadores. **Alterjor**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 147-162, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/137158/137485>. Acesso em: 26 mai. 2021.

BÖHRT, Ana Cecília Artega; RUIZ, Jorge Domic. Ser wawa en los Andes: representación social de mujeres migrantes aymaras sobre el niño (a) aymara. **Ajayu**. Órgano de Difusión Científica del Departamento de Psicología de la Universidad Católica Boliviana "San Pablo", La Paz, vol. 5, n. 1, p. 1-26, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4615/461545471001.pdf>. Acesso em 3 jun. 2021.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 277-284, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34480/37218>. Acesso em: 26 mai 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. ISBN 9788532618184.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, D. M. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191. ISBN 9788522502004.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COGO, Denise; MARTÍNEZ, Silvia Lago. Redes: dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ Daniela; WOTTRICH, Laura (orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Ecuador: CIESPAL, 2029. p. 187-214. Disponível em: <https://ciespal.org/descarga-un-nuevo-mapa-para-investigar-la-mutacion-cultural-dialogo-con-la-propuesta-de-jesus-martin-barbero/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CANALES, Alejandro. **E pur si muove**: elementos para una teoría de las migraciones em el capitalismo global. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2015. ISBN-13 9786074019568.

CANJANI, Elisa. **Alunos imigrantes nas escolas públicas de São Paulo: um olhar da Educomunicação**. 2018. 79 f. Iniciação Científica (Licenciatura em Educomunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CANJANI, Elisa. **Roda de conversa com filhos de imigrantes bolivianas: pedagogias decoloniais, pedagogias feministas latino-americanas e Educomunicação**. 2021. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educomunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

CASTELS, Stephen. Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social **REMHU**, Brasília, v. 18, n. 35, p. 11-43, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/227/210>. Acesso em: 26 mai. 2021.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rios de Janeiro: Zahar, 2013. ISBN 9788537811153.

CASTRO JÚNIOR, Raimundo campos. **Neoliberalismo e lutas sociais na Bolívia: da guerra da água à guerra do gás (2003-2005)**. 2014. [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão, 2014.

A voz das mulheres bordada em arpilleras. **CDHIC**. Disponível em: <https://www.cdhic.org.br/single-post/2017/09/19/A-voz-das-mulheres-bordada-em-arpilleras>. Acesso em: 20 mai. 2021.

CERRÓN-PALOMINO, Rodolfo; CARVAJAL, Juan Carvajal. Aimara. In: CREVELS, Emily Irene; MUYSKEN, Pieter (eds.). **Ámbito Andino**. La Paz: Plural Editores, 2009. p. 169-213.

COGO, Denise. Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs. **Intercom**, São Paulo, v. 01, n. 40, p. 177-193, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2643/2044>. Acesso em: 07 out 2019.

COGO, Denise Maria. O outro migrante: das estratégias de mediação das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira. **C-Legenda**, Niterói, n. 10, p. 1-25, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36826>. Acesso em: 22 abr. 2021.

COGO, Denise. Redes migratórias transnacionais e comunicação cidadã. In: **Coletiva**, Recife, 11 dez. 2018. Disponível em: <https://www.coletiva.org/artigo-denise-cogo>. Acesso em: 20 mai. 2021.

COGO, Denise; ALLES, Nathália Ledur. Ativismo e uso de TICs por mulheres latino-americanas: o caso do coletivo Equipe de Base Warmis. In: BAENINGER, R. *et al.* (org.), **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquo"- NEPO/UNICAMP, 2018. p. 296-308. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/migracoes_sul_sul.php. Acesso em: 02 mar. 2020.

COGO, Denise Maria; BADET, Maria. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores** - Migrantes no Brasil. Bellaterra: Instituto Humaitas Unisinos, Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013. Disponível em: https://migramundo.com/wp-content/uploads/2013/12/guia_migracoes_transnacionais_e_diversidade_cultural_migrantes_no_brasil.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. ISBN 9786557170519.

COULDRY, Nick. Nick Couldry: do mito do centro mediado ao esvaziamento do mundo social – as mídias e o processo de dataficação da sociedade [mai. 2019]. Entrevista concedida a Bruno Campanella. **Matrizes**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 77-87, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/161898>. Acesso em: 12 mai. 2021.

mar. 2020.

JARA, O. *et al.* (org.). **Memória Social:** Uruguaya tú eres parte no te quedes aparte. São Paulo: PAL / Museu da Pessoa, 2011. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxwcmVzZW5jYWRhYW1lcmljYWxhdGluYXBhbHxneDoxMjE1NDI1ZTg4YWQ2MDg4> . Acesso em: 01 mar. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. ISBN 9788555910807.

LAGO, C. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. *In:* LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 48-66. ISBN 9788532635037.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trab. Lingüíst. Aplic.**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, Jul./Dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/pBy7nwSdz6nNy98ZMT9Ddfs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2020.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. *In:* HOLLANDA, Heloísa Buarque de, **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 52-83, 2020. ISBN 9788569924784.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires, BÓGUS, Lúcia; BAENINGER, Rosana. Migrantes e refugiados Sul-Sul na cidade de São Paulo: trabalho e espacialidades. *In:* BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”-Nepo-Unicamp, p. 402-419, 2018. ISBN 9788588258464.

MAGLIANO, Maria José. Mujeres, migración y roles de género: el caso de la migración boliviana hacia Argentina. *In:* Jornadas Interescuelas, 11, 2007, San Miguel de Tucumán. **Acta Académica** [...]. San Miguel de Tucumán: Departamentos de Historia Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Tucumán, 2007. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-108/162.pdf> . Acesso em: 16 jun. 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 75-97, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00075.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As novas sensibilidades: entre urbanias e cidadanias. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 207-215, abr. 2008. DOI 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p207-215. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38201>. Acesso em 17 jun. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. ¿Desde dónde pensamos la comunicación hoy? **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Equador, n. 128, p. 13-29, abr.-jul. 2015. DOI 10.16921/chasqui.v0i128.2545. Disponível em:

<https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2545>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. La educación desde la comunicación. **Enciclopedia latinoamericana de sociocultura y comunicación**. Bogotá: Editorial Norma, v. 18, 2002a. 132p. ISBN 9789875450684.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Nuevas sensibilidades: entre urbanías y ciudadanías. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 97-215, abr./2008. DOI 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p207-215. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38201/40952>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Oficio de cartógrafo**: Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. Santiago, Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002b. ISBN 9562890325.

MESQUITA, Jacqueline Lobo de; SANTOS, Miriam de Oliveira. O lado feminino da migração: Bolivianas em São Paulo. In: Encontro Anual da ANPOCS, 40, 2016, Caxambú. **Anais [...]**. São Paulo: ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2016. Trabalho ST18-10330. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st18-7/10330-o-lado-feminino-da-migracao-bolivianas-em-sao-paulo/file>. Acesso em: 04 abr. 2020.

MILAN, Stefania; BARBOSA, Sérgio. Enter the *Whatsapper*: Reinventing digital activism at the time of chat apps. **First Monday**, Bridgman, v. 25, n. 1, [n.p], 6 jan. 2020. DOI 10.5210/fm.v25i1.10414. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/10414/8320>. Acesso em: 9 jun. 2021.

MORALES, Ofélia Woo. La migración de las mujeres ¿Un proyecto individual o familiar? **REHMU**, São Paulo, vol. 15, n. 29, p. 23-45, 2007. Disponível em: <http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/56>. Acesso em: 9 mai. 2021.

MOROKVASIC, Mirjana. Birds of Passage are also Women. **The International Migration Review**, New York, v. 18, n. 4, p. 886-907, 1984. DOI 10.2307/2546066.

NEIRA, Yerko Castro. Teoría transnacional: revisitando la comunidad de los antropólogos. **Política y cultura**, Xochimilco, México, n. 23, p. 181-194, 2005. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-77422005000100011. Acesso em: 16 jun. 2021.

NERY, Marcelo Batista; SOUZA, Altay Alves Lino de; ADORNO, Sérgio. Os padrões urbanodemográficos da capital paulista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 33, n. 97, p. 7-36, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/164894>. Acesso em 10 abr. 2021.

NOLASCO, Carlos. Migrações internacionais: conceitos, tipologias e teorias. In: Oficina do CES, 2016, Coimbra. **Anais [...]**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais - Laboratório Associado Universidade de Coimbra, 2016. Oficina 434. Disponível em:

<https://ces.uc.pt/pt/publicacoes/outras-publicacoes-e-colecoes/oficina-do-ces/numeros/oficina-434>. Acesso em: 04 abr. 2020.

O'HARA, Kenton; MASSIMI, Michael; HARPER, Richard; RUBENS, Simon; MORRIS, Jéssica. Everyday dwelling with WhatsApp. *In: CSCW*, 14, 2014, Baltimore. **Proceedings of the 17th ACM Conference on Computer Supported Cooperative Work & Social Computing**. New York: ACM Digital Library, 2014. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/2531602.2531679>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-399, mai./ago. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000200379. Acesso em: 12 mai. 2021.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino**: desde el Feminismo Comunitario. 2. ed. México: El Rebozo, v. 1, 2014. Disponível em: <https://s/jlatinoamerica.files.wordpress.com/2013/06/paredes-julieta-hilando-fino-desde-el-feminismo-comunitario.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2020.

PAREDES, Julieta. Descolonizar as lutas: a proposta do feminismo comunitário. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2019a. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2470/2136>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PAREDES, Julieta. Julieta Paredes: mulheres indígenas, descolonização do feminismo e políticas do nomear. Entrevista concedida a Tereza Spyer, Mariana Malheiros, María Camila Ortiz. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 2, p. 22-42, 2019b. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2465/2130>. Acesso em: 1 ago. 2020.

PAREDES, Julieta. **Para descolonizar el feminismo**: 1492 - Entronque patriarcal. La Paz: FeminismoComunitario de Abya Yala, 2020.

PAREDES CARVAJAL, Julieta. **Dissidência e Feminismo Comunitário**. *In: E-Misférica. Instituto Hemisférico de Performance e Política*. Nova York, v. 11, n. 1, 2014. Disponível em: <http://archive.hemisphericinstitute.org/hemi/pt/e-misferica-111-gesto-decolonial/paredes-carvajal>. Acesso em: 20 abr. 2021.

PAREDES CARVAJAL, Julieta. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. *In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de, Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 38-51. ISBN 9788569924784.

PERES, Roberta. Imagens de gênero: renegociações, trajetórias e estratégias migratórias de mulheres imigrantes no Brasil. *In: BAENINGER, R. et al. (orgs.). Migrações Sul-Sul*. 2ª. ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - NEPO/UNICAMP, 2018. p. 778-781. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/_migracoes_sul_sul.php. Acesso em: 02 mar. 2020.

PERES, Roberta; BAENINGER, Rosana. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 18, 2012, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEP, 2012. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1982/1940> . Acesso em: 9 mai. 2021.

PERUZZO, Cicília. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 26, 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. São Paulo: INTERCOM, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_COLOQUIO_peruzzo.pdf . Acesso em 16 jun. 2021.

PETER, Glenda Dimuro; JEREZ, Esteban de Manuel. La agricultura urbana como proceso de desarrollo a escala humana. Los huertos urbanos en zonas degradadas de São Paulo. *In: Congreso N-AERUS*, 12, 2011, Madrid. **Boletín CF+S 54 - La ciudad a escala humana [...]**. Madrid: Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad Politécnica de Madrid (UPM), 2011. Disponível em: <http://habitat.aq.upm.es/boletin/n54/n54-agdim.pdf> . Acesso em 16 jun. 2021.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 45, p. 434-444, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/03>. Acesso em: 24 abr. 2021.

RIBEIRO, Bruna. Dia Internacional do Migrante: bolivianos e paraguaios trabalham em situações precárias em São Paulo. **Criança Livre de Trabalho Infantil**. 2016. Disponível em: <https://livedetrabalho infantil.org.br/noticias/reportagens/dia-internacional-do-migrante-bolivianos-e-paraguaios-trabalham-em-situacoes-precarias-em-confeccoes-de-roupas-em-sao-paulo/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

RODRIGUES, Julia de Souza; LOIS, Cecília Caballero. Uma análise da imigração (in) desejável a partir da legislação brasileira: promoção, restrição e seleção na política imigratória. *In: ROBERTO, Giordano Bruno Soares, et al. (orgs.). História do Direito*. Florianópolis: FUNJAB, 2013, p. 432-453. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=76c0df0665c83c59>. Acesso em: 18 out. 2019.

ROMERO, Carlos Cortez. Movimentos sociais da Bolívia. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 16, n.31. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/download/5184/pdf/16328>. Acesso em 5 mai. 2021

ROSAS, Carolina. Discusiones, voces y silencios en torno a las migraciones de mujeres y varones latinoamericanos. Notas para una agenda analítica y política. **Anuario Americanista Europeo**, Madrid, n. 11, p. 127-148, 2013. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00957401/document> . Acesso em 9 mai. 2021.

ROSSI, Camila Lins. **Nas costuras do trabalho escravo: um olhar sobre os imigrantes ilegais**

que trabalham nas confecções de São Paulo. 2005. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Aline Lima; ROSSINI, Rosa Ester. Reflexões geográficas sobre migrações, desenvolvimento e gênero no Brasil. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (orgs.). **Migrações Sul-Sul.** Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”- Nepo-Unicamp, p. 277-295, 2018. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/_migracoes_sul_sul.php . Acesso em: 02 mar. 2020.

SASSEN, Saskia. **Contrageografías de la globalización:** género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos. Madrid: Traficantes de sueños, 2003. ISBN 9788493298203.

SEYFERTH, Giralda. Imigração no Brasil: os preceitos de exclusão. **ComCiência**, Campinas, n. 16, dez. 00/jan. 01, 2000. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/migracoes/migr03.htm>. Acesso em 21 abr. 2021.

SILVA, Carlos Freire da. **Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo.** 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Sérgio Barbosa dos Santos. **Whatsapp e política: novas formas de ciberativismos.** 2017. [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Programa de Pós Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SILVA, Sidney Antônio da. Bolivianos em São Paulo: dinâmica cultural e processos identitários. *In*: BAENINGER, Rosana (org.). **Imigração Boliviana no Brasil.** Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, p. 19-34, 2012.

SOLIMEO, Tatiana. Mulheres bolivianas na Zona Leste de São Paulo. Territorialidade e gênero. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul.** Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”- Nepo-Unicamp, p. 807-815, 2018. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/_migracoes_sul_sul.php . Acesso em: 02 mar. 2020.

SPOSITO, Fernanda. **Santos, heróis ou demônios: sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional** (São Paulo e Paraguai/Rio da Prata, séculos XVI-XVII). 2012. 342 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.

SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? *In*: BAENINGER, Rosana (org.). **Imigração Boliviana no Brasil.** Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, p. 75-92, 2012. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf. Acesso em 17 jun. 2021.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. Collas e cambas do outro lado da fronteira:

aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n2/v25n2a05>. Acesso em: 11 nov. 2019.

TRERÉ, Emiliano. The banality of WhatsApp: On the everyday politics of backstage activism in Mexico and Spain. **First Monday**, Chicago, v. 25, n. 1, 6 jan. 2020. Disponível em: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/download/10404/8317>. Acesso em: 9 jun. 2020.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K3dggCcfJdy4xWB9DjpRc7C/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

VÁZQUEZ, Joan Lacomba; MENA, Natália Moraes. La activación de la inmigración: capacidades y agencia de los migrantes. **Migraciones**, Madrid, n. 48, dez. 2020. DOI 10.14422/mig.i48y2020.001. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/revistamigraciones/article/view/12705/11718>. Acesso em: 17 jun. 2021.

VENDRAME, Maíra Ines. Micro-história e história da imigração: pensando o problema do equilíbrio e da complexidade. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 267-288, jul./set. 2018. DOI 10.5965/2175180310252018267. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310252018267>. Acesso em 17 jun. 2021.

WASSMANSDORF, Marina Lis. Feminismos de/pós coloniais sob rasura: as perspectivas de gênero e patriarcado de María Lugones, Rita Segato e Julieta Paredes. **Captura Crítica**. Florianópolis, v. 1, n. 5, p. 157-173, jan./dez. 2016. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacritica/article/view/3474>. Acesso em 15 mar. 2020.

WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, n.14, p. 10-31, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revista.anphlac.org/anphlac/article/view/2331/2063>. Acesso em: 26 abr. 2021.

XAVIER, Iara Rolnik. A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo: uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. In: BAENINGER, Rosana (org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, p. 109-154, 2012. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf. Acesso em 17 jun. 2021.

XAVIER, Iara Rolnik. **Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo**. 2010. [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de demografia. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ZANELLA, Vanessa Gomes. Imigrantes bolivianas em São Paulo: condições de vida e trabalho. **Revista de Estudos Jurídicos UNESP**, Franca, ano 19, n. 29, p. 1-20, jan.-jul., 2015. Disponível em: <http://seer.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/index>. Acesso em: 9 mai. 2021.